Berenice Gehlen Adams

Coletânea de Entrevistas
da Revista Eletrônica

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM AÇÃO

Edição da autora
1ª Edição
Novo Hamburgo
2014

A211c Adams, Berenice Gehlen
Coletânea de entrevistas da revista eletrônica Educação
Ambiental em Ação. [recurso eletrônico] / Berenice Gehlen
Adams. – Novo Hamburgo, 2014.
200 p.

1. EA – Entrevistas I. Título

CDU 37:574

Bibliotecária: Maria Denise Konarzewski, CRB 10/843

ISBN: 978-85-98313-11-5

APRESENTAÇÃO

Esta publicação reúne mais de cinquenta experiências, de diferentes atores sociais que, direta ou indiretamente, possuem vínculo com a EA (Educação Ambiental)¹. Estas pessoas foram entrevistadas ao longo dos 12 anos da revista virtual EA em Ação (2002 - 2014), (www.revistaea.org). Trata-se, portanto, de uma edição comemorativa.

As entrevistas aqui apresentadas são de grande importância para a EA, pois refletem diferentes olhares e diversas atividades desenvolvidas pelas pessoas entrevistadas. Assim, oferecem subsídios para a prática da EA. Estas entrevistas foram realizadas por *e-mail*, através do envio de perguntas, e a partir das respostas se travavam diálogos para maiores esclarecimentos, se necessário fosse.

Além do compartilhamento de experiências, as entrevistas compartilham, também, vivências, emoções, angústias, satisfações, expectativas. É interessante perceber que muitas destas expectativas, que atravessaram este período de tempo, foram atendidas, superadas, alcançadas, outras, permanecem mais atuais do que antes.

A seleção das pessoas entrevistadas não segue nenhuma metodologia específica. Normalmente procuro as pessoas que, por algum motivo, me chamaram a atenção sobre o trabalho que realizam. Assim, o que guia a seleção é o encantamento pelo cuidado com a vida, que nos toca e nos sensibiliza pela dedicação e comprometimento de pessoas que evocam ações por um mundo mais equilibrado, e que, dentro do seu contexto, quer seja na sala de aula, na universidade, na comunidade, na mídia, nas redes, enfim, nas mais diversas instâncias vivenciadas por grupos sociais, evidenciam importante vínculo com a temática ambiental. A maioria das pessoas entrevistadas são parceiras que se dedicam à educação e ao meio ambiente.

Sinto-me privilegiada por poder apresentar este grupo de pessoas que são exemplos e que, acima de tudo, impulsionam a cidadania ambiental.

Alice Gehlen Adams, minha filha, participa da publicação com uma entrevista que realizou para estágio do curso de jornalismo, na cobertura de um evento. As demais foram realizadas por mim.

À todos, uma boa leitura,

Berenice G. Adams

Junho, 2014.

ENTREVISTADOS

- ANTÔNIO FERNANDO S. GUERRA, 7
- VERA E YURI SANADA, 11
- ELLEN REGINA MAYHÉ NUNES, 14
- ÉLIO MÜLLER, 19
- ANA LÚCIA TOSTES DE AQUINO LEITE, 21
- LARA LUTZENBERGER, 24
- MARCELO GLEISER, 27
- FLAVIO POHLMANN LIVI, 29
- SOLANGE T. DE LIMA GUIMARÃES, 31
- ALEXANDRA GOBATTO, 34
- PATRÍCIA MOUSINHO, 36
- VIVIANNE AMARAL, 40
- MONICA SHOCRON, 43
- ANA CRISTINA VILLAÇA, 45
- MARINA STRACHMAN, 46
- ANAMARIA STRANZ, 47
- SANDRA BARBOSA, 48
- CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO, 50
- JULIO TREVISAN, 51
- BERENICE GEHLEN ADAMS, 52
- CARLOS ALBERTO DA CUNHA FLORES, 54
- MARGI E GÉRARD MOSS, 56
- DANIEL JOSÉ PEGORER DE BEM, 59
- NADIA COZZI, 61
- MICHÈLE SATO, 65
-

VILMAR BERNA, 69
GENEBALDO FREIRE DIAS, 75
FERNANDO JAEGER SOARES, 78
ALEXANDRE PEDRINI, 84
OLIMPIO ARAUJO JUNIOR, 87
PATRÍCIA OTERO, 90
RITA MENDONÇA, 90
ARIANNE BRIANEZI, 90
ALOÍSIO RUSCHEINSKY, 94
ANDRÉ TRIGUEIRO, 100
ROSMARI A. M. LAZARINI, 1002
JOSÉ LINDOMAR ALVES LIMA (DOMA), 105
GABRIELLE BRANDÃO, 110
MARIA HELENA BUENO, 113
JOÃO DALGA LARRONDO, 115
MARCOS SORRENTINO, 118
MAURO SCHORR, 123
ANDRÉ LUÍS SOARES, 130
LUCIANO RODRIGUES, 133
GISELA MARIA DE SOUZA, 136
ARNO LEANDRO KAYSER, 139
DECLEV REYNIER DIB-FERREIRA, 144
LIANA MÁRCIA JUSTEN, 148
ÉRICA SENA, 153
PRISCILA KIRSNER, 156
SILVIA CZAPSKI, 159
PAULO ROBERTO DE SOUZA, 164

EDUARDO SEJANES CEZIMBRA, 168

SUCENA SHKRADA RESK, 172

VITOR SCHMID, 176

HUGO ACAUÃ, 179

CLÁUDIO LOES, 184

DANIELA MACHADO, 189

RICHARD RASMUSSEN, 195

ANTÔNIO FERNANDO GUERRA

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº1 - 21/05/2002

Antônio Fernando Guerra - Fico honrado pelo convite para abrir essa coluna da Revista EA em Ação. Precisávamos, há muito tempo, de uma iniciativa como esta. Parabéns gente.

Bere - Com poucas palavras, como você define EA?

Antônio Fernando Guerra - Sou um pouco avesso a definições fechadas. Peço desculpas às pessoas veteranas na área, mas seria mais interessante falar de um breve histórico da evolução do conceito de EA (EA), desde o seu aparecimento em 1965, na Royal Society of London, quando foi associado à preservação dos sistemas vivos. Já na década de 70, a União Internacional de Conservação da Natureza (UICN) associou o mesmo à conservação da biodiversidade. Como um prolongamento da histórica Conferência de Estocolmo (1972) e da Reunião de Belgrado (1975), na Conferência Intergovernamental de EA promovida pela UNESCO em Tbilisi (Geórgia, ex-URSS), em 1977, a EA (EA) foi definida como "um processo de reconhecimento de valores e elucidação de conceitos que levam a desenvolver as habilidades e as atitudes necessárias para entender e apreciar as interrelações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios físicos.

A EA também envolve a prática para as tomadas de decisões e para as autoformulações de comportamentos sobre os temas relacionados com a qualidade do meio ambiente". No Fórum das ONGs, realizado paralelamente à Conferência Rio 92 (o qual produziu a Agenda 21), referendando e ampliando o conceito anterior, o Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, "reconhece o papel central da educação na formação de valores e na ação social e para criar sociedades sustentáveis e equitativas (socialmente justas e ecologicamente equilibradas)", e considera a EA "um processo de aprendizagem permanente baseado no respeito a todas as formas de vida, o que requer responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário".

Como se vê, aqui já se constata uma profunda transformação de uma visão extremamente naturalista e antropocêntrica (animais e plantas servem para...), confundindo natureza e meio ambiente (que é uma representação social), para uma conceituação que envolve outras dimensões, além da ecológica: afetiva, social, histórica, cultural, política, ética e estética. A própria Constituição de 1988 e a Lei da EA (Lei 9795 de 27/4/1999) incorporam esta evolução conceitual, como se vê no art. 1º da mesma: "Entende-se por EA os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade".

Bere - Há quanto tempo você trabalha com EA e o que o levou a escolher este caminho?

Antônio Fernando Guerra - Os meus 20 anos no movimento Escoteiro em Curitiba, me fez desenvolver um amor incondicional pela vida, em todas as suas formas, tanto que, a contragosto dos amigos, resolvi fazer o Curso de Biologia lá nos idos do final da década de 70 do milênio passado. Acabei professor de Ciências e Biologia, e teimosamente resolvi preencher as enormes lacunas de minha formação, migrando em 79 para o Rio Grande do Sul onde fui fazer uma Especialização em

Ecologia e Problemática Ambiental na UNISINOS, em São Leopoldo. Lá tomei contato com o movimento ambientalista gaúcho, na época liderado pelo nosso agora saudoso José Lutzemberger. Para melhorar o orçamento do magistério, realizei um concurso no antigo IBDF (hoje IBAMA) onde trabalhei dois anos na fiscalização de fauna e flora. De lá comecei a fazer cursos e depois fui chamado a trabalhar com formação de professores das séries iniciais no antigo PROCIRS – Programa de Treinamento de professores de Ciências do RS. Naquela época conheci o Projeto Natureza, idealizado pelo Prof. Georg Hennig. Foi o trabalho dele que me incentivou a trabalhar com Ecologia nas escolas em que atuava.

Acabei me convencendo que ensinar apenas conceitos ecológicos não era o suficiente, e no final da década de 80 comecei a trabalhar com oficinas pedagógicas numa perspectiva interdisciplinar, juntamente com a Lu, minha esposa. Esse trabalho com a Oficina "Nosso corpo: esse (des)conhecido", meu tema de pesquisa no mestrado em Educação da UFSC, me apresentou a Foucault, a Guattari e suas três ecologias e ao Capra. Aí me dei conta que nossa oficina trabalhava justamente com a ecologia interior (da subjetividade) abrindo assim a possibilidade para a sensibilização para as questões ambientais das outras "ecologias", que transbordavam das representações de natureza e meio ambiente expressas nos desenhos e painéis que realizávamos com os participantes. Criamos então um jogo chamado "Jogo do meio ambiente" em que procurávamos identificar e trabalhar a partir destas representações através da confecção de "mapas conceituais".

Como sou anarquista desde criancinha, resolvi dar uma virada em minha formação e procurei estabelecer uma ponte entre a área de educação e das tecnologias. Parti para um doutorado em Engenharia de Produção onde procurei investigar os limites e possibilidades de organização de um Ambiente de Aprendizagem Cooperativa para EA em áreas Costeiras. Organizei então um grupo de 15 professores de 3 escolas do litoral norte de SC (Itajaí e Bombinhas) e realizamos o Projeto EducAdo – EA em áreas costeiras usando a WEB como suporte (disponível em <http://www.cehcom.univali.br/educado>). Este projeto acabou sendo conhecido via WEB e me apresentou as listas de educadores ambientais como as da Rede Brasileira de EA (REBEA), da Rede de EA do Vale do Rio Itajaí (REBEA) e da nossa lista de EA. Através delas tenho feito amigos e amigas virtuais.

Bere - Quais foram as maiores dificuldades encontradas no percurso trilhado?

Antônio Fernando Guerra - Dificuldades são aquelas de todo o professor(a): salário miserável, falta de reconhecimento, trabalhar em duas ou três escolas... Mas chega uma época da vida, como aconteceu comigo e Lú, que a gente cansa de se lamentar da própria desgraça e resolve fazer alguma coisa por si mesmo e para tornar este mundinho um pouco melhor do que o encontramos (principalmente agora que o xerife Busch parece querer detoná-lo de vez). Nós temos uma tradição judaico-cristã e pedagógica de que temos de sofrer para aprender. No meu caso, sempre tive e continuo tendo um grande prazer pelo trabalho de aprender a aprender. Foi assim com minha dissertação e minha tese. Terminei-as cansado, mas feliz de poder compartilhar com outros(as) os caminhos que trilhei.

Bere - O que você, com toda sua experiência, tem a dizer aos/as professores/as que ainda não encontraram um caminho adequado para trabalhar a EA com os estudantes, ou que se sentem "perdidos" em relação a esta questão?

Antônio Fernando Guerra - Como diria o poeta, não há caminhos, eles se constroem ao caminhar. O que nós professores(as) precisamos, é de uma porção maior de ousadia, que vença o medo, como diziam Paulo Freire e Ira Shor e construirmos nosso projeto político, que prefiro

chamar de projeto de vida, perseguindo as utopias possíveis e transformando, na colaboração e solidariedade, o que parece impossível, quando pensado sozinho.

Bere - Se você tivesse que escolher uma só palavra que identifique a EA, qual escolheria e por quê?

Antônio Fernando Guerra - Escolheria, sem dúvida V+I+D+A. Tenho sido convidado para algumas palestras e gosto de terminá-las com uma imagem que ganhei de uma amiga que trabalha com arte. Mostra um vaso com uma pequena planta projetando a sombra de uma árvore. Para mim a EA representa essa semente plantada no coração de cada um. Acredito, que através da sensibilização, se pode chegar a conscientização (no sentido freiriano da ação-reflexão-ação e do engajamento para a transformação da realidade). O sentir provoca a razão, a cognição, nossos saberes, levando-nos a pensar e agir globalmente; a usar nossas habilidades e competências para saber fazer. Mas sentir, pensar, fazer, não são suficientes sem o querer e o agir, ou seja, se soubermos usar o poder de nossa ação, para minimizar ou resolver problemas ligados à problemática ambiental, estaremos exercendo nossa cidadania planetária, e assim podemos sonhar e criar, de forma cooperativa, novas formas de saber Ser e de conviver com o outro(a).

Bere - Qual foi a atividade mais significativa que você participou ou elaborou, na área de EA?

Antônio Fernando Guerra - Sem dúvida foi o Projeto EducAdo. Fez um ano agora que defendi a tese, mas ainda tenho gravado na memória e no coração o momento quase ao final da minha apresentação em que, lá de Florianópolis, passei a palavra aos professores e professoras que assistiam a defesa por teleconferência lá em Itajaí, a 85km, para que concluíssem minha apresentação avaliando a vivência deles no projeto. Foi um momento especial, principalmente porque três das professoras hoje estão fazendo o mestrado aqui na UNIVALi onde trabalho, e duas delas são minhas orientandas, desenvolvendo suas pesquisas no acompanhamento do desdobramento do projeto em uma das escolas envolvidas, e que produziu ao final seu próprio projeto de EA, buscando a inserção da dimensão ambiental no currículo.

Bere - Quais são, para você, os principais problemas enfrentados para a consolidação da prática da EA?

Antônio Fernando Guerra - Além da falta de engajamento das pessoas nas questões ambientais para além dos muros da escola, de muito discurso de denúncia, mas pouca ação efetiva para transformar a realidade, um dos problemas é a inexistência de fóruns de discussão sobre aspectos teóricometodológicos da EA, sejam eles presenciais ou virtuais. Costumo dizer que existem projetos e ações fabulosas em EA espalhadas pelo Brasil, mas muitas restritas ao seu "nicho" local. Acredito que este problema seria minimizado com a utilização das tecnologias como suporte, que viabiliza uma participação mais efetiva dos educadores ambientais nas listas de discussão de EA na Internet, como a moderada pela Bere, que já tem dois anos e congrega aproximadamente 300 participantes do Brasil e exterior, e também de outras como a da REBEA. Por esta falta de com quem discutir e de clareza sobre os princípios, as práticas e a história da EA, tem gente fazendo muita coisa por aí e chamando esses trabalhos de EA. Mas, para nossa tristeza, muitos carecem de uma fundamentação, principalmente os realizados em algumas escolas que resumem-se apenas a comemorações de datas festivas (dia da árvore, Semana do Meio Ambiente) e campanhas equivocadas de reciclagem para ganhar materiais e equipamentos sem se darem conta que estão produzindo mais lixo e enriquecendo algumas minorias. Outro problema é da própria formação nas universidades. Até se faz um discurso pela inter e transversalidade, só que o diálogo interdisciplinar raramente se efetiva.

Falta um pouco mais de humildade em admitirmos que nenhuma área do conhecimento, sozinha, muito menos a educação, dá conta da complexidade da problemática ambiental. Precisamos então aprender a aprender juntos e construir e ampliar a dimensão ambiental, inserindo-a nos currículos das escolas e universidades a partir de projetos construídos cooperativamente, envolvendo as comunidades de dentro e de fora do ambiente escolar.

Bere - Deixe um recado para os/as leitores/as da EA em Ação:

Antônio Fernando Guerra - Complementando a resposta anterior, quero enfatizar que os educadores(as) ambientais precisam construir sua identidade, e um bom caminho para isso é ter acesso a informação de qualidade, para se chegar ao nível do conhecimento e da realização de projetos. Ainda que restrita a poucos, acredito que a Internet é um ambiente de aprendizagem cooperativa fundamental para nossa formação. Nesses últimos dois anos tenho conhecido pessoas especiais por esse brasilzão afora graças a essa mídia e as listas de discussão. Sugiro então que se inscrevam e participem ativamente das redes de EA e das suas listas de discussão. Mas só isso não é suficiente. Nada substitui o "olho no olho", o abraço apertado em um companheiro ou companheira que se conheceu pela rede. Convido então a todos e todas a conhecerem e compartilharem esse abraço aqui no Sul no I Encontro Sul Brasileiro de EA de 9 a 12 em setembro (informações em: <http://www.uri.com.br>), e no V Fórum Brasileiro de EA, em Belo Horizonte (de 25 a 27 de outubro – contatos: tecresco@terra.com.br). Desculpem se falei demais da EA na escola. Esse é meu mundo que há 18 anos luto para transformar.

Antônio Fernando Guerra - Um abraço a todos e todas.

VERA E YURI SANADA

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº2 - 31/08/2002 QUANDO O QUINTAL É O MAR A VIDA SÓ PODE SER UMA AVENTURA

Apresentação dos entrevistados: Conheci Vera Sanada por uma feliz coincidência, e passei a ser sua fã minutos depois de uma rápida conversa. Seu envolvimento com aventura e viagens me fascinou. É uma satisfação poder apresentar o olhar de Vera e Yuri, aos leitores desta revista eletrônica, sobre a maneira peculiar e extraordinária de viver: juntos, vivem a bordo de um veleiro, viajam pelo mundo redescobrimo encantos da terra e do mar, além de desenvolverem um trabalho fantástico. Como será que é isto? É o que vamos saber...

Bere - É preciso de muita coragem e espírito de aventura para largar tudo, ou adaptar tudo, e ir morar em uma casa sobre as ondas. Como isto aconteceu?

Vera e Yuri Sanada - Realmente, coragem é preciso, pois não é fácil se desprender da terra e soltar as amarras. Mas tudo é uma questão de gosto. Yuri e eu nos conhecemos na Inglaterra e estando na Europa, você quer viajar e conhecer o máximo de lugares possíveis. Começamos a viajar de carona em veleiros, e aí o sal entrou em nossas veias. Então é só um ventinho soprar a favor e você escolhe a sua nova morada.

Bere - Qual é, para vocês, a diferença entre morar em terra firme e morar sobre a água, e o que isto modifica em termos de hábitos de uma forma geral?

Vera e Yuri Sanada - Morar em um barco, tem-se a vantagem de soltar as amarras e conhecer novos lugares e pessoas, é uma janelinha para o mundo, onde você continua a levar a sua história onde você vai. O barco é o nosso lar, é a nossa vida, é o nosso mundo. Os hábitos mudam de uma forma natural, você torna-se uma pessoa mais simples até na maneira de se vestir, basta uma bermuda e camiseta e você está bem. Você tem mais contato com a natureza, aliás você se sente como se fosse a própria natureza.

Bere - Aqui da cidade quase não enxergamos as estrelas, e deve ser um grande privilégio contemplar o infinito sem influência de luzes artificiais. Como é o céu visto do meio do oceano, a noite?

Vera e Yuri Sanada - O céu é maravilhoso e imenso, como todos sabem, mas do meio do oceano é inexplicável a sua magnitude, só quem já esteve a luz do luar e estrelas com um oceano ao redor poderá saber o que estamos falando. No mês de abril e maio deste ano aconteceu o alinhamento dos planetas, e nós pudemos vê-los. Você já se imaginou no meio do oceano apenas com o barulho do mar conduzindo um veleiro sobre um céu estrelado? Quando você tiver esta oportunidade entenderá a sua magia.

Bere - Qual é a sensação de conhecer, olho no olho, o maior de todos os animais terrestres, a Baleia Azul?

Vera e Yuri Sanada - Quando vimos pela primeira vez uma baleia azul ao lado de nosso pequeno veleiro, sentimos um pouco de medo, pois se ela resolvesse dar uma viradinha poderia bater em nós. Mas depois que caímos em nós e entendemos quem estava ao nosso lado, tão formosa e tranquila sentimos um pouco mais a imensidão da natureza. Foi um momento de contemplação e respeito.

Bere - Como é a rotina a bordo?

Vera e Yuri Sanada - Nós escrevemos livros e fazemos documentários em vídeos. Quando estamos navegando, aproveitamos o tempo para ler, pesquisar e escrever. Yuri, depois de captarmos algumas imagens, aproveita para fazer as edições, pois temos uma ilha de edição não linear a bordo do Clach na Sula. Só que o barco não pára no meio do oceano para dormirmos, você imagina quantos metros de cabos e correntes seria necessário para ancorarmos na imensidão azul? Como o veleiro continua navegando, normalmente com piloto automático, fazemos turnos de vigia, pois mesmo com o radar ligado, precisamos estar atentos a algum obstáculo que possa estar em nossa rota, como bancos de areia, navios até mesmo uma baleia. Os turnos normalmente são de duas em duas horas, para que possamos descansar. Aconteceu conosco próximo a Dakar na costa da África, quando Yuri estava no convés arrumando uma peça que havia quebrado, quando olhou para o horizonte e viu uma espuma branca em nossa frente. Pedi-me rapidamente para mudar de curso. Fomos verificar na carta náutica atualizada e nada constava, como o Clach na Sula tem mais de 27 anos, mantivemos as cartas originais e verificamos que naquele local estava um banco de areia, poderíamos encalhar a mais de 200 milhas da costa africana.

Bere - Em relação às questões ambientais, como vocês vêem a degradação do meio ambiente?

Vera e Yuri Sanada - O planeta está em constante evolução, e com ele o homem. E com esta evolução rápida, o homem não está conseguindo acompanhar os efeitos que tem causado ao meio ambiente, e cada vez vai ficando mais tarde para encontrar uma solução. Realmente a tecnologia facilitou a nossa vida, principalmente na área médica, pois as pessoas vivem mais e proliferam mais. Essa história de clone, ao nosso ver, não é muito positiva, pois o planeta está ficando lotado, causando algumas mudanças um tanto drásticas a natureza, e quem sai prejudicado somos nós mesmos.

Bere - O que poderia ser dito sobre os livros, produções em vídeo, cursos que vocês desenvolvem? Quais são as suas principais metas?

Vera e Yuri Sanada - Sobre os livros, só podemos dizer, LEIAM. Aliás, nós brasileiros precisamos criar este hábito. Quando resolvemos morar a bordo e fazermos nossas produções, queremos transmitir as nossas experiências e conhecimentos. Nossos livros mostram o lado da vida a bordo, do comportamento e de histórias. O livro Braazi, lançado em 2001, é uma nova experiência em romance histórico, baseado na bíblia e numa expedição que realizamos em busca de informações. Nossas aventuras, sempre tem um cunho cultural. Ainda em 2002 lançaremos mais dois livros. E também estará veiculando em breve nossos documentários em emissora nacional. Administramos palestras em empresas, baseadas em nossas experiências dirigidas ao planejamento, logística, administração, qualidade de vida, até mesmo vendas. Um dos livros a ser

lançado este ano, envolve estes temas. Para aqueles que querem mais detalhes sobre nossos livros e também produções e palestras, podem visitar o site aventura.com.br.

Bere - Qual a mensagem que vocês poderiam deixar para os leitores da revista eletrônica EA em Ação?

Vera e Yuri Sanada - Não ter medo de soltar as amarras e buscar a sua realização e qualidade de vida.

ELLEN REGINA MAYHÉ NUNES

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº3 - 12/12/2002

A entrevistada desta edição é Ellen Regina Mayhé Nunes. Ellen é professora da PUCRS, formada em biologia, é mestre em educação e fez o doutorado em Engenharia de Produção. Conheci Ellen pela Internet, através da lista de discussão. Tive o prazer de conhecê-la pessoalmente em uma reunião preparatória para o I Simpósio Sul Brasileiro de EA de Erechim, na PUC/RS. Vamos conhecer um pouco mais desta profissional engajada pela consolidação da EA.

Bere - Ellen, como foi que você iniciou seu trabalho com a EA? Conte-nos um pouco de sua trajetória.

Ellen - Em janeiro de 1980 cheguei em Porto Alegre, vinda do Rio de Janeiro, recém formada em Biologia, para fazer uma especialização em Ecologia, na UFRGS, que foi um dos primeiros cursos de pós-graduação na área criado no Brasil.

No final desse ano, eu estava na Estação Ecológica do Taim, na parte mais meridional do Brasil, fazendo uma disciplina de ecologia animal com o professor Dr. Fernando Dias de Ávila-Pires, um renomado biólogo e ecólogo brasileiro e grande mestre.

Numa tarde depois do trabalho, conversando com o Fernando, sobre possíveis áreas de pesquisa da ecologia (me recordo que naquela época eu andava muito interessada em pesquisar as aranhas), ele falou na EA.

Depois de reafirmar minha intenção de me dedicar à pesquisa básica de ecologia, de preferência estudando as restingas (minha paixão até hoje) e se possível suas aranhas, Fernando voltava a insistir no assunto. Ele estava voltando recentemente de uma Conferência na Europa e verificou que não se falava em outra coisa por lá, e na sua opinião, esta seria a temática do futuro.

Daí, para minha surpresa, ele falou que eu deveria me dedicar à EA.

Ainda relutante perguntei do que se tratava realmente, qual bibliografia ele indicava, por onde deveria começar meus estudos, estas coisas. O Fernando havia trazido de Paris, um livro publicado pela UNESCO em 1977 que apresentava os princípios gerais da EA.

Este foi, então, o primeiro livro de EA com o qual eu tive contato e um dos primeiros publicados pelo Programa Internacional de EA PIEA/PNUMA.

Depois disso me cadastrei no Programa Internacional de EA da UNESCO para receber o Boletim Contacto. Cadastrada comecei a receber os Resumos e os Anais dos principais eventos que o Programa realizou por mais de uma década, como por exemplo, o Seminário de Belgrado, a Conferência de Tbilisi, a de Moscou, e de outros eventos realizados na América Latina e Caribe.

No início de 1981 eu já estava totalmente envolvida pela EA. Concluído o curso de especialização abandonei os estudos sobre a restinga e comecei a realizar as minhas primeiras palestras no Rio Grande do Sul.

O primeiro estágio foi no Centro de Ciências do Rio Grande do Sul, o CECIRS, como bolsista da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, sob a orientação do Professor Georg Hennig, um dos pioneiros da EA aqui do Estado. Ele criou, em 1979, o "Projeto Natureza" na Secretária da Educação, que realizou mais de cinco encontros estaduais, reunindo grupos cada vez maiores de professores da capital e do interior.

A esta altura meu interesse pela ecologia básica e aplicada passou para um plano secundário, mas não foi até hoje abandonado.

De 1982 até 1985 atuei na Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) como coordenadora do trabalho de EA. Na SMAM tive a oportunidade de elaborar o projeto de EA para a Reserva Biológica do LAMI, cujos subprojetos 1 e 2 chegaram a ser implantados. Também realizamos em 1983 o 1º Seminário de EA, cuja palestrante principal foi a maravilhosa Dr^a Judith Cortesão. Quando ingressei na Universidade em 1988, passei a me dedicar aos aspectos epistemológicos da EA e de lá para cá estive cada vez mais envolvida com a EA, na docência e na pesquisa em EA, como docente, pesquisadora e orientadora.

Somos resultado de um processo que sofre muitas influências, e na década de 80 as leituras de alguns autores foram fundamentais para a construção do meu referencial teórico, dentre os mais importantes de todos cito o Fritjof Capra em primeiro lugar e o Edgard Morin. Mais recentemente a Marilyn Ferguson, o Humberto Maturana e Francisco Varela, e o Gunter Pauli, aos quais sou muito agradecida pela contribuição das suas ideias à expansão da minha visão de mundo.

Bere - Quais são as maiores dificuldades e como você lida com as dificuldades encontradas nesta trajetória?

Ellen - Peço desculpas se o que vou dizer pode parecer arrogância, mas no início, bem no início, lá por 81-82, uma dificuldade era a falta de interlocutores. Faltava gente para discutir, trocar ideias, experiências, uma vez que o boom da EA no Brasil, só foi ocorrer no final dos anos oitenta, e como eu comecei a me envolver com o tema no início da década, muitas vezes me sentia solitária nesta caminhada. Lembro-me que aqui no Rio Grande do Sul éramos poucos, uns quatro ou cinco, os que estavam se envolvendo com a EA.

Outra dificuldade era a escassez da literatura, a maior parte em idioma estrangeiro. Também eram raros os eventos onde esta temática era debatida.

Na universidade nem se fala. Só para dar uma ideia da situação, somente neste ano a ANPED aprovou a criação de um grupo de estudos, isto tudo graças ao trabalho incessante de muitos pesquisadores e docentes universitários.

Mas no fundo no fundo, eu sempre achei que a maior dificuldade era lidar com as contradições inerentes ao discurso e a prática da EA, principalmente o viés preservacionista, o que só enfatizava a defesa da natureza, e indiretamente excluí o ser humano do processo.

É muito difícil falar no problema da escassez, poluição e conservação da água para pessoas sem saneamento básico. Assim como falar do problema do lixo, com pessoas para as quais o lixo representa uma oportunidade de trabalho e renda e na sua contribuição para a alimentação de um número representativo de pessoas.

O maior desafio é mostrar as contradições existentes num modelo de desenvolvimento que é imediatista, injusto e insatisfatório. É mostrar, por exemplo, que os ideais de consumo e elevado padrão de vida em bases materiais é insustentável para todos os mais de 6 bilhões de seres humanos. Mas que é possível optar por outro modelo que leve em consideração as necessidades humanas e respeite a capacidade de carga da base de sustentação da vida.

Trabalhar com EA é olhar as diferenças e injustiças sociais e acreditar que um outro caminho é possível. Mas que este caminho exige mudanças radicais na estrutura política, social e econômicas das nações, principalmente, em relação a concentração da riqueza e consumo excessivo de bens naturais.

Os ideais da EA falam de justiça e equidade social, associadas à conservação e preservação dos bancos genéticos da biodiversidade e do conjunto da vida no planeta. A preservação não é somente da natureza ou dos seres humanos, mas a preservação da vida no planeta terra. Temos que começara a estudar a Teoria de Santiago (de Maturana e Varela) para começarmos a aprender com a vida, através de uma outra abordagem de cognição.

Outro aspecto é trabalhar a inclusão na EA. Fazer com que todos os indivíduos tenham dignidade e acesso aos seus direitos mais elementares, me parece ser um grande desafio para os educadores ambientais.

Conseguir que as pessoas se organizem e se mobilizem para conquistar os seus direitos no sentido de uma melhor qualidade de vida, pressionando os administradores e os políticos responsáveis pelo saneamento básico, habitação, trabalho e lazer, me parece ser um êxito da EA.

Sempre trabalhei com a perspectiva de que a EA possui um processo interno poderoso de educação política, e procurei trabalhar a EA não como panaceia, mas como possibilidade de mudar o papel e a atuação do educador, do líder comunitário do técnico, do empresário nas suas realidades específicas.

A EA não pode ser neutra. Dentro de sua multiplicidade de manifestações ela pode ser tudo, mas não pode ser nunca neutra!

Ao longo destes anos trabalhando com a perspectiva política da EA, constatei que se trata de um poderoso processo pedagógico, possível de provocar avanços na chamada cultura ambiental, que se manifesta através da cidadania ambiental.

Enfim, tenho procurado colaborar neste grande movimento socioeducativo que vem se construindo e reconstruindo ao longo destas três últimas décadas do século passado, o que por si só já é recompensador, pois indica que a EA é efetivamente futuro, construído no presente de todos nós.

Por fim, gostaria de dizer tenho tentado trabalhar como educadora ambiental, colocando-me sempre como aprendiz do meu próprio trabalho, das minhas próprias ações e contradições.

Considero muito dialético o processo individual do educador e da educadora ambiental que é por isso contraditório. É impressionante o que aprendemos no processo, é não bom ser patrulha de ninguém, evitando ser aquele que aponta, cobra, acusa, mas o que é capaz de ensinar a partir de seus próprios exemplos.

Bere - A Internet tem-se revelado como uma importante ferramenta para a consolidação da EA. Como você vê esta questão?

Ellen - Acredito que a rede mundial veio para agilizar a tessitura da teia e conectar a consciência ecológica e planetária. É impressionante o universo criado pelo mundo virtual hoje. Estes são tempos de grandes inventos, de muita expansão tecnológica, mas considero que o desenvolvimento que a informática permitiu é maravilhoso!

Creio que a Internet serve hoje como um canal de informação, mas também de aproximação de pessoas, como no caso das redes e listas de EA.

Na PUCRS estou atualmente vinculada à Faculdade de Educação onde atuo como pesquisadora do Centro de Informática na Educação, e uma de nossas pesquisas atuais é "O uso da internet pelos professores da educação infantil para a EA".

O que estamos verificando é que tem muita informação na Internet que contém inverdades e erros científicos grosseiros, por isso é preciso saber filtrar, pois se corre o risco de ficar mal informado. Além das questões pertinentes à informática educativa, no que se refere aos indicadores de qualidade para sites.

Acredito que a alfabetização científica diminuiria um pouco este aspecto preocupante da rede, pois assim as pessoas poderiam desconfiar das fragilidades de algumas "pesquisas" que são divulgadas na rede.

E por fim penso que o aspecto mais assustador, que está também relacionada à alfabetização científica, é a fábrica de cópias e plágios de trabalhos escolares e acadêmicos, praticados nos diferentes níveis de escolaridade, é o cola/recorta a ferramenta mais eficiente para fortalecer a mediocridade.

Os professores/educadores comprometidos com a ética e a cidadania deveriam coibir com mais intensidade esta reprodução do conhecimento, e fazer os estudantes acreditarem que é mais importantes formular perguntas do que repetir respostas.

Nos últimos anos a Internet expandiu a EA numa velocidade que não ocorreu nas últimas duas décadas, e isso é sem dúvida, espantosamente maravilhoso!

Bere - Falar em EA é falar em mudanças na educação. O que você considera importante ser modificado dentro do sistema educacional vigente para que ocorra a consolidação da EA?

Ellen - Considero essencial que a mudança principal ocorra nos cursos de formação dos docentes em todos os níveis e nas diferentes áreas.

Existe uma crítica muito severa sobre a atuação do professor, em relação ao uso de metodologias que não motivam os alunos, e pela utilização de sistemas de avaliação que valorizam mais a reprodução do conhecimento do que sua reconstrução.

Também ocorrem críticas ao comportamento autoritário e algumas vezes prepotente do professor em relação ao aluno e vice versa, prejudicando a riqueza da relação entre quem ensina e quem aprende.

Para que os professores tenham uma prática diferenciada, realizando projetos, discussões, produção textual e estimulem a apresentação de trabalhos orais que auxiliam a desinibição, é fundamental que durante sua formação tais atividades tenham sido adotadas pelos seus educadores, para que sejam a sua referência profissional. É quase inevitável a reprodução depois na prática, dos modelos mais presentes durante a formação profissional, em qualquer área.

No caso da docência, muitas vezes os jovens professores lidam com muitas dificuldades, uma delas lidar com crianças e jovens que apresentam cada vez mais sérios problemas de limites, que em alguns casos são dificuldades psicopedagógicas.

Considero esta situação extremamente crítica.

Outro caso, a EA, segundo orientações pedagógicas e legais, deve ser tratada de forma transversal, ou seja, a dimensão ambiental deve estar contemplada no currículo e programas de todas as disciplinas, exigindo que ela esteja presente na formação de todos os profissionais, e em especial na formação dos professores.

É fácil falar que os professores precisam trabalhar com os temas transversais, ou aplicar os princípios da interdisciplinaridade na ação pedagógica. Mas não é fácil colocar isso em prática não!

Porque fazer isso implica numa mudança radical (no sentido de ir fundo, até a raiz) na visão de educação, de mundo, de ciência e do papel dos seres humanos na teia planetária.

Isso exige que o pensamento, a visão e a ação ocorram numa perspectiva sistêmica e não linear como aprendemos e agora ensinamos.

Aceitar a complexidade do mundo e sua diversidade e colocar em prática virtudes poderosas que a EA ajuda a consolidar.

Bere - Para finalizar, qual é a importância da EA e como são trabalhados os conceitos acerca desta temática? Aproveite para deixar uma mensagem aos/as leitores/as da EA em Ação.

Ellen - Vou resumir a importância da EA com uma palavra, pois para mim ela é – fundamental.

Como eu tenho contato com pessoas que se envolvem com EA em diferentes realidades, verifiquei que os conceitos são trabalhados de forma a adequá-los ao público alvo e a realidade local. Hoje sabemos que a EA enquanto processo pedagógico abarca uma diversidade muito grande de metodologias, enfoques e abordagens.

O que me parece ser relevante em todo o processo da EA, seja formal ou não formal, é que os indivíduos - educandos e educadores - sejam respeitados nas suas idiossincrasias, e que as atividades e ações levem em consideração as particularidades do entorno, ou seja, do contexto social.

Penso que nós seres humanos precisamos reaprender a nossa existência na Terra, para podermos enxergar e entender que a teia da vida é um intrincado movimento de aprendizagem que vem ocorrendo há bilhões de anos.

Para isso é necessário que incorporemos a modéstia que nos cabe em relação a quem somos, da onde viemos e para onde vamos. O avanço do conhecimento humano no campo da ecologia nos faz compreender que somos apenas mais um elo da corrente de sustentação da vida na Terra.

Por isso acredito que agora, além da necessidade da EA é preciso desencadear com urgência um amplo processo de alfabetização ecológica, visto que é fundamental que todos adquiram conhecimentos básicos de ecologia, para que se possa aprender com a vida, que não pára nunca, de aprender.

Vejo que os educadores e educadoras ambientais são pessoas muito altruístas, desprendidas e dedicadas ao outro e ao mundo. Digo isto porque todo educador e educadora ambiental trabalham para o futuro e dependendo da situação, é um futuro muito longínquo, o que significa que provavelmente eles não vejam o resultado das mudanças pelas quais se dedicam. Mas isso para um verdadeiro educador e educadora ambiental não tem a menor importância. Isso é o verdadeiro compromisso intergeracional.

Acredito na ideia de que somos seres espirituais vivendo uma aventura humana, por isso acredito, também, que com o nosso trabalho estamos contribuindo para um novo tempo que está por vir, e que depende muito das decisões que estamos tomando agora no presente. A vida está continuamente a aprender, Oxalá consigamos aprender com ela!

ÉLIO MÜLLER

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº4 - 18/03/2003

Nosso entrevistado é uma pessoa muito especial e dedicada às questões ambientais. Élio Müller é o fundador da Confraria Coruja da Figueira que desenvolve um trabalho de divulgação das questões ambientais, como também busca reunir pessoas que têm afinidade na área de Meio Ambiente e/ou EA. Vamos conhecer um pouco mais o trabalho dele.

Bere - Élio, como surgiu o interesse pelas questões ambientais? Conte-nos um pouco de sua história.

Élio - Nos anos 70 tivemos a felicidade de conhecer o Professor JOSÉ LUTZENBERGER, o eterno Presidente da AGAPAN, que foi o nosso mentor nas questões ambientais e para a defesa do meio ambiente. JOSÉ LUTZENBERGER foi, certamente, um dos maiores defensores da natureza, que até hoje conhecemos. Um verdadeiro lutador e guerreiro ambientalista e conhecedor profundo dos nossos problemas ambientais, não só em solo riograndense, porém no Brasil e em questões de amplitude mundial. Muito devemos a este homem. Por isto, para início de conversa, nossa singela homenagem póstuma, pois, lamentavelmente o Criador, e Senhor da Eternidade, precisou dele e o buscou no dia 14 de maio de 2002.

Bere - Como surgiu a ideia de fundar a Confraria Coruja da Figueira e como é o seu funcionamento?

Élio - A ideia da “Confraria Coruja da Figueira” surgiu no Vale do Rio Três Forquilhas, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul de forma bastante despretensiosa e aos poucos. O plano original fora de organizar, há quase 30 anos, apenas um grupo local para promover o cuidado pelas águas do Rio Três Forquilhas e pela natureza quase paradisíaca, onde vivia e ainda vive uma população sofrida (analfabetismo acentuado, agricultura rudimentar e predatória, agricultores empobrecidos, de minifúndio, vivendo num vale de terras muito férteis). Fundamos nos anos 70 a Associação para o Desenvolvimento de Itati (ADITA) e o Centro de Assistência Rural de Itati (CARI). Fracassamos, sem eco para as iniciativas. Porém em nosso “Sítio da Figueira”, em Itati - RS se pode ver uma centenária figueira, onde mora um casal de corujas, que deram origem ao nome da Confraria e que passaram a ser um símbolo e uma bandeira inconfundível para a causa abraçada. A Confraria somente se consolidou ao criarmos em 2001, pela Internet, um grupo ou comunidade virtual, aberto (sem nenhuma regra rígida, para o ingresso). Portanto, a Confraria, como hoje a conhecemos, na verdade surgiu somente em 2001, graças aos recursos da Internet.

Bere - Qual é a principal meta da Confraria Coruja da Figueira?

Élio - A meta da Confraria Coruja da Figueira continua sendo despretensiosa. Visa unicamente aproximar pessoas com afinidade para a causa da EA. Os integrantes recebem, todos, o mesmo status de gerentes, com poderes para interagir e para dar o rumo para as discussões e troca de ideias. Hoje, o grupo é integrado por gente desde a Amazônia até os Pampas Gaúchos e desde o Pantanal até o Nordeste Brasileiro. A Confraria tem o tamanho do Brasil. A preferência dos

integrantes, pelo que se constata, é mais pela divulgação e não tanto pela discussão de ideias e mais pelo alerta para os problemas ambientais.

Bere - Qual a importância da Internet para as questões ambientais? Em que sentido você acha que a Internet pode servir para minimizar os problemas ambientais?

Élio - A Internet revelou-se um instrumento de extraordinário valor para servir no propósito de minimizar os problemas ambientais. Podemos encontrar uma rica variedade de opções de busca, sobre as mais diferentes questões ambientais. Existem páginas pessoais, de órgãos governamentais, de ONGs e de grupos de interesse específico, que podem ser consultados por todo o público interessado. A Internet tira toda e qualquer desculpa dos cidadãos e cidadãs, de não saber o que fazer ou como fazer a defesa do nosso meio ambiente. A Internet democratiza informações e as torna acessíveis ao público em geral.

Bere - Como fazer para participar do grupo?

Élio - A Confraria Coruja da Figueira teve seu maior desenvolvimento por ocasião do Curso de EA à Distância (CEAD), promovido, em 2001, pelo Ministério do Meio Ambiente e Universidade de Brasília, quando muitos cursistas ingressaram no grupo, para debater as questões levantadas pelo Curso. Entretanto, o grupo não ficou fechado para educadores ambientais. Toda e qualquer pessoa interessada sempre pode participar, seja para divulgar ideias, para dar alerta para problemas ambientais ou simplesmente para ver o que se passa no grupo, apenas recebendo mensagens. Basta acessar a página principal do grupo e fazer a inscrição, sem nenhum compromisso seja de ordem financeira, ideológica, de crença ou de partido político.

Bere - Deixe uma mensagem aos leitores e leitoras da revista eletrônica EA em Ação.

Élio - Queremos parabenizar os editores da revista eletrônica EA em Ação que aí estão como vanguardeiros, na utilização dos modernos recursos oferecidos pela Internet. O papel desta Revista, sem dúvida, é relevante e está ajudando a traçar rumos para o trabalho no campo da EA e para a formação de uma clara consciência, de compromisso coletivo e individual, para com o futuro da Terra.

Bere - Agradecemos sua colaboração e aproveitamos para parabenizar esta iniciativa que em muito tem contribuído para uma mudança de postura e para a conscientização das pessoas que acessam a internet!

Para saber mais, o endereço da Confraria Coruja da Figueira é:

<http://groups.msn.com/ConfrariaCorujadaFigueira/>

Entrevista realizada com o auxílio de Solange Guimarães.

ANA LÚCIA TOSTES DE AQUINO LEITE

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº5 - 30/05/2003

Nossa entrevistada desta edição comemorativa é a querida Ana Lúcia Tostes de Aquino Leite: um nome de destaque na área da EA(EA) do Brasil, pelo tanto que realizou, realiza e realizará pelas questões educacionais e ambientalistas. Destacou-se no cargo de Diretora do PNEA (Programa Nacional de EA) do MMA quando muito incentivou a consolidação da EA através de diversos projetos, entre eles: o Curso Básico de EA à Distância. Vamos saber um pouco mais da sua valiosa experiência.

Bere - A EA no Brasil tem-se fortalecido muito com as ações propostas pelo MMA, principalmente através do Programa Nacional de EA/PNEA do qual você foi diretora. Como foi o início do PNEA e quais as ações por ele desenvolvidas que você destacaria?

Ana Lúcia - Bere e demais companheiros e companheiras desse construir a EA, antes de tudo eu gostaria de dizer que foi com enorme prazer que recebi o convite para essa entrevista. É muito bom poder prestar contas do que se fez, sobretudo se nesse fazer pudemos compartilhar com pessoas com as quais partilhávamos dos mesmos propósitos. E foi muito assim trabalhar no Programa Nacional de EA, primeiro como técnica e depois como Diretora.

O PNEA nasce no MMA praticamente ao mesmo tempo em que é votada a Lei 9795/99. Esse início foi um grande laboratório, onde foram propostas várias ações, que posteriormente vão se consolidando.

Nesse início foram delineadas as ações dos pólos, o sibeia e, num momento posterior o curso básico de EA à distância. Foram também retomadas as articulações internacionais com a Red de Formación Ambiental para América Latina y Caribe/PNUMA, com a qual desenvolvemos ações conjuntas.

Bere - O Curso Básico de EA à Distância foi um importante feito no período de sua gestão. Como aluna saliento que foi uma experiência gratificante e desafiadora. Fale um pouco desta experiência, das expectativas e dos resultados obtidos.

Ana Lúcia - O Curso realmente foi, mais que um sucesso, um enorme desafio. Começou com a produção do material – todo inédito e feito especialmente para o curso. O grande mérito desse material é que se conseguiu reunir uma série de documentos e conteúdos dispersos em um único material. Até enquanto estive no ministério, em abril, depois de passado um ano desde a conclusão do último curso, continuávamos recebendo solicitação de material, que estava sendo usado por faculdades e universidades por todo o país, além de prefeituras, ong's e outros. Lembro-me de um pedido que veio de um grupo de estudos que estava se reunindo em um parque e faziam uso do material de um funcionário que estava se aposentando, e o grupo queria continuar o estudo e pedia que enviássemos o material o quanto antes. Dias depois recebo um e-mail agradecendo e dizendo que não foi interrompido nenhum encontro, que o material tinha chegado a tempo.

No piloto, com um primeiro desenho para atender 1500 pessoas, foi ampliado para 4000. A avaliação desse piloto foi fantástica, 75% dos inscritos finalizaram o trabalho final. Com esses

resultados demos um grande passo, atendemos 15000 pessoas, que estavam distribuídas em quase três mil municípios, contemplando todos os estados brasileiros.

O retorno que recebi, quer seja por e-mail, quer seja encontrando as pessoas dos mais diferentes pontos do país, me dão a exata dimensão do que significou esse curso a distância. Temos a certeza dos quase 19000 capacitados diretamente, mas não temos a dimensão dos capacitados indiretamente nos grupos de estudo de ong's, de prefeituras, dos inúmeros cursos de graduação que listaram o material como bibliografia de consulta, enfim, de todos que se capacitaram de modo indireto. Tenho uma grande satisfação com esse trabalho.

Bere - A Internet tem-se revelado como uma importante ferramenta para a consolidação da EA. Como você vê esta questão?

Ana Lúcia - A Internet, cada vez mais democratizada, encurtou espaço e tempo e tem se mostrado uma grande ferramenta não só de comunicação como também de democratização da informação. A consolidação do Sibeia se deu exatamente nesse contexto. Primeiro disponibilizando as informações disponíveis no âmbito do Ministério, depois possibilitando, via recursos do FNMA, a consolidação das redes de EA e a construção conjunta de diagnóstico da EA no país, bem como a alimentação do sistema.

Bere - Hoje temos fortes aliados que buscam a consolidação da EA no Brasil. Quais nomes você poderia destacar pelas iniciativas e ações realizadas?

Ana Lúcia - Morro de medo de fazer citações e cometer injustiças, ou pior ainda, esquecer as pessoas. Então vou citar em primeiro lugar a Nana, que tem um papel histórico na EA do país e que foi meu braço direito no MMA. Ainda como grande parceiro, e que tem desempenhado papel relevante está o Ibama, na figura do Professor Quintas. Nos governos estaduais, a implantação dos pólos de EA, com as Comissões Interinstitucionais, garantem a consolidação da EA nas unidades da federação, aí só para citar alguns, temos o exemplo de Minas Gerais, Tocantins, Rio Grande do Norte e Ceará, dentre outros tantos que têm levado esse trabalho muito a sério. Como experiência fora do âmbito governamental, é impossível não citar a sua Bere, que é toda coração.

Bere - Qual é, na sua opinião, o maior problema que a EA enfrenta?

Ana Lúcia - A necessidade premente de se consolidar. Como é uma dimensão nova, ainda em construção, com muitos olhares, e percepções diferentes, essa consolidação não tem sido fácil. Sair da dimensão da educação infantil, do projeto de reciclagem escolar para assumir uma dimensão maior, inserida no planejamento dos gestores governamentais ainda não é realidade consolidada. Caminhamos um pouco nessa direção, mas a trilha ainda é longa. As diferentes correntes da EA, muitas vezes competitivas ou contraditórias entre si, ainda precisam de muita reflexão. A todos nós não basta boa vontade e voluntarismo, temos que estudar muito.

Bere - Para finalizar, qual é a importância da EA? Aproveite para deixar uma mensagem aos/as leitores/as da EA em Ação.

Ana Lúcia - Falar da importância da EA é falar do nosso compromisso ético com a vida, com o planeta, com a cultura, com a humanidade... Ter instrumentos que nos ajude a reinterpretar essas relações intrínsecas entre os seres, assumir essa ética ambiental. Conviver e saber pactuar no conflito. EA para mim é isso tudo, além de ser também um grande instrumento de gestão pública. Espero realmente ver a EA consolidada, seja no âmbito formal, com cada escola tendo a EA inserida no seu projeto político pedagógico, seja no âmbito da comunidade, como instrumento de mediação

de conflito e de apropriação do meio, na consolidação de um desenvolvimento sustentável e sustentado.

Aproveito mais uma vez para agradecer a todos que foram parceiros durante o meu tempo à frente do Programa Nacional de EA. Tenho certeza que ainda temos um longo caminho a trilhar, com muita reflexão e revisão das nossas práticas, mas tenho certeza que o resultado dessa nossa construção coletiva será muito bonito. Um carinho muito grande a todos. Ana Lucia - analucialeite@uol.com.br

Bere - Ana Lúcia! Agradecemos pela oportunidade da entrevista e por tudo o que você fez pela EA - e ainda fará. Muito obrigada! Berenice Gehlen Adams e Equipe da revista eletrônica EA em Ação

LARA LUTZENBERGER

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº6 - 16/09/2003

É com muito orgulho que apresentamos a nossa entrevistada desta edição: Lara Lutzenberger. Lara está a frente da Fundação Gaia, localizada no RS, fundada em 1987 por seu pai José A. Lutzenberger, e vai nos contar um pouco desta valiosa experiência.

Bere - Lara, como foi o início da Fundação Gaia?

Lara - A Fundação Gaia foi criada em 1987 pelo meu pai como uma forma de amplificar sua atuação pessoal em prol da causa ecológica e de um desenvolvimento sustentável. Reunindo uma equipe de profissionais em torno dele, a Fundação Gaia deu seus primeiros passos começando por um projeto de Capacitação de Promotores de Agricultura Orgânica junto a núcleos de agricultores familiares no RS e pela consolidação do Rincão Gaia. O Rincão Gaia, em Pantano Grande/RS é a sede rural da Fundação e é um exemplo prático e vivo do quão é possível relacionar-se de forma mais construtiva e harmônica com nosso planeta. Tratando-se originalmente de uma área árida, rochosa e degradada pela exploração de basalto, o Rincão Gaia tornou-se ao longo de anos de um manejo diferenciado, em um oásis de biodiversidade.

Lá temos um corredor natural de fauna e flora; áreas produtivas de agricultura orgânica - horta, pomar, e lavouras; pecuária natural - gado de leite; galinhas caipiras e suínos; paisagismo ecológico - recomposição paisagística com uso predominante de espécies adaptadas às condições rupestres, plantas suculentas e cactáceas; e infra-estrutura para desenvolvimento de atividades educativas.

Bere - Seu pai, José Lutzenberger, foi pioneiro nas questões ambientais e é uma referência internacional. Como você se vê dando continuidade para algo tão grandioso e valioso para a humanidade?

Lara - Tenho um imenso orgulho de ser filha de quem sou e sinto-me privilegiada em dar continuidade ao seu trabalho. Conto com uma equipe de trabalho muito especial e talentosa e acredito, como você mesmo colocou, que desenvolvemos um trabalho grandioso e valioso para a humanidade. Meu pai integrou um grupo seletivo de pessoas que a partir dos anos 40 e 50 sabiamente perceberam a iminência de graves crises ambientais e sociais decorrentes da nossa conduta predominantemente egoísta e irresponsável em relação à grande Sinfonia Orgânica da Evolução que nos deu origem, alertando-nos para necessidade urgente de revisarmos nossos atuais paradigmas de desenvolvimento e progresso. Esse grupo felizmente expandiu-se nas últimas décadas, rumando para a formação de uma forte massa crítica planetária que deverá levar à paulatina inversão das tendências atuais. Vejo que passamos da época das vozes isoladas de alerta, para a formação de um movimento coletivo crescente, do qual a Fundação Gaia faz parte.

Bere - Quais são as principais ações desenvolvidas pela Fundação Gaia e como são desenvolvidos os trabalhos de EA?

Lara - A Fundação Gaia oferece uma série de atividades educativas no Rincão Gaia, como cursos, oficinas, seminários, visitas guiadas e encontros eco-recreativos, que são divulgados em seu informativo digital e no seu site - www.fgaia.org.br. Para receber nosso informativo é preciso cadastrar-se conosco, enviando-nos um e-mail no sede@fgaia.org.br. Adicionalmente, prestamos consultorias em produção orgânica e planejamento agrícola permacultural de áreas rurais, fazemos levantamentos de biodiversidade, projetos de paisagismo ecológico e de EA. Finalmente, buscamos também patrocinadores para realização de projetos em comunidades carentes.

Bere - Como você vê hoje, de uma forma geral, a condição ambiental do planeta e quais as ações que você destaca como positiva?

Lara - Na minha percepção, a condição ambiental e social planetária - hoje já preferimos falar na condição sócio-ambiental, uma vez que ambas são absolutamente indissociáveis, está em seu limite suportável. Ou revemos profundamente nossos paradigmas atuais, reconsiderando nossas atitudes e nossa relação com o restante da Teia da Vida, vendo-nos e agindo cooperativamente como parte integrante de uma grande Comunidade Terrestre, ou desencadearmos crises planetárias cada vez maiores e que poderão finalmente resultar na extinção de nossa própria espécie. Felizmente vejo também uma conscientização e mobilização crescente no mundo inteiro rumo a essa nova etapa evolutiva, o que me deixa muito esperançosa de que nossa civilização confirmará sua sabedoria e saberá rever, reconsiderar a tempo suas crenças, seus valores morais e éticos para o estabelecimento de uma cultura sustentável e solidária em relação aos demais.

Bere - Cite alguns autores que você acha importante na área da EA que possam servir de referência para o incentivo das ações ambientalistas.

Lara - Considero Fritjof Capra uma das principais referências atuais na orientação de atividades eco-educativas, através de sua experiência na Califórnia com o Instituto de Ecoalfabetização. Seu último livro - Conexões Ocultas também é um 'must' para todos aqueles que estão iniciando uma reflexão.

Bere - Qual é a importância da EA, na sua opinião?

Lara - A EA é fundamental na construção e consolidação de um paradigma ecológico que reorienta nossa conduta civilizatória. Através da EA estimula-se uma releitura do mundo em que vivemos, resgatando conhecimentos ancestrais de conexão com o cosmos, compreendendo a garantir uma convivência harmônica, dinâmica e profundamente enriquecedora da imensa variedade de formas e manifestações que a compõem. Nesse sentido, vejo a necessidade de desenvolvermos iniciativas de EA junto à todos os setores da sociedade, de forma interdisciplinar e transversal.

Bere - Para finalizar nossa entrevista, deixe um recado para nossos leitores e leitoras da EA em Ação:

Lara - Para aqueles que, como eu, percebem e estão apreensivos com a urgência de revermos nossa trajetória civilizatória, redesenhando nossas tecnologias e nossas estruturas sociais: não percam a esperança e façam, cada um, a sua parte. O terror e o pesadelo paralisam e levam a reações

intempestivas e geralmente inadequadas. Vamos sonhar com um futuro positivo para agir de forma consistente e coerente!

Bere - Nós, Editores(as) e Colaboradores(as) da revista eletrônica EA em Ação agradecemos imensamente pela gentileza de concedernos esta entrevista. Muito Obrigada!

Endereço eletrônico da Fundação Gaia: www.fgaia.org.br

MARCELO GLEISER

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº7 - 10/12/2003

Apresentação: O entrevistado desta edição é Marcelo Gleiser, cientista brasileiro de renome internacional. Assisti ao programa de entrevistas CONEXÃO, de Roberto D'Avila, e resolvi entrar em contato com o professor Marcelo a fim de receber informações sobre seus livros: A Dança do Universo, O Fim da Terra e do Céu e O Livro do Cientista (www.saraiva.com.br). Deste contato surgiu o convite para esta entrevista, que gentilmente foi aceito. Assim, tenho a honra de apresentar Marcelo Gleiser aos leitores e leitoras da EA em Ação.

Bere - A ciência é parte da sociedade, apesar de serem poucas as pessoas que têm acesso a ela. O senhor é um dos grandes incentivadores da divulgação da ciência para o público em geral. Como o senhor resumiria o papel da ciência para a educação de uma nação?

Marcelo - Como sendo absolutamente fundamental. Nossas vidas dependem cada vez mais de tecnologias avançadas. Estas tecnologias, por sua vez, são resultado de pesquisas realizadas por cientistas e engenheiros. Uma sociedade ignorante da ciência e suas aplicações está fadada a ficar para trás. Este é o aspecto mais prático da questão. O mais espiritual é que a ciência também encara questões que todos nós fazemos, sobre nossas origens, nosso destino, e mesmo nossa função no cosmo e em nossas vidas. As pessoas têm um enorme apetite por estas questões, e a ciência pode ajudá-las a refletir sobre elas.

Bere - A ciência, como parte do processo cultural da humanidade, pode ter contribuído, de forma não explícita, na degradação ambiental?

Marcelo - Sem dúvida. Afinal o primeiro inimigo das florestas foi também a primeira das "invenções", o fogo. A necessidade que temos de nos esquentar no inverno, de cozinhar nosso alimentos, de consumir energia para tantas coisas leva necessariamente à exploração do meio ambiente e à sua degradação. Mas não poria a culpa na ciência em si, mas nas políticas de exploração ambiental que, infelizmente, muitas vezes são controladas por grupos de interesse sem nenhuma preocupação ecológica.

Bere - Dentro do atual contexto cultural da humanidade, qual tem sido a contribuição da ciência para a melhoria da qualidade de vida e da preservação ambiental?

Marcelo - Essa pergunta é extremamente vasta. É só pensar nas tecnologias associadas à medicina, dos antibióticos e vacinas à radiação como tratamento do câncer, nas telecomunicações, nos computadores e DVDs, que vemos o impacto da ciência em nossas vidas. Quanto à questão ambiental, estão surgindo melhorias no uso da energia solar, eólica e mesmo de células de combustível, que acredito será a fonte de energia do futuro. Satélites ajudam a policiar as grandes queimadas na Amazônia, e por aí a fora.

Bere - Como o senhor vê a EA no que tange propiciar o desenvolvimento do senso crítico em relação às atitudes desfavoráveis (ou nocivas) ao meio ambiente, e qual seria a contribuição da ciência para a busca de uma consciência ambiental?

Marcelo - Essa é uma importante questão. Os cientistas têm de educar a população quanto aos riscos ambientais. Em minhas colunas na Folha e meu livro Retalhos Cósmicos (uma coletânea de algumas delas) falo muito sobre isso. (Veja a do dia 30/11/03, por exemplo.) Uma população educada cientificamente estará mais preparada para tomar as decisões certas; desde de reciclar o lixo até votar em políticos que expressem uma preocupação com o assunto.

Bere - O homem já foi à Lua, engendrou centenas de milhares de inventos e pesquisas significativas como a mudança genética dos organismos, a bomba H. Como o senhor vê a questão da degradação ambiental dentro do contexto científico? Será possível mudar o curso da trajetória humana que possibilite uma reversão deste quadro ambiental?

Marcelo - O grande problema não são os cientistas. São os industriais e os políticos que controlam a legislação ambiental. A política ambiental norte-americana é uma vergonha. Os cientistas vêm falando há décadas do efeito estufa, de quais serão as suas consequências. O problema é que os efeitos são gradativos e não imediatos. E, infelizmente, o homem só reage quando está sob pressão. Só espero que não seja tarde demais, como já dizem simulações em computadores.

Bere - Convido-o a deixar um recado para os leitores e leitoras da EA em Ação.

Marcelo - Gosto do lema "Pense globalmente e atue localmente". Acho que o esforço deve partir de cada indivíduo. Afinal, a casa é de todos nós, e dos nossos filhos e seus descendentes. Temos o dever de preservá-la!

Bere - Nós, Editores(as) e Colaboradores(as) da revista eletrônica EA em Ação agradecemos imensamente pela gentileza de concedernos esta entrevista. Muito Obrigada!

"Marcelo Gleiser foi o primeiro brasileiro a receber o presidential faculty fellow award, uma bolsa de US\$ 500 mil, diretamente concedida pelo então presidente dos EUA, Bill Clinton, devido a pesquisas em cosmologia e ensino. Além desta bolsa, Gleiser recebeu US\$ 105 mil da NASA para estudo de possíveis fontes de ondas gravitacionais".

FLAVIO POHLMANN LIVI

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº8 - 20/03/2004

Apresentação: Esta edição da revista eletrônica EA em Ação tem a honra de apresentar o Professor Flavio Pohlmann Livi, mais um gaúcho engajado nas questões ambientais. O Professor Flavio é físico, com mestrado em Física Nuclear e doutorado em Física da Matéria Condensada. Agora aposentado, foi professor universitário (Instituto de Física da UFRGS) tendo lecionado, pesquisado e orientado na área de física experimental e engenharia. Nos últimos 12 anos tem-se dedicado a uma abordagem transdisciplinar das questões de Energia, Tecnologia e Meio Ambiente, bem como de seu ensino integrado, através da participação em pesquisas e cursos de Pós-Graduação e Extensão. Vamos conhecer um pouco mais do que ele pensa sobre EA, reaproveitamento, conscientização, entre outros assuntos abordados na entrevista.

Bere - Dentro da EA a questão do reaproveitamento é fundamental. Como o senhor vê essa questão?

Flavio - O reaproveitamento ou reciclagem tem em potencial um duplo efeito: por um lado, reduz a poluição e os custos, por outro, reduz a pressão sobre os recursos naturais e efeitos decorrentes de sua exploração. É pois, o caminho preferencial para a solução de problemas. Como sua implementação é intensiva em conhecimentos, sua viabilidade é dependente de uma educação adequada. A questão consiste na determinação do conteúdo pertinente e em como efetivar essa ação.

Bere - Pela sua experiência, o senhor acha que a população, de uma forma geral, está se conscientizando sobre a necessidade de mudança de atitudes frente ao meio ambiente?

Flavio - O movimento ambientalista cumpriu um papel de imensa importância quando iniciou a conscientização em massa de nossa civilização para sua insustentabilidade. A insustentabilidade se verifica em várias vertentes, mas foi a ambiental que, por sua agudeza, conseguiu dar o alarme. Se não fosse por ela, tudo prosseguiria até um colapso de grandes proporções. Acredito que o processo de conscientização teve êxito. A população já está se dando conta dos problemas, de suas causas e da necessidade de seu enfrentamento. O prosseguimento do trabalho certamente passa por divulgar os conhecimentos e dados necessários para desenvolver um senso crítico na sociedade. Se toda a população não puder ser atingida, que pelo menos o seja uma parcela que possa encarar com lucidez a barragem de argumentos de toda natureza levantados pelas partes interessadas. Argumentos esses que, embora muitas vezes incompletos, inconsistentes ou contraditórios, não podem ser avaliados sem a capacitação adequada.

Bere - Qual é, no seu ponto de vista, o maior problema ambiental da atualidade?

Flavio - Não é a poluição ambiental aguda. É a poluição generalizada, sutil, do ar, da água, dos alimentos, do ambiente eletromagnético. Também, não podemos esquecer, a poluição e a degeneração da informação. A essa última poderíamos chamar de poluição noosférica.

Bere - Fala-se muito do despreparo dos educadores em trabalhar a EA. O que poderia ser feito para minimizar essa questão?

Flavio - Acredito que realmente há esse despreparo e que é necessário fazer algo para minimizá-lo. A ação de maior efeito de alavancamento seria uma campanha de aperfeiçoamento de professores, principalmente de nível médio. Não creio na eficácia, pensando em um aumento de conscientização da população, de cursos específicos em EA, como disciplina isolada. Entendo que, para uma real conscientização, a EA deve ocorrer dentro de um contexto. Basta lembrar que a EA necessita utilizar todo um vocabulário técnico referente a questões de biologia, química, física, ecologia, etc. É impossível uma clareza conceitual sem que haja uma real compreensão das informações transmitidas. Creio que é mais viável introduzir a problemática ambiental no decorrer da aquisição dos diferentes conhecimentos específicos do que a operação inversa. Professores com conhecimentos integrados, principalmente de ciências, seriam os atores mais eficientes para a função que temos em vista. Uma apresentação integrada das vantagens e problemas da utilização de tecnologia traria o benefício de atenuar os preconceitos.

Bere - O que o senhor pensa da EA e quais as ações que seriam prioritárias em sua prática?

Flavio - Apesar do êxito que teve ao dar o alerta, o Movimento Ambientalista ficou mais concentrado na denúncia dos problemas, sem conseguir avançar tão rápido nas soluções. Isso é natural, já que as soluções têm implicações e exigem recursos de natureza financeira, política, tecnológica, de ação social, etc. Algumas ações implicam em verdadeiras revoluções e em outros não se conhece mesmo as soluções. Assim sendo, a viabilização de soluções em questões ambientais depende de uma ampla divulgação de ideias e informações em todos os níveis, desde a escola básica até os altos escalões de gerenciamento e governo. Entendo que esta é a função da EA. Não se pode esperar respostas instantâneas, é necessário prosseguir com a pressão e o esclarecimento.

Bere - Frente a questão tão controversa dos transgênicos, o que o senhor tem a dizer ?

Flavio - É um caso típico de poluição noosférica. A maioria dos que apoiam incondicionalmente a transgenia não andaria de avião se a indústria aeronáutica empregasse o mesmo tipo de critérios na adoção de inovações.

Bere - Para finalizar, deixe um recado para o público da EA em Ação:

Continuem.

Bere - Nós, Editores(as) e Colaboradores(as) da revista eletrônica EA em Ação agradecemos imensamente pela gentileza de concedernos esta entrevista. Muito Obrigada!

SOLANGE T. DE LIMA GUIMARÃES

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº9 - 30/05/2004

Entrevista com Solange T. de Lima Guimarães (Docente do Depto.de Geografia e do curso de Pós-graduação em Geografia, IGCE/UNESP, Rio Claro; coordenadora do Projeto Voluntário "OLAM - EA para a Paz"). Realizada na cobertura do evento I Encontro sobre "Percepção e Conservação Ambiental: a Interdisciplinaridade no Estudo da Paisagem", ocorrido nos dias 28, 29 e 30 de abril de 2004 na cidade de Rio Claro/SP, por Alice Gehlen Adams.

Alice - Solange, como foi que surgiu a ideia de organizar um evento com este enfoque da percepção ambiental?

Solange - Bom dia Alice, eu gostaria de agradecer sua presença e queria agradecer também a cobertura do evento, porque eu tenho certeza que está sendo uma coisa especial, tanto para mim quanto para você.

Alice - Com certeza.

Solange - A ideia de fazer acontecer um evento na área de percepção ambiental vem sendo trabalhada desde há quatro anos atrás, porque havia uma demanda, vamos dizer assim, reprimida, para que houvesse um evento desse. Por exemplo, na área acadêmica, os eventos são especializados. Nós não temos ainda uma abertura para um evento na área ambiental que trabalhe a concepção do meio ambiente, do ponto de vista sócio-ambiental e que congregasse vários profissionais. Então, nós tínhamos assim: pessoas da área de psicologia, da área da medicina, geografia, pedagogia, biologia, arquitetura, fora os outros que eu estou esquecendo, e que sempre estavam trabalhando em grupos, às vezes mais ou menos isolados, e que muitas vezes não sabiam que o vizinho estava trabalhando com aquilo; então a nossa proposta não era fazer um evento para que as pessoas estivessem vindo em número, volume, um mega-evento. A nossa proposta era colocar as pessoas que realmente estavam trabalhando com esta temática já há algum tempo, e que muitos se conheciam presencialmente, mas naquela situação de "de vez em quando". Outros se conheciam por telefone, outros ainda, como nós próprias, se conheciam através do mundo virtual.

Alice - Quantas pessoas foram inscritas para o evento?

Solange - Nós tivemos 168 inscrições, fora os palestrantes.

Alice - E qual tu achas que foi a importância da internet como ferramenta para a organização e concretização do evento?

Solange - Bom, para nós ela foi fundamental, primeiro: porque dada a limitação de recursos do evento, o modo de divulgar era restrito. Contamos muito com a internet, e aí Alice, com as redes de apoio. Então nós tivemos como rede de apoio o próprio GEAI/Grupo de EA da Internet, que a coordenadora é a Bere, e a Confraria da Coruja da Figueira em Curitiba, com o Élio Müller. Foram os dois pontos de apoio, vamos dizer, virtuais oficiais do evento.

As outras redes, todas divulgaram, então nós tivemos a divulgação na rede de ecoturismo, que o moderador é o Sergio Salvati da WWF, tivemos através do David, que é do Portal Árvore, site que hospeda a revista eletrônica EA em Ação. Basicamente, a divulgação do evento foi feita pela internet. Eu não diria única e exclusivamente, porque aqui no estado de São Paulo nós divulgamos através de folders, mas a ferramenta fundamental foi a internet.

Então como eu avaliaria isso? Nós estamos hoje no terceiro dia, que é o último dia do evento. Parece que a internet funcionou, não só do ponto de vista da divulgação formal do evento, mas parece que ela conseguiu, eu diria, passar um espírito de afinidade, porque você viu e presenciou que todas as pessoas inscritas parecem estar na mesma ressonância.

Alice - De certa forma já se conhecem, ou já tinham ouvido falar umas das outras.

Solange - Justo, e quando elas não se conheciam, elas tinham identidade e afinidades muito semelhantes, então isso foi assim, eu acho que era como se nós tivéssemos uma marca registrada, foi como eu disse: no primeiro dia era o desejo de criar pontes, no último dia a certeza.

Alice - É verdade, e tem também pessoas do Brasil inteiro não é? A gente vê pessoas da Bahia, Amazonas, então, vários Estados do Brasil presentes e isso confirma a força da internet também, não é?

Solange - Nós tivemos pessoas do Norte, vamos dizer, o mais longe do Norte: Manaus. Tivemos do Sul... o Sul principalmente, através de dois estados: Paraná e Rio Grande do Sul. Aliás, as duas regiões que tiveram maiores inscritos, em primeiro lugar foi o Sul, e depois o Sudeste - Minas Gerais e São Paulo. São Paulo era de se esperar, mas o número de inscritos da região Sul foi maior que do Sudeste.

Alice - Que interessante! E como tu te sentes conhecendo pessoalmente pessoas que tu conhecias somente pela rede, ou telefone? É uma gratificação também, não é?

Solange - Não é só um gratificação, eu definiria como um encantamento, uma envolvimento. Porque ontem nós estávamos conversando, e o Marcelo que é do Rio de Janeiro, da FIOCRUZ falou assim pra mim: "Sabe Sol, eu já era fã da rede, de você, da Berenice, de várias pessoas que estão aí no evento, mas às vezes eu ficava imaginando como vocês seriam ao vivo e a cores". Ele brincou, e a expectativa foi muito boa, pois ele falou: "Foi melhor do que eu poderia ter imaginado".

Então eu poderia usar a mesma alegria do Marcelo e dizer: conhecer pessoas que eu conhecia pela internet, e que já havia, graças a relação pessoal, a relação profissional, criado um vínculo, que até era forte porque já havia troca de trabalhos, publicação de artigos em conjunto, capítulos, enfim, já havia trabalho produtivo, embora a gente não se conhecesse olho no olho.

Agora, por exemplo, aumentou o que eu senti, com esse contato pessoal. Houve um caminho, então, por exemplo: o grupo de São Carlos, que é coordenado pelo professor Matheus (nosso Matheusinho, né?) ele acabou ficando muito próximo agora da rede. O Matheus tinha uma rede, a Berenice tem outra rede, o Marcelo no Rio outra, o Matarezzi outra, e a Esmeralda e o Euler têm outra.

O que eu vi: a necessidade de juntar, e a junção de fato. Por exemplo, ontem foi muito gostoso que nesses encontros virtuais, agora presenciais, saiu uma proposta de trabalho em rede, então a professora Esmeralda já conversou com o Euler, com o Matarezzi, com a Berenice e com os outros que aí estiveram circulando, e já se criou uma proposta de formar realmente um grupo, congregado por gente de perto e gente de longe, que graças a internet fica todo mundo produzindo. Nesse evento, o que foi ruim no início acabou se tornando bom no final. Ele foi feito sem o apoio

institucional, conseqüentemente, ele não possuía aquelas obrigatroriedades formais; se ele estivesse vinculado a uma instituição teria que ter, não teve.

Isto que representou, restrições muito sérias para a gente no início, parece que abriu outras portas, porque eu pude sentir, pude ouvir, e pude contatar pessoas que estão procurando outros caminhos para fazer a coisa acontecer, dar certo, que não sejam os caminhos tradicionais da academia.

Então eu acho que isso, Alice, foi um ganho muito grande, e o fato de que, olha eu sou professora de universidade, mas fazia muito tempo que não via essa ponte tão tranquila sem necessidade de mostrar olha, "- eu sou a professora doutora tal...", para conversar com outro que está começando agora...

Então nós tivemos um diálogo muito fluente, sem contradições, mas apresentando sim os contratempos, mas com fluência e uma acessibilidade muito boa.

Professores titulares dialogando com alunos da graduação, com pesquisadores de instituições públicas, privadas, de pesquisa, sem uma necessidade de superioridades acadêmicas, mas criando profundas redes de trabalho efetivo. Então isso para mim foi efetivo: foi o nosso ganho maior. Foi realmente uma abertura de portais, que eu vou ser franca pra você, eu sonhei, mas não acreditava que tivesse a possibilidade de acontecer nesse momento. E fico feliz que tenha acontecido.

Alice - Que bom então, tudo foi concretizado, tudo deu certo, te desejo muito sucesso, muito obrigada pela colaboração. Foi muito importante a minha vinda e poder cobrir este evento, obrigada.

Solange - Eu é que queria agradecer o carinho, a cobertura do evento e mais, te dizer que acredite sempre no teu sonho. Você é bem mais novinha que eu, tem idade para ser minha filha, mas eu vou te dizer, acredita no teu sonho. Eu levei um pouco de tempo para acreditar que ele poderia se realizar, mas hoje está se realizando. www.olam.com.br

ALEXANDRA GOBATTO

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº9 - 29/05/2004

Apresentação: Quando participei do I Encontro sobre "Percepção e Conservação Ambiental: a Interdisciplinaridade no Estudo da Paisagem" realizado nos dias 28, 29 e 30 de abril de 2004, na cidade de Rio Claro, em São Paulo, tive o prazer de conhecer uma das leitoras da nossa querida revista eletrônica EA em Ação: a Alexandra Gobatto (Bióloga, doutora em Biologia Vegetal, área de ecologia da reprodução de plantas. Foi professora de Sistemática Vegetal e Ecologia na UNESP, Campus de Assis por 11 anos e atua há 2 anos no Núcleo de EA do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em projetos de EA voltados a conservação). Na ocasião, aproveitei para lhe fazer o convite de ser nossa entrevistada desta edição comemorativa, e, para nossa alegria pelo seu aceite, apresentamos as questões que foram lançadas a ela sobre as impressões de uma leitora desta revista.

Bere - Alexandra, conte-nos um pouco sobre o trabalho que você desenvolve:

Alexandra - Desenvolvo trabalho junto ao Núcleo de EA do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que a partir da utilização de elementos do arboreto elabora e desenvolve projetos e atividades voltados a estimular a mudança de comportamentos e atitudes frente às questões ambientais. A partir de fundamentos de ecologia, procuro utilizar alguns conceitos na aplicação de estratégias e metodologias educacionais voltados à conservação dos recursos naturais, especialmente da flora.

Bere - Como foi que você tomou conhecimento da revista eletrônica EA em Ação?

Alexandra - Tomei conhecimento através de um grupo de discussão em EA da internet.

Bere - Qual é a sua impressão sobre esta revista em relação ao formato e conteúdo?

Alexandra - A revista tem como característica marcante a facilidade em explorá-la! Tudo é muito visível, você vai direto ao assunto que está no momento interessado ou, ao contrário, dando uma rápida passada de olhos você fica logo sabendo todo o conteúdo daquele número.

Bere - Você concorda que há uma carência de material destinado aos educadores interessados pela EA?

Alexandra - Eu acho que não existe carência em termos de quantidade, mas sim em termos de qualidade e de critérios na elaboração desses materiais. O que existe também é que eles são encontrados espalhados, portanto, não existem muitas revistas específicas - e falando em termos globais - que reúna e facilite o acesso à informação, como ocorre em outras áreas das ciências de forma geral.

Bere - Efetivamente qual é a importância da revista para o seu trabalho?

Alexandra - O NEA atende demandas variadas, desde aquelas que ocorrem regularmente como é o caso do nosso Roteiro Básico, que é um treinamento para professores de ensinos fundamental e médio, e que faz parte do Projeto "Conhecendo o nosso Jardim", como atua também em outros projetos, como de coleta seletiva de resíduos sólidos, elaboração de novos roteiros, sensibilização para o consumo racional de energia elétrica, cursos de especialização e capacitação, datas comemorativas, etc. Portanto, essa revista tem sido muito consultada pela equipe, perante a multiplicidade e riqueza do seu conteúdo e caráter informativo, sempre oferecendo material para diferentes abordagens e aplicações que podem servir de fonte de ideias e/ou referências.

Bere - O que mais lhe chama a atenção na revista EA em Ação?

Alexandra - O primeiro impacto é sobre o visual e estruturação, a página é agradavelmente colorida, funcional e os tópicos são bem distribuídos e de fácil visualização. E, como já enfatizei acima, o que me chama a atenção é a variedade de assuntos abordados que nos remetem a diferentes áreas e aprofundamentos.

Bere - Você acha que a internet colabora para ações efetivas de EA?

Alexandra - Em relação a ações efetivas não saberia dizer. O que penso é que a internet é hoje uma ferramenta de valor inquestionável para a difusão do conhecimento e comunicação em massa, como por exemplo o ensino à distância, e que, uma vez apropriada para esse fim, com certeza poderemos de modo organizado alavancar nossos projetos e ideias de forma concreta e eficaz.

Bere - Deixe uma mensagem para os demais leitores da nossa revista:

Alexandra - Minha mensagem é um trecho da bela música "O Sal da Terra" de Beto Guedes e Ronaldo Bastos "...Vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois, pra melhor juntar as nossas forças é só repartir melhor o pão, recriar o paraíso agora, para merecer quem vem depois. Deixa nascer o amor, deixa fluir o amor". Obrigada e parabéns pela revista.

Bere - Nós, Editores(as) e Colaboradores(as) da revista eletrônica EA em Ação agradecemos imensamente pela gentileza de conceder-nos esta entrevista. Muito Obrigada!

PATRICIA MOUSINHO

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº10 - 13/09/2004

Apresentação: Patrícia Mousinho é Bióloga (UFRJ), pós-graduada em Planejamento e Gerenciamento Ambiental (UERJ), Mestre em Ciência da Informação (UFRJ). Especialista em Informação, Comunicação e EA, com experiência em empresas, academia e sociedade civil organizada. Atua há 9 anos na ONG Ecomarapendi nas áreas de EA, conservação, resíduos sólidos, comunicação de risco e indicadores de sustentabilidade. Fundadora e facilitadora da Rede de EA do Rio de Janeiro (REARJ) e Facilitadora da Rede Brasileira de EA (Rebea), é umas das responsáveis pela coordenação do V Fórum Brasileiro de EA. O V Fórum Brasileiro de EA, que acontecerá de 3 e 6 de novembro deste ano (2004), na cidade de Goiânia (Goiás), é um importante evento que se configura como o maior espaço presencial no Brasil para a disseminação, discussão e troca de experiências sobre EA.

Bere - Patrícia, conte-nos um pouco do histórico do Fórum Brasileiro de EA, como surgiu, quem foram os idealizadores e sua periodicidade:

Patrícia - Os Fóruns de EA nasceram em São Paulo nos anos 1990. Já em sua terceira edição, realizada em 1994, percebia-se claramente sua vocação como ponto de encontro dos educadores ambientais de todo o país. A mobilização gerada pelos fóruns de EA havia alcançado abrangência nacional e, num processo natural, eles deixaram sua característica regional para se transformarem em fóruns Brasileiros de EA.

Com o objetivo de consolidar e ampliar os Fóruns, optou-se que passassem a ser realizados fora do estado de São Paulo e sob a coordenação da Rede Brasileira de EA (Rebea). Em 1997 aconteceram, então, na cidade de Guarapari (Espírito Santo), o IV Fórum de EA e o I Encontro da Rede Brasileira de EA, marcando um momento importante na consolidação da Rebea.

A decisão de realizar o V Fórum Brasileiro de EA veio em 27 de outubro de 2003, numa reunião da Facilitação Nacional da Rebea, com a definição do apoio do Órgão Gestor da Política Nacional de EA (Diretoria de EA do Ministério do Meio Ambiente - DEA/MMA - e Coordenação de EA do Ministério da Educação - COEA/MEC) ao evento. Optamos por realizar o V Fórum numa cidade central no país, de modo a facilitar o acesso de pessoas vindas de diferentes regiões, e a cidade de Goiânia despontou como uma excelente alternativa.

Bere - Como você se sente coordenando um evento deste porte?

Patrícia - Na verdade eu não me sinto coordenando o V Fórum, sinto-me como mais um elo das redes, mais uma pessoa envolvida na construção do V Fórum, ajudando a tecer estes fios. É uma tarefa ao mesmo tempo encantadora e assustadora... as dimensões do evento são gigantescas, a expectativa crescente... e a responsabilidade igualmente grande!

Bere - Quantas pessoas estão envolvidas na organização e qual é a expectativa de público para este evento?

Patrícia - O V Fórum está sendo construído, desde o início, de forma coletiva. É um trabalho muito bonito, feitos a tantas mentes e mãos... um processo complicado, sem dúvida, com muitas idas-e-vindas, mas verdadeiramente de tod@s. A Rebea hoje é uma rede de redes, a quantidade de pessoas e instituições de todo o Brasil envolvidas é difícil de calcular.

Esperamos reunir de 4 a 5 mil pessoas no V Fórum. Já faz sete anos que aconteceu o IV Fórum, onde estiveram presentes mais de 2 mil pessoas. A lacuna criada fez com que os encontros regionais recebessem, nos últimos anos, um grande número de educadores ambientais de todo o país, o que nos levou a esta projeção.

E o V Fórum foi construído numa visão de diversidade – diversidade de atividades, de públicos. Nosso objetivo é proporcionar aos educadores ambientais do Brasil espaços de convivência para diálogos e trocas e oferecer espaço para apresentação de pesquisas, vivências e experiências em EA, além de convidar novos sujeitos sociais à participação na EA. Estamos oferecendo aos participantes conferências, mesas-redondas, minicursos e oficinas, Grupos de Trabalho, homenagens a nomes que marcaram o ambientalismo brasileiro, testemunhos de riquíssimas trajetórias na EA, encontros paralelos, Trilha da Vida, Feira de Trocas, exposições, shows, etc. Teremos ainda quase mil painéis, expostos durante todo o evento, de autores das mais variadas regiões do país. Para que se tenha uma dimensão das proporções do V Fórum, vamos ocupar uma área de 2 mil metros quadrados.

Bere - Quais são os eixos temáticos e a principal abordagem do evento?

Patrícia - O V Fórum é norteado por três eixos temáticos: a Política Nacional de EA, a Formação d@ Educador@ Ambiental e as Redes Sociais de EA.

Temos há alguns anos uma Política Nacional de EA, e já é hora de ouvir a população sobre o que isto tem representado na prática. Temos hoje, também, um Programa Nacional de EA, aberto este ano à consulta pública pela população. Entendemos que o V Fórum seria um bom espaço para discutir, contribuindo para uma avaliação e fortalecimento da Política Nacional de EA: Programa Nacional de EA (ProNEA), Sistema Brasileiro de Informação em EA (Sibea), e outros.

A formação d@ educador@ ambiental, por sua vez, é uma questão que desponta como uma das grandes prioridades para que a EA em si possa caminhar em direção às suas metas. Reconhecemos o papel da EA na transformação da sociedade, e é fundamental que estejamos atentos à formação dos atores que estarão envolvidos nesta empreitada.

O terceiro eixo retrata diretamente o papel das redes na construção de sociedades sustentáveis com responsabilidade da inclusão social e da proteção ambiental. O V Fórum é um evento da Rebea, e abriga em sua programação um Encontro da Rebea, durante o qual será possível conhecer o resultado de projetos que revelaram o estado da arte da EA em algumas regiões do Brasil. O V Fórum também oferece uma preciosa oportunidade de estar em contato com as pessoas que hoje formam as redes, numa atividade permanente à qual denominamos Conversando com as Redes.

Bere - Como estão organizados os mini-cursos e oficinas?

Patrícia - Muitas pessoas vão aos eventos em busca de formação e informação. Querem se capacitar em novos temas, e costumam encontrar nos congressos oportunidade para tal. Por esta razão, decidimos oferecer um vasto repertório de minicursos e oficinas aos participantes do V Fórum. Havíamos pensado, inicialmente, em cerca de 50 atividades. A quantidade de propostas de minicursos e oficinas encaminhadas à organização do V Fórum, porém, superou nossas expectativas: totalizaram mais de 100 atividades. Num grande exercício de inclusão e flexibilidade,

conseguimos viabilizar a oferta de 50 minicursos e 27 oficinas, com temas que incluem as mais variadas interfaces da EA.

Bere - A EA ainda é um tema que gera inúmeras dúvidas, principalmente em relação às práticas educativas escolares. Percebemos que muitos professores não estão "capacitados" ou preparados para trabalharem a EA nos espaços escolares. Neste sentido, qual é a contribuição deste Fórum em relação à inserção da EA na rotina escolar?

Patrícia - A ênfase na formação d@ educador@ ambiental, e sua eleição com um dos eixos temáticos do V Fórum, deixam clara a importância que damos a este aspecto. Ao tema serão dedicadas uma conferência e uma mesa-redonda, e o debate marcará presença ainda em Grupos de Trabalho, minicursos e painéis. Não é fácil trabalhar a EA nos espaços escolares, é muito comum cair em armadilhas. A EA em escolas muitas vezes tende a seguir um mesmo padrão, a se enquadrar em modelos pré-estabelecidos. Os próprios educador@s muitas vezes buscam fórmulas, receitas, roteiros para trabalhar a EA nas escolas. Investir na sua formação é fundamental para que a EA possa ser trabalhada nos espaços escolares em toda sua plenitude, numa visão crítica e emancipatória. Reconhecendo as dificuldades de trabalhar um tema transversal nas estruturas de ensino hoje existentes, mas cientes de que este é o desafio que precisamos encarar para fazer nas escolas uma EA que de fato trabalhe para uma transformação da sociedade.

Bere - Em relação à Internet, qual é a sua importância para o trabalho das Redes de EA?

Patrícia - Nada substitui os encontros chamados presenciais. Porém, a Internet é hoje, inegavelmente, uma ferramenta fundamental para as redes de EA. É através da Internet que os elos das Redes se mantêm em constante conexão. A Internet oferece alternativas para que possamos trocar informações, materiais, conversar, fazer reuniões, etc etc etc. Tem se mostrado também um importante espaço de mobilização, para o que podemos chamar de ciberativismo. As questões ganham publicidade rapidamente, são disseminadas numa velocidade incrível, e é possível reagir, cobrar providências, de forma ágil e articulada.

A comunicação via Internet tem problemas, é claro. As dificuldades de acesso a equipamentos e provedores, assim como a má qualidade das conexões, são citados de forma recorrente como criadores de uma nova classe de excluídos. A saída porém não é negar a Internet, mas trabalhar a criação de uma cultura digital, buscar caminhos para a inclusão digital, de modo a compartilhar os benefícios que ela oferece.

Outro problema é que somos crianças aprendendo a dar os primeiros passos nessa forma de comunicação, e volta e meia os diálogos são truncados.... os ruídos na comunicação são muitos! Há quem diga o que quer, por se sentir totalmente livre para tal, escondido atrás da telinha do computador, e acabe passando dos limites da civilidade... mas há, de modo geral, uma grande inexperiência nossa, que leva a interpretações equivocadas e acaba gerando conflitos onde na verdade havia consenso... Faltam os olhares, os gestos, a entonação. E eu tenho encarado esta realidade como uma ótima oportunidade para aprender a escolher as palavras, buscar sempre a máxima clareza, o tom mais adequado. É um grande aprendizado para lidar com as diferenças, para respeitar o outr@ - e saber lidar com as diferenças é essencial para a vida em Rede...

Bere - Onde as pessoas podem encontrar maiores informações sobre o V Fórum Brasileiro de EA?

Patrícia - Para obter mais informações sobre o V Fórum, e também para fazer as inscrições, basta visitar:

<http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/vforum/index.cfm> .

Ao preencher o formulário de inscrição é possível optar por minicursos e oficinas, já incluídas no preço da inscrição, que é simbólico frente às dimensões do evento. No site há também informações sobre opções de hospedagem, sobre a cidade de Goiânia, até mesmo plantas do Centro de Convenções. A programação está lá em detalhes, e o site é atualizado permanentemente.

Bere - Aproveite para deixar uma mensagem para os/as leitores/as da revista eletrônica EA em Ação:

Patrícia - Não é fácil construir um evento como o V Fórum Brasileiro de EA, menos ainda da forma como o estamos fazendo. Mas embora acidentado, é um percurso seguramente verdadeiro, é legítimo. O V Fórum é uma concretização dos nossos anseios, das nossas demandas. É um espaço de trocas, de convivência. Oportunidade para pensarmos junt@s, crescermos junt@s.

Falar é fácil, criticar é fácil. Difícil é fazer, contribuir, ser propositiv@. A mensagem que gostaria de deixar é esta: sejamos propositiv@s. Porque pouco avançamos se ficarmos apenas no diagnóstico do problema, concentrados no que existe de errado, afundando entre queixas e reclamações. Não se caminha, não se constrói deste modo. É preciso levantar os olhos em busca de soluções. Porque elas estarão lá, em algum lugar. E nós seguiremos adiante. Com leveza, com alegria. É o que merecemos.

Bere - Patrícia, nós agradecemos pela sua valiosa participação nesta edição da EA em Ação. Muito obrigada!

VIVIANNE AMARAL

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº10 - 12/09/2004

Apresentação: Nossa entrevistada desta edição é Vivianne Amaral, jornalista, educadora do Centro Ecoar de Educação para a Sustentabilidade, em São Paulo e facilitadora da REBEA, da qual foi secretária executiva no período de 1999 até agosto de 2004. Trabalha com consultora na animação e criação de redes sociais. Vamos conhecer mais este trabalho que tem sido fundamental para o fortalecimento da EA do nosso país.

Bere - O trabalho em rede é uma excelente alternativa para a concretização e articulação de ações envolvendo grupos de distintos lugares. Você vem trabalhando a EA dentro do contexto de rede, há muito tempo, através da REBEA. Para começar nossa entrevista, gostaria que você definisse em poucas palavras: o que é um trabalho em rede?

Vivianne - Atualmente minha definição preferida para o trabalho em rede é a que Fritjof Capra apresenta em Conexões Ocultas: "Redes sociais são redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais e as relações de poder". Gosto dela porque traz todos os elementos da rede social: o processo de comunicação como fator central, a questão dos aportes culturais e de significados que cada membro traz para rede e que constituem suas possibilidades e ao mesmo tempo os seus limites e a questão da política (relações de poder). De uma maneira mais simples podemos dizer que uma rede é uma comunidade articulada em prol de interesses comuns, definidos conjuntamente e que tem no processo de comunicação o seu eixo articulador. A questão da comunicação é central na rede.

Bere - Vivianne, conte-nos um pouco da história da REBEA: como surgiu, como vem desenvolvendo seus trabalhos e como ela está hoje.

Vivianne - A REBEA surge no ambiente da Eco 92 e dos Fóruns Paulistas de EA. Em 97 organiza IV Fórum de EA em Guarapari, e é a partir de 99 que assumo a secretária. Temos poucos registros anteriores a esta data. Atuando na secretária trabalhei para ampliar a facilitação nacional, adequando o perfil da Rede às mudanças que estavam acontecendo com inúmeras redes de EA sendo criadas pelo Brasil, e neste processo a REBEA assumiu um perfil mais virtual que presencial, sendo responsável pela articulação nacional de diversas redes. Temos o site, um boletim eletrônico, duas listas de discussão, uma aberta e outra fechada para gestão. Hoje a REBEA é um coletivo de 17 redes de EA articuladas numa ação coordenada por meio de uma gerência compartilhada via Internet. Na reunião da Facilitação em 2003 definimos uma agenda comum de trabalho, como referência para nossas ações autônomas. O Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global é nossa carta de princípios. A Carta da Terra é nossa referência de valores. Criamos também, como uma estratégia de horizontalização, diversos Gts temáticos, que espero sejam futuramente centros de iniciativa na rede, gerando conhecimento e ações. Com os recursos do edital 007/2001 do FNMA, 5 redes tiveram recursos durante 18 meses, o que impulsionou muito o processo coletivo. Atualmente, o esforço maior está na organização do V Fórum, com inúmeros pré-fóruns sendo realizados pelas redes estaduais.

Bere - A missão da REBEA "é promover um amplo debate sobre os caminhos da EA no Brasil, apontando prioridades, métodos, técnicas, público alvo e estratégias de fortalecimento da atuação dos educadores ambientais". Como você percebe a atuação da REBEA em relação a sua missão, aos seus objetivos, e quais as maiores dificuldades que enfrenta no desenvolvimento deste trabalho?

Vivianne - Quando vejo os objetivos e analiso a atuação da rede percebo que eles estão bem internalizados e norteiam as nossas ações. Temos realizado inúmeras ações de apoio a implantação da Política Nacional de EA, desde a participação em sua regulamentação. Os diagnósticos de EA que foram realizados no âmbito dos projetos do FNMA e que serão apresentada no V Fórum serão uma importante contribuição para o desenvolvimento de uma Política de EA mais afinada com as reais demandas de cada estado. A REBEA estará apresentando uma leitura destes 4 diagnósticos. A Isabel de Carvalho está responsável por esta análise. Atualmente os maiores problemas enfrentados são a captação de recursos financeiros para dar continuidade ao trabalho iniciado durante o projeto Tecendo Cidadania, pois sem recurso é difícil ter profissionais trabalhando. Em relação aos objetivos ligados a política o desafio é não ficarmos a mênção do agendamento do Governo. Para que isso não aconteça temos que ter propostas próprias e uma visão bem clara do que queremos em relação a diversas questões. Os Gts certamente serão um ponto forte neste processo de garantir a autonomia. Manter uma relação crítica com o Governo é um desafio, pois tanto a Coordenadoria de EA do MEC quanto a DEIA do MMA tem tido diversas iniciativas mobilizadoras desde as Conferências, o Pronea, o enraizamento, o Vamos cuidar do Brasil (processo de formação dos professores e jovens), as Comissões Interinstitucionais estaduais. Todas importantes e necessárias, mas que sempre envolvem muito esforço voluntário das redes e movimentos sociais. Em cada lugar sempre são poucas as pessoas e poucos os recursos, então é importante avaliar o engajamento de forma mais crítica e estratégica.

- Qual o relacionamento da REBEA com as demais redes estaduais?

Vivianne - Hoje a REBEA é o resultado da articulação das redes estaduais que a constituem, não existe sem elas. Foi uma concepção que fomos construindo na secretaria executiva e que deu certo na prática. É característica do padrão organizacional rede a insubordinação, ou seja, as relações entre os elementos do sistema não são de subordinação. A ação da Rede é no sentido de empoderar cada participante, estimulando a autonomia, o surgimento de lideranças e novas redes. Eu vejo a Facilitação Nacional da REBEA como uma comunidade de aprendizagem do fazer redes, um laboratório de lideranças. A REBEA pelo seu perfil de abrangência nacional, de articulação e de informação segmentada sobre EA acaba sendo muito virtual. Toda a operação da REBEA era (quando eu estava na secretaria) virtual. Em todo este tempo de trabalho fizemos apenas duas reuniões presenciais reunindo a facilitação: uma em 2000, no Rio e a outra em 2003, em São Paulo. O presencial da REBEA são as redes estaduais. Eu satisfaço minha carência de presencial participando da REPEA. Algumas pessoas têm dificuldade com a virtualidade da rede, muitos acham que dizer que a REBEA é virtual fragiliza, diminui a rede. No entanto o virtual (o ciberespaço) é um campo cada vez mais forte da vida social e cultural, desde a Internet. Não reconhecer isto é estar na contramão da história. Na verdade a REBEA é virtual/presencial, mas opera de forma virtual. E a falta de acesso não é um problema da tecnologia, mas da sociedade, que é desigual, não inclusiva. É por isso que a inclusão digital está colocada na agenda comum da REBEA, pois precisamos avançar muito nessa questão. Um grande problema atualmente é que rede é moda, o que gera muitos equívocos. Redes não substituem as instituições e são mais viáveis num contexto já existente de parcerias e com alguma complexidade política. O padrão tem limites e não serve para tudo.

Bere - Como as pessoas interessadas pela EA podem participar da REBEA?

Vivianne - Basta enviarem o cadastro que está disponível no site, no endereço:
<http://www.rebea.org.br/cadastro.php>

Bere - A REBEA conta com um excelente site na Internet. Conte-nos um pouco sobre a criação e manutenção do <http://www.rebea.org.br>

Vivianne - O site inicial foi criado pelo Antonio Fernando Guerra, que na época era da Reabri, a RESul ainda não existia. Com o recurso do projeto Tecendo Cidadania, fiz uma reformulação e montei uma equipe de jornalistas (eu, Debora Olivato e Rosi Cheque) para produzirmos conteúdo. Até hoje ele está hospedado no servidor da Univali, que é nossa parceira, desde o projeto Tecendo Cidadania. O objetivo do site é dar visibilidade ao que se faz de EA no Brasil, pois nossas ações não são pauta para imprensa. Raramente publicamos matérias prontas, praticamente todas as nossa matérias são produzidas. Outra função do site é ser um grande arquivo, banco de dados sobre a REBEA, suprimdo uma necessidade de registro que tínhamos. Também facilita a transparência: as informações sobre o projeto Tecendo Cidadania e sobre as atividades da Rede estão lá, acessíveis. O Núcleo de Conteúdo está sediado no Instituto Ecoar. Gostaria muito de fazer nova reformulação no site, tornando ele interativo, acho ele já superado em função da dinâmica atual da rede.

Bere - Deixe uma mensagem para os leitores da EA em Ação:

Vivianne - Vou trazer a recomendação da reunião da Facilitação Nacional, em outubro de 2003: "Trabalhar, no âmbito das redes, a incorporação dos princípios da EA nas práticas pessoais dos educadores ambientais". Acredito que, para todos nós que já temos a informação e o conhecimento sobre a crise ecológica, o grande desafio é a coerência cotidiana.

Bere - Vivianne, nós agradecemos pela sua valiosa participação nesta edição da EA em Ação. Os Editores, colaboradores e leitores agradecem.

Vivianne - Bere, eu agradeço a oportunidade e aproveito para parabenizar toda a equipe da revista pelo excelente trabalho que vem desenvolvendo.

ENTREVISTA COM COLABORADORES DA REVISTA:

MONICA SHOCRON,
ANA CRISTINA VILLAÇA,
MARINA STRACHMAN,
ANAMARIA STRANZ,
SANDRA BARBOSA,
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO,
JULIO TREVISAN E BERENICE GEHLEN ADAMS.

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº11 - 13/12/2004

A entrevista desta edição é coletiva, e foi feita com alguns membros da equipe da Revista Virtual EA em Ação. Eles são: Monica Shocron, Ana Cristina Villaça, Marina Strachman, Anamaria Stranz, Sandra Barbosa, Cláudia Mariza Mattos Brandão, Julio Trevisan e Berenice Gehlen Adams. Assim, você ficará sabendo como é que cada um de nós se sente ao realizar este trabalho.

MONICA SHOCRON

Nossa primeira entrevistada é **Monica Shocron**, que reside em Buenos Aires - Argentina, e atua como Educadora - Diretora do projeto educativo "Sementes para a vida".

Bere - Qual é a sua área de atuação e como surgiu o interesse pela EA?

Mônica - Mi área de actuación es el ámbito educativo en sentido amplio. La educación ambiental forma parte del Proyecto Educativo "Semillas para la Vida", así como de las actividades de capacitación para docentes, alumnos y miembros de la comunidad en general.

Mi interés en la educación ambiental surgió de mi vida diaria y de la actividad profesional cotidiana como educadora, considerando al ser humano como individuo y como parte de la Totalidad, como así también, en aquellas áreas vinculadas a la salud. En la búsqueda de comprender el funcionamiento de la Vida y del Universo, todo lo referente al medio ambiente comenzó a ser parte también de mi proyecto de vida personal y social.

Bere - Como você chegou ao GEAI?

Monica - Por una propuesta de Sol y Bere para participapr en el área de Educación.

Bere - Você faz parte da equipe da revista eletrônica EA em Ação. O que significa isso para você?

Monica - Ser parte del equipo de la Revista, participar activamente en ella me permite compartir con todos nosotros y con los lectores reflexiones, preguntas, respuestas, propuestas y acciones. Siento que es un intercambio continuo que enriquece mi vida. Participar me permite conocer visiones compartidas y visiones diferentes; me inspira, me guía en la búsqueda de nuevas alternativas y experiencias. Escribir para la revista me produce placer, siento que puedo dejar salir la voz de mi alma y compartir con otros, vivencias, sentimientos, pensamientos y acciones. Escribir sobre temas relacionados en sentido amplio al medio ambiente, genera en mi una actitud consciente al observar, escuchar, sentir y producir.

Bere - Como você vê o desenvolvimento do trabalho da revista, tendo em vista este ser realizado virtualmente?

Monica - Para mi es una experiencia totalmente nueva y disfruto participar en ella; asi también, del ir y venir de nuestras comunicaciones, de nuestro sentido del humor y de la buena disposición y solidaridad de los miembros del equipo. Siento que crece entre nosotros una gran amistad, una hermandad que trasciende nuestra cercanía física, por cuanto vivimos en diferentes ciudades y algunos, en otro país; es decir, trasciende las fronteras geográficas y nos acerca desde el corazón.

Siento que podemos crecer juntos y que nuestras energías se potencian al compartir este proyecto.

Bere - Quais são as maiores dificuldades enfrentadas ao realizar este trabalho?

Monica - A veces, el tiempo disponible para sentarme frente a la computadora y cumplir con los plazos. Pero este es un tema que estoy procurando resolver re-organizando mis tiempos de escribir de un modo diferente. Espero lograrlo.

Bere - O que, para você, é mais significativo na produção da EA em Ação?

Monica - La responsabilidad con la que llevamos adelante el trabajo cada uno; la autoreflexión que se sostiene a lo largo del tiempo de quienes participamos en este emprendimiento; la solidaridad y la cooperación de quienes dedican su tiempo al armado de cada edición.

Bere - Deixe uma mensagem sobre o que você pensa e sente realizando este trabalho.

Monica - Lo primero que hago ante la propuesta de cada edición, antes de sentarme frente a la pantalla y dejar que mis dedos se deslicen por el teclado, es caminar por algún parque y buscar la naturaleza como guía de mi inspiración; sólo después de "hablar" con ella, puedo seguir la rutina de comunicarme con los demás, escribiendo. Luego, voy hacia adentro de mi misma y procuro expandir mis sentidos al máximo para percibir lo que tengo para dar en cada oportunidad. Es como entrenamiento interno, un juego cósmico que me pone en acción y me permite compartir sentimientos, pensamientos, reflexiones y propuestas.

ANA CRISTINA VILLAÇA

Nossa segunda entrevistada é Ana Cristina Villaça, que mora – no Rio de Janeiro e atua em projetos de arquitetura e urbanismo; é pesquisadora associada do Climageo/UFRJ desde 2000, onde atua como Educadora ambiental em projetos de capacitação.

Bere - Qual é a sua área de atuação e como surgiu o interesse pela EA?

Ana Cristina - Meu envolvimento com a EA surgiu quando fui conselheira do CREA-RJ e fui designada pela Comissão de Meio Ambiente desta entidade para ajudar na organização do V Seminário de EA, no Instituto Militar de Engenharia (RJ), em 1998. Pude perceber que o enfoque transdisciplinar é a solução de muitos problemas urbanos (minha área). O que se procura resolver através de leis e decreto, de forma não legitimada, pela imposição de normas, pode ser conseguido de maneira mais eficaz e sustentável através das mudanças de comportamento conseguidas através da EA

Bere - Como você chegou ao GEAI?

Ana Cristina - Através do Gil Portugal, na época conselheiro do CREA-RJ, que me indicou o site.

Bere - Você faz parte da equipe da revista eletrônica EA em Ação. O que significa isso para você?

Ana Cristina - Logo no início da idealização da revista, eu me ofereci para ajudar na sua composição, mas acabei não conseguindo me dedicar a isto como achava que iria ser. Talvez pela falta de disciplina em escrever, falta de tempo ou receio pela exposição que uma revista promove. Felizmente, a equipe é empenhada e o tempo tratou de consolidar este lindo trabalho.

Bere - Como você vê o desenvolvimento do trabalho da revista, tendo em vista este ser realizado virtualmente?

Ana Cristina - Acho maravilhoso o fato de pessoas se encontrarem virtualmente e de estarem comprometidas com a realização deste trabalho. É algo comovente, porque isto é difícil até mesmo em grupos presenciais. Aprendi e aprendo muito aqui, todos os dias, mesmo sendo mais leitora que escritora desta lista (GEAI) e da revista. A cumplicidade que observo aqui, não vejo nem presencialmente, nas equipes que conheço.

Ainda pretendo colaborar de forma mais regular, seja enviando artigos para apreciação da comissão editorial, dinâmicas, ou curiosidades. Atualmente estou responsável por atualizar o calendário de eventos e fazer revisões em alguns textos.

Bere - Quais são as maiores dificuldades enfrentadas ao realizar este trabalho?

Tenho que me disciplinar para produzir e enviar material com regularidade.

Bere - O que, para você, é mais significativo na produção da EA em Ação?

Ana Cristina - Como já disse, é a responsabilidade e o compromisso das pessoas com este projeto e da cumplicidade de umas com as outras.

Bere - Deixe uma mensagem sobre o que você pensa e sente realizando este trabalho.

Ana Cristina - Vou usar uma frase que circulou no rodapé das mensagens da lista do GEAI neste ano: "A mente que se expande, jamais volta ao seu tamanho original" Einstein.

MARINA STRACHMAN

Nossa terceira entrevistada é Marina Strachman, que mora em Campinas- SP e atua como Ambientalista, em fase de defesa de mestrado.

Bere - Qual é a sua área de atuação e como surgiu o interesse pela EA?

Marina - Minha atuação é por enquanto esporádica, quando tenho a oportunidade de ministrar algum curso ou participar de mesas quando convidada.

Estou em fase de conclusão e dissertação de mestrado em meio ambiente e desenvolvimento regional, em que pesquiso duas comunidades de assentados da região de Araraquara-SP.

Meu interesse em EA surgiu realmente no curso de especialização da USP em EA, do qual participei em 2001, onde tive a oportunidade de conhecer variadas formas de interpretação e óticas diferentes sobre o ambiente. Isto se deu por que neste curso pude ter acesso ao conhecimento e à experiência de diversos profissionais da área, como Marcos Reigota, Marcos Sorrentino, Haydée Torres, Carlos Eduardo Matheus, dentre tantos outros.

Bere - Como você chegou ao GEAI?

Marina - Um colega do curso da EA na USP comentou sobre um grupo de discussão muito interessante na Internet sobre EA, e eu entrei.

Bere - Você faz parte da equipe da revista eletrônica EA em Ação. O que significa isso para você?

Marina - Escrever para a revista é poder transmitir a delicadeza da teia em que a EA está inserida através das vivências, dinâmicas e peças de teatro. É uma troca de experiência constante, de aconchego, de culturas variadas, são vários integrantes de muitos estados e visões diferentes, é uma riqueza infindável.

Bere - Como você vê o desenvolvimento do trabalho da revista, tendo em vista este ser realizado virtualmente?

Marina - Não tem nada melhor do que ter seu trabalho reconhecido. A diversificação de tópicos da revista é bacana, vem em forma de jogos, textos, brincadeiras, peças de teatro, culinária, curiosidades, etc, e nós que fazemos parte da revista, recebemos e-mails agradecendo pelo que escrevemos, por partilhar nossas ideias e ideais. Mesmo sem conhecer fisicamente a maioria dos amigos que temos nesse trabalho, é possível senti-los ao nosso lado quando necessitamos, ou quando somos solicitados, a distância inexistente quando se produz algo tão prazeroso.

Bere - Quais são as maiores dificuldades enfrentadas ao realizar este trabalho?

Marina - Algumas vezes os prazos, outras, a intolerância e arrogância de algumas pessoas, nada diferente do que enfrentamos no dia a dia.

Bere - O que, para você, é mais significativo na produção da EA em Ação?

Marina - A dedicação com que é feito este trabalho, não importa o quanto estejamos atrapalhados com outros afazeres, este compromisso que temos com "nós mesmos" é inadiável. Existe em cada um de nós o compromisso de semear um mundo melhor, é o que estamos fazendo.

Bere - Deixe uma mensagem sobre o que você pensa e sente realizando este trabalho.

Marina - Imaginar a reação dos leitores, antes e depois de cada dinâmica, vivência, jogo, teatro, professores, alunos, profissionais da área ou não, para mim é inspirador. Posso "ver" a reação de cada um, imagino uma exclamação em seus rostos, uma questão respondida, uma dificuldade sanada, e mais, com muitos sorrisos!

ANAMARIA STRANZ

Nossa quarta entrevistada é Anamaria Stranz, que mora em Porto Alegre - RS e atua como Bióloga.

Bere - Qual é a sua área de atuação e como surgiu o interesse pela EA?

Anamaria - Sou pesquisadora júnior nas áreas de Evolução e Análise de Paisagens. Minha inserção na EA surgiu durante a graduação, em um trabalho voluntário de capacitação de professores da rede municipal de São Leopoldo. Desde 1997 trabalho como guia de ecoturismo, e utilizo esta excelente ferramenta (EA) para apresentar questões sobre biologia, geologia e biodiversidade a pessoas que não têm muita relação com estes temas em seu cotidiano.

Bere - Como você chegou ao GEAI?

Anamaria - Fui convidada para fazer parte da lista pelo yahoo. Acho que fui uma das primeiras a receber a proposta. Não tenho participado tanto, mas mantenho-me atualizada com os temas propostos e acho bárbaras algumas discussões.

Bere - Você faz parte da equipe da revista eletrônica EA em Ação. O que significa isso para você?

Anamaria - Faço. Inicialmente batalhamos juntos tanto na criação como em alguns textos. Mas por falta de tempo, sempre ele, me ausentei gradativamente. A significância maior e a possibilidade de contato com pessoas excelentes em alma e nas suas dedicações.

Bere - Como você vê o desenvolvimento do trabalho da revista, tendo em vista este ser realizado virtualmente?

Anamaria - Trabalhoso. O desenvolvimento da revista esta intimamente ligado à dedicação de cada um que colabora para que ela seja criada, a cada edição, tudo depende de cinco ou menos pessoas que amam e possuem critérios de responsabilidade e dedicação.

Bere - Quais são as maiores dificuldades enfrentadas ao realizar este trabalho?

Anamaria - Tempo.

Bere - O que, para você, é mais significativo na produção da EA em Ação?

Anamaria - Artigos sobre temas que não se encontra em outros periódicos científicos. Acho que o mais importante é a seriedade de alguns destes.

Bere - Deixe uma mensagem sobre o que você pensa e sente realizando este trabalho.

Anamaria - Satisfação.

SANDRA BARBOSA

Nossa quinta entrevistada é Sandra Barbosa, que mora em Pelotas - RS e atua como Consultora Ambiental.

Bere - Qual é a sua área de atuação e como surgiu o interesse pela EA?

Sandra - Minha atuação é em gestão ambiental, meu interesse surgiu quando entrei para o curso de B. ECOLOGIA e um professor de meteorologia, que era mestre em EA, fez-me ver que os problemas ambientais existem pela falta de entrelaçamento entre as situações e as culturas, ou seja, dependendo do nível cultural (no seu amplo sentido) de uma comunidade, variam também os problemas ambientais e o nível de degradação dos ecossistemas. Então entendi que EA não era simplesmente doar sacola econômica, nem mandar colocar lixo na lixeira, mas sim planejar um sistema eficiente de ações adequadas a uma comunidade e gerenciar este sistema com paciência, de forma a que todas as arestas fossem sendo aparadas, com tempo e solidariedade, até que se chegue à sustentabilidade do planejamento.

Bere - Como você chegou ao GEAI?

Sandra - Procurando na Internet material para escrever um projeto, encontrei o grupo, achei inteligente e forte, é um grupo que tem amadurecido com a integração dos participantes.

Bere - Você faz parte da equipe da revista eletrônica EA em Ação. O que significa isso para você?

Sandra - Sim, faço parte da revista, o quê para mim significa amadurecimento e troca de experiências, significa também um exercício constante, onde conhecer o pensamento e as ações de grupos diferentes em EA , pessoas que são responsáveis por incentivar e disseminar as atividades

em EA. A diversidade de temas abordados na revista me faz refletir sobre a importância de se ter disponível e de forma acessível estes documentários, e também na responsabilidade de responder por ações ambientais que irão incentivar profissionais e multiplicar-se.

Bere - Como você vê o desenvolvimento do trabalho da revista, tendo em vista este ser realizado virtualmente?

Sandra - Independentemente da forma digital ou impressa, acho que o trabalho se desenvolve de forma produtiva, conheço grupos que aguardam a época de lançamento da edição para buscar ideias e trabalhar com os textos editados, creio que um grande grupo não tem noção do trabalho que existe por trás do lançamento de uma revista, acho que é mais complexo do que editoria em revista gráfica, pelos ajustes, pela abertura. Mas, sem dúvida preenche uma lacuna existente na faixa de produção e experiências em EA.

Bere - Quais são as maiores dificuldades enfrentadas ao realizar este trabalho?

Sandra - Acho que dificuldade é apenas um obstáculo temporário que é vencido com paciência e solidariedade, assim, o que considero apenas difícil são a impaciência das pessoas e a forma irresponsável de registrar fatos, o que já foi possível sentir em determinados momentos.

Bere - O que, para você, é mais significativo na produção da EA em Ação?

Sandra - A reflexão que é necessária para que se escrevam textos, a troca de experiências dentro e fora do nosso país fica a certeza de que muitas são as formas de se praticar EA e muitas as reações das pessoas com as ações educativas.

Bere - Deixe uma mensagem sobre o que você pensa e sente realizando este trabalho.

Sandra - Creio que este trabalho tem respaldo e seriedade, além de ser inovador. Pelas páginas da revista passam, ao longo destes anos, várias experiências, artigos, momentos em que um profissional sentou-se para escrever e refletiu sobre um tema, e o faz pensar em propostas, em ações, em mudanças. Mudar é sempre uma meta, sejam as mudanças sempre incrementadoras de positivismo e que agreguem valores referenciais as nossas ações. Creio que a missão da revista é apresentar a um grande grupo o valor empírico da EA, tudo que hoje se lê em livros acadêmicos, minha avó já relatava, com sua experiência de vida. Todas as teorias que se aprende na universidade já foram testadas por muitos antepassados, a história se repete e, ao longo dos anos, surgiu a EA para referendar o empirismo da condição ambiental do planeta. A Revista tem a função de ser um corredor de acesso fácil por onde é possível passar e atingir o outro lado, aquele onde serão implantadas as ações.

O grupo da revista torna-se importante pela multiplicação de ideias e pela seriedade com que atuam.

CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO

Nossa sexta entrevistada é Cláudia Mariza Mattos Brandão que mora em Rio Grande-RS e atua como Professora do curso Artes Visuais - Licenciatura, FURG

Bere - Qual é a sua área de atuação e como surgiu o interesse pela EA?

Cláudia - Minha área de atuação é em Artes Visuais, com ênfase na fotografia. Meu interesse por EA surgiu por acaso: impossibilitada de fazer um mestrado em minha área de atuação - pois para isso precisaria mudar de cidade, comecei a pensar na possibilidade de relacionar minha prática com EA, visto que temos esse mestrado na FURG. Logo descobri que meu trabalho desde sempre esteve relacionado à temática.

Bere - Como você chegou ao GEAI?

Cláudia - Por acaso, buscando informações sobre EA.

Bere - Você faz parte da equipe da revista eletrônica EA em Ação? O que significa isso para você?

Cláudia - Sim, e para mim é um imenso prazer; só sinto não ter disponibilidade para uma participação mais ativa.

Bere - Como você vê o desenvolvimento do trabalho da revista, tendo em vista este ser realizado virtualmente?

Cláudia - A cada edição me surpreendo com a qualidade do trabalho desenvolvido, e com o crescimento do grupo.

Bere - Quais são as maiores dificuldades enfrentadas ao realizar este trabalho?

Cláudia - Sem dúvida: a falta de tempo! Meu tempo no computador é muito restrito, está difícil administrar as "múltiplas" jornadas! Mas com certeza não está fácil para ninguém... Então... Só resta seguir em frente!

Bere - O que, para você, é mais significativo na produção da EA em Ação?

Cláudia - A possibilidade de compartilhar conhecimento, expectativas e paixões.

Bere - Deixe uma mensagem sobre o que você pensa e sente realizando este trabalho.

Cláudia - Muitas vezes, pressionada pelos prazos, já pensei em desistir: fico insatisfeita por não contribuir mais efetivamente, pois sei que não basta escrever os artigos! Porém... Sigo tentando...E acreditando que minha pequena participação de alguma forma contribui para a construção de uma educação mais ética, na qual a Arte tenha seu papel respeitado. Não esquecendo nunca o que Valéry destacou com tanta propriedade: cultura e arte têm uma finalidade em si, e são em si mesmas, potências de transformação. Essa é também minha crença, minha luta... E minha grande paixão!

JULIO TREVISAN

Nosso sétimo entrevistado é Julio Trevisan , que mora em Florianópolis - SC, e atua no desenvolvimento de Software, além de ser estudante de Engenharia Elétrica.

Bere - Qual é a sua área de atuação e como surgiu o interesse pela EA?

Julio - Eletrônica e desenvolvimento de Software. Uma vez conheci uma família que separava seu lixo e comecei a pensar em coisas que até antes não pensava. Passei a observar o quanto o meio acadêmico está comprometido com o mercado e não com a mudança de atitudes e comecei a sentir vontade de colaborar de alguma forma, com uma nova forma de pensar mundialmente.

Bere - Como você chegou ao GEAI?

Julio - Estava procurando mais informações sobre como separar corretamente o lixo e acabei me interessando por uma página chamada Projeto Vida.

Bere - Você faz parte da equipe da revista eletrônica EA em Ação. O que significa isso para você?

Julio - É para mim uma forma de poder contribuir com conhecimentos que possuo para a melhoria do mundo.

Bere - Como você vê o desenvolvimento do trabalho da revista, tendo em vista este ser realizado virtualmente?

Julio - Acho ótimo o trabalho que está sendo realizado e sempre espero que possa melhorar mais e mais, que mais pessoas se interessem em ajudar e que as pessoas continuem sempre motivadas a levar o projeto em frente. A Internet é um meio diferenciado por ser capaz de unir pessoas com interesses comuns, eliminando as distâncias geográficas.

Bere - Quais são as maiores dificuldades enfrentadas ao realizar este trabalho?

Julio - Dificuldades com prazos e pessoas que deixam de contribuir.

Bere - O que, para você, é mais significativo na produção da EA em Ação?

Julio - Acho que merece destaque o fato de ser mantida unicamente pela vontade dos seus participantes. Só na Internet uma coisa dessas é possível, se fosse material impresso teria já vários custos a cobrir. Acho que tudo isso confere à revista uma um caráter especial.

Bere - Deixe uma mensagem sobre o que você pensa e sente realizando este trabalho.

Julio - Sinto que estou contribuindo efetivamente para construir o novo paradigma que permitirá que o mundo tenha paz.

BERENICE GEHLEN ADAMS

E por último, Berenice Gehlen Adams, que reside em Novo Hamburgo – RS, é Produtora Cultural, Empresária e Pedagoga, Coordenadora do Projeto Apoema e editora responsável pela revista EA em Ação.

Revista - Qual é a sua área de atuação e como surgiu o interesse pela EA?

Bere - Atualmente estou cursando o 8o. período de Pedagogia Empresarial e dirigindo uma empresa dedicada a publicações sobre EA. Paralelo a estas atividades, desenvolvo, desde 1993, o Projeto Apoema - EA (antigo Projeto Vida), que motivou a concretização da empresa do ramo editorial. O projeto é desenvolvido pela Internet e neste ano iniciou uma ação local com parceria com o Lar da Menina - de NH, com o objetivo de proporcionar a conscientização nesse espaço de educação não-formal e para promover a inclusão social. A partir do projeto nasceu o Grupo de EA da Internet (GEAI) e a partir do GEAI nasceu a revista eletrônica EA em Ação. Meu interesse pela EA nasceu com o advento da Rio-92, evento que acompanhei pela imprensa. Na época, meus três filhos eram pequenos, e a Eco-92 me fez refletir como mãe, como cidadã e como educadora, despertando a necessidade de contribuir para melhorar a qualidade de vida do planeta.

Revista- Como você chegou ao GEAI?

Bere - Sou fundadora e moderadora do grupo.

Revista - Você faz parte da equipe da revista eletrônica EA em Ação. O que significa isso para você?

Bere - A revista tem um significado especial em minha vida. Ela surgiu em momentos de questionamentos através do GEAI: "Aqui discutimos muito, mas o que é possível fazer, efetivamente?". Motivados por este questionamento começamos a nos organizar para concretizar uma ação que resultou na publicação da EA em Ação, provando, assim, ser possível efetivar ações concretas no ambiente virtual. Além disso, muitas amizades se concretizaram. O sentimento de que somos uma grande família é intenso, desde a primeira edição, e cada dia se fortalece. Tenho o sonho de reunir nossa equipe maravilhosa e ter um momento presencial com todos.

Revista - Como você vê o desenvolvimento do trabalho da revista, tendo em vista este ser realizado virtualmente?

Bere - Vejo que exige muito empenho e persistência, pois o fator "tempo" é um grande vilão, em certas épocas do ano, quando culminam diversos eventos. Aquela sensação de precisar estar em dois ou mais lugares ao mesmo tempo é arrebatadora, e é uma realidade que atinge todos os membros da equipe. Cada edição é uma vitória e motivo de comemoração.

Revista - Quais são as maiores dificuldades enfrentadas ao realizar este trabalho?

Bere - Como citado anteriormente, o fator tempo é a maior dificuldade enfrentada, mas já comprovamos que ele não é invencível. Outra dificuldade que vejo, mas que ao mesmo tempo pode ser considerada como vantagem por nos proporcionar uma certa autonomia de pensamento, é não termos uma base de sustentação legal (amparo institucional) para implementar outros projetos a

partir da revista. Somos um grupo de pessoas que, voluntariamente, fazem a EA em Ação acontecer. Isso é inovador e dá a revista um certo grau de ineditismo.

Revista - O que, para você, é mais significativo na produção da EA em Ação?

Bere - A união do grupo, o empenho das pessoas, a vontade de ajudar, a troca de experiências, a amizade entre os membros, a tolerância, a seriedade do trabalho e a confiança mútua que garante um convívio virtual harmonioso, sadio e compensador.

Revista - Deixe uma mensagem sobre o que você pensa e sente realizando este trabalho.

Bere - Estamos no segundo ano e vencemos muitas barreiras. O que posso dizer é que todo nosso esforço é recompensado quando percebemos que a revista de EA em Ação é reconhecida nacionalmente, em diferentes espaços relacionados com as questões ambientais (escolas, universidades, empresas, ONG's).

CARLOS ALBERTO DA CUNHA FLORES

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº12 - 01/03/2005

Apresentamos a entrevista com Carlos Alberto da Cunha Flores, conhecido como Kalu, que trabalha na Secretaria de Cultura da Prefeitura Santa Maria, na descentralização e ação cultural; em parceria com o projeto Esperança Cooesperança, com oficinas de inclusão social e cultural com artesanato de reutilização de papel através da técnica de Origami (dobraduras e encaixe de centenas de papéis).

Bere - Kalu, conheci você no Fórum Social Mundial, especificamente na Feira da Economia Solidária. Fale-nos um pouco dessa importante participação neste evento:

Kalu - Por despertar o interesse de pessoas de várias partes do mundo, foi emocionante, saí de lá muito fortalecido.

Bere - Quando e como você começou a desenvolver essa técnica?

Kalu - Com esse tipo de Origami faz apenas dois anos, iniciei há quatro anos a pesquisar várias formas de reutilizar papéis que teriam o seu destino no lixo.

Bere - Qual a importância desse trabalho para a comunidade onde atua?

Kalu - Inicialmente as oficinas tinham a finalidade de geração de trabalho e renda em quinze bairros periféricos e presídio regional. Hoje também desenvolvo oficinas no hospital psiquiátrico.

Bere - É possível descrever, com poucas palavras, como é a confecção dos objetos?

Kalu - Em palavras fica difícil descrever, são centenas de retângulos de papel dobrados em oito partes.

Bere - Você tem envolvimento em projetos de EA?

Kalu - Sempre lutei pelo respeito a todas formas de vida. Apesar de minhas oficinas terem a finalidade de geração de trabalho e renda, aproveito para discutir questões relacionadas principalmente com lixo e seu reaproveitamento.

Bere - De toda sua experiência, conte-nos a que lhe foi mais significativa, desde que iniciou este trabalho com Origami.

Kalu - Ver pessoas comercializando suas peças. No FÓRUM SOCIAL MUNDIAL ter ensinado para pessoas de várias partes do mundo.

Bere - Você tem planos de dar maior abrangência para esse trabalho? Fale-nos um pouco sobre suas ideias para o futuro.

Kalu - Recebi muitos convites para oficinas em muitos lugares, acredito que será uma boa experiência.

Bere - Deixe um recado para os leitores da revista virtual EA em Ação:

Kalu - Só a paixão e o amor por todas formas de vida nos dá a dignidade para viver em paz.
KALU. Carlos Alberto Kalú E-mail para contato: kalu_rs@yahoo.com.br

MARGI E GÉRARD MOSS

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº12 - 09/03/2005

Margi e Gérard Moss desenvolvem um importante projeto que busca, entre outros objetivos, a conscientização da população em relação ao uso consciente da água. Os pesquisadores desenvolvem projetos voltados para a análise da qualidade da água dos rios, lagos e reservatórios hídricos brasileiros. A principal ferramenta dos pesquisadores é um avião anfíbio, equipado com um laboratório. Este tipo de avião possibilita a coleta de amostras em locais de difícil acesso, (que permite recolher amostras das águas). Cabe destacar que se trata de uma pesquisa inédita e inovadora, com a utilização de tecnologia 100% brasileira. Vamos conhecer um pouco mais sobre esta experiência:

Bere - Margi e Gérard, como surgiu a ideia de criar o Projeto Brasil das Águas?

Margi e Gérard Moss - Há 15 anos voamos pelo mundo em aeronaves leves, em geral a baixa altitude. Já estivemos em mais de 100 países, e no decorrer desses anos, fomos percebendo a deterioração do meio ambiente, seja pelas queimadas, pela erosão ou pela poluição das águas.

Como Brasil é um país de águas, algo cada vez mais escasso no mundo, queríamos fazer duas coisas:

1) chamar a atenção do público para a situação das águas doces brasileiras, porque o brasileiro tende a pensar que são inesgotáveis.

2) descobrir como está a saúde dessas águas em uma escala nacional. Qual seria a porcentagem que está poluída e qual a porcentagem de águas puras

Já no final de 2001, depois de completar a volta ao mundo de motoplanador, Gérard teve a ideia de usar um anfíbio para coletar amostras de água, porque somente usando um avião seria impossível fazer o levantamento de todas as bacias hidrográficas de um país de tamanho continental como o nosso.

Claro, certos rios e lagos do país já são monitorados há anos por instituições e/ou empresas. A Agência Nacional de Águas tem equipes pelo Brasil afora. Porém, todas têm sua atuação limitada pelas distâncias enormes e o tempo que se leva para percorrê-las. Num avião, é possível passar de um rio para outro em 10 minutos: num dia de trabalho, podemos cobrir 1.500 km. De barco, tudo isso é impossível.

Mas, a ideia era nova. Pelo que eu saiba, ninguém nunca havia coletado água deste modo (de avião) para pesquisa. Primeiro, Gérard bolou um sistema para captar as amostras em vôo rasante (o equipamento e a sua instalação foram todo desenhado desenvolvidos pela nossa equipe, usando uma sonda multi-paramétrica e um computador de bordo - hardware e software brasileiros da empresa Atos, de São Paulo). Depois, verificou-se a coleta a 100 km/hora não prejudicaria as características da água. Foram feitos muitos testes, comparando água coletada no avião com amostras coletadas pelo Prof. Tundisi (do Instituto Internacional de Ecologia, de São Carlos) no mesmo local de barco. Constatamos que fatores como pH, temperatura, salinidade e outros, lidas quase que instantaneamente pela sonda, em nada foram prejudicados pela forma da coleta.

Bere - Desde a sua criação, quais foram as principais realizações do Projeto Brasil das Águas, que vocês poderiam destacar?

Margi e Gérard Moss - Acho que os números falam por si. Conseguimos coletar em 1163 pontos de amostragem (163 a mais que originalmente previsto), de norte a sul, de leste a oeste do país – o quê rendeu umas 5.000 amostras.

Voamos 120.000 kms, isso quer dizer bem mais do que a distância equivalente a duas voltas ao mundo! Foram 760 horas de vôo, em 14 meses de operações em campo, e os pesquisadores estão trabalhando nas análises.

Bere - Com quem vocês contam para o desenvolvimento do projeto, em termos de parceria?

Margi e Gérard Moss - Depois de desenvolver a parte técnica e ter certeza de que iria funcionar, começou a fase de captação de recursos financeiros para viabilizar o projeto. A ideia teve excelente repercussão com as empresas procuradas por nós. Acabamos fechando com a Petrobras como patrocinador-master e a Embratel como co-patrocinador (ambos antigos parceiros nossos em outros projetos). Além disso, a Companhia Vale do Rio Doce, a Agência Nacional de Águas e a Chubb Seguros entraram como parceiros, e várias outras empresas deram seu apoio institucional (Unesco e WWF) ou em equipamentos (como Wollner, Garmin - GPS - Goodyear por exemplo).

Bere - Vocês contam com um mascote, o Ursinho Monte. Qual a importância desse mascote para a EA?

Margi e Gérard Moss - O Monte já deu duas voltas ao mundo – acho que deve ser o urso mais viajado da Terra! Ele, como nós, é testemunha da devastação dos recursos naturais em todo o planeta. Espero que ele escreva a história dele um dia desses, especialmente para explicar para as crianças a importância da preservação para o futuro de todos os seres.

Bere - Não poderia deixar de trazer essa última questão: quais são as maiores dificuldades enfrentadas no desenvolvimento desse fabuloso projeto?

Margi e Gérard Moss - Esse projeto foi altamente técnico, desde a parte da aviação, até a engenharia (criação e implementação do sistema de coleta de água), passando pelo manuseio cuidadoso das amostras (congelamento, preservação com lugol etc) ,além do simples controle dos locais de coleta de amostragem). Todo o planejamento foi extremamente detalhado (escolha dos pontos onde as coletas seriam feitas) e tudo isso antes dos procedimentos próprios do simples dia a dia de vôo (cuidados com o avião), que exige disciplina, habilidade, cuidado com o motor, abastecimento, burocracia, planos de vôo etc.

Sei que muitas pessoas pensam “Que maravilha sair voando por aí pelos rios e lagos!”, mas por detrás desta imagem colorida, há horas e horas de vôo, mau tempo, turbulência, não tem banheiro nem comissária a bordo, além do risco sempre inerente à aviação.

Bere - Para concluir, peço que deixem um recado para os leitores da nossa revista EA em Ação:

Margi e Gérard Moss - Primeiro, quero parabenizar os leitores porque, se são leitores, é porque se interessam no assunto EA. E AÇÃO, é o quê precisamos. Sei que a tendência é sempre a de concentrarmos nossos esforços na educação dos jovens, ou daqueles menos privilegiados, ou ainda dos excluídos, mas que tal tentarmos estabelecer uma rigorosa EA aos POLÍTICOS??!!

Bere - A equipe da revista virtual EA em Ação agradece a vocês, Margi e Gérard, pela valiosa contribuição de dividir um pouco dessa experiência fascinante com os leitores e com as leitoras desta revista.

É possível conhecer o projeto detalhadamente através do link:
<http://www.brasildasaguas.com.br/>.

DANIEL JOSÉ PEGORER DE BEM

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº12 - 01/03/2005

O entrevistado desta edição da revista EA em Ação é Daniel José Pegorer de Bem, que mora em Santa Cruz do Rio Pardo/SP. Conheci Daniel pela internet e isso foi uma bênção, porque se trata de um adolescente que despertou para a necessidade de olhar para o ambiente de forma crítica e consciente desde tenra idade (e com 11 anos criou o portal Amigos da Natureza). Hoje, com 16 anos, estudante do Ensino Médio, Daniel é exemplo para muitos jovens que acessam seu site, cujo link é: <http://www.amigosdanatureza.net>. Além disto, Daniel é integrante do GEAI - Grupo de EA da Internet e faz parte da equipe desta revista virtual. Vamos conhecer um pouco mais da sua experiência:

Bere - Daniel, como surgiu o seu interesse pela natureza e pela preservação ambiental?

Daniel - Bem cedo, quando estava no ensino fundamental. Minha escola sempre participava de projetos deste tipo, e eu fui criando esse interesse.

Bere - O Portal Amigos da Natureza completa 5 anos de vida. Conte-nos um pouco da história desse portal ambiental.

Daniel - Criei o Portal Amigos da Natureza inicialmente por brincadeira. Tinha ganho a internet há pouco tempo e achei impressionantemente fácil publicar algo para as pessoas através dela. Com o site no ar comecei a receber muitas visitas, e-mails com perguntas e etc. Isso tudo me animava. Decidi então criar algo diferente; criei jogos, sites de leitura, fórum, projetos, tudo através da internet. O MEAB por exemplo, projeto para mapear projetos de EA no Brasil, foi reconhecido por muitas pessoas e educadores. Desde então sempre busquei o melhor para os visitantes do Portal Amigos da Natureza.

Bere - Qual é o perfil do público que acessa o Portal Amigos da Natureza? É um público variado?

Daniel - Não tenho muitas informações sobre isso, mas, através dos cadastros, posso afirmar que é um público espalhado por todo o Brasil. Recebo muitas visitas internacionais também.

Bere - Fale-nos um pouco sobre o conteúdo que o Portal Amigos da Natureza oferece para seus visitantes. O que você poderia destacar.

Daniel - O conteúdo do portal é dividido em canais como: animais, aprenda, diversão, especiais, imagens, notícias, projetos, e serviços. Cada canal tem seus sites com seus conteúdos bem diferenciados. Gosto muito dos sites de leitura dos canais "animais" e "aprenda"; do bichinho virtual no "diversão"; do diário animal em "especiais"; do álbum de fotos no canal "imagens"; do repórter MEAB em "notícias"; MEAB em ação em "projetos"; e do fórum de discussão em "serviços".

Bere - Você desenvolve o portal sozinho ou tem colaboradores que o auxiliam? Fale-nos um pouco sobre a construção e manutenção do portal.

Daniel - Sempre gostei de "fazer sites" e de meio ambiente. Criar o portal foi a união dos dois. Toda a parte da construção do site é feita por mim. Mas recebo muita ajuda para os conteúdos. Agora, com o novo site no ar pretendo receber mais ajuda ainda, pois os visitantes cadastrados têm mais opções para publicar seus textos nos sites de leitura do portal.

Bere - Você percebe uma maior conscientização pelas questões ambientais por parte dos adolescentes?

Daniel - A julgar pelo que vejo nos jornais, acredito que sim, mas muito reservado ainda. Mesmo assim, conheço vários projetos que trabalham com crianças e adolescentes sobre estas questões.

Bere - Você faz parte do GEAI (Grupo de EA da Internet) e da equipe dessa Revista. O que isso significa para você ou, qual é a importância disso para sua vida?

Daniel - Participo do GEAI desde quando criei o Portal Amigos da Natureza. O grupo sempre me auxiliou na busca intensiva por conteúdo, pois inúmeras vezes publiquei textos enviados pelos participantes. Mas, além disso, sei que posso contar com a turma para resolver algum problema ou dúvida que tiver.

Bere - Agora, deixe um recado para os leitores da nossa revista EA em Ação.

Daniel - Muito obrigado pela oportunidade que a revista me deu. É um prazer colaborar com um projeto tão importante quanto este, estamos no caminho certo! Convido a todos, a visitarem o Portal Amigos da Natureza, www.amigosdanatureza.net

Até a próxima!

Bere - Agradecemos a você, Daniel, pela valiosa contribuição de dividir um pouco dessa experiência com os leitores e com as leitoras da revista virtual EA em Ação.

NADIA COZZI

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº13 - 26/05/2005

Apresentação: Esta edição comemorativa de três anos da revista eletrônica EA em Ação tem a honra de apresentar a publicitária e pesquisadora Nadia Cozzi, uma paulista engajada há 10 anos nas questões da alimentação consciente. Nadia é formada em Publicidade e Propaganda e é Pesquisadora do Tema Agricultura Pura. Também é Coordenadora do Núcleo Alimentação Consciente da ONG Caminho Kyusei Kannon - Desenvolvimento Humano (www.ckk.org.br). Vamos conhecer um pouco mais da sua rica experiência, que muito contribuirá para incentivar posturas alimentares sadias e conscientes, necessárias para a saúde humana, porém, abafadas pela forma de vida atribulada dos dias atuais.

Bere - Nadia, conte-nos como surgiu o seu interesse pela alimentação saudável.

Nadia - Foi uma série de coincidências, se é que elas existem. Na minha época de Publicitária atendi contas de agrotóxicos em todas as agências em que trabalhei. Depois passei para a área de eventos numa empresa de cozinhas industriais. Tive meu próprio restaurante e assim conheci todos os lados do alimento, do envenenamento por agroquímicos ao envenenamento pelo sentimento na compra e preparo dos pratos, onde tudo o que importa é o lucro financeiro. Há 10 anos tive contato com o conceito Agricultura Pura desenvolvido na década de 30 por Meishu Sama, um mestre japonês. Fiquei encantada com o respeito ao solo, a valorização do trabalho do agricultor e o cuidado com a saúde das pessoas e do meio ambiente, e a partir daí passei a me dedicar inteiramente ao assunto. Peguei o conceito e o desenvolvi em relação a todos os setores da alimentação dos hortifruti até os industrializados, oferecendo alternativas de uma alimentação mais pura, mesmo que não se tenha acesso ao orgânico.

Bere - Como você avalia os atuais hábitos alimentares das pessoas, de uma forma geral?

Nadia - Sofríveis, parece que as pessoas esqueceram que a verdadeira função do alimento é a de gerar vida, nosso bem maior. Em nome da economia, da praticidade, da rapidez, perdeu-se o sabor, a beleza, o perfume, a crocância natural e o enorme prazer de preparar com suas próprias mãos uma refeição para a família. Nossos 5 sentidos foram colocados de lado, a energia gerada pelo alimento empobreceu. Quem perdeu com isso? A Vida.

Bere - Quais são as consequências mais sérias provocadas pelos maus hábitos alimentares?

Nadia - Infelizmente as consequências não são sentidas na hora, o efeito da química do alimento é cumulativo, e aliando-se a outros fatores, pouco a pouco vamos ficando doentes, física, mental e emocionalmente. Assim, surgem diversos tipos de câncer, artroses, reumatismos, doenças nos nervos, síndromes, depressão, hiper atividade. O corpo se abate, a mente anuvia, vamos ficando cada vez mais apáticos, nossa vontade cada vez mais influenciada negativamente.

Bere - As crianças são extremamente influenciadas pela mídia. Para você, qual o papel dos veículos de comunicação em promover hábitos alimentares saudáveis?

Nadia - A indústria alimentícia gera grandes rendas publicitárias, os veículos de comunicação até tratam do assunto da química no alimento, mas de maneira superficial, infelizmente. Fala-se das vantagens da soja, dos tomates, dos morangos, por exemplo, mas não se alerta que se forem convencionais, perdem parte de seus nutrientes, além da grande quantidade de agrotóxicos que neles são colocados, ou do uso das sementes transgênicas.

Bere - Muitas pessoas dizem que têm pouco tempo para prepararem alimentos mais naturais e argumentam que esses produtos são mais caros. O que você acha deste posicionamento e o que é possível sugerir para elas?

Nadia - Aqui temos dois pontos a ressaltar. E ambos vão gerar polêmicas com certeza.

O primeiro (fator tempo) refere-se a um posicionamento herdado de uma revolução feminista, que, como toda boa revolução, parte para os extremos para se chegar ao equilíbrio. Nossa geração aprendeu que deveríamos refutar tudo o que lembrasse a "servidão" da mulher. Assim deixamos de lado máquinas de costura, agulhas de tricô e crochê, panelas, etc. Essas aptidões passaram a ser encaradas como coisas menores, tinha-se orgulho até em dizer "nem sei onde fica a cozinha da minha casa", não é assim? A mulher saiu para a batalha, para se igualar e até superar o homem. Conseguiu, mas é feliz?

Comparando à Natureza, a essência da mulher é a Terra, aquela que gera, que dá vida, que sonha. A essência do homem é a do Agricultor, que cuida da Terra, que provê, que luta para realizar o sonho. Um completa o outro.

Preparar uma refeição para a família está longe de ser um papel menor, é uma arte, um encantamento. Ao calor do fogo misturam-se ingredientes e desejos, sonha-se o futuro dos filhos, projeta-se a relação com o marido, fortalecem-se os elos de uma verdadeira família. Querem um exemplo de quanto isso é forte? Quem não tem na lembrança o sabor de um prato especial da infância, que a avó, a tia ou a mãe faziam e que hoje ninguém consegue imitar? A receita era diferente? Não, o ingrediente especial era o sentimento colocado. Longe de mim querer levantar a bandeira da mulher submissa, eu também trabalho fora, eu também me realizo, deve sim haver um equilíbrio. A arte da culinária está sendo redescoberta até como terapia, não é necessário despender horas para se preparar um alimento, eu mesma tenho uma apostila com 90 receitas feitas no liquidificador, tudo rápido, saboroso e melhor feitas com alimentos orgânicos, fruto de minha própria experiência como dona de casa e profissional. Só uma coisinha mais para ressaltar: os homens já descobriram os encantos de se preparar um jantarzinho à luz de velas, cuidado meninas (risos).

Quanto ao segundo ponto, o preço, tenho algumas considerações. Em primeiro lugar a demanda ainda é pequena o que acarreta perdas, etc... etc. Em segundo lugar o alimento orgânico tem mais nutrientes, no caso das carnes tem menor perda de água, não causam doenças, não poluem o meio ambiente, não destroem a fauna e a flora, tem por trás um grande projeto de responsabilidade social, não utilizam mão de obra infantil, valorizam as pequenas propriedades diminuindo o êxodo rural, conseqüentemente os problemas sociais das grandes cidades. Por tudo isso já valeria a pena investir nos alimentos orgânicos. Mas, o que quero ressaltar é o que se valoriza realmente na sociedade atual. Acha-se caro um pé de alface custar R\$ 1,70, mas compra-se pelo mesmo preço um pacote de salgadinho, um refrigerante, um pastel de feira. Será que nossos valores não estão de ponta cabeça? Sem falar naquelas pessoas que reclamam do preço dos orgânicos, mas vestem jeans que custam R\$ 300,00, sapatos e acessórios de grife, e usam shampoos e cremes caríssimos.

Bere - Você acha que a EA pode colaborar para o desenvolvimento de hábitos alimentares conscientes?

Nadia - Acho, desde que os educadores ambientais se conscientizem de seu papel, de nada adianta falar de ecologia, de meio ambiente, da poluição das águas e em nossas atitudes diárias, como por exemplo, na hora das refeições patrocinar empresas de agrotóxicos, de conservantes de alimentos, de pesquisas transgênicas e assim por diante. As mudanças devem acontecer primeiro em nossas casas, em nossas atitudes, senão, ficam inconsistentes e sujeitas à meras discussões egóicas.

Bere - Normalmente as escolas mantêm cantinas ou bares onde vendem guloseimas dos mais variados tipos. O que você pensa sobre isso?

Nadia - Aqui em São Paulo já existe uma grande preocupação por parte das escolas na troca dos salgadinhos, frituras, biscoitos recheados e refrigerantes por frutas, sucos, lanches mais naturais, inclusive com a contratação de nutricionistas para orientar o pessoal da cantina. Mas, esbarram com a falta de apoio dos pais, muitas vezes as crianças trazem de casa o que a escola não oferece mais.

Bere - O que você considera inaceitável ou mais prejudicial nos hábitos alimentares atuais?

Nadia - A grande quantidade de alimentos industrializados presentes à nossa mesa. Ninguém se preocupa em ler os ingredientes constantes nas embalagens e ver a quantidade de produtos químicos que se ingere diariamente. Que bem pode fazer à saúde um leite que dura 6 meses dentro de uma caixa, alimentos recheados de agrotóxicos, carnes inchadas com promotores de crescimento, um complexo de substâncias químicas e cremosas intitulado margarina que se passa generosamente em pães que à custa de conservantes duram mais de 30 dias numa prateleira de supermercado. E assim por diante, basta raciocinar um pouquinho.

Bere - Muitas pessoas falam sobre os prejuízos de se utilizar o microondas. Mesmo assim, há uma generalização cada vez maior pelo uso deste equipamento nas cozinhas. Qual é o seu posicionamento em relação a utilização deste equipamento para o preparo dos alimentos?

Nadia - De novo é uma questão de raciocínio. Um freezer por exemplo, já perceberam que fazemos comida nova para colocar no freezer e comemos a velha para que não se estrague?

O microondas para mim é como os transgênicos, alguns dizem que faz mal, outros não. Como diria minha avozinha, onde há fumaça há fogo. Todos sabemos que devemos cuidar da manutenção do aparelho para que não haja vazamento das microondas que podem afetar a nossa saúde. Mas, não são elas que agem sobre o alimento e promovem o aquecimento?

Mas, eu só esquento água ou o jantar das crianças e do marido (coitadinhos!). Não cozinho nele. Mais uma vez incoerente, em primeiro lugar estou gastando energia elétrica, o que já é uma atitude antiecológica, em segundo lugar, quanto tempo leva uma água para ferver, será que vale a pena arriscar minha saúde e da minha família em função do ganho de alguns minutos?

Sabem porque normalmente colocamos um bolo no forno pré-aquecido? Para que ele encontre um ambiente caloroso como a barriga de uma mãe que gera seu filho, que gera vida. Será que existe, então, diferença entre aquecer a refeição das crianças e do marido no forno convencional, onde tudo se aquece no tempo certo mantendo as características e o sabor, e no forno de microondas, tudo em nome da pressa, da rapidez? Porque se corre tanto, onde queremos chegar?

Ah... Voltando aos transgênicos, se são tão bons porque não colocar nos rótulos dos alimentos, assim poderíamos escolher, não é mesmo?

Bere - Deixe seu recado para os/as leitores/as da revista EA em Ação: um conselho, uma frase ou uma dica:

Nadia - A Vida é nosso bem mais precioso, cuidem dela por favor. Repensem atitudes e valores, a felicidade é simples e mora dentro de nós. Resgatem o sabor da Vida.

Bere - Nadia, nós, Editores(as) e Colaboradores(as) da revista eletrônica EA em Ação agradecemos imensamente pela gentileza de concedernos esta entrevist@. Muito Obrigada!

Informações adicionais:

Email para contato com Nadia Cozzi: nacozzi@hotmail.com.

A ONG Caminho Kyusei Kannon - Desenvolvimento Humano (www.ckk.org.br) promove cursos, palestras em empresas, escolas, e onde são solicitados, além de seminários sobre Alimentação Consciente, e dispõe de apostilas sobre a nova postura ecológica, que são:

Bio Culinária - Alimentação Consciente - receitas de liquidificador

Bio Conservação de Alimentos - conservando de maneira natural

Industrializado feito em Casa - tirando os aditivos da mesa

Bio Cosmética - o alimento como produto de beleza

Bio Limpeza - limpando a casa sem poluir o planeta

Nadia Cozzi

(11) 9158.4451

MICHÈLE SATO

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº14 - 10/09/2005

Esta edição da revista eletrônica EA em Ação tem a honra de apresentar a professora doutora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e consultora do Ministério do Meio Ambiente (MMA) Michèle Sato, um referencial nacional e internacional da EA. Recentemente Michèle lançou o livro "EA - Pesquisa e Desafios", pela Artmed Editora, organizado por ela em parceria com Isabel Carvalho. Dispensando maiores detalhes, Michèle se apresenta: "Sou facilitadora da Rede Mato-Grossense de EA (REMTEA), professora da Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e atuante no movimento ecológico internacional. Casada, com dois filhos lindos de morrer, tenho um quintal meio abandonado e uma casa sem estrelas, exceto aquelas que olhamos no céu junto com o clarão do luar. E habita em meu ser a dualidade da disciplina e da transgressão; da poética e da irônica; da mediadora e da provocadora". Vamos conhecer um pouco mais da sua valiosa experiência através desta entrevist@:

Bere - Michèle, conte-nos como surgiu o seu interesse pela EA (EA) e desde quando você se dedica a ela com tanto fervor. Como foi essa trajetória?

Michèle - Acredito ter tido forte influência de meu pai, um zen budista cuidadoso com a natureza, seja nas pequeninas vidas, bem como nos sistemas cósmicos que regem o mundo. Suas palavras incentivaram à bondade humana no cuidado com outras formas de vida. E que como retornamos à Terra, teríamos que cuidar dela. O respeito e o gosto pela natureza me conduziram a escolha pela Biologia. Ingressei no mestrado em oceanografia, e me frustrei durante o projeto Antártida. Fui dar aula em escola da periferia de São Paulo e me apaixonei - tanto pela educação como pela luta de inclusão social. Depois fui cair na filosofia para um mestrado na Inglaterra, fiz uma trajetória inversa no doutorado em Ecologia na UFSCar e sou professora da Pedagogia na UFMT. Enfim, hoje sou esta metamorfose ambulante sem definição. Ora filósofa, ora poeta, ora educadora, ora ecologista, ora tudo isso misturado. E gosto destas múltiplas personalidades, e não abriria mão de nenhuma delas.

Bere - Como você percebe a EA, de uma forma ampla e global?

Michèle - Um projeto de vida que luta pela democracia participativa, na busca da inclusão social, através da justiça ambiental e proteção ecológica. Para além de espaços escolarizados, para além de comunidades, um projeto de construção de uma Nação, chamada Brasil. Acho que não temos o sentido de brasilidade, dá certo status falar mal dos políticos, criticar sem reconhecer que o Brasil somos nós, e que de nós depende o Brasil de nossos sonhos. Morei fora do Brasil durante muito tempo, tanto em países ditos ricos como pobres. Estou convicta de que aqui é o melhor lugar do mundo e que a nossa EA made in Brazil é bonita, criativa, crítica e propositiva.

A impressão que eu tenho é que as pessoas estão perdendo a cotidianidade em nome desta tal globalização. Todo ser humano representa um movimento de diferença. E essa diferença se expressa e se visibiliza no campo da cultura e também da EA. No V Fórum da REBEA, Carlos Rodrigues Brandão nos dizia que lia uns 2-3 livros simultaneamente: Capra, Morin, Prigogine. Ele comentava que faltava chão, ou seja, padecia por algo mais concreto, atitudes mais cotidianas, que permitissem

que ele exercesse sua cidadania. Citando vários exemplos de coisas simples, destas coisas que as pessoas julgam ser irrelevantes, mas que tocam nossas vidas tão profundamente, ele finalizou sua fala: “aprende Morin!”. Vibrei tanto naquela hora... E tenho muita identidade neste resgate antropológico que o Brandão quis nos convidar. Situamo-nos no mundo, amplo e global, mas cada qual com sua identidade, jeito e forma de pensar. Clifford Geertz nos pediria para refletir sobre meras atitudes triviais perante o mundo. Eu não sou contrária à complexidade e cosmicidade humana, mas prefiro revelar signos, gestos e um conjunto de expressões que nos confirmam mais sabor na serena forma de viver. Isso não implica, entretanto, que ignore a teia universal da vida planetária. Adoro Prigogine e acato sua teoria do caos de forma incondicional. Ordem na desordem, ou harmonia no caos.

Bere - Quais associações possíveis de serem feitas entre a EA e a pluralidade cultural?

Michèle - Há uma generalização mundial em se medir qualidade de vida por apenas 3 indicadores: longevidade, PIB e escolaridade. Não importa se a renda é bem distribuída, ou se meia dúzia de famílias controlam o poder econômico. O tempo de vida das pessoas localiza-se na qualidade desta vida, muito além dos anos que ela poderá viver. E a escolaridade não se reduz ao número de matrículas, nem ao número de escolas, mas na aprendizagem capaz de ousar transformações. Nem sempre as pessoas bem informadas ou com titulação tomam as decisões corretas. Há um universo de sabedorias explícito na pluralidade cultural que deve ser considerado. Para além do IDH, portanto, nós estamos tentando construir indicadores qualitativos e que estas comunidades nos digam o que significa viver bem. No conceito de felicidade desta gente, a espiritualidade é evocada de forma intensa, misturado com símbolos, mitos e lendas que foram criados num mecanismo de tentar se explicar os fenômenos da vida. Sem as rígidas normas científicas, são saberes biorregionais pulsantes em cada cultura. Aqui, o educador não ensina, muito menos conscientiza as pessoas. Mas formamos uma comunidade dialógica de aprendizagem colaborativa - formamos um grupo pesquisador com multireferenciais que ultrapassam “disciplinas” (portanto não é apenas interdisciplinaridade), e que obviamente, são visões que se confrontam, se chocam e se divorciam na singularidade de cada sujeito. Aceitamos as interferências e propomos a mediação pedagógica que possa tornar o conflito como fator da EA. Se o discurso sobre a proteção à biodiversidade é um completo consenso, há que se resgatar, também, estas diferenças culturais que nos situam numa arena de debates sem fim. É bom ressaltar que violências, sejam simbólicas ou diretas, não são diferenças, mas são mordidas e ditaduras que devem ser combatidas e denunciadas.

Bere - Para você, qual é a importância dos trabalhos em rede, para a consolidação da EA?

Michèle - A Era Moderna tem herança da hierarquia, do autoritarismo e também do “salve-se quem puder”. As organizações sociais marcadas pela estruturação das redes vêm tentar demolir estes velhos “paradigmas”. Entretanto, o que seria fácil derrubar conceitualmente, torna-se um enorme desafio aos movimentos sociais, pois ainda há lutas de poder, talvez não do rei aos súditos, mas deste microcosmo entre os próprios súditos. Temos muito que aprender ainda, mas eu acredito que as redes apresentam nossa militância, nossa paixão, nossa luta generosa em se entregar incondicionalmente à luta ecológica. Estou convicta de que nossa produção científica da academia e a formulação das políticas públicas dos governantes são mais consistentes no diálogo aberto entre todos. E que a sociedade civil tem enorme contribuição ao processo político de lutas. Sem privilegiar um ou outro segmento, desde que as redes agregam todos os territórios e identidades, representa, assim, um laboratório dinâmico de experiências, acertos e erros. É aqui que se coloca o grande desafio de aceitar as diferenças, sem se permitir violentar ou assistir passivamente diferentes olhares que se contrapõem. Gostaria de reforçar que não podemos tomar tudo como diferenças culturais, há aquelas vozes que representam violências. Estes devem ser denunciados, combatidos e

banidos, pois representam um círculo vicioso do poder concentrado, da iniquidade social e da degradação ambiental.

Bere - O que você teria para colocar sobre a proposta de uma Educação para o Desenvolvimento Sustentável da UNESCO?

Michèle - Tenho tecido críticas ao Desenvolvimento Sustentável (DS) desde a defesa do meu doutorado (1997). Ancorada na proposição de sociedades sustentáveis, presentes inclusive nos Tratados da EA, e que representa um viés político de grande significado ao ecologismo. O contraponto básico é que devemos reinventar novos parâmetros de vida para além do enfoque economicista expresso na nossa bandeira nacional "ordem e progresso". Durante o lançamento da década da educação para o DS, na América Latina e Caribe, fizemos oposição explícita lançando o Manifesto pela EA. Com apoio da REBEA, eu e o Mauro Guimarães conseguimos fazer um "certo barulho". O que seria proposta brasileira, se alargou rapidamente, e hoje temos signatários de quase todos os continentes (falta Oceania) e cerca de mil pessoas do mundo inteiro a favor da identidade da EA. O número é reduzido, mas eu considero a qualidade destas pessoas. Quem assinou o manifesto demonstra coragem em ainda lutar contra o forte aparato autoritário, recusando a fazer parte do passivo "natural", ainda resiste e não perde a esperança. Frente aos danos ambientais, muitas vezes me dá a impressão que falta gente nesta luta e que somos muito poucos. Recolher mil assinaturas, assim, é de significado qualitativo enorme à tessitura de uma EA mais política.

Bere - Diante de tantos desafios impostos para a consolidação desta prática educacional, qual é, deles, para você, o maior desafio da EA?

Michèle - Não acredito no aprisionamento da EA como uma ilha paradisíaca fora do continente. O Brasil está em crise e o mundo também. Vivemos um momento histórico da humanidade sem precedentes e a EA não poderia se furtar de problemas globais. Portanto, nossos desafios são enormes. No plano específico, acredito que há várias ameaças, desde a ausência de tempo para flexibilizar currículos e promover formação dos sujeitos, passando pela ausência de financiamento em projetos comunitários, até o próprio enfoque desenvolvimentista que acarreta a injustiça ambiental. Como consequência, as assombrosas violências contra o segmento ambientalista que empipocam cá e lá, ameaçando a vida de pessoas que exatamente lutam por elas. Nossa ação está muito longe de ser finalizada e não tenho certeza se iremos ganhar na proteção e justiça ambiental. Entretanto, a esperança continua para que nossos filhos e a famosa geração futura consigam, minimamente, viver com dignidade.

Acredito que os desafios são inerentes às temáticas que cada qual atua no campo da EA. Geração de lixo, poluição de qualquer tipo, desmatamento, energia tradicional, usinas hidrelétricas, perda da biodiversidade, emissão de gases que causam estufa e danificam a camada de ozônio, ausência de formação dos sujeitos, currículo inflexível, escolas e universidades tradicionais. Governos insensíveis, segmentos sociais alienados, pobreza e miséria, entre tantos outros dilemas do mundo que inevitavelmente refletem na EA. Neste exato momento, onde ultrapasso um momento ruim e histórico de minha própria vida, acredito que a violência (social, ambiental, individual) seja o maior desafio à EA.

Bere - Fale-nos um pouco sobre os "sabores" e "dissabores" da EA.

Michèle - Considerando que os dissabores já foram citados na questão anterior, permito-me a lançar boas tessituras da EA. Entretanto, o paradoxo se estabelece na imensidão do que acredito que seja EA, pois não sabemos definir ou escrever algo grandioso em poucas palavras. E quando conseguimos, fica faltando alguma coisa, porque não se descreve complexidades do mundo quando

estamos no interior dele. Sou uma destas pessoas apaixonadas pela causa ambiental e por isso mesmo, cometo erros terríveis. Se fosse mais fria menos envolvida e menos emocional talvez a racionalidade pudesse ofertar mais conceitos. Entretanto, sinto que é esta emoção que torna a EA tão admirável e significativa na minha vida. É melhor vivê-la do que conceituá-la. Se eu fosse poeta e me perguntassem qual seria a melhor estação pra poesia, pensaria... Será no calor do verão sob o céu azul do mar, com um copo gelado de um suco ou fruta da estação; ou se na florida primavera de aromas e cores que inspiravam a palavra. Talvez a poesia fosse mais internalizada na beleza do outono das folhas secas, refletida na solidão purpúrea da alma. Ou, quem sabe, na aridez do frio, do copo do vinho ao ritmo dança dos corpos cansados pelo sexo na labareda das chamas da lareira. Mas sendo uma educadora ambiental, a melhor estação da EA é a poesia.

Bere - Há algo que não perguntei e que você considera importante de comentar?

Michèle - Agradeço a constante atenção e parabenizo, por mais uma vez, a Revista Eletrônica da EA em Ação. Também gostaria de dizer que a lista facilitada pela Bere é uma das mais sensíveis, pois brota da cooperação, da solidariedade e da bondade de seus participantes. Num mundo grotesco exposto às mentiras, violências e corrupções de todas as ordens, é muito alentador ler as mensagens que circulam entre seus participantes. São manifestações que nos conduzem a refletir que “um outro mundo é possível”.

Bere - Deixe uma frase, uma palavra, uma poesia ou uma ideia que você pode compartilhar com os/as leitores/as da revista eletrônica EA em Ação:

Michèle - Não restam dúvidas que a palavra da EA já foi dita. Há uma tradição dos patrimônios conceituais e práticos dela inegáveis e um movimento de resistência para que ela continue a sua rota existencial. Haverá os que duvidam dela, indagando sobre sua utilidade ou poder de revolução. A EA que compreendo é a forma da minha própria existência, de respirar pela manhã e contar estrelas pela noite. É meu jeito de viver, querendo escutar o riso da vida. E é delicioso saber que atitudes triviais e singulares do meu cotidiano possa ser compartilhados com esta linda comunidade de aprendizagem. Obrigada pela oportunidade.

Bere - Michèle, nós, Editoras e Colaboradores(as) da revista eletrônica EA em Ação agradecemos imensamente pela gentileza de conceder-nos esta entrevist@. Aproveitamos para agradecer pela constante parceria e pelo compartilhamento de seus saberes com a EA em Ação desde o início. Muito Obrigada!

VILMAR BERNA

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº15 - 05/12/2005

Apresentação: Esta edição da revista eletrônica EA em Ação tem a honra de apresentar a entrevista com o ambientalista Vilmar Berna, jornalista e editor da Revista do Meio Ambiente e do Portal do Meio Ambiente (www.portaldomeioambiente.com.br) muito conhecido pelo trabalho desenvolvido no Jornal do Meio Ambiente, que transformou-se em portal virtual e revista - pessoa que muito contribuiu e contribui com a revista eletrônica EA em Ação, quer seja com a autorização de publicação de seus artigos, quer seja na divulgação deste trabalho que aqui realizamos. Enfim, Vilmar é muito mais do que um jornalista, ambientalista, escritor, editor. É um sonhador, é idealizador de um "mundo mais justo e fraterno que começa na gente", um batalhador incansável pelas questões ambientais, e suas ações são verdadeiras lições de EA. E, por falar em EA, vamos saber o que pensa o Vilmar sobre este assunto...

Bere - Vilmar, conte-nos como surgiu o seu interesse pelas questões ambientais e desde quando você se dedica a esta temática?

Vilmar - Minha atuação na área ambiental não se deu por alguma necessidade profissional ou objetivo econômico, mas por um compromisso com a formação de uma nova consciência ambiental em nossa sociedade onde a maior e primeira necessidade é a de informação, pois, uma vez informado, o cidadão busca seus direitos, cumpre com seus deveres, procura formação adequada, etc. Após mais de dez anos como militante ambientalista, primeiro na Univerde, depois nos Defensores da Terra, no período entre 1984 e 1994, vi crescer a consciência ambiental na sociedade e também vi multiplicarem-se os números de novos militantes ambientalistas e de novas ONGs. Achei, então, que poderia investir minhas energias em outras frentes onde eu poderia ser mais útil na luta por uma nova consciência e atitudes com o Planeta. Por que as pessoas tinham tanta dificuldade de se mobilizarem na defesa dos seus direitos a um meio ambiente preservado e mesmo para mudarem de atitude? Existem vários fatores mas um deles, sem dúvida, é a falta de formação ambiental adequada na sociedade, o que me levou a escrever livros de EA, entre os quais "Como Fazer EA" que é adotado em muitas escolas e por muitos professores no país e hoje é curso à distância da UFF. Neste livro, proponho a criação de uma Rede de Clubes de Amigos do Planeta, para que as novas gerações já cresçam com a preocupação de pensar e agir concretamente na melhoria do meio ambiente em vez de ficar esperando por 'salvadores da pátria'. Esta ideia vem se multiplicando pelo país e, por exemplo, só no município de Barra Mansa, no Rio de Janeiro, já são mais de 40 clubes, reunindo mais de 500 jovens que realizam ações concretas como plantio de árvores, etc. Importante também a iniciativa de criar instrumentos para favorecer a ação da sociedade através do trabalho voluntário ambiental, que resultou em inúmeras atividades concretas pela melhoria ambiental e resultou na criação do IBVA - Instituto Brasileiro de Voluntários Ambientais, atualmente presidido por mim. A diferença entre o Projeto dos Voluntários Ambientais e o Clube de Amigos do Planeta é que o primeiro se propõe a estabelecer um canal permanente para atender à demanda já existente na sociedade para o trabalho voluntário, enquanto o segundo se propõe a motivar e ajudar a organizar os jovens em idade escolar para serem voluntários ambientais. A ideia é fazer de cada escola um clube, e de cada clube uma ação concreta em benefício do meio ambiente adjacente, num trabalho que procura envolver toda a comunidade e contribuir

para formar cidadãos críticos e participativos. Mas, sem informação ambiental em quantidade e qualidade suficientes, a formação de um novo cidadão ambiental mais consciente, crítico e atuante fica mais difícil, e a própria divulgação das lutas ambientais, da legislação ambiental e da EA fica comprometida. Assim, fundei em janeiro de 1996, o Jornal do Meio Ambiente, com a proposta de ser uma espécie de ponte de informação entre os diferentes segmentos da sociedade dedicados ao meio ambiente, unindo ambientalistas, empresários, governos, políticos, lideranças comunitárias, para que através do conhecimento do que cada segmento realizava o jornal atuasse como um incentivador e facilitador para o diálogo entre os multiplicadores e formadores de opinião ambientais.

Bere - o que foi que te motivou ou te impulsionou para adentrar nestas questões tão importantes para a vida, e gostaria de saber, também, se você teve um momento de "despertar"?

Vilmar – A Carta que o cacique índio Seattle, da tribo Duwamish, do Estado de Washington, escreveu ao presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos, em 1855, depois do governo norte-americano ter dado a entender que desejava adquirir o território da tribo. Quase 150 anos atrás, quando nem mesmo haviam inventado o termo ecologia, um índio já ensinava os mais profundos conceitos ecológicos, válidos até hoje. Foi a leitura deste texto, na década de 80, que me fez decidir pela defesa do meio ambiente.

“O Grande Chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar nossa terra. O Grande Chefe assegurou-nos também de sua amizade e sua benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não necessita da nossa amizade. Porém, vamos pensar em tua oferta, pois sabemos que se não o fizermos o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O Grande Chefe em Washington pode confiar no que o chefe Seattle diz, com a mesma certeza com que os nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano, a minha palavra é como as estrelas. Elas não impalidecem”.

Como podes comprar ou vender o céu - o calor da terra? Tal ideia nos é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água. Como podes comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre o nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada uma folha reluzente, todas as praias arenosas, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual a outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de exauri-la, ele vai embora. Deixa para trás o túmulo do seu pai, sem remorsos de consciência. Rouba a terra dos seus filhos. Nada respeita. Esquece as sepulturas dos antepassados e os direitos dos filhos. Sua ganância empobrecerá a terra e vai deixar atrás de si os desertos. A vista de tuas cidades é um tormento para os olhos do homem vermelho. Mas talvez isto seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende.

Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem um lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o tinir das asas dos insetos. Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é para mim uma afronta contra os ouvidos. E que espécie de vida é aquela em que o homem não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo à noite? Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho. O ar é precioso para o homem vermelho, porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar - animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo, ele é insensível ao mau cheiro.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição. O homem branco deve tratar os animais como se fossem irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser certo de outra forma. Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias abandonados pelo homem branco, que os abatia a tiros

disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso do que um bisão que nós, índios, matamos apenas para sustentar a nossa própria vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode afetar os homens. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto fere a terra fere também os filhos da terra.

Os nossos filhos viram seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio, e envenenam o corpo com alimentos doces e bebidas ardentes. Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias - eles não são muitos. Mas algumas horas, até mesmo uns invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que têm vagueado em pequenos bandos nos bosques, sobrarão para chorar sobre os túmulos. Um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

De uma coisa sabemos que o homem branco talvez venha um dia a descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julgas, talvez, que O podes possuir da mesma maneira como desejas possuir a nossa terra. Mas não podes. Ele é Deus da humanidade inteira. E quer o bem igualmente ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele. E causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo seu Criador. O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças.

Continua poluindo a tua própria cama e hás de morrer uma noite, sufocado nos teus próprios dejetos! Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos silvestres, quando as matas misteriosas federem à gente - onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinhas da torre, à caça do fim da vida e o começo da luta para sobreviver...

Talvez compreenderíamos se conhecêssemos com que sonha o homem branco, se soubéssemos quais esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais visões do futuro oferece às suas mentes para que possam formar os desejos para o dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos, temos de escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos, é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias conforme desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueças como era a terra quando dela tomaste posse. E com toda a tua força, o teu poder, e todo o teu coração conserva-a para teus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum”.

Bere - Como você percebe a EA (EA) de uma forma geral? Ou, como você definiria EA em poucas palavras?

Vilmar - A EA é ensino para a cidadania ambiental crítica e transformadora.

Bere - Quais relações são possíveis de serem feitas entre a EA e Jornalismo? Qual é a importância da informação para a consolidação da EA?

Vilmar - Só democratizar a informação ambiental não é suficiente sem uma articulação com a EA, afinal, não é pelo maior ou menor volume de informações que a população aprende a pensar criticamente e atuar em seu mundo para transformá-lo, se não tiver uma cultura e uma formação que predisponha as pessoas a valorizar esta informação. Sem isso, as pessoas vão pouco a pouco se tornando insensíveis diante da informação, como se fosse mais uma espécie de poluição onde as palavras perdem o significado e importância, e tanto faz saber que derrubaram uma árvore ou uma floresta. A educação, por sua vez, não se dá ao vácuo, mas inserida em seu tempo e no contexto.

Deve, portanto, saber aproveitar dos meios de comunicação seu compromisso com o contemporâneo, trazendo a realidade vivida para o processo educativo, crítico e participativo, adequado à realidade dos alunos. Por outro lado, não há EA sem participação política. Não basta estimular a participação dos cidadãos e não garantir os instrumentos de acesso à informação, primeiramente, pois sem ela dificilmente o cidadão consegue se mobilizar, e garantir canais de participação, com comitês e conselhos paritários, e, finalmente, instrumentos que permitam aos cidadãos participarem do estabelecimento das regras do jogo. A EA é fundamentalmente uma pedagogia de ação. Não basta se tornar mais consciente dos problemas ambientais, sem se tornar também mais ativo, crítico e participativo. O comportamento dos cidadãos em relação ao seu meio ambiente, é indissociável do exercício da cidadania.

É preciso reconhecer que os meios de comunicação, por sua própria natureza, estão muito mais em sintonia com o que a sociedade está querendo num determinado momento do que o sistema educacional. A diferença se dá no tempo. Os meios de comunicação procuram mostrar o fato quando o mesmo ocorre, ao vivo, ou quase. É tão eficiente, quanto mais rápido conseguir informar. Não há tempo para explicações didáticas e, com isso, pode ocorrer uma verdadeira confusão de conceitos envolvendo termos como ecologia, meio ambiente, preservação ambiental, controle de poluição, combate ao desperdício de recursos naturais, proteção à fauna e flora etc. Ecologia é um tema do cotidiano das pessoas. Por isso, o ideal é que a EA formal utilize jornais em sala de aula, ou mesmo vídeo com programas e shows com temas ambientais como motivadores para aulas bem interessantes e, sobretudo, próximas da realidade vivida. Desta forma, a EA formal incorpora a educação informal, garantindo maior agilidade ao processo educativo, levando o aluno a fixar o aprendizado ao mesmo tempo em que se torna capaz de pensar criticamente sobre sua realidade e também de influir sobre ela.

O Jornal do Meio Ambiente lançou o projeto "O JMA em Sala de Aula" (veja em <http://www.jornaldomeioambiente.com.br/JMA-Escola.asp>) inspirado no livro "EA - Uma Abordagem Pedagógica da Atualidade", editado pelo CEDI/CRAB sugere o uso do jornal em sala de aula como instrumento didático. *"(...) O jornal é um instrumento privilegiado para se articularem os conhecimentos espontâneos dos alunos, os conteúdos escolares e os temas do presente. (...) Vale enfatizar a necessidade de que os alunos tenham contato com o jornal como um todo, antes de partir para o estudo de um artigo específico. Assim, além de identificar os assuntos tratados nas diversas seções, eles podem constatar qual a importância dada a cada notícia; podem observar quais notícias merecem destaque na primeira página e quais merecem apenas uma nota num canto de seção. (...) É interessante os alunos observarem como a questão ambiental é enfocada. Muitas vezes, uma mesma notícia pode ser tratada de formas diferentes, dependendo do veículo de informação. Os alunos podem ser incentivados ainda a comparar o noticiário da imprensa com o da televisão. (...) O jornal pode ser um excelente material didático para introduzir a atualidade em sala de aula e abrir a escola para a realidade cotidiana dos estudantes. No que diz respeito aos temas ambientais, ele é um recurso indispensável para que possam relacionar as grandes questões mundiais, nacionais ou regionais com as suas experiências vividas, com suas percepções do que é o meio ambiente e qualidade de vida. Desde cedo, a criança e o adolescente podem formar suas opiniões e se posicionar diante dos fatos que ocorrem ao seu redor. O trabalho com jornal é ainda uma boa oportunidade de integrar os conteúdos de linguagem com os das outras disciplinas curriculares. Os estudantes podem, por meio dele, desenvolver sua capacidade linguística não apenas decorando regras e categorias gramaticais, mas utilizando o texto para compreender criticamente a realidade".*

Bere - Em suas atividades relacionadas à EA especificamente, quais são as maiores dificuldades que você enfrenta nesta prática?

Vilmar - A distância entre a boa intenção ambiental e o gesto concreto. Cada vez mais pessoas têm a consciência que o meio ambiente é importante, que precisamos mudar nosso jeito de estar no Planeta, mas daí para a prática ainda há um enorme abismo que precisamos ultrapassar através de pontes como a educação e a comunicação ambiental, pois não dá para esperar que a sociedade mude a tempo de preencher o abismo. Por trás de nossos problemas ambientais, não está apenas a ação de poluidores, o desmantelamento dos órgãos públicos de controle ambiental, ou a falta de consciência ambiental, mas também um tipo de atitude e valores, que julga natural explorar ao meio ambiente e aos nossos semelhantes para atingir um modelo de desenvolvimento que, por si só, gera agressões ambientais e problemas sociais. Logo, não basta exigir mudança de comportamento de empresas e governos. Precisamos ser capazes de enfrentar a nós próprios, pois não haverá planeta suficiente capaz de suprir as necessidades de quem acha que a felicidade e o sucesso estão na posse de cada vez mais bens materiais. Também não basta se tornar mais consciente dos problemas ambientais sem se tornar também mais ativo, crítico, participativo. Em outras palavras, o comportamento dos cidadãos em relação ao seu meio ambiente, é indissociável do exercício da cidadania. Só que tem gente que acha mais fácil ficar reclamando que ninguém ajuda, mas não se pergunta se está fazendo a sua parte. Acha mais prático ficar esperando que o governo ou algum político salvador da pátria faça alguma coisa - afinal, costuma argumentar, já se paga tanto de impostos -, em vez de arregaçar as mangas por sua comunidade ou escola. Na base da falta de participação não está a ausência da consciência ambiental, mas de cidadania. Então, como convencer os outros a modificarem seus hábitos, se não modificamos os nossos primeiro? Como exigir que os poluidores deixem de envenenar o ar da comunidade, se os fumantes jogam sua fumaça no ar de quem está do lado, mesmo sabendo que incomoda e prejudica a saúde do vizinho? Se queremos uma natureza preservada, devemos começar mudando nossos hábitos, comportamentos e atitudes com o planeta, os animais, as plantas, o meio ambiente e, principalmente, com o nosso próximo, pois não há coerência em quem ama os animais e as plantas mas explora, humilha, discrimina, odeia seus semelhantes. Sem coerência, a comunicação é vazia, seja atuando em nível familiar, seja no bairro, seja através do próprio trabalho na escola, na Prefeitura, na comunidade, na empresa, sindicato etc.

Bere - Deixe uma frase, uma palavra, uma poesia ou uma ideia que você pode compartilhar com os/as leitores/as da revista eletrônica EA em Ação:

Vilmar - O mundo melhor que sonhamos não depende nem começa no outro, mas em nós. Sugiro que façamos um esforço para romper com o imobilismo de apenas reclamar e não fazer nada, ou de viver encontrando desculpas para não fazer as coisas acontecerem, e passemos a encontrar um jeito de fazer.

Sugiro, ainda, que façam o curso de EA à distância da UFF (<http://www.jornaldomeioambiente.com.br/JMA-cursouff.asp>) e que ajudem a implantar um Clubes de Amigos do Planeta para sairmos da teoria e da boa vontade para a prática,

(<http://www.jornaldomeioambiente.com.br/ClubedeAmigosdoPlaneta/index.asp>) ou organizem uma ação voluntária ambiental em seu local de moradia ou trabalho (veja em <http://www.jornaldomeioambiente.com.br/JMA-Voluntarios.asp>).

Minha palavra final deixo aos professores que desejam enfrentar o desafio de fazer uma EA crítica e transformadora com seus alunos:

Defina palavras e conceitos - Defender a natureza, a flora e a floresta, o meio ambiente, a ecologia, preservar os ecossistemas e os habitats, combater a depredação dos recursos naturais, a poluição de mananciais e do lençol freático, são palavras e conceitos que se tornaram comuns hoje em dia, mas afinal, do que se trata? É preciso definir o que se está falando, tomando o cuidado de não cair num tecnicismo que distancie o aluno da ação transformadora que ele precisa empreender como cidadão de seu tempo.

Mostre a importância - Por mais sério que seja, ninguém consegue ter a sensação de importância por uma coisa abstrata, fora de sua realidade. Antes de se importar com a sobrevivência das outras espécies, o aluno precisa estar consciente de sua própria importância, sua capacidade de interferir no meio ambiente e de agir como cidadão. Afinal, como respeitar espécies consideradas inferiores se o aluno percebe que não há respeito entre os indivíduos de sua própria espécie?

Estimule a reflexão - A cada ação deve corresponder uma reflexão, pois não é possível pretender transformar o mundo ou criar uma relação mais harmônica com a natureza ou os outros indivíduos de nossa própria espécie baseando-se apenas no academicismo, onde se acumula um volume imenso de conhecimentos e informações sem que isso reverta em melhoria das condições de vida; ou no trefismo, onde se procura transformar o mundo pela ação direta, como se nosso esforço fosse o suficiente para contagiar a todos. O equilíbrio entre as duas forças deve ser o objetivo de uma boa educação para o meio ambiente.

Estimule a participação - Uma vez que o aluno já domina um mínimo de conhecimentos sobre palavras e conceitos e está consciente sobre a importância de seu papel como agente transformador o próximo passo é a participação. É no enfrentamento dos problemas de seu cotidiano que o aluno se formará como cidadão. Além disso, o jovem não precisa chegar à maioridade ou ter um diploma técnico para só então defender seus direitos a um meio ambiente preservado, pois cada omissão equivale à destruição de mais e mais recursos naturais, de mais e mais poluição. A mudança deve começar já, inicialmente através de novas atitudes e comportamentos, mas logo a seguir procurando engajar-se nas ações da sociedade em defesa do meio ambiente e da qualidade de vida. Para estimular os alunos, uma boa técnica é estabelecer parcerias com os grupos ecológicos comunitários do lugar, convidando-os para se integrarem ao trabalho na escola.

Interesse-se a descobrir coisas novas - Um diploma de conclusão de curso não significa o domínio total de um conhecimento. A gente continua aprendendo sempre. Interesse seus alunos pelos estudos da natureza, lendo com eles notícias recentes de jornais e revistas, comentando a última programação sobre ecologia na televisão. Estimule cantinhos da natureza na sala de aula, museus naturais, álbum de recortes, leituras coletivas de materiais etc.

Faça junto com eles - O exemplo vale mais do que mil palavras. Os alunos são bastante impressionáveis diante da figura do professor. Ver o professor falar, falar, mas não agir conforme o que fala é desestimulante para os alunos e, ao mesmo tempo, um apelo ao não-agir, considerar o ensino para o meio ambiente como mais uma disciplina aborrecida que deve ser estudada apenas para tirar uma boa nota. Aproveite a oportunidade e engaje-se com seus alunos na tarefa de se construir as novas relações com o planeta, afinal, essa é uma tarefa de cidadania, muito mais que um compromisso de trabalho.

Saia da sala de aula - O meio ambiente da sala de aula não é o mais adequado para ensinar sobre o mundo que está lá fora. Sair da sala de aula, entretanto, traz inúmeros problemas quando se dispõe de apenas 45 minutos para uma aula. Uma das soluções pode ser mutirão pedagógico com colegas de outras disciplinas, o que reforça o caráter interdisciplinar do ensino para o meio ambiente. Outra possibilidade é sugerir aos pais dos alunos que façam incursões em finais de semanas ou feriados para realizar estudos do meio ou investigar e fotografar um problema ambiental, levando no carro dois, três ou mais coleguinhas dos filhos. E isso nem é uma proposta absurda, já que muitos pais ajudam os filhos nos trabalhos escolares, e não deixa de ser um passeio interessante, além de promover a integração entre pais e alunos, escolas e comunidade.

Bere - Vilmar, nós, Editoras e Colaboradores(as) da revista eletrônica EA em Ação agradecemos imensamente pela gentileza de concedernos esta entrevist@. Aproveitamos para agradecer pela constante parceria e pelo compartilhamento de seus saberes com a EA em Ação desde o início. Muito Obrigada!

GENEBALDO FREIRE DIAS

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº15 - 05/12/2005

Apresentação: Esta edição da revista eletrônica EA em Ação tem a honra de apresentar a entrevista com o ilustre professor Genebaldo Freire Dias, Biólogo, Mestre e Doutor em Ecologia, autor de diversos livros de EA. Lançou neste ano (2005) o livro "40 Contribuições Pessoais Para Sustentabilidade" pela Gaia Editora. Recentemente participou do programa Sem Censura apresentando o seu livro e falando sobre as atividades que desenvolve, entre elas a EA. Vamos conhecê-lo mais um pouco através desta entrevista.

Bere - Professor Genebaldo, conte-nos como surgiu o seu interesse pela EA e desde quando você se dedica a esta prática? O que o levou a escolher este caminho?

Genebaldo - Comecei a lecionar aos 17 anos (Física). A educação sempre me fascinou. Queria novos caminhos, propostas. Buscava sempre a prática. Depois como professor de Química e Biologia, pude reunir esses conhecimentos, ampliando a percepção dos processos naturais.

Sempre tive curiosidade sobre as formas como a natureza se organizava, funcionava. Buscava sempre respostas para nossos comportamentos (como mamíferos e como ser eucultural).

Daí, nos anos 70 veio a poluição, baía de minamata, Estocolmo e toda aquela revolução. Daí foi um pulo!

Bere - Como você percebe a EA (EA) de uma forma geral? Você poderia definir a EA em poucas palavras?

Genebaldo - Defino como uma forma de ampliar a percepção socioambiental e reduzir a pegada ecológica humana.

Percebo como um processo por meio do qual se tenta reduzir sofrimentos evitáveis, combater o analfabetismo ambiental e ampliar as chances evolutivas da espécie humana.

Bere - Fale-nos um pouco sobre suas perspectivas em relação à EA: você percebe mudanças significativas nas pessoas, ao longo destes anos trabalhando com a EA?

Genebaldo - Percebo sim. No Brasil essas questões ambientais estão presentes nas empresas, nos negócios, nos governos, nas comunidades. Temos entretanto, resistências fantásticas dentro das escolas particulares e das universidades. Nas escolas, molda-se o processo educativo em função de vestibular, de conteúdos. Uma falácia. A escola deve preparar a pessoa para a vida, para ser interdisciplinar, interativo, cooperativo, emotivo. Deve atentar para os desafios evolucionários. As universidades, em sua maior parte, são caquéticas, ultrapassadas, engessadas por grossas camadas de vaidades. Preparam pessoas para um mundo que não existe mais. Avesas a mudanças, continuam seu caminho koyaanisqatysi (filme do Francis Ford Coppola, 1998, em dvd, recomendando).

Porém, é bom acentuar que as pessoas ainda não mudaram o suficiente - em qualidade e quantidade - para produzir mudanças em prováveis rotas de colisão com a insustentabilidade.

Continuamos na mira do meteoro. Ultrapassamos vários sinais de alerta e não temos sinalizações que as mudanças políticas necessárias estão sendo tomadas.

Essa é a grande luta.

Bere - Professor Genebaldo, conte-nos algum acontecimento ou fato curioso que tenha ocorrido ao realizar atividades ligadas a EA, que tenha ficado marcado, para você.

Genebaldo - Como essa entrevista é bastante informal, tenho a liberdade de dizer que não gosto de falar sobre mim, pois essa trajetória foi marcada por muita perseguição, injustiça e sacrifício, coisas que agora não têm a menor importância.

Marcam-me os emails e cartas que recebo, os sorrisos das professoras e professores quando no final dos nossos cursos, das dinâmicas experimentadas. A cada novo grupo novos elos de amizade, confraternização, esperanças...

Bere - O que você, com toda sua experiência, tem a dizer aos/as docentes que ainda não encontraram um "caminho" para trabalhar a EA ou que se sentem "perdidos" em relação a esta questão?

Genebaldo - Não há ninguém mais perdido em EA, no Brasil. Hoje somos a Nação mais entusiasta em caminhos diversificados desse processo. No caso de dúvidas, escutem um pouco mais o coração, escutem mais a intuição. Temos nos nossos genes as orientações para a sobrevivência.

Bere - No programa Sem Censura você falou sobre a importância da espiritualidade para o desenvolvimento de uma nova consciência em relação ao meio ambiente. Fale-nos um pouco sobre esta questão.

Genebaldo - Imagine a complexidade do Projeto Terra. Aqui a vida foi instalada em um ambiente com água potável, solo fértil, aquecimento, bichos e plantas, fungos e vírus e uma incrível teia de relações entre isso tudo. É um grande experimento no qual estamos todos envolvidos. Um projeto cuja complexidade inicia-se nos núcleos das células e se espalha no cosmos. Somos micro e macro ao mesmo tempo.

Não se pode querer explicar tudo, não conseguiremos. É necessário parar um pouco para contemplarmos a beleza, o fascínio e a grandeza disso tudo.

Bere - Outro assunto tratado no programa foi o de se criar uma disciplina específica para a EA. Quais seriam as consequências de se fragmentar a EA, compartimentando-a em uma disciplina, já que tenho conhecimento que algumas escolas estão optando pela instalação da disciplina de EA no currículo escolar, apesar do PRONEA que a define como prática interdisciplinar?

Genebaldo - Houve uma falha nos investimentos em EA, no Brasil. Historicamente. Há a necessidade de se investir em capacitação e formação profissional, em desenvolvimento de recursos instrucionais próprios. A estratégia de projetos deveria ser estimulada para a prática da EA. A criação de uma disciplina é uma medida de desespero.

Bere - Há algo que não perguntei e que você considera importante de comentar?

Genebaldo - Sim. Sobre os novos projetos. No início de 2006 estaremos relançando o nosso "Atividades Interdisciplinares de EA" (Gaia, SP). São 50 práticas interdisciplinares inovadoras.

A seguir, lançaremos um livro só sobre dinâmicas de EA e em junho um sobre Mudanças Climáticas.

Bere - Deixe uma frase, uma palavra, uma poesia ou uma ideia que você gostaria de compartilhar com os/as leitores/as da revista eletrônica EA em Ação.

Genebaldo - Milhos ficam contentes
quando explodem
em forma de pipoca?

FERNANDO JAEGER SOARES

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº16 - 17/03/2006

Apresentação: Esta edição da revista eletrônica EA em Ação tem a honra de apresentar uma entrevist@ com Fernando Jaeger Soares, que atualmente reside nos Estados Unidos. Ele "é licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), desenvolveu dissertação no curso de Mestrado em Educação em Ciências para o Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Com pesquisa financiada pela FAPERGS sob co-orientação do Florida Institute of Technology (FIT/USA), concentra-se nas áreas de Avaliação e Currículo da EA. Nos últimos cinco anos atuou como editor da revista Permacultura Brasil – soluções ecológicas junto ao Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado/GO, como consultor em EA para a Fundação Gaia e como professor no Centro de EA Estação Ecologia em Estância Velha/RS. Fernando também foi professor de Estudos Ambientais no Curso Técnico em Paisagismo do Colégio Bom Pastor, Nova Petrópolis/RS e professor de ciências em duas escolas públicas de Ivoti".

Bere - Tive a felicidade de conhecê-lo recentemente através da Internet. Trocando mensagens, descobrimos que ambos somos naturais da cidade de Novo Hamburgo/RS, inclusive trabalhamos em espaços comuns, porém, em períodos diferentes. Por uma enorme coincidência e por desatenção minha em relação a nomes e sobrenomes, em uma das mensagens que trocamos, escrevi sobre o excelente conteúdo de um artigo que eu recentemente havia lido em uma revista de educação, e a resposta dele foi a seguinte: "Que bom que você leu e gostou do meu artigo!". Tomei um grande susto e claro que fiquei muito envergonhada, mas achei esta situação o máximo! No mínimo, inusitada. A partir de então, sempre que possível, trocamos ideias e sonhos relacionados à EA. Agora, vamos ao que interessa: conhecê-lo um pouco mais...

Professor Fernando, agradecemos por ter aceitado o convite para ser o entrevistado desta edição, e prossigo pedindo que nos conte como surgiu o seu interesse pela EA (EA). Desde quando você se dedica a esta prática educacional?

Fernando - Bere, também é uma satisfação muito grande estar em contato contigo e quero mais uma vez agradecer a oportunidade.

Com relação à EA, lembro de três importantes acontecimentos na minha vida: o primeiro (acho que eu era pré-adolescente nesta época) foi uma visita que fiz ao horto municipal em Novo Hamburgo, onde conheci o Eng. Agrônomo Arno Kayser, ecologista bastante conhecido em Novo Hamburgo, e que influenciou a minha trajetória para a EA, e para o pensamento crítico e filosófico. Através dele conheci, mais tarde, muita gente bacana dentro do Movimento Roessler. O segundo evento foi mesmo minha participação no curso de Biologia Marinha com o Prof. Pedroso do CECLIMAR, evento este que descrevi no artigo a que você se referiu. A outra pessoa que marcou bastante esta trajetória foi a pesquisadora Christa Knaper da UNISINOS. Com ela tive a oportunidade de participar de um congresso estadual de educação ecológica que ocorreu em Ibirubá em meados de 80, onde apresentei meu primeiro trabalho acadêmico na área. Naquela época, eu fazia um trabalho voluntário, e produzir minhocas em diferentes tipos de composto era o nosso negócio. Ainda durante este trabalho tive a oportunidade de conhecer, também, Alexandre

Freitas, que por muitos anos, trabalhou com a Fundação Gaia. A partir daí, construíram-se as pontes que me levaram a criar coragem e me profissionalizar na área.

Bere - Como você percebe a EA de uma forma ampla e global?

Fernando - Ao nível global acho que a EA ainda não está bem definida, ainda que estejam bem definidos os seus objetivos. Costumo enfatizar que a educação em si, ambiental ou não, exerce influência sobre o ambiente e vice-versa. Portanto penso que toda educação é de certa forma ambiental. Porém, na prática o que podemos fazer é focalizar nossos esforços educativos para deixar a educação mais crítica e consciente de seu lugar no universo humano, social, e libertar o educando para pensar por si mesmo. Acredito que um bom pensador considerará as necessidades da vida, orgânica e do ambiente no seu agir.

Bere - Como você vê, hoje, a condição ambiental do planeta e quais as ações que você destaca como mais significativas?

Fernando - Falar sobre isso no âmbito do planeta inteiro é bastante difícil, senão impossível. As condições do planeta, ninguém sabe, mas existem muitos cientistas que a descrevem assim mesmo, com aproximações do que pode ser a verdade. O aquecimento global dentro de uma escala de tempo secular é um fato, e que isto influencia toda a rede viva que habita este planeta, também é um fato. Mas, ainda não sabemos, cientificamente, se vai ser ruim, ou o quão ruim será. Na minha opinião, acho que melhorou bastante para o ser humano em geral, mas piorou significativamente para o sistema vivo em que este se enquadra, já que a biodiversidade continua em declínio na maioria dos países em que o desenvolvimento segue seu rumo. Existem, embora, algumas histórias de sucesso onde espécies foram resgatadas graças aos esforços de ONGs e pessoas comprometidas na área. No Brasil, o Mico Leão Dourado é um exemplo. Aqui nos USA o Puma (Florida Panther), estava quase extinto e hoje sua população está novamente crescendo.

Os movimentos sociais da década de 60 e 70 foram, sem dúvida nenhuma, significativos: acordaram o mundo para a causa ambiental; deram início ao ambientalismo de larga escala; e fizeram do movimento ambiental um dos movimentos sociais mais duradouros na história. O Earth Day, aqui nos EUA, em 22 de Abril de 1970, teve uma participação de 20 milhões de pessoas que se cogregaram em diferentes estados!! Dá para imaginar alcançar este nível de participação em algum evento ambiental, hoje? De lá para cá foram criadas inúmeras ONGs ambientais e algumas tornaram-se superpotências no movimento. Porém, é preciso lembrar que embora o movimento tenha evitado sucumbir à complexidade das questões que almejava solucionar, isso não significa dizer que alcançou os seus objetivos. Talvez a maior vitória do movimento ambiental, ao nível global, tenha sido a de manter-se vivo por tanto tempo, mesmo na ineficiência. Outro evento significativo foi a Eco 92, que de certa forma profissionalizou o movimento ambiental introduzindo a estratégia da Agenda 21, integrando diferentes esferas do conhecimento e da gestão de forma prática. Ainda há muito que fazer para que as ideias mais brilhantes surtam efeito significativo.

Bere - Falar em EA é falar em mudanças na educação. O que você considera importante ser modificado dentro do sistema educacional vigente, para que ocorra a consolidação da EA?

Fernando - Acho que mais importante do que qualquer outra preocupação nesta área é acabar de uma vez por todas com a visão de que a EA é educação pró-ambiente. EA não deveria tomar partido, mas libertar o educando para pensar criticamente sobre o seu entorno. Praticar EA como eco-militante é uma prática comum entre os educadores, mas para mim isso não é nem mesmo educação. A complexidade das questões sócioambientais pode facilmente ser ignorada ou

despercebida à sombra da militância. Temos que ter o máximo cuidado com isso, ou continuaremos muito ineficientes. Educar para libertar deveria ser o slogan da EA.

Bere - Em seu artigo publicado na Revista de Educação, da Editora Projeto, em 2004 - que também está disponível no site da REBEA/Rede Brasileira de EA (fonte abaixo), você traz à tona a importante questão das vivências e experiências para o desenvolvimento da EA. Falenos um pouco sobre este enfoque tão importante para a implementação da EA:

Fernando - As pesquisas com as raízes da sensibilidade ambiental, qualidade primordial para o desenvolvimento de uma cidadania ambiental, apontam para as experiências significativas de vida que temos na infância, geralmente em ambientes de beleza natural, como sendo construtoras desta sensibilidade. Conviver com a beleza da mata, da água, das dunas, do vento, experimentar o sentido da contemplação na presença de pessoas que lhe dão segurança (a professora, os pais, os amigos) contribui significativamente para o pensar crítico sobre destruir tudo isso. Viver experiências positivas em meio à beleza natural é essencial para valorizá-la. Não há nada de novo aqui, a não ser o fato de que hoje sabemos que muitas pessoas que dedicaram fervorosamente suas vidas à solução do problema da interação do humano, ou social, com o ambiental são pessoas que adquiriram esta sensibilidade. Ao questioná-las, elas identificam experiências da infância, de vida ao ar livre, como marcantes na escolha de suas carreiras. Acampar com os filhos, ou com os alunos acaba sendo a melhor aula se quisermos cultivar esta sensibilidade.

Bere - Sempre fui muito preocupada com a falta de materiais didáticos de EA para professores das séries iniciais, e você evidencia, em seu artigo, outra preocupação para esta faixa de ensino que é a de proporcionar vivências e atividades sensibilizadoras quando você coloca que "(...) para o Ensino Fundamental, e em especial para as séries iniciais, é de suma importância que estas oportunidades (experiências e vivências significativas) estejam presentes no currículo. Mais uma vez, não se trata de reproduzir um significado, mas de contextualizar a realidade de tal forma que a razão e a emoção trabalhem juntas para uma cognição em prol da vida, isto é aumentar as chances de emoção e razão sincronizarem-se para o bem". Fale-nos mais sobre esta preocupação em relação à EA nas séries iniciais. Como os professores podem ser orientados para o desenvolvimento destas atividades?

Fernando - Para ser bem pragmático, acho que precisamos de uma instituição que favoreça a pedagogia do ar livre. Orientar os professores não será o suficiente, pois para realizar as eco-aventuras ou as aulas no mundo real com crianças de 7 a 11 anos tomará mais dos professores do que o planejamento de atividades. É preciso pensar em transporte, alimentação, estadia (barracas), coletes-salva-vidas, instrumentos de trabalho, participação de voluntários, parcerias com outras instituições, custos, integração curricular e por aí fora. É preciso pensar em equipe e cultivar o espírito de equipe antes de estruturar a educação para estes objetivos. A logística poderia ficar por conta de uma secretaria especializada neste assunto ou de uma fundação que angariasse as verbas para que isso pudesse ser feito com frequência durante o ano. Porém, no que diz respeito à psicologia educacional envolvida, acho que há sim a necessidade de preparação dos professores. Por exemplo, a aula "do lado de fora" não funciona como a "do lado de dentro": na rua não temos o controle da situação, especialmente do aprendizado, mas a motivação e o estímulo para aprender são infinitos. Por isso, o número de estudantes por adulto deve ser bem menor. Ainda há que se construir uma pedagogia em torno desta modalidade de educação. Aqui existe uma instituição nacional com ramos estaduais responsável por financiar projetos com este viés, isto é, que vinculam a educação ao serviço e à participação comunitária.

Bere - Como você percebe o desenvolvimento da EA aí nos Estados Unidos?

Fernando - A julgar pelo modo de vida americano, a sua pegada ecológica, acho que a EA aqui também não tem sido muito eficiente. Mas, é mesmo surpreendente a quantidade de material didático disponível, tanto para educação "sobre o ambiente", como para "no ambiente" e "para o ambiente". Além disso, a EA parece ser mais profissionalizada ou talvez eu devesse dizer: tecnicamente estruturada. A Alfabetização Ambiental (não a Ecoalfabetização) tem sido largamente utilizada como forma de avaliação e a North American Association for Environmental Education tem várias comissões responsáveis por diferentes setores de desenvolvimento da EA. Um deles está trabalhando na certificação do educador ambiental.

Bere - A Internet tem-se revelado como uma importante ferramenta para a consolidação da EA. Como você vê esta questão?

Fernando - Acho que a Internet é uma rede, ou ferramenta, que entrou nas nossas vidas sem cerimônias. Quando nos vimos plugados, nos damos conta do tamanho da descoberta ou da criação humana que esta rede representa. Não é como pisar na Lua onde de repente todo mundo vê o que acontece marcando a história da ciência e da tecnologia. A Internet é diferente, veio aos poucos e continua entrando aos poucos na nossa sociedade. Como toda tecnologia, depende mais do que se passa na nossa cabeça do que o que ela é capaz de fazer. Para a EA e para toda a Educação tem se demonstrado uma revolução, já que podemos operar em rede. Porém há muito trabalho a ser feito para que todos tenham acesso a esta tecnologia.

Bere - Para descontrair, peço que nos conte algo engraçado e significativo que tenha ocorrido ao longo da sua trajetória na EA.

Fernando - Bere, esta foi sem dúvida a pergunta mais difícil. Mas consegui lembrar de um evento que ocorreu na Escola Municipal Grande Oriente, em Porto Alegre, onde estávamos trabalhando num projeto de paisagismo ecológico e integração curricular com o uso do pátio. Os alunos e os professores estavam bastante motivados e a energia daquela semana permanece na minha memória até hoje. Durante os trabalhos práticos, lembro que um grupo de alunos estava pintando o chão com tinta óleo e, sem perguntar, terminado o serviço, resolveram limpar os pincéis nas pias do laboratório (branquinhas e limpas). Acontece que a tinta impregnou a pia e ficou uma "eca". Quanto mais a gente limpava, pior ficava a situação. Aliás, tenho saudade daquela escola e gostaria de saber como estão as mais de quarenta árvores que estrategicamente plantamos para sombrear as salas de aula.

Bere - Qual foi o seu maior desafio enfrentado, relacionado à EA?

Fernando - Eu diria que foi inserí-la na vida profissional. Hoje eu sou estudante aqui nos EUA patrocinado pela CAPES e pela Fulbright. Mas, antes disso, estive envolvido com várias outras atividades, consultorias, grupos de trabalho, e em todas as ocasiões foi extremamente difícil encontrar profissionalismo e respeito à EA, como se tem à Engenharia, à Arquitetura, à Medicina, à Administração ou ao Direito, ainda que sejamos professores e formadores destes futuros profissionais! As pessoas ainda não se deram conta da relevância da EA para o bem de uma nação ou de sua economia, nem mesmo os educadores ambientais. Isso torna o viver como educador muito difícil. Portanto eu diria que o maior desafio relacionado à EA ainda é encontrar o seu espaço de trabalho.

Bere - Há algo que não perguntei e que você considera importante comentar?

Fernando - Talvez fosse importante lembrar que a diversificação do movimento ambiental trouxe inúmeras abordagens para se envolver com a solução, com o reverter o curso do desenvolvimento social e econômico. Temos desde abordagens altamente espiritualizadas, até as mais técnicas e lógicas, das mais abstratas às mais objetivas. Participar e conhecer o maior número destas iniciativas, com espírito crítico, é fundamental para a formação do Educador Ambiental libertador.

Bere - Deixe uma frase, uma palavra, uma poesia, ou uma ideia que você gostaria de compartilhar com os/as leitores/as da revista eletrônica EA em Ação.

Fernando - Costumo dizer que a vida é mais forte que a própria lei da gravidade. Quero dizer com isso que tanto quanto qualquer coisa nesse universo, a vida veio para ficar.

E encontrei esta poesia que dedico ao universo feminino do meio educacional. Que se sintam acolhidas pelo calor da fé na educação:

Orquídea

Nem tanto pelas tuas cores

Tua forma

Tua textura

Tuas pétalas

Abertas

Nem tanto pelo teu sabor

Teu cheiro

Teu suor

Teu solo

Fértil

Nem tanto pelas folhas que produz

Pelo teu tamanho

Tua elegância

Tua gema

Escondida

Nem tanto pela tua água

Tua sede

Tua dor

Tua dança

Lenta, lisa

Ou pela tua imponente

Independente

Sensual

Beleza

Mas pela tua habilidade de me fazer

Sonhar

Ser

O Sol.

Bere - Prezado professor Fernando, nós, Editoras e Colaboradores(as) da revista eletrônica EA em Ação, agradecemos imensamente pela gentileza de conceder-nos esta entrevist@. Muito Obrigada!

Fernando - Foi um prazer e desejamos muito sucesso neste seu trabalho.

ALEXANDRE PEDRINI

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº17 - 25/05/2006

Apresentação: Esta edição comemorativa da revista eletrônica EA em Ação, que abre o seu 5o. ano de atuação, tem a honra de apresentar a entrevist@ com Alexandre de Gusmão Pedrini, que é professor adjunto do Instituto de Biologia da UERJ, doutor pela UFRJ e analista em C&T da CNEN. Ele tem diversos livros publicados, dos quais foi organizador e autor. Publicou também trabalhos no Brasil e no exterior, além de ter participado da organização do I, II e III Congressos Mundiais de EA e do V Congresso Ibero-Americano de EA. Sua bagagem de experiências e pesquisas em EA é valiosíssima e pretendemos dividí-la com nossos/as assíduos/as leitores/as da revista eletrônica EA em Ação. Então, vamos ao que interessa, a nossa entrevist@:

Bere - Prezado Pedrini, agradeço pela sua participação nesta edição comemorativa, e inicio esta entrevista perguntando como iniciou o seu envolvimento com a EA? Houve algum momento específico que o motivou a olhar mais de perto a EA? Conte-nos um pouco do início da sua trajetória.

Pedrini - Meu envolvimento com a EA se deu motivado pela consciência de perceber o caos socioambiental em que vive o Brasil e os países latino-americanos. Como era um biólogo-botânico e especialista em algas marinhas de costões e lagoas, percebi que poderia atuar na EA. A EA, na época, estava carente de gente séria e experiente no campo das ciências naturais e decidi junto com meus estagiários (Joel Campos de Paula e Valéria Cassano), também botânicos, a dar parte de nosso tempo para atuar em EA. Daí, programamos um curso, no qual, seríamos professores e alunos e fizemos uma abordagem multidisciplinar. O curso foi divulgado amplamente pelas televisões e rádios e cerca de 200 pessoas compareceram a UERJ, e destes, cerca de 80 foram selecionadas. A partir de então, constatamos que as meninas aluna-internas em internatos urbanos não recebiam nenhuma atenção dos educadores ambientais e resolvemos atuar neste recorte social. Nossa experiência está relatada na coletânea EA; reflexões e práticas contemporâneas, editado pela Vozes que já está na sua quinta edição. Com o tempo, identifiquei várias demandas na EA e resolvi atuar avaliando a teoria e prática da EA no Ecoturismo e também na gestão ambiental.

Bere - Com poucas palavras, se é que é possível, como você define a EA?

Pedrini - Não há uma definição fechada, mas didaticamente eu diria que minha concepção calcada na Declaração de Tbilisi seria: processo permanente, contextual e total, que busca a mudança de hábitos, condutas e posturas do cidadão, visando uma nova visão de mundo em que seja possível a construção de sociedades auto-sustentáveis.

Bere - Fale-nos um pouco sobre sua experiência com a Rede Latino-Americana de EA, como e quando começou, quais as principais atividades realizadas e como ela está hoje.

Pedrini - A Rede, na realidade, foi a primeira tentativa no campo virtual de congregar, desde educadores até leigos interessados no campo da EA, cobrindo o contexto latino-americano. Daí, ela passou a ser o único modo de comunicação entre educadores ambientais, essencialmente brasileiros. Estudos da efetividade desta lista foram publicados e sua própria construção coletiva. Uma homepage foi construída por um professor da UNICAMP, mas foi abandonada face à falta de financiamento. A lista congregou cerca de 300 pessoas com colegas da maioria dos estados do Brasil e colegas da Argentina, Colômbia, Venezuela, México, Peru, Chile, Porto Rico, dentre outros países. Seus resultados foram apresentados no I Encontro da Rede Brasileira de EA, mas os colegas que escrevem a respeito de redes nunca citam este dado. Colaborou para a criação desta lista o Aluisio Cardoso de Oliveira, da prefeitura de Belo Horizonte.

Bere - Como você percebe a inserção da EA nas séries iniciais da Educação Básica em relação ao preparo do corpo docente?

Pedrini - Eu creio que os docentes não se sentem estimulados, nem capacitados para realizarem atividades de EA formal. Assim, tenho lutado há anos para que as licenciaturas tenham uma disciplina com caráter metodológico em EA, tal como existe na licenciatura em Biologia e Pedagogia da UERJ. Porém, como a EA é responsabilidade de todos, segundo a PNEA e o ProNEA, eu creio que deveríamos lutar para a inserção da EA em todos os cursos de graduação como disciplina obrigatória.

Bere - Quais os maiores avanços que a EA têm demonstrado nestes últimos anos?

Pedrini - Eu tenho graves preocupações sobre este tema, pois sou pessimista neste aspecto, porque desconhecemos a efetividade da EA em termos de atingir seus objetivos. A EA carece de avaliações de seu desempenho em todas as unidades de sua realização, tais como, ações, atividades, campanhas, projetos e programas. Podemos começar pelo desconhecimento da eficácia da EA governamental, tanto em nível municipal, como em outros níveis de governo. Assim, o que posso dizer é que apenas no nível acadêmico percebe-se claramente um avanço inestimável na construção de um arcabouço teórico-conceitual e metodológico da EA. Neste caso, a EA deve agradecer aos pesquisadores universitários. Outro campo que eu arriscaria a apontar avanço seria na “educomunicação” ambiental, por exemplo, com a criação de EA-NET por parte de organizações não governamentais. Desse modo, cabe ao meio acadêmico e às ONG’s grande responsabilidade na capacitação de educadores ambientais munidos de referencial conceitual e metodológico respeitável.

Bere - Qual é, na sua opinião, o maior problema que a EA enfrenta?

Pedrini - A EA não possui ainda uma área, ou sub área, do conhecimento em órgãos a fomentadores de pesquisa no Brasil como o CNPq e FAP’s. Isso fragiliza o pesquisador em EA quando ele solicita apoio para sua participação num congresso, ou num curso, ou mesmo para seus projetos. Isto pode ser devido ao fato de que esses órgãos vêm a EA como atividades desarticuladas e sem eficácia comprovada. A criação recente da Rede de Fundos Ambientais com linhas específicas e permanentes em EA facilitará o desafogar este gargalo. Se pudéssemos medir o percentual de trabalhos financiados pelo bolso do educador ambiental que participou do V Congresso Ibero-Americano de EA realizado em 2006, em Santa Catarina, veríamos que seriam mais de 90% dos trabalhos inscritos. Isto é deprimente! Os meus próprios trabalhos em EA são na sua quase totalidade financiadas por mim mesmo, enquanto que minhas pesquisas em botânica recebem financiamento do CNPq e FAPERJ.

Bere - Quais são seus projetos para este ano? Alguma publicação a vista?

Pedrini - Esse ano eu pretendo expandir meus trabalhos na avaliação conceitual e metodológica da EA realizada na gestão ambiental empresarial, pois minha hipótese de trabalho é a de que, na realidade, se trata apenas de treinamento e de qualidade variável. Estou tendo dificuldades de acesso aos projetos empresariais, pois as grandes empresas se negam a que se estude seus programas e projetos, apesar de sua alardeada transparência. Isto reforça a hipótese da má qualidade de sua educação corporativa. Em contato recente com a coordenação de EA da CVRD, durante o Ibero, o discurso apresentado mostrou um diferencial de qualidade nos programas em EA empresarial, mas aguardamos convite dela para construirmos uma parceria visando testar a hipótese alinhavada.

Quanto aos trabalhos, submeti um sobre a EA e a biodiversidade no Brasil, apresentando um estudo de caso sobre a EA submarina realizada por pesquisadores da Universidade de São Paulo. Submeti também à editora Manole uma coletânea tratando de metodologia de pesquisa e trabalho em EA Não Formal e com exemplos nas áreas lúdicas, empresarial, EA formal, dentre outras.

Estou, também, participando de um pool de cerca de 20 docentes doutores da UERJ que pretende criar um programa de mestrado em Biologia Vegetal, no qual, haverá uma área de EA. Como tenho sido bastante convidado para palestras no interior do Brasil, estou também ajudando esses grupos novos com orientação de trabalhos conjuntos. Outra novidade é minha participação no MBA em Gestão Ambiental da Universidade Candido Mendes, no Rio de Janeiro.

Bere - Quais são suas coletâneas?

Pedrini -

PEDRINI, A. de G. (Org.) Ecoturismo e EA. Rio de Janeiro: Publit, 2005.

PEDRINI, A. de G. (Org.) O contrato social da ciência unindo saberes em EA. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEDRINI, A. de G. (Org.) EA: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2002. 5ª. ed.

PEDRINI, A. de G. (Org.) Metodologia em EA: um caminho das pedras. Submetido à editora Manole (SP) em 2005

Bere - Aproveite para deixar uma mensagem aos/as leitores/as da EA em Ação, uma palavra, uma frase, algo inspirador...

Pedrini - O mais importante na EA contemporânea é aceitar os estrangeiros da EA brasileira que, mesmo diferindo de nossos postulados, podem trazer grande contribuição para o nosso crescimento e amadurecimento através do debate franco e respeitador sobre o diferente. Que os discursos dos ícones da EA brasileira se transformem em práticas realmente tolerantes com aqueles que discordam do paradigma governamental vigente.

Bere - Querido Pedrini, agradecemos, de coração, pela sua participação nesta edição tão especial. Muito obrigada!

OLÍMPIO ARAUJO JUNIOR

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº18 - 01/09/2006

Apresentação: O entrevistado desta edição da revista eletrônica EA em Ação é Olímpio Araujo Junior, que é Geógrafo e Gestor Socioambiental. Foi Diretor de Comunicação e Marketing do Portal EcoTerra Brasil – Meio Ambiente e Responsabilidade Social até agosto de 2006; foi o Idealizador, Coordenador Nacional e Palestrante da Rede de Informações Ambientais "Ambiente Total" entre 2000 e 2004; Presidente da ONG Ambiental Centro tecnológico Icomarã na gestão correspondente entre 2001 e 2003, e atuou como educador popular do Programa Integrar de ensino fundamental e geração de emprego e renda para jovens e adultos em 2004. Isto é apenas uma parte das tantas atividades e atuações de Olímpio, que podem ser conhecidas no seu site: <http://olimpioaraujojr.sites.uol.com.br/>. Olímpio é um grande parceiro da nossa revista, tendo contribuído em edições anteriores com artigos sobre diferentes assuntos relacionados ao MA e a EA, e nesta edição poderemos conhecê-lo um pouco mais, através desta entrevista:

Bere - Olá, Olímpio! É uma alegria e uma honra poder contar com você em mais esta edição, desta vez como nosso entrevistado. Então, conte-nos como foi que iniciou o seu interesse pelas questões ambientais?

Olímpio - Cresci no interior do Paraná, e minha primeira formação profissional foi como Técnico em Agropecuária. Isto contribuiu para um contato com a natureza, mas despertei mesmo para as questões socioambientais na universidade, quando cursava Bacharelado em Geografia.

Bere - Destaque algumas das suas atuações mais significativas que estejam relacionadas à EA:

Olímpio - Acredito que a atuação mais importante sempre foi meu trabalho na mídia, escrevendo para revistas, jornais, e centenas de sites no Brasil e no exterior. Desta forma, consigo contribuir com milhares de outros educadores que retransmitem meus ensaios em salas de aula, palestras, ONGs, etc. Mas, atuo também de forma presencial, em escolas públicas e comunidades carentes, direto com quem precisa de informação e não tem acesso as estas mídias. De dois anos para cá, tenho focado meu trabalho em grupos de formadores de opinião. Empresários, gestores, pesquisadores, etc. Acredito que desta forma é possível multiplicar ainda mais, e sensibilizar quem tem o poder de mudar as coisas.

Bere - Como você percebe o desenvolvimento da EA em relação aos resultados mais significativos conquistados nestes anos de atuação?

Olímpio - Acredito que a EA, assim como o movimento ambientalista, tem deixado a ingenuidade e o amadorismo de lado e buscado mais a qualidade e a especialização. Quando vejo movimentos sociais e ambientais utilizando as mesmas ferramentas do capitalismo para construir algo que gere resultados coletivos, vencendo pela competitividade, qualidade e aceitação da sociedade, e não por discursos panfletários vazios ou por manifestações que já foram absorvidas pelo sistema e que não geram mais resultado, passo a acreditar em um futuro melhor. Tenho cada vez mais certeza que venceremos pela razão e não pela luta, pela organização e não pela baderna, pelo coração e não pela semente da discórdia. A popularização das questões ambientais e incorporação destes conceitos pelas grandes indústrias é um resultado do trabalho de pessoas como

nós, como você, Vilmar Berna (Jornal do Meio Ambiente), Silvestre Gorgulho (Folha do Meio Ambiente), Graça Lara (Ambiente Global), Lucia Chayb (Eco21), Liana John (Terra da Gente), Juarez Tosi (EcoAgência), Julio Tcalino (Meio Ambiente Industrial), Adalberto W. Marcondes (Envolverde), e milhares de outros profissionais que dedicam seu tempo para comunicar, informar e ajudar a transformar o mundo em que vivemos.

Bere - Você acha que as pessoas estão mais esclarecidas em relação ao papel que exercem no meio ambiente, no sentido de assimilarem a necessidade de mudanças de hábitos e de atitudes para melhoria da qualidade de vida?

Olimpio - Eu acredito que esclarecimento não muda atitudes. Os políticos corruptos são pessoas esclarecidas, mas mesmo assim se corrompem. Quem fuma, está totalmente esclarecido de que fumar mata, mas continua fumando. Tenho visto uma melhora nos últimos anos, principalmente no que se refere às novas gerações, mas ainda temos muito caminho pela frente. Os desafios não acabaram, e EA é um processo contínuo, ininterrupto, transdisciplinar e que deve atingir todas as camadas da sociedade, em todas as classes sociais e faixas etárias. Talvez mais do que conscientizar, ou esclarecer, precisamos sensibilizar as pessoas, fazendo com que cada vez mais elas façam parte do processo. Se um indivíduo não estiver devidamente comprometido com a mudança, ele não se sentirá parte dela.

Bere - Em relação às empresas, como você vê a questão da responsabilidade ambiental, ou socioambiental?

Olimpio - Acredito que já avançamos bastante e tenho certeza que a responsabilidade social nas empresas não é um modismo, ela veio para ficar. As empresas estão aprendendo que se não derem um retorno à sociedade e ao meio ambiente, estarão cavando sua própria cova. Apesar de ainda existirem muitas críticas, precisamos entender que a menos de dez anos este termo mal existia em quase a totalidade das empresas que hoje a praticam. Apenas quando os setores público, privado e governamental aprenderem a somar suas forças é que começamos a conseguir resultados concretos.

Bere - De acordo com sua percepção, quais são os maiores problemas ambientais enfrentados na atualidade, e como alguns deles poderiam ser minimizados?

Olimpio - O primeiro maior problema ambiental na atualidade é o consumismo. Acredito até que é a base de todos os outros problemas. Desde a violência gerada pela desigualdade social ou pela cobiça, até a degradação ambiental causada pela utilização irracional dos recursos naturais, tudo tem início no consumismo ou no simples consumo. Se por exemplo, todos decidirmos não comer alimentos com transgênicos, não haverá mercado para este tipo de produto, e por consequência os produtores não plantarão. Se exigirmos móveis apenas com madeira certificada, também estamos acabando com o mercado da degradação. Combatendo o consumo irracional, com certeza minimizaremos grande parte dos problemas ambientais.

Bere - Sabemos que enfrentamos inúmeras dificuldades quando trilhamos um caminho novo, principalmente quando almejamos mudanças. Quais foram as maiores dificuldades que você encontrou ao longo da jornada percorrida?

Olimpio - Quando comecei a trabalhar oficialmente na área ambiental, em 1999, o tema já não era novidade, porém, ainda não era levado tão a sério quanto hoje. Sobreviver trabalhando com meio ambiente ainda era considerado uma utopia por muitos, e o ambientalista era estereotipado

como um romântico idealista, e não como um profissional indispensável para o desenvolvimento socioeconômico do planeta. Não tive grandes problemas por morar e atuar no Paraná, onde este tipo de trabalho é mais respeitado, ao contrário de colegas que lutam há anos em áreas de conflito, correndo até risco de vida. Com disposição, criatividade e bastante trabalho, acredito que é possível vencer a maioria dos obstáculos.

Bere - Agora que falamos sobre as dificuldades, que tal falarmos sobre as realizações e alegrias saboreadas neste percurso?

Olimpio - Posso resumir isso em uma palavra: "Reconhecimento". Ter seu trabalho reconhecido é o principal resultado que todo profissional espera, o resto é resultado deste reconhecimento. Minha maior realização é ser conhecido pelo meu trabalho em todo o Brasil e no Exterior, ter feito muitos amigos e poder dormir toda noite com a consciência tranquila de estar fazendo o que está ao meu alcance para termos um mundo melhor.

Bere - E sobre os seus projetos atuais e futuros?

Olimpio - Acabei de sair da EcoTerra Brasil, portal que construí junto com o empresário Rubens Slaviero Filho, e que acabou se tornando uma referência nacional em Comunicação Ambiental. Meus planos eram estudar e viajar durante alguns meses, me preparando melhor para um novo projeto na área socioambiental, mas não consegui ficar nem um único dia sem trabalhar. Recebi várias propostas e acabei voltando a Internet, desta vez como coordenador do Portal da Fundação Getúlio Vargas no Paraná, o ISAE/FGV (www.fgvpr.br). Acredito que é uma grande oportunidade para debater responsabilidade socioambiental e construir mais um trabalho de sucesso, desta vez, no meio empresarial, um setor que cada vez mais desponta como um grande aliado da sociedade civil organizada, e que tem o poder de promover grandes mudanças.

Bere - Olimpio, utilizando uma frase, um pensamento ou uma palavra, deixe uma mensagem aos leitores da EA em Ação:

Olimpio - O que posso dizer é que não existem resultados sem trabalho, não existe vitória sem luta, mas que a vitória pertence a quem não desiste de seus objetivos e que sabe o momento certo de agir.

Bere - Agradecemos a você, Olimpio, pela valiosa contribuição dividindo um pouco da sua vivência e experiência com as questões ambientais. Agradecemos, também, por ser parceiro constante da nossa revista. Muito obrigada!

PATRICIA OTERO,
RITA MENDONÇA
E ARIANNE BRIANEZI

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº19 - 11/12/2006

Apresentação das entrevistadas:

Patrícia Otero é Pedagoga pela PUC-SP, com especialização em Teoria e Prática do Meio Ambiente pelo ISER-RJ. É Diretora do Instituto 5 Elementos (www.5elementos.org.br). Atua desde 1987 na área ambiental, notadamente no desenvolvimento de projetos de EA. Ministra cursos e palestras e desenvolve materiais (publicações, jogos, peças de comunicação) em apoio aos projetos de EA. Desenvolveu competências na área de cultura digital quando cursou o Módulo Mídias Interativas e Práticas Pedagógicas na USP-Cidade do Conhecimento-2003. Foi delegada pela região sudeste da I Conferência Nacional de Meio Ambiente-2003. Nos últimos anos vem se especializando na área de tecnologias de comunicação para a EA. É idealizadora do Mais Ambiente – site de EA (www.maisambiente.com.br) e elo articulador da REPEA - Rede Paulista de EA. Contato: patriciaotero@5elementos.org.br.

Rita Mendonça é Diretora do Instituto Romã (www.institutoroma.org.br), bióloga e socióloga. Desenvolve projetos transdisciplinares envolvendo Natureza e Cultura, oferecidos a instituições públicas, privadas e do terceiro setor. É professora universitária e escritora. É coordenadora no Brasil da Sharing Nature Foundation desde 1996. É coordenadora das Caminhadas Ecológicas e Filosóficas e do Grupo de Diálogo Filosofias da Natureza da Associação Palas Athena. Publicou os livros: Como cuidar do seu meio ambiente, pela editora BEI, À sombra das árvores-transdisciplinaridade e EA em atividades extra-classe, pela editora Chronos e Conservar e criar-Natureza, cultura e complexidade, pela editora Senac (no prelo), além de diversos artigos sobre meio ambiente, EA e ecoturismo. Contato: ritam@institutoroma.org.br.

Ariane Brianezi é Diretora de projetos da Associação Brasileira de Vivências com a Natureza, Sócia fundadora do Instituto Romã (www.institutoroma.org.br), Diretora de Projetos, especialista em Ecoturismo pela Faculdade SENAC de Turismo e Hotelaria. Além disto, é Facilitadora do Grupo de Diálogo Filosofias da Natureza da Associação Palas Athena, guia nacional pela EMBRATUR, consultora ambiental em diversos projetos. No Instituto Romã desenvolve trabalhos de monitoria ambiental, ministra palestras, coordena e executa projetos de Vivências com a Natureza com jovens, crianças e professores, projetos de formação de monitores ambientais e oficina de multiplicadores da técnica do Aprendizado Sequencial. Colaborou no artigo “Experimentando a Sustentabilidade do Turismo na Natureza” do livro Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro (2005), editora Roca e participou da tradução e coordenação da edição do livro Vivências com a Natureza 1, de Joseph Cornell (2005), Editora Aquariana. Contato: arianne@institutoroma.org.br

Bere - Patrícia, Rita e Ariane, agradeço muito por vocês aceitarem o convite para esta entrevist@ coletiv@. É uma honra tê-las conosco compartilhando suas vivências e

experiências na realização do importante evento dedicado aos educadores ambientais brasileiros, que ocorreu recentemente, em SP: o seminário “A natureza que nos une”, com o educador naturalista norte-americano Joseph Cornell, autor do livro Sharing Nature with children (Vivências com a natureza 1 – Guia de atividades para pais e educadores). Vamos dividir um pouco desta experiência com nossas/os leitoras/es? Como a metodologia vivencial, criada por Joseph Cornell na década de 70, foi recebida pelos educadores ambientais brasileiros?

Patricia Otero - Tive contato com o trabalho de Joseph em 1993 quando trabalhei com EA na Fund. Brasileira para a Conservação da Natureza-FBCN, no Rio de Janeiro. Naquela época desenvolvíamos atividades de EA nos Parques da cidade e as atividades propostas por Joseph Cornell eram perfeitas para sensibilizar e aproximar os participantes da Mata Atlântica. Nossa dificuldade, na época, era traduzir as atividades com um dicionário do lado e fazer as adaptações para a realidade carioca, talvez foi a partir dali que algumas atividades se multiplicaram no Brasil. Quando fui para a Califórnia em 1995 comprei um livro de bolso e um vídeo com o trabalho dele, e a cada dia fui aprendendo e compartilhando as vivências. Com o trabalho do Instituto Romã, hoje, no Brasil, facilitando a metodologia do Joseph Cornell, as vivências na natureza têm se tornado mais divulgadas e conhecidas.

Rita - Antes da primeira vinda do prof. Cornell ao Brasil, em 1996, o conhecimento de sua proposta pelos educadores brasileiros dava-se apenas através de seus livros, em inglês, como a Patrícia testemunhou acima. Em 1996, ele veio para fazer o lançamento de seu livro "Sharing Nature with Children", que em português chamou-se "Brincar e Aprender com a natureza". Foi publicado pelas editoras Senac e Melhoramentos. Nessa ocasião ele ofereceu 2 workshops no Parque Estadual da Cantareira e uma conferência no Senac, todos em São Paulo. O início da difusão de seu trabalho se deu a partir dos participantes dessas atividades e dos leitores de seu livro. Em 1997 foi lançado o "A alegria de aprender com a natureza" (do original Sharing the Joy of Nature), o que ampliou e facilitou o trabalho dos educadores interessados. Sou a coordenadora da Sharing Nature no Brasil desde 1996 e fiz a revisão técnica dos 2 livros. A compreensão do método do Aprendizado Sequencial não é muito fácil, pois o método parte de pressupostos muito diferentes ao da educação usual. Por esse motivo, o uso da proposta da Sharing Nature se restringiu à aplicação dos jogos de natureza, sem um grande aprofundamento sobre o método.

Bere - Vocês consideram a metodologia apresentada “aplicável” aos ambientes educacionais brasileiros, levando em conta realidades tão distintas?

Patrícia - Sim, mas devemos adaptar alguns termos e incluir a nossa rica biodiversidade socioambiental.

Rita - A metodologia é perfeitamente aplicável no Brasil, talvez até com maiores possibilidades do que nos países do hemisfério norte, uma vez que nossa biodiversidade é maior e a disponibilidade de espaços naturais também.

Bere - Sabemos que as atividades de sensibilização são importantíssimas para o desenvolvimento da consciência ambiental. A metodologia vivencial privilegia a sensibilização?

Rita - Sim, essa metodologia prioriza o desenvolvimento da sensibilidade, e encaminha os participantes a uma ampliação de sua percepção de si mesmo, dos outros e da natureza. Amplia, portanto, a consciência (não só a ambiental).

Bere - Do evento, o que mais chamou a atenção, ou o que merece destaque, para vocês?

Patrícia - A vontade e amor comum que todos demonstraram em sentir e cuidar da natureza.

Rita - O professor Cornell é aquilo que diz: cria um ambiente leve, alegre e receptivo, estimula o desenvolvimento da empatia e afetividade, compartilha aquilo que é - muito mais do que ensinar fatos - é extremamente receptivo, aceitando todas as possibilidades, ajuda as pessoas a acalmar a mente, pois tem, ele próprio, uma mente muito trabalhada. A relação que ele tem com o que faz me parece ser o mais extraordinário desse incrível educador.

Bere - Quantas pessoas participaram das atividades e qual foi o envolvimento delas?

Rita - Participaram cerca de 580 pessoas, que demonstraram grande receptividade. Muitos já conheciam a proposta, devido ao seu relacionamento com o Instituto Romã, mas puderam se encantar com o carisma do mestre.

Bere - Sobre o livro *Sharing Nature with children (Vivências com a natureza 1 - Guia de atividades para pais e educadores)*, como é possível adquirir:

Rita - Está sendo muito bem distribuído, podendo ser encontrado nas boas livrarias. A editora é a Aquariana.

Bere - Sobre o Instituto 5 Elementos, e sobre o Instituto Romã, falem-nos um pouco das características de cada instituição e sobre planos, projetos e principais ações.

Patrícia - O 5 ELEMENTOS - Instituto de Educação e Pesquisa Ambiental é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP[1], instituição sem fins lucrativos fundada em São Paulo - Brasil em 1993, que tem como missão aprofundar a relação das pessoas com o Meio Ambiente, promovendo uma EA emancipatória e transformadora. Acreditamos ser possível promover a defesa da cidadania e do meio ambiente com o sentido de coresponsabilidade entre as pessoas, comunidades, cidades e nações. Baseamos nossas ações no respeito a todas as formas de vida, estimulando o diálogo e a complementaridade entre as ciências e as múltiplas dimensões da realidade. Para nós a EA deve abranger a complexidade ambiental, associando argumentos técnico-científicos à orientação ética do conhecimento. Atentamos para não tratar separadamente as ciências naturais e as sociais; os processos de produção e os de consumo; os instrumentos técnicos dos princípios éticos e políticos; a percepção dos efeitos e das causas dos problemas ambientais; e os interesses individuais dos interesses coletivos, entre outras. Nesse sentido, o Instituto 5 Elementos vem apoiando e desenvolvendo programas de fomento às Redes socioambientais, implantação de Centros de EA, Capacitações em EA e desenvolvimento de materiais de apoio a todas essas ações como jogos, vídeos e DVDs, e publicações.

Arianne - O Instituto Romã dedica-se a promover processos educativos com a natureza, fundamentados no compartilhar de experiências, sentimentos e saberes, tendo em vista a ampliação da consciência humana e a conservação da natureza. Somos o representante oficial da Sharing Nature Foundation no Brasil, e um de nossos objetivos é difundir a técnica do Aprendizado Sequencial, a filosofia e os princípios desta instituição. Desenvolvemos projetos na área da educação, meio ambiente, conservação da natureza e cultura de paz. Oferecemos oficina de formação de educadores multiplicadores na técnica do Aprendizado Sequencial, programa com crianças e adolescentes em parques urbanos de São Paulo, treinamento para empresas, palestras e

voluntariado para os educadores que fizeram a nossa formação. Atualmente estamos com dois grandes projetos em fase de captação de recursos. O primeiro deles é o "Projeto Bairro", que consiste em vivências para crianças de escolas públicas e formação de professores. O piloto deste projeto é no bairro do Butantan onde fica a sede do Instituto Romã. O outro projeto é a criação de núcleos representantes do Instituto Romã em 06 estados brasileiros, sendo a primeira atividade de cada núcleo, a oficina de formação de educadores.

Bere - Aproveitem para deixar uma mensagem para os/as leitores/as da revista eletrônica EA em Ação:

Patrícia - O 5 Elementos tem um site: www.5elementos.org.br e lá é contada a nossa trajetória, projetos, equipe e o procedimento para adquirir nossas publicações e jogos. Será um prazer recebê-los.

Arianne - O Instituto Romã (www.institutoroma.org.br) sempre trabalha em parceria com instituições e pessoas que buscam ampliar a atuação da EA vivencial no Brasil. Qualquer dúvida e mais informações sobre os nossos projetos, entre em contato que teremos satisfação de atendê-lo e criar novas possibilidades.

Bere - Patrícia, Rita e Arianne, nós da equipe da revista EA em Ação agradecemos pela valiosa participação de vocês nesta edição da EA em Ação. Foi um presente! Muito obrigada!

[1] de acordo com a Lei no 9.249, de 1995, as empresas de lucro real podem doar até 2% do lucro operacional às Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, e entre as quais se inclui o Instituto 5 Elementos.

ALOÍSIO RUSCHEINSKY

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº21 - 02/09/2007

Apresentação: O entrevistado da 21ª Edição da revista eletrônica EA em Ação é Aloísio Ruscheinsky, que é Doutor em Sociologia, foi professor do Mestrado de EA da FURG/Rio Grande/RS e autor de vários livros sobre a temática EA. Atualmente reside em São Leopoldo e dedica-se à docência na Unisinos e à pesquisa em temas das ciências sociais, em particular meio ambiente e consumo. Vamos conhecer sua trajetória e um pouco mais sobre o trabalho que ele vem realizando:

- Professor Aloísio, conte-nos como surgiu o seu interesse pela EA (EA) e desde quando o Sr. se dedica a esta temática:

Aloísio - O primeiro contato com as temáticas ambientais ocorreu em 1986/87 por ocasião dos "projetos de iniciativa popular à constituição", quanto da interface entre movimentos para definir as propostas e coletar as assinaturas a fim de enviar ao congresso constituinte. Na década de 90, tive uma dupla oportunidade: acompanhar pelos meios de comunicação e de ambientalistas o debate em torno da Rio-92 e também de lecionar no único curso de mestrado em EA existente, naquela ocasião, no país. Foi o momento de mergulhar de vez no estudo e na adesão as preocupações ambientais já em curso, em diversos setores da sociedade brasileira. Esta atividade me serviu para observar diferentes paisagens e regiões do país e as respectivas implicações e impactos ambientais em curso.

Bere - Então, podemos entender que a EA ainda está na sua "adolescência" , no Brasil, considerando que há aproximadamente 17 anos iniciou-se o primeiro mestrado em EA, e podemos dizer que a ECO 92 também foi um marco para alavancar iniciativas voltadas para o desenvolvimento da EA - como no meu caso o foi. E para o Sr., o que a ECO 92 representou?

Aloísio - De fato, no que diz respeito à EA, existe deveras uma ambiguidade posta: de um lado podemos considerar que ela ainda está, no Brasil, na aurora da sua gênese, deitando os primeiros resultados no sentido de se espalhar no tecido social; de outro lado, estão postas no debate uma gama de ênfases que permitem observar a diversidade e sem previsão de um consenso sobre as principais metas. Sobre o que diz respeito a cursos de EA, é possível constatar uma profusão de cursos de extensão, de aperfeiçoamento e de especialização junto às universidades. Tal fenômeno revela uma perspectiva de que o conhecimento em diversas áreas anteriormente obtido em cursos de graduação, agora recebe os suplementos ou complementos da EA. No que diz respeito ao significado da Conferência da ONU sobre Ambiente e Desenvolvimento, ocorrida no Rio de Janeiro, e que nós brasileiros denominamos de ECO 92 ou Rio-92, marco para despertar iniciativas voltadas ao desenvolvimento sustentável, não foram assinadas declarações referentes à EA. Foram sim assinados os importantes acordos ambientais para a história da humanidade: Convenção do Clima e da Biodiversidade, a Agenda 21, a Declaração de Princípios para Florestas. A EA obteve um espaço significativo através de um capítulo no documento da Agenda 21 e talvez seja a parcela que mais frutos produziu nestes 15 anos. Digo isto porque a previsão era de que todas as cidades médias e grandes realizassem eventos para produzir a sua agenda 21 local. Nada tira a sua relevância como movimento de massa, mas os resultados nas redes sociais ainda estão emergindo.

Bere - Como o Sr. percebe a EA de uma forma geral? Ou, como a definiria, em poucas palavras, se é que isto seja possível?

Aloísio - Para mim EA não é apenas defender o meio ambiente, acima disto trata-se de socializar atitudes, conhecimentos, diálogos e a compreensão do íntimo nexos entre todos os elementos que compõe o ecossistema. Tendo este pressuposto em vista, posso elaborar planos de ação que possam recuperar o meio ambiente degradado, conscientizar o círculo de relações no meu cotidiano, vislumbrando uma sociedade sustentável. Sem visão de conjunto - sociedade, ser humano enquanto agente e meio ambiente - não existe EA, portanto todos os ambientes são passíveis da ação educativa. Ainda mais, a EA é um vasto campo com distintas interpretações, com as relações de causa e efeito, mas também com relação à busca de alternativas. A partir de seu amplo leque de questões em debate vemos que ela ampliou-se muito nos últimos anos, mas temos que ter consciência de não se tornar um campo de ação superficial e até mesmo tecnicista. É urgente superar uma atitude de muitos discursos ou seu caráter informativo, para acentuar diretamente os objetivos da ação, de repensar os níveis e os significados de consumo, de propor investimentos em saneamento básico, de aprofundar e formar cidadãos conscientes ou ativos.

Bere - Penso que a raiz de muitos problemas ambientais está justamente na questão do consumo que o Sr. traz. A cada dia novos produtos são lançados no mercado e rapidamente se tornam uma necessidade obtê-los graças aos apelos dos diferentes campos da mídia (TV, jornais, revistas, internet, folhetos). Como incentivar a redução do consumo diante a "tsunami" de propagandas que transformam produtos desnecessários em objetos imprescindíveis?

Aloísio - Sem querer ser pretensioso, este assunto poderá render uma outra entrevista, ou até um artigo para publicar nesta revista, especialmente tendo em vista a relevância e o volume de informações que possuo sobre este fenômeno.

Bere - Qual é, na sua opinião, o maior problema que a EA enfrenta?

Aloísio - Em primeiro lugar constata-se a questão da capacidade de acessar os fundamentos da crise ambiental, percebendo as causas sistêmicas e reagindo aos efeitos, sem temor das consequências na vida cotidiana. Além do mais, a participação e adesão ao movimento ambiental com convicção e ação, porque as alternativas existem, estão ao alcance de muitos, mas a procura ainda fica muito aquém do possível. Existem, também, fatores como uma correta capacitação dos professores, gestores e outros profissionais, juntamente com conteúdos suficientes destinados à compreensão em profundidade das temáticas ambientais. Muitas vezes, os debates interessantes sobre o meio ambiente no trabalho, no bairro, nas escolas e até mesmo nas universidades são relegados a plano secundário. Enquanto isto, o mercado sobrepõe-se a necessidade de preservar o meio ambiente, a biodiversidade e um outro diálogo do ser humano com todas as outras formas de vida. É o que alguns autores denominam de romper com o antropocentrismo, com a cultura que entende o ser humano como o senhor absoluto dos bens naturais. Os inimigos das questões ambientais não devem ser assimilados, pois, com o tempo, levam à aniquilação da natureza, bem como dos seres humanos. Se até o momento pensamos e discursamos sobre o meio ambiente, então chegou a hora de a educação forjar uma ação surpreendente. Ao mesmo tempo, proporcionar a oportunidade para que se conectem de forma consistente e crítica tantos temas relevantes que parecem desconectados na vida real.

Bere - O Sr. levantou a questão da capacitação dos professores que é justamente uma atividade para qual me dediquei recentemente. Refiro-me ao Programa Experimental de

Capacitação Apoema. Foi desenvolvido na sede do Projeto Apoema - EA - por não conseguir apoio, mesmo sendo gratuito - durante um ano e meio, iniciando com oito professoras de séries iniciais das três redes de Educação Infantil e Ensino Fundamental (municipal, estadual e particular), e destas, cinco concluíram as duas etapas (2006-2007). O Sr. não acha que falta um olhar mais aprofundado sobre a capacitação dos professores das séries iniciais, tendo em vista a não existência de cursos sistematizados e programas para este público de professores/ as, e a falta de incentivo para que estes cursos de capacitação em EA ocorram?

Aloísio - Sobre a experiência narrada não posso opinar, pois não a conheço. A capacitação docente ou a atualização encontra-se em diversas áreas. Para exemplificar, digam os docentes do Ensino Fundamental sobre a sua competência para lidar com a cultura da violência que está se instalando também no recinto escolar. Os incentivos para a capacitação em EA poderão advir sob diversas formas, mas terá pouco respaldo e sucesso na situação atual, se não mudar o empenho subjetivo dos cidadãos e o institucional.

Bere- Como o Sr. vê hoje, de uma forma geral, a condição ambiental do planeta?

Aloísio - A rota assumida pelo progresso não é confortável para quem observa da janela da aeronave os impactos ambientais. O progresso a qualquer preço é catastrófico e gera riscos imprevisíveis à vida do ser humano. Este último corre o risco de senhor da tecnologia, tornar-se o seu servo. Da condição ambiental do planeta vejo a emergência longínqua de consciência da finitude dos recursos hídricos em face da velocidade das mudanças. Precisa-se de pausa emergencial e reflexão mundial sobre o tema. O poder que o avanço da tecnologia adquiriu, somado com o aumento cada vez maior da população mundial, ocasiona impactos ambientais altamente degradantes ao planeta. Todavia, se ocorresse uma desaceleração desta busca incessante pelo consumismo exacerbado, acabaria ocasionando crises econômicas e crises sociais oriundas dos altos índices de desemprego. É nesta situação de "círculo vicioso" que está situado o planeta hoje. É por conta dos direitos humanos que se aceita aumentar a industrialização dos países que ainda não chegaram a esta etapa da satisfação de necessidades dos seus cidadãos, mas a elevação do consumo ocasiona uma degradação ao planeta. Paradoxalmente, se reduz o consumismo e a degradação, o grande risco é ocasionar mais ainda o desemprego em massa. Portanto, é uma situação muito complexa e de difícil resposta.

Bere - O Sr. colocou a situação de "círculo vicioso" em que se encontra o planeta que eu associo, também, à nossa cultura cíclica de datas comemorativas das quais ninguém escapa. E quando estas datas se aproximam tudo se volta para elas. O dia das mães, depois a Páscoa, dia dos namorados, e por aí vai, até começar tudo outra vez. Todas estas datas incentivam o consumo desenfreado e aceleram a humanidade em todo o globo terrestre. E muitas destas "datas especiais" são trabalhadas nas séries iniciais da escola. Assim, já começamos a "educar para o consumo", desde pequeninos.. . O que o Sr. pensa sobre isto?

Aloísio - De fato as suas interrogações colocam aspectos fundamentais a serem refletidas pela ótica da EA. Neste sentido, na cultura de consumo se multiplicam datas e razões para gerar fluxo de consumo e com significado em si mesmo. Datas comemorativas incluem-se nos mecanismos para o mercado escoar produtos do estoque, ou ainda promover períodos de liquidação para entulharmos de bens e supérfluos. Ao lidar com o efêmero, quebram-se os laços duradouros com o emprego, com as mercadorias, com os outros. Neste processo configura-se uma profunda contradição: de um lado, a aparência de permanente inovação na estética das mercadorias, e, de outro, o consumo implica em mutilações do espírito de lealdade, a depressão por reconhecer desejos inatingíveis e o tédio em meio à rotina de substituir relacionamentos humanos pelos bens. Sintoma deste fenômeno são as

considerações que se tecem sobre a necessidade de dar presentes em determinadas datas e o tipo de agrado em termos financeiros que é obrigatório entre os pares. É o mais nítido processo onde os indivíduos, no mais das vezes, desapercebem-se do que as mercadorias trocadas escondem, para além do valor simbólico expresso.

Bere - A Internet tem-se revelado como uma importante ferramenta para a consolidação da EA. Como o Sr. vê esta questão?

Aloísio - A internet é um formidável instrumento de informação e de divulgação para grupos alternativos. Possui aspectos positivos e negativos. É positivo obter diversas informações em curto espaço de tempo, para fins construtivos como através de Ong's que utilizam tal ferramenta para divulgar projetos e atitudes de preservação ambiental. Impossível imaginar hoje a formação do cidadão urbano e a informação circulando sem Internet. Entretanto, entre os milhares de sites, há também muito lixo, ou opiniões sem fundamento. Então, entre como aspecto negativo, está a exposição de opiniões sem fundamento, atentados à dignidade ou o simples copia e cola sem refletir sobre as informações. Cabe as pessoas utilizarem para o bem esta ferramenta, para relacionamentos coerentes com a ética e com a promoção de direitos. Estamos vivendo em um momento em que a globalização da cultura e a rapidez da informação se processam com muita intensidade. A internet, com certeza é um caminho, mas temos que levar em consideração que não é todo mundo que tem acesso, como a população que é excluída digitalmente ou ainda outros que possuem pouco interesse pelos assuntos, principalmente os adolescentes que pensam em outras coisas.

Para a EA é possível viajar pelas paisagens de muitos ambientes naturais sem se locomover na distância. Veja-se a este respeito as muitas e diversas revistas sobre EA povoam o mundo virtual, que no plano da impressão em papel não circulariam com tanta amplitude.

Bere - De toda sua experiência, conte-nos a que lhe foi mais significativa, desde que iniciou seu trabalho com EA:

Aloísio - Trabalhar mais profundamente com eventos catastróficos como a mortandade de peixes do rio dos Sinos em 2006. Por que? Acompanhei o caso por notícias de diversas fontes, entrevistas, jornais e fotos. O fato despertou-me o quanto a conscientização é ainda uma das necessidades de mudança urgente, mas ao mesmo tempo, insuficiente. Em visitas as cidades afetadas pela degradação do rio e em busca da mudança de postura por parte dos cidadãos, fui confrontado com fatos marcantes: creio que não haja alguém que ao ver as fotos não se espante com um "que horror", todavia a maioria, dentro de suas condições de possibilidades, não se move e nem endossa de maneira substantiva propostas alternativas. Daí, concluo que o que é dever do Estado, despoluir o rio, será mais prontamente atendido se os cidadãos cumprirem com seus deveres e exercitarem seus direitos exigindo e sacudindo os cofres públicos para destinar recursos para esta finalidade.

Bere - Sobre a mortandade dos peixes no Rio dos Sinos, muitas crianças assistiram ao desastre em primeira mão - no barco Martim Pescador, em plena atividade de EA. Daí vem a importância de os/as professores/ as das séries iniciais estarem aptos, capacitados a levarem este assunto para dentro da sala de aula, diluindo o efeito catastrófico - que mais imobiliza - com "doses homeopáticas" de sensibilização. Se nós ficamos assustados, imagine as crianças. E elas precisam de respostas! É preciso capacitar professoras e professores! A começar por oferecer ao corpo docente bons livros de EA. Quais autores o Sr. considera

importantes na área da EA que possam servir de referência para o incentivo das ações educacionais ambientalistas:

Aloísio - Autores do Brasil: Michele Sato, Marcos Sorrentino, Carlos Rodrigues Brandão, Carlos Frederico Loureiro, Leonardo Boff. Alguns gaúchos: Isabel Carvalho, Mauro Grun, Sônia B. B. Zakrzewski, Jovilles Vitório Trevisol e além do mais autores e textos diversos em <http://www.fisica.furg.br/remea/>. Há, com certeza também um conjunto não desprezível de textos didáticos dirigidos à educação fundamental e médio. Caberia pesquisar.

Bere - Seus livros são importantes referências para a EA brasileira. Aponte-nos alguns destaques de sua obra:

Aloísio - Publiquei um número vasto de artigos sobre a EA, com diversos enfoques. Alguns estão disponíveis on-line. Organizei dois livros: EA: abordagens múltiplas, foi publicado em 2002 pela editora Artmed e Sustentabilidade: uma paixão em movimento foi publicado em 2004 pela editora Sulina. O intuito é uma contribuição para com a reflexão crítica e menos apresentar material didático para o sistema de ensino.

Bere - Sabemos que as atividades de sensibilização são importantíssimas para o desenvolvimento da consciência ambiental. Uma das seções mais acessadas da nossa revista é a seção de Dinâmicas - que promovem a sensibilização, e eu lhe pergunto: a EA deve privilegiar a sensibilização?

Aloísio - Com certeza, especialmente em que tal atividade de sensibilização for acompanhada da compreensão de projetos que prevêm alternativas. Todavia, é também fundamental que tome em consideração os diversos níveis de compreensão: há os endurecidos de coração e de mente, que se movem, ou mudar de olhar a partir do momento em que alguma atitude pesa no seu bolso. Neste sentido, a sensibilização também possui os seus limites, ou seja, compreende sempre uma adesão do próprio sujeito em interação com o seu meio. De outra forma, entendo que a propaganda trabalha intensamente com a sensibilização para angariar adesão por parte dos consumidores. Com certeza, uma sensibilização para observar com novo olhar como nossas necessidades básicas são dependentes dos quatro elementos básicos: ar, água, terra e fogo. Hoje vemos uma naturalização dos acontecimentos degradantes que afetam a todos de uma maneira geral, acha-se que nada se pode contra o sistema ou que já está tudo perdido e que nada pode se fazer. Diante deste fenômeno o papel da EA é apresentar-se como uma chama de esperança. Diante das descrença ou do vandalismo de todos os tipos, despertar a consciência ética pela sensibilização. O trabalho em escolas pode ser preconizado, a fim de estimular uma escala, onde os alunos sensibilizem seus pais, criando um círculo de informações, um efeito dominó: do filho para o pai, para o tio, avô, vizinho, etc.

Bere - Sem dúvida a EA deve ser inserida no contexto social e escolar de forma interdisciplinar. Qual o argumento que o Sr. daria para professores que defendem a EA como Disciplina Curricular, uma vez que a EA - segundo os argumentos destes professores - não se consolida de forma interdisciplinar?

Aloísio - Este debate possui alguns anos, e neste percurso imagino que ambas as tendências possuem algo de relevante e que certas situações serão encaminhadas melhor por uma, ou outra. O fato de que a EA requer uma abordagem interdisciplinar parece que ninguém duvida. Argumentos

favoráveis me dizem que ao ser inserida no contexto social e escolar de forma interdisciplinar, torna-se atribuição e responsabilidade de todos. Entretanto, como não há mágica para tornar este preceito uma realidade, também se corre o risco se é de todos pode virar assunto de ninguém! O argumento favorável à defesa da EA como uma disciplina específica dentro do currículo é de que com certeza e de uma forma sistemática alguns assuntos urgentes serão abordados. Entretanto, desta forma a situação pode conduzir não só a uma fragmentação do processo, senão também diluir a visão de que toda educação conecta-se com os problemas ambientais, quer queira, quer não. Argumentos importantes ambos os lados apresentam, mais fundamental ainda é que a EA se consolida e produza efeitos na prática social.

Bere - Para finalizar, deixe uma mensagem aos/as leitores/as da EA em Ação.

Aloísio - Primeiramente gostaria de agradecer o convite e desejar muito sucesso neste projeto. O que poderia dizer ainda aos leitores/as é que atualmente vemos sinais de mudança na sociedade em relação ao meio ambiente e acredito que é possível uma ampliação de práticas ambientalmente corretas, que será possível com a sensibilização proposta! Aos leitores e leitoras digo: aproveite todas as oportunidades para socializar as experiências positivas de preservação do meio ambiente e tente sempre se informar e informar pessoas ao seu redor. O meio ambiente depende de você, da sua visão e adesão ao consumo, pois a EA é a busca da sustentabilidade através da ação do ser humano, como a palavra chave.

Bere - Professor Aloísio, agradeço profundamente pela sua participação em nossa revista. Foi um prazer aprender com o Sr.!

ANDRÉ TRIQUEIRO

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº22 - 11/12/2007

Apresentação: O nosso ilustre entrevistado desta edição é André Trigueiro, um dos jornalistas mais envolvidos com as questões ambientais do país e do mundo. André é jornalista com Pós-graduação em Gestão Ambiental pela COPPE/UFRJ, Professor e criador do curso de Jornalismo Ambiental da PUC/RJ, autor do livro Mundo Sustentável - "Abrindo Espaço na Mídia para um Planeta em transformação" (Editora Globo, 2005), Coordenador Editorial e um dos autores do livro "Meio Ambiente no século XXI", (Editora Sextante, 2003). É possível conhecer mais do seu trabalho acessando o site: www.mundosustentavel.com.br.

Bere - Desde quando você trata de forma mais aprofundada das questões ambientais na mídia, e o que o levou a dedicar-se ao meio ambiente? Conte-nos um pouco como foi o início da sua jornada!

André - A cobertura da Rio-92, mais precisamente do Fórum Global, que reuniu ONGs do mundo inteiro num encontro paralelo à Conferência da ONU, no Aterro do Flamengo, abriu meu apetite para conhecer melhor os assuntos da sustentabilidade e procurar abrir espaços na mídia para esse movimento planetário em favor da vida. São, portanto, 15 anos atuando como jornalista interessado nos assuntos da sustentabilidade.

Bere - Como você percebe o espaço oferecido pela mídia para as questões ambientais?

André - Avançamos muito, mas ainda não alcançamos um nível de excelência. Privilegiamos as catástrofes ambientais, em lugar das soluções sustentáveis. Ainda confundimos meio ambiente com fauna e flora, engessando um debate que alcança os rumos da civilização e o modelo de desenvolvimento que desejamos. Falta aprofundar certos conceitos na faculdade de jornalismo, que poderia ter como disciplina obrigatória a sustentabilidade.

Bere - Considera-se a informação fundamental - mas não suficiente - para o desenvolvimento de uma consciência ambiental em toda humanidade. Como os meios de comunicação poderiam colaborar, de forma mais efetiva, para a EA? Qual o papel do jornalismo ambiental no contexto educacional?

André - O jornalista não é um professor. Não fomos treinados para isso. Mas a influência da mídia sobre hábitos, comportamentos e padrões de consumo tornam o jornalista um educador "informal", se é que essa expressão existe. Nesse sentido, não basta denunciar o que está errado, é preciso sinalizar com urgência rumo e perspectiva. Não há perspectiva de solução sem esperança. Há muitas pessoas e projetos interessantes no mundo, mas que não têm repercussão na mídia.

Bere - Muitos projetos ambientais inovadores ganham espaço no programa Cidades e Soluções que você apresenta, e que foi vencedor do Prêmio Ethos de Jornalismo 2007, na categoria TV. Como nasceu este programa e o que este prêmio representa para você?

André - O programa nasceu junto com a nova grade de aniversário da Globo News. Ao completar dez anos, em 2007, o canal estreou 5 novos programas, entre eles o "Cidades e Soluções", que foi o nome de uma série de reportagens exibida em 2004 com ótima resposta ao público. Vínhamos propondo um programa com esse perfil já há algum tempo e a oportunidade surgiu. O Prêmio Ethos, bem como todos os demais prêmios conquistados pelo programa, honram a equipe envolvida no projeto e confirmam o rumo certo que estamos buscando.

Bere - Desta sua trajetória no jornalismo ambiental, tem alguma matéria, reportagem ou programa que você destacaria, fazendo uma relação com EA?

André - Toda reportagem que explica como a sustentabilidade se resolve no dia a dia exerce uma poderosa influência em quem consome esses conteúdos. São muitos filhos queridos. Amo todos eles.

Bere - Depois do livro "Meio Ambiente no Século 21" veio o livro "Mundo Sustentável", e o próximo? Tem planos para uma nova publicação?

André - Se tivesse tempo, publicaria um livro a cada ano. São muitas informações interessantes e pertinentes. Há muitas chances de publicarmos um novo livro em 2008. Vamos ver...

Bere - Você poderia deixar uma mensagem aos leitores e as leitoras da EA em Ação?

André - Estou convencido de que não basta a cada um de nós fazer a sua parte. A ordem de grandeza da atual crise ambiental - sem precedentes na história - exige que façamos mais. Muitos se contentam apenas em separar o lixo sem se dar conta de que o volume de resíduos é resultado do maior ou menor nível de consumo. E reciclam o lixo sem deixar de ser consumistas. Esse é apenas um exemplo das contradições que vemos por aí. Corremos o risco de sermos "ecologicamente corretos" no discurso ou em algumas práticas que adoramos dar publicidade, mas não incorporamos efetivamente a sustentabilidade como filosofia de vida. A educação continua sendo a forma mais eficiente de promover essa nova cultura, que precisa vir rápido.

Bere - Caro André, ficamos muito agradecidos pela sua participação enriquecendo nossa publicação e desejamos a você muito sucesso em seus trabalhos. Precisamos cada vez mais de pessoas como você. Muito obrigado! Bere Adams e Equipe da EA em Ação

ROSMARI A. M. LAZARINI

ENTREVISTA DA REVISTA EA EM AÇÃO Nº23 - 15/03/2008

Apresentação: A nossa ilustre entrevistada desta edição é Rosmari Lazarini, Bióloga, Editora do portal virtual Fauna e Flora que comunica e divulga ações e temas ligados ao Meio Ambiente, tendo por finalidade promover a responsabilidade ambiental. É possível conhecer melhor esta iniciativa acessando o site: <http://www.floraefauna.com/>

Bere - Rosmari, como começou seu envolvimento com as questões ambientais? Conte-nos um pouco da sua trajetória.

Rosmari - Eu lecionava para o Ensino Fundamental quando resolvi realizar meu sonho e cursar a Faculdade de Ciências Biológicas (2001 – 2004). Durante a graduação eu fui convidada por uma professora para estagiar na seção de EA no Jardim Botânico de SP. Lá aprendi muito, ministrei cursos para professores do ensino formal incluindo parte teórica e prática (monitorias e oficinas). Em 2005, já formada, estava lecionando Ciências e Biologia, quando fui convidada pra trabalhar no projeto premiado “Resistindo à urbanização: educar para conservar espécies ameaçadas da Mata Atlântica”. Paralelamente, trabalhei no projeto “Jardim Botânico vai à Escola”. Esses projetos tiveram repercussão internacional através da visita da comitiva de jornalistas britânicos. O produto desses projetos resultou em produção de material didático, jardim didático nas escolas, artigos científicos, capítulo de livros, produção de DVD, apresentações científicas, exposição, congressos, diversas reportagens e visitas de parceiros internacionais. Hoje continuo meu trabalho como autônoma na área de EA, sou editora do site Flora e Fauna, sou moderadora da Lista Repea, juntamente com Wilson Barbosa, participo de diversas listas de discussão em rede e realizo estágio de aperfeiçoamento na Seção de Ornamentais, estudando fisiologia vegetal de bromélias, com alguns artigos científicos publicados e outros em fase de publicação.

Bere - Muitas pessoas, de diferentes segmentos da sociedade, relacionam a EA à Biologia, ou à Ecologia e, por vezes, confundem estas diferentes áreas educacionais - que são interligadas, mas distintas. Como você explicaria esta diferenciação?

Rosmari - A EA é uma ferramenta que atua em diferentes segmentos e envolve grande número de pessoas comprometidas com o meio ambiente. Portanto, parece natural que as pessoas relacionem Biologia e Ecologia como disciplinas que estejam diretamente ligadas à EA. No entanto, essa visão tende a mudar gradualmente quando diferentes profissionais se envolvem e atuam nesta área.

Bere - Desde quando o "site" Flora e Fauna está na rede e como surgiu a ideia de criar este portal?

Rosmari - A ideia de criar o Portal Flora e Fauna surgiu em 2004, ainda na graduação, quando eu estava terminando o curso. Eu queria estar atualizada e envolvida com as questões ambientais e produzir um trabalho que pudesse dar minha contribuição na promoção da consciência e responsabilidade ambiental.

Bere - Qual é a importância do ambiente virtual Flora e Fauna para a EA?

Rosmari - O ambiente virtual do Portal Flora e Fauna abrange grande número de pessoas em diversas partes do planeta, promovendo visibilidade dos trabalhos formais e informais e contribuindo na disseminação de informações relativas ao meio ambiente como um todo, além de exercer ações que contribuem para a sustentabilidade do planeta.

Bere - Você recebe retorno dos internautas que navegam no portal Fauna e Flora? Como é esta relação de participação e interatividade?

Rosmari - Em 2007 o pico de visitação ocorreu em novembro com 13.769 visitantes de diversas partes do planeta. O canal de comunicação entre o site e o internauta é através de e-mail e da comunidade existente no Orkut. Os internautas que me escrevem são do Brasil ou de países lusófonos e buscam orientações que vão desde trabalhos escolares até a busca de soluções ambientais. Para minha alegria, sempre consigo atender a todos, passando informações ou orientando na busca de suas respostas.

Bere - O que representa a extinção de algumas espécies de plantas e de animais para o equilíbrio ecológico?

Rosmari - Sendo bem objetiva, a interferência humana no meio ambiente compromete a própria sobrevivência da raça humana. Ao longo da história geológica da Terra e antes do surgimento do homem, houve algumas extinções e alguns eventos físicos (p. ex. glaciações) que ocorreram lentamente. A partir do surgimento do homem e sua interferência no meio ambiente, a extinção de espécies vegetais e animais foi acelerada, contribuindo para a degradação ambiental de forma catastrófica. Isso representa a própria sobrevivência da raça humana.

Bere - Qual é, para você, como Bióloga, o maior problema ambiental da atualidade?

Rosmari - Atualmente, eu creio que a contaminação da água, do solo e do ar gerados pela exploração dos recursos naturais e pelo consumo exacerbado conduzem à atual problemática ambiental que o planeta está passando. Não há perspectiva de vida alguma sem água e sem alimento.

Bere - Deixe uma mensagem aos leitores e as leitoras da EA em Ação:

Rosmari - Gostaria de deixar palavras para reflexão:

“Somos hóspedes e não senhorios da natureza e temos que desenvolver um novo paradigma para o desenvolvimento.” (Mikhail Gorbachev Presidente da Green Cross International)

“Todo jardim começa com um sonho de amor. Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma. Quem não tem jardins por dentro, não planta por fora e nem passeia por eles”.(Rubem Alves)

“O reflorestamento da mente humana deve necessariamente preceder o reflorestamento da Terra. Uma mente verde é aquela que se preocupa, poupa e compartilha. Essas são qualidades essenciais para a conservação biológica, agora e sempre”. (M.S. Swaminathan. 1992)

“Um grama de ação vale mais do que uma tonelada de teoria.”(Friedrich Engels)

Obrigada pela oportunidade, Rosmari Lazarini.

JOSÉ LINDOMAR ALVES LIMA (DOMA)

ENTREVISTA PARA A 26ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 05/12/2008

Apresentação: O entrevistado desta edição da EA em Ação (EAEA) é o Doma, mais desconhecido ainda, como ele próprio diz, como José Lindomar Alves de Lima. Este brasileiro radicado no Rio de Janeiro, é Assistente Social com especialização em Análise e Avaliação Ambiental pela PUC/RJ e sobrevive exclusivamente, desde 1996, quando criou a Ciclos Consultoria Ambiental, da prestação de serviços no campo da EA junto a diversas empresas como Acergy Brasil, Companhia Siderúrgica de Tubarão, Petrobras, Petróleo Ipiranga, Samarco Mineração e Vale, entre outras. A Ciclos Consultoria Ambiental é uma empresa especializada na implementação de Programas Corporativos de EA no Brasil, tendo como iniciativa pioneira a implantação, na Companhia Siderúrgica de Tubarão – CST/Arcelor, do Programa Interagir de EA, destinado a empregados e contratados e do Programa de Comunicação Ambiental, destinado a professores e alunos. Nossa entrevista enfocará a dedicação de Doma, principalmente, em projetos desenvolvidos com empresas nas quais implanta programas de EA. Vamos saber por que estas ações são referências no cenário nacional.

Bere - Conte-nos como começou seu interesse pelas questões ambientais, especificamente pelo desenvolvimento da EA nas empresas. Como foi o início dessa jornada?

Doma – Foi tudo muito por acaso. Sou filho do Cerrado e durante uma boa parte da minha infância vivi em uma chácara, nas proximidades de Brasília. Foi uma época muito boa, onde conheci e comi muitas frutas do Cerrado, colhendo-as no pé como pequi, jatobá, cagaita, pitanga, guabiroba, murici e caju. Tomava banho de rio e tinha um contato muito intenso com aquela natureza. No final dos anos 70 fui morar no Rio e acabei fazendo estágio, em função de um 2º grau técnico, em uma grande empresa de mineração, na época estatal e como obtive uma boa avaliação fui efetivado, 3 anos depois, como empregado na área administrativa. Acontece que quando eu fui efetivado, eu já cursava a faculdade de Serviço Social e queria trabalhar com pessoas e não com números. Fiquei nesta área de 1984 até 1989, quando fui transferido para a Gerência Geral de Meio Ambiente para substituir uma economista que havia emendado licença maternidade com férias e o meu trabalho consistia no controle de contratos e seus respectivos pagamentos. Quando essa funcionária licenciada voltou, eu fiquei meio de coringa na gerência de meio ambiente e comecei a me aproximar da área técnica, conhecendo todas as atividades que a empresa desenvolvia na área de meio ambiente. Acabei, particularmente, me interessando por um projeto de EA que era desenvolvido junto a professores e comunidades da área de influência da empresa. O trabalho consistia em encontros com professores, e na época não dispúnhamos muito de informações sobre EA. Os livros do professor Genebaldo Freire eram a nossa grande referência em EA. Foi uma época boa, de descobertas, de se fazer o caminho com os próprios passos. Com o tempo comecei a voltar o olhar para as questões internas da empresa e a desenvolver atividades junto aos empregados e contratados. Acabei, por conta do interesse pelo tema, fazendo vários cursos, dentre eles uma especialização em Análise e Avaliação Ambiental na PUC do Rio de Janeiro.

Bere - Como você percebe o espaço da EA dentro das empresas quanto a sua importância, aceitação, e qual o viés político-pedagógico que permeia suas ações?

Doma – Considero o trabalho de EA em empresas de fundamental importância. Costumo dizer que dentro das empresas estão pessoas altamente qualificadas. É um público de formação variada, onde encontramos pessoas de diversas áreas do conhecimento, com diversos níveis de formação como técnicos, engenheiros, economistas, geólogos, que desenvolvem atividades de ponta. No entanto, grande parte dessas pessoas é passiva em suas ações de cidadania e a EA tem uma grande contribuição na mobilização e motivação destas pessoas para ações que possam ser aplicadas dentro e fora dos muros das empresas. Temos que trabalhar com quem bota a mão na massa e normalmente, por falta de conhecimento, suja a massa e a mão. No entanto, devo reconhecer que trabalhar com um público tão variado exige uma metodologia diferenciada, onde se deve privilegiar o compartilhamento de experiências e de saberes, onde todos têm oportunidade de aprender e ensinar. Desenvolvendo este trabalho pude perceber na prática aquela máxima que diz que ninguém é tão experiente que não possa aprender algo novo, bem como ninguém é tão novo que não possa nos ensinar algo. No geral, a aceitação ao trabalho de EA que a Ciclos desenvolve é muito boa, com registros em torno de 98% de avaliação entre ótimo e bom. Comumente, nas empresas, as pessoas resistem aos cursos e treinamentos e demonstram este descontentamento assim que chegam para participar dos cursos. Como adotamos uma metodologia que estimula a participação, o diálogo, a cooperação e o compartilhamento de experiências, com a aplicação de dinâmicas, jogos e estudos dirigidos, no geral as pessoas não percebem sequer a passagem do tempo. Outro ponto que consideramos fundamental na metodologia que aplicamos é o fato de não assumirmos uma postura professoral, onde o instrutor é o dono do saber e da verdade. Buscamos atuar como educadores, estimulando as pessoas a refletirem sobre suas atitudes e seus ideais. Com a construção de um ambiente onde os conhecimentos são compartilhados, as pessoas ficam mais à vontade para refletir sobre suas atitudes e repensa-las, sem que, para isto, tenhamos que colocar o dedo na ferida ou ensinar as pessoas. O grande barato que vejo trabalhar com este público é poder aprender com eles sobre o que é meio ambiente. As pessoas que participam dos nossos cursos dizem coisas do tipo: “Gostei do curso porque aqui eu posso falar e posso falar de problemas.” Mas creio que o melhor da metodologia que aplicamos diz respeito à simplicidade como os cursos são realizados. Isto mexe com as pessoas. Vivemos em um mundo altamente sofisticado, onde consumimos coisas que não alimentam, muitas vezes nem o corpo, nem a alma. Sinto, junto a este público, que o trabalho que fazemos mexe com elas por serem coisas simples, viáveis e exequíveis, dentro e fora da empresa.

Bere - Considera-se fundamental que a EA promova a sensibilização para o consumo sustentável, que está diretamente associado aos modos de produção. Como a EA pode colaborar, de forma mais efetiva, para que os dirigentes de empresas sensibilizem-se e invistam em tecnologias limpas e na produção de artigos sustentáveis? A EA nas empresas alcança este enfoque?

Doma – Todos nós, independente de nossa área de atuação, temos que repensar nossos hábitos de consumo. Temos o hábito de compartimentar tudo e nesta prática acabamos julgando comportamentos alheios, reforçando aquela máxima de que quem dirige errado é o outro. É difícil para todos nós conjugar o verbo poluir na primeira pessoa. Percebo que nós somos uma espécie altamente impactante. E este impacto se manifesta nos ambientes onde vivemos e atuamos. Os dirigentes das empresas são formados pela sociedade e passam boa parte do seu processo de formação nas mãos de professores e nos bancos de escolas. Temos desenvolvido atividades nos cursos onde estimulamos as pessoas a refletirem sobre o por que e o para que devemos cuidar de meio ambiente e o por que o para que as empresas devem cuidar de meio ambiente. Os resultados são bem interessantes. No geral as pessoas dizem que devem cuidar de meio ambiente porque é o espaço onde vivem. E cuidam do meio ambiente para que as gerações futuras tenham acesso a esse meio com qualidade. Em relação às empresas, no geral, os comentários dizem conta de que as

empresas devem cuidar do meio ambiente, porque são as maiores degradadoras do meio ambiente e é dele que elas retiram os recursos necessários para suas atividades de produção, citando ainda a questão da legislação. E devem cuidar dele para que suas atividades não sejam interrompidas. Por meio deste exercício, procuro estimular as pessoas a refletirem sobre as nossas relações diárias com o meio ambiente, onde independente do lugar onde vivemos e atuamos, utilizamos os recursos naturais para nossa sobrevivência. É lógico que uma empresa que opera de forma ininterrupta 24 horas por dia, 365 dias por ano, tem uma capacidade enorme de consumir recursos naturais e de gerar impactos negativos ao meio ambiente da mesma forma que conglomerados humanos em cidade com 500 mil, hum milhão ou 10 milhões de habitantes tem. Ou seja, o conceito de sustentabilidade deve ser pensado de maneira a gerar reflexões que possam ir além da visão anjos e demônios, de vilões e mocinhos. A sociedade não é formada desta forma. Todos nós temos contribuições a dar e devemos repensar nossos hábitos nos espaços onde vivemos e atuamos. Creio que o grande problema nosso, independe do espaço onde vivemos e atuamos diz respeito à ganância, e a ganância não tem espaço dentro do conceito de sustentabilidade. Somos a única espécie que tem freezer, que produzimos e consumimos para além das nossas necessidades.

Bere - Desta sua trajetória, qual experiência você destaca por considerar mais significativa?

Doma – Olha, esta é uma pergunta difícil de responder face às especificidades de cada trabalho. Mas, é claro que, assim como o primeiro amor, a primeira experiência deixa marcas boas na lembrança. Neste sentido, o trabalho desenvolvido na CST foi significativo. Quando implantamos o Programa Interagir de EA e o Programa de Comunicação Ambiental para Instituições de Ensino, nós não tínhamos referências bibliográficas e nem biográficas de trabalhos de EA em empresas. No entanto, éramos movidos por um desejo muito forte e aos poucos vencíamos as resistências iniciais, tanto dos gerentes, quanto dos operadores. O fato de não termos essas orientações e de não conhecer o processo siderúrgico acabou por ajudar no desenvolvimento da nossa metodologia de trabalho. No entanto, tenho para mim que independente da empresa onde desenvolvemos os programas de EA, as experiências mais significativas são aquelas que desenvolvemos com as pessoas que operam a empresa, que são invisíveis aos olhos da maioria de nós, que trabalham nos turnos, nas plataformas. As melhores experiências são com os ditos anônimos. São pessoas que, muitas vezes, abrem mão do conforto da sua casa, da sua família, do seu lazer para produzir algo que, muitas vezes, elas nem terão acesso. A essas pessoas, toda a minha gratidão. Com elas eu aprendo muito.

Bere - Como você percebe os resultados dos programas de EA implantados em grandes empresas?

Doma – Costumo dizer que o pior dos temporais aduba o jardim. Não podemos deixar de reconhecer os avanços que tivemos com a inclusão da EA nos processos de licenciamento. É verdade que a pressão da sociedade, por meio de leis, normas e regulamentos, é fundamental para que as empresas e as pessoas assumam compromissos com a qualidade ambiental. No entanto, temos que perceber essas pressões como oportunidade para repensarmos nossas práticas, nossos valores. Caso contrário, a EA nos processos de licenciamento, pode correr o risco de ser mais um item a ser “ticado” no check list das obrigações ambientais da empresa. Em algumas empresas, sinto um certo engessamento das atividades de EA, com a elaboração de um sem número de relatórios com evidências que atendem especificamente o órgão licenciador, mas que não levam em consideração alguns aspectos fundamentais para a acertividade das ações propostas.

Bere - Desde o início das suas atividades, até o presente momento, quais são os avanços que você percebe no que se refere ao alcance dos objetivos da EA, e quais foram suas maiores dificuldades?

Doma – O grande avanço que vejo é que o tema não é mais de propriedade de apenas uns poucos. Embora, nem todo o mundo tenha clareza de como alcançar esses objetivos ou procurem a partir da EA resolver todos os problemas da sociedade, não podemos deixar de reconhecer que, nos dias atuais, a atuação do educador ambiental está mais facilitada. Lembro-me que quando comecei a minha atuação como educador ambiental, não havia tanta literatura, vídeos ou recursos para se trabalhar o tema. Aliás, não havia ainda nem a internet. Dentro das empresas ainda há muito desconhecimento sobre o tema e seus objetivos. As pessoas associam, normalmente, EA à coleta seletiva e aos aspectos relacionados à fauna e flora. Esses dias um sujeito escreveu na avaliação do curso que não sabia que sua atividade causava impactos ambientais. Ele achava que esses impactos eram inerentes à sua atividade e que não cabia uma ação preventiva. Agora, para quem atua com EA em empresas, acho que a maior dificuldade não é lidar com os empresários. Com eles temos que ter habilidades para demonstrar que a EA é um instrumento da sua gestão empresarial. A maior dificuldade é lidar com os outros educadores ambientais, principalmente aqueles que representam a EA formal. É aí que vejo as maiores dificuldades, pois há muita arrogância e preconceitos. Uma vez, participando de um fórum de EA, eu perguntei ao facilitador do grupo porque eles me olhavam de forma enviesada, evitando um contato mais próximo comigo, como se o fato de eu trabalhar para empresas fosse menos ético que o trabalho deles. O facilitador em questão fazia parte de uma ONG que desenvolvia trabalhos para o governo de São Paulo, que, na época era o Paulo Maluf. Então, a maior dificuldade que vejo é o preconceito e a apropriação do tema por parte de alguns que se acham mais que os outros. As pessoas acreditam que educação é tudo e que ela pode salvar o planeta. Eu acredito no poder da educação e sei da sua capacidade de transformação. Mas, ela sozinha pode muito pouco e se fragiliza. Quando saí da empresa de mineração onde trabalhava, idealizei alguns planos e um deles era fazer com que a EA em empresas fosse algo viável e aplicado ao dia a dia das pessoas, e consegui isto com certa independência, sem precisar, para isto, fazer parte de nenhum grupinho ou panela. São mais de 15 anos trabalhando e vivendo do exercício da EA. Mas, acredito que precisamos, nós educadores, aplicarmos a nós mesmos, alguns princípios que orientam a nossa prática e fazer alianças, uma vez que a EA é maior que cada um de nós. Há um exagero de vaidades que é, em minha opinião, ruim para a própria EA. As empresas (e as pessoas) podem não saber o que querem. Mas, com certeza, sabem o que não querem.

Bere - Sobre os cursos de EA dos quais você participa como professor e organizador, como estes são desenvolvidos e qual a influência da tecnologia para a efetivação dos mesmos?

Doma – A elaboração dos cursos depende da forma como os programas são demandados. Se o programa é de demanda interna, ou seja, surge da necessidade que a empresa tem em tratar alguns assuntos, há mais flexibilidade na construção das estratégias de implementação do programa, com a elaboração de diagnósticos de percepção ambiental e módulos continuados de cursos e atividades educativas. Quando o programa surge de uma demanda legal, temos menos flexibilidade na concepção do programa. Ele tem uma tendência de atender, basicamente, os conteúdos recomendados pelo órgão licenciador. Ou seja, ele tem uma possibilidade muito grande de engessamento. Muitas vezes os técnicos dos órgãos licenciadores desconhecem os processos produtivos da empresa ou tem uma visão ideologizada da EA, não percebendo na sua prática uma oportunidade de ajustamento de foco e de enfoque.

Bere - Tem algumas publicações, documentos, periódicos que você indicaria aos leitores que querem aprofundar seus conhecimentos em relação a implantação de EA nas empresas?

Doma – Admiro muito o trabalho que o professor Quintas referente a EA no Processo de Licenciamento, bem como o trabalho que o professor Alexandre Pedrini está desenvolvendo nesta área. Aliás, aproveito o espaço para felicitar o professor Pedrini na produção de textos e espaços para discutir o assunto como os Seminários de EA que ele propõe na UERJ.

Bere - Deixe uma mensagem aos leitores da EA em Ação:

Doma – Agradeço o espaço que esta Revista me proporciona para falar sobre o tema e deixo como mensagem uma frase que uso com frequência nos meus cursos: Seja um exemplo dando um exemplo. Dê um exemplo sendo um exemplo.

Bere - Agradecemos, de coração, pela sua participação nesta edição da EA em Ação e desejamos-lhe muito sucesso. Bere Adams e Equipe da EA em Ação.

GABRIELLE BRANDÃO

ENTREVISTA PARA A 27ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 03/03/2009

Apresentação: A entrevistada desta edição é mais uma pessoa encantadora, que faz a diferença para buscar a tão necessária sociedade sustentável. E como ela faz isso? Com apenas 11 anos de idade, **Gabrielle Brandão** lidera o PROGRAMA NET KIDS SUPER ECOLÓGICO, que é apresentado ao vivo todos os sábados, às 13 horas, pela www.justtv.com.br. Mas, como será que começou esta trajetória?

Bere - Olá, Gabrielle, conte-nos um pouco como surgiu seu interesse pelas questões ambientais?

Gabrielle - Aos meus 5 anos de idade assisti a uma reportagem que falava sobre "Aquecimento Global", e de repente comecei a chorar, pois estava com medo do futuro. Foi onde percebi que o Planeta estava precisando de ajuda, mas ainda era muito pequena e achava que não poderia fazer nada além de coisas simples no dia a dia para ajudar o Planeta Terra. A partir daí comecei a ter interesse pelo meio ambiente.

Bere - Quais foram as suas dificuldades iniciais no projeto e quem lhe apoia na produção?

Gabrielle - Na verdade não chamaria de dificuldades. A cada passo do projeto nos deparamos com novas missões, e graças a Deus, aos meus pais e a muito trabalho conseguimos sempre atingir nossos objetivos.

Bere - Como você se sente realizando o programa?

Gabrielle - Eu me sinto como o beija-flor no incêndio da floresta, sinto que estou fazendo a minha parte para livrar o Planeta de um terrível fim.

Bere - Qual o retorno que você recebe através do programa e do site?

Gabrielle - Recebo vários contatos pelo ORKUT e pelo E-MAIL do SITE. São críticas, sugestões, apoios, pedidos de ajuda, convites para reportagens e homenagens.

Bere - Você sente interesse de outras crianças pelo assunto meio ambiente?

Gabrielle - Apesar das crianças pararem para assistir ao meu programa, participarem das minhas ações em campo e do meu programa na rádio, elas não demonstram interesse em participar diretamente das questões ambientais.

Bere - Fale-nos de um momento marcante ocorrido no programa:

Gabrielle - Eu tive dois momentos muito marcantes no programa: Um foi quando entrevistei Maria Cláudia Kohler, coordenadora do GREENPEACE. E o outro foi quando entrevistei Paulo Celso Villas Bôas, pois várias pessoas não acreditavam que ele viria do Pará para ser entrevistado no meu programa, e muito menos que ele passaria um dia inteiro comigo. Foram dois momentos muito marcantes e importantes para a minha carreira.

Bere - E no dia a dia, como você percebe a sua própria relação com o meio ambiente?

Gabrielle - Ainda tenho muito o que aprender. Não é hábito da minha geração ter a atenção voltada para as questões ambientais. Também estou me conscientizando.

Bere - E na escola, há espaço para as questões ambientais?

Gabrielle - Olhe a sua volta. Preste muita atenção, por exemplo, na sua cozinha: há espaço para as questões ambientais? Claro que sim. Em todo lugar há espaço para as questões ambientais.

Bere - Mas a sua escola incentiva a EA?

Gabrielle - Infelizmente não.

Bere - Tem alguém que você gostaria muito de entrevistar no seu programa, e por quê?

Gabrielle - O Sergio Reis para ouvi-lo cantar e falar sobre as belezas do Pantanal.

Bere - Soube, também que você tem um programa na Rádio Cidadania, de Avaré, todas as sextas-feiras, às 16h45. Fale-nos um pouquinho dessa experiência:

Gabrielle - Isso foi um feliz presente que recebi quando estive visitando a cidade. Fui convidada para dar uma entrevista na rádio e durante a entrevista fui surpreendida com o convite para fazer o programa ao vivo - via fone - direto de São Paulo, e ainda ganhei do diretor da rádio uma muda de Seringueira da Amazônia que plantei no mesmo resort onde eu estava hospedada.

Bere - Gabrielle, fale-nos de futuros projetos. O que sua "caixinha mágica de surpresas" está nos reservando? Conta pra gente?

Gabrielle - O especial deste ano é que meus pais escreveram uma peça que, ao menos a nós, emociona. É uma história que trata da questão ambiental e apesar de estar programada para entrar em cartaz, foi desenhada para aplicação pedagógica como projeto teatro escola. O meu papel é o principal. Vou representar a energia da natureza, do amor e da vida do Planeta pedindo socorro. Mais isso vocês verão no teatro. O nome da peça é "A Flora Pequeninina". Outra notícia é que saio como destaque no último carro alegórico da escola de samba X-9 paulistana neste próximo carnaval, representando o resgate da Amazônia.

Bere - Escolha uma frase, um poema ou uma palavra que defina porque seu trabalho é importante para o Planeta Terra:

Gabrielle - O mundo estava em paz, até que o homem chegou, começou a desmatar e, o Planeta assim ficou. Estava tudo belo, no seu devido lugar, o homem bagunçou tudo, para dinheiro ganhar.

Precisamos salvar o Planeta, antes que seja tarde demais, nós crianças futuro do mundo, só queremos ter uma vida de paz. (trecho da música "Tchau Tchau" letra e melodia de minha própria autoria).

Bere - Querida Gabrielle, para mim foi uma honra tê-la como entrevistad@ desta edição. Suas ações provam que é possível mudar, acreditar, e o que é mais importante: agir para o mundo ficar melhor. Eu me sensibilizei com a Eco 92 e comecei a desenvolver um projeto de EA. Você se sensibilizou com uma reportagem sobre "Aquecimento Global", e a partir de então, ajudar a melhorar o meio ambiente tornou-se o seu ideal. Quem sabe quantas crianças se sensibilizarã o com essa entrevist@? Quantas dirão: "Eu li uma entrevista com a Gabrielle, uma menina de 11 anos, que se dedica para construir um mundo melhor (ou assisti ao programa, li no *site*, ou ainda, ouvi um programa na rádio com a Gabrielle Brandão) e percebi que também sou responsável e decidi me tornar uma pessoa que age em prol do meio ambiente!?" Tenho certeza de que sua entrevist@ encantará todos que aqui chegarem. Muito obrigada a você e a sua mãe Ale, pelo apoio. Sucesso, Bere Adams e Equipe da EA em Ação

<http://www.gabriellebrandao.com.br/>

MARIA HELENA BUENO

ENTREVISTA PARA A 28ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 03/06/2009

Apresentação: A entrevista desta edição é com mais uma pessoa que sabe encantar, e que faz a diferença na busca da tão necessária sociedade sustentável, através da arte com reaproveitamento de materiais. Maria Helena Bueno, moradora de Novo Hamburgo/RS, começou sua carreira artística a partir de cursos que frequentou no Ateliê Livre Municipal de Novo Hamburgo/RS, desde 1998, e hoje é integrante do Projeto Apoema - EA, onde coordenará trabalhos e oficinas de arte com reaproveitamento voltadas para crianças e para a adultos da terceira idade. Esta entrevista retrata um pouco da sua trajetória que dividimos com todos leitores da EA em Ação.

Bere - Como você se descobriu como artista? E quando você começou a trabalhar com materiais descartados ou resíduos?

Maria Helena - A arte sempre me fascinou, na dança, no teatro, na pintura, no desenho, na poesia, enfim, quando a gente tem uma afinidade com a beleza da diversidade, a gente não tem como não se sentir artista. A sintonia que existe entre você e o ser artista está no inusitado, na criação que é um momento único e divino. A gente não se descobre artista, os outros que enxergam você como um ser artista. Sou de uma família humilde. Morei muitos anos com meus avós que eram pessoas muito simples, mas muito sábias. Eles viam muito valor na simplicidade. Então, trabalhar com materiais recicláveis não foi uma escolha. O desejo veio ao natural. Eu amava sair pelos campos e matas a procura de uma pedra estranha, um galho seco, e coisas naturais que tivessem formas exóticas. O canto dos pássaros me encantava. As cores das borboletas, o balanço das árvores na dança da brisa, o canto do córrego entre as pedras, tudo isso era motivo para dar forma a uma obra de arte, pois tinha movimento, cor, som, e me inspirava, e tudo isto ainda é fonte de inspiração para mim.

Bere - Você tem preferência por algum tipo de material para os seus trabalhos?

Maria Helena - Não tenho preferência por algum tipo de material. O que acontece é que quando vejo alguns materiais: uma caixa, uma embalagem plástica, um pedaço de madeira, logo me vem muitas s para transformá-los em algo mais do que simplesmente um material descartado. Caixas viram mesas, armações de sombrinhas viram móveis, e cada material me traz um novo desejo de transformação através da arte.

Bere - Como você percebe o seu processo criativo?

Maria Helena - Para mim o processo criativo é algo divino. Observo por algum tempo, em meditação, e aflora mais uma obra de arte.

Bere - Você tem alguém que lhe incentivou para fazer este trabalho?

Maria Helena - Meu incentivo, como já falei, vem de meus avós, mas também vem pelo meu Anjo da Guarda!

Bere - Tem algum trabalho especial que você gostaria de destacar?

Maria Helena - Sim, as "Marias". São sete bonecas que foram nascendo, uma a uma. Cada uma tem um nome e uma história. Em 2008 elas acabaram ganhando vida na peça "Marias", e me proporcionou ir ao palco para contracenar com elas. Foi uma experiência maravilhosa. Esta peça teve uma grande equipe, uniu a arte, a representação e dança, que foi coordenada e coreografada pela bailarina e coreógrafa Carla Regina Macedo, também de Novo Hamburgo/RS.

Bere - Em 2008, então, foi apresentado o espetáculo "Marias". Conte-nos um pouco de como foi esta experiência.

Maria Helena - Este espetáculo foi surpreendente e teve muita repercussão local. Quase lotou o teatro com capacidade para 500 pessoas. Foi uma experiência com muita verdade e muito descobrimento, pois tratava da essência do universo feminino. Houve uma transformação na vida de muitas pessoas depois do espetáculo. Foi uma mensagem de amor que alcançou muitas pessoas.

Bere - Como você percebe a reação das pessoas quando admiram o seu trabalho?

Maria Helena - Com muita surpresa, pois meu trabalho é um trabalho bem diferente. Eu gosto muito de ver e sentir a reação das pessoas, é algo mágico, que mexe com elas.

Bere - Desde que começou este trabalho, o que mudou na sua vida?

Maria Helena - Este trabalho me proporciona trabalhar o lado terno das pessoas, e me dá muita paz. Sinto que não preciso muito para ser feliz e quero ter mais tempo para me dedicar a este trabalho criativo. É neste momento que me conecto com os mistérios do Universo.

Bere - Deixe-nos um recado. Pode ser uma frase, um poema, um pensamento.

Maria Helena - Deixo esta mensagem: seja sempre gentil, amável. Tenha paciência, não julgue, brinque muito e sonhe muito sempre. Para brincar e sonhar não tem idade.

Bere - Agradecemos a você, Maria Helena, por sua disponibilidade em nos conceder essa entrevista e pelo trabalho que você desenvolve, pois a Arte é fundamental na vida das pessoas, pois ela é uma importante fonte de inspiração para promover a sensibilização e a mudança. A Equipe da EA em Ação, agradece por sua valiosa participação nesta edição.

JOÃO DALGA LARRONDO

ENTREVISTA PARA A 29ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 06/09/2009

Apresentação: A entrevista desta edição é com o músico percussionista João Dalga Larrondo, o "Dr. Plástico", que se utiliza de atividades lúdicas para ensinar sobre o ciclo de vida dos polímeros, desde o nascimento até o descarte. É através de um espetáculo artístico musical que Dalga busca sensibilizar crianças e professores sobre os danos sociais e ambientais provocados pelos resíduos de plástico. Ele também desenvolve oficinas musicais com alunos de escolas públicas. Vamos conhecer um pouco mais sobre seu trabalho.

Bere - João Dalga, quando você começou a desenvolver este trabalho? Conte-nos como foi o início de sua trajetória:

Dalga - Como percussionista e compositor desenvolvi a curiosidade por diferentes instrumentos e suas sonoridades. A contemporaneidade com sua fabulosa fábrica de objetos nos trouxe também a possibilidade de explorar esses objetos sonoramente. O material plástico é muito versátil, com suas diferentes formas, texturas, tamanhos, densidades, sendo assim, abre um leque para uma gama de instrumentos inusitados. Há mais ou menos três anos percebi que poderia utilizar o material plástico em diversos segmentos da percussão, ou seja utilizá-los com as formas diferentes de tocá-los, assim como raspar, chacoalhar, percutir, girar e entre chocar. Como meu trabalho mescla música e teatro, resolvi contar através da música a história do plástico. Da onde vem, a onde ele está e para onde ele vai.

Bere - Diante tantos problemas ambientais, por que você optou por trabalhar a temática "lixo plástico"?

João Dalga - É só olhar a sua volta e observar a quantidade de plástico que usamos e jogamos fora.

Bere - Qual é a reação das crianças diante desse trabalho?

João Dalga - Surpresa, curiosidade e atenção.

Bere - Qual é a importância da música para um trabalho de sensibilização ambiental?

João Dalga - Encarar os problemas ambientais de forma lúdica foi uma das premissas para elaboração do espetáculo. A música faz com que as crianças se sensibilizem mais com os problemas ambientais. O espetáculo trás uma infinidade de instrumentos diferentes, de jeitos de tocar diferentes e músicas que procuram despertar afinidades com a matéria plástica.

Bere - E as oficinas, como elas acontecem e quais são os resultados?

João Dalga - As oficinas acontecem após uma semana do espetáculo. Construimos uma cartilha que funciona como apoio aos elementos trabalhados na oficina. A é enfatizar a importância de

sermos criativos diante do nosso lixo. Assim poderemos reutilizar inúmeros objetos plásticos. Ainda é cedo para medir os resultados a médio e longo prazo, mas podemos observar que em um curto prazo as crianças ficam fascinadas com os instrumentos que são construídos e mostrados durante as oficinas.

Bere - Quais são os instrumentos musicais que você utiliza no espetáculo e como são feitos?

João Dalga –

1. Tambores de baldes
2. Tambores de recipientes plásticos (Topwere)
3. Tambores de galões de 20 litros
4. Tambores de garrafas penduradas
5. Tambores de garrafas pousadas em suportes horizontais
6. Chocalhos de inúmeros tamanhos e formas diferentes
7. Chocalhos duplos
8. Chocalhos de fundo (tocando com dois recipientes sobre outro material (madeira, pele, metal)
9. Flautas de conduite corrugado
10. Baquetas de: escovas de dente, pedaços de plástico, e Pet
11. Reco-reco PVC
12. reco reco condutores corrugados
13. reco reco box de banheiro.
14. Chinelofon (PVC) Instrumento com afinação temperada com extensão de 02 oitavas
15. Tubo giratório de conduite corrugado
16. Placas de box de banheiro suspensas
17. Móviles de recipientes plásticos com diferentes formas
18. Claves de Pet
19. Balde como tambor de mão
20. Gongos com garrafas de 20 litros e 10 litros

O trabalho de construção vai do simples ao mais complexo. Desde criar um chocalho apenas com uma garrafa limpa e grãos, até o tubofone com seu PVCs de vários tamanhos.

Bere - Você pretende ampliar o universo de atuação, saindo de São Paulo para outros estados?

João Dalga – Sim, é o propósito do trabalho. Além de desenvolver outros personagens para contracenar com o Dr. Plástico.

Bere - Como você percebe os resultados desse trabalho e o que para você é mais gratificante?

João Dalga – É perceber que a arte vai muito além do entretenimento.

Bere - Deixe uma mensagem aos leitores da revista:

João Dalga – Estejam bem atentos, pois a qualquer hora o Dr. Plástico vai aparecer na sua casa para ajudar você a conviver melhor com nosso planeta. Um grande abraço a todos.

Bere - Dalga, parabéns pelo trabalho, e a equipe da revista EA em Ação agradece pela sua participação nesta edição. Muito obrigada!

Obs: contatos com o artista, dirigir-se a Ana Paula, da Singular Comunicação, pelo fone (11) 5090-0590, ou pelo e-mail: anapaula@singularco.municacao.com.

MARCOS SORRENTINO

ENTREVISTA PARA A 29ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 07/09/2009

Apresentação: Esta edição conta com uma segunda entrevista, feita com Marcos Sorrentino. Ele foi Diretor da Diretoria de EA – DEA do Ministério do Meio Ambiente, e acompanhou de perto o andamento da Lei da Política Nacional de EA (PNEA), que em abril completa 10 anos. Ninguém melhor para nos falar sobre este assunto do que ele, que é professor de educação e política ambiental em Piracicaba/SP, foi fundador e militante de diversas organizações ambientalistas e de EA e vem escrevendo e fazendo palestras, cursos e oficinas sobre o tema há mais de trinta anos.

Bere Adams - Senhor Marcos Sorrentino, é uma honra e uma alegria podermos contar com sua participação nesta edição da EA em Ação. Por favor, conte-nos um pouco sobre a PNEA, como começou o processo de implantação e quais as principais ações realizadas, no seu ponto de vista:

Marcos Sorrentino - A lei que institui a PNEA após aproximadamente seis anos de tramitação na Câmara dos Deputados, foi aprovada em 1999 e regulamentada em 2002, mas apenas começou a ser implementada em junho de 2003, com a criação do seu Órgão Gestor, composto pelos Ministros do Meio Ambiente e da Educação. Desde então, contribuiu para dar maior organicidade às ações na área, por meio do seu desdobramento em um programa nacional de EA (ProNEA), aprovado em 2004 no V Fórum Brasileiro de EA, organizado pela REBEA (Rede Brasileira de EA em parceria com o Órgão Gestor). Este programa, se desdobra em sub-programas e diversos projetos que vêm sendo implantados pelos governos e pela sociedade organizada.

Atualmente, está em pauta a institucionalização do Sistema Nacional de EA (SisNEA), que deve dar nome e apresentar didaticamente as diversas conexões que já ocorrem e que devem ocorrer de forma cada vez mais intensa para possibilitar sinergia entre as inúmeras ações de EA em todo país.

Bere - Para o Senhor, o que representa a PNEA no sistema de educação brasileiro?

Marcos Sorrentino - A PNEA é um passo a mais na bonita história da EA no país e representa a obrigatoriedade dos sistemas de educação, meio ambiente, recursos hídricos, saúde e outros, incorporarem a EA dentro do espírito de transversalidade que a anima.

Bere - Quais foram os principais instrumentos implementados pela PNEA ao longo destes 10 anos?

Marcos Sorrentino - Na realidade são seis anos de implementação. Entre os principais instrumentos mobilizados por ela, estão a criação e funcionamento do seu Órgão Gestor e do seu Comitê Assessor, a criação e implantação do ProNEA e dos seus sub-programas - ProFEA, Educomunicação Socioambiental, Enraizamento da EA no país e os destinados a Rede formal de Ensino, onde destacam-se as Conferências Nacionais Infante-Juvenis sobre Meio Ambiente, as Com-Vidas e o apoio a criação e funcionamento da REJUMA (Rede de Juventude e Meio Ambiente), a revitalização das CIEAs (Comissões Interinstitucionais de EA em cada Unidade Federativa) e do SIBEA

(Sistema Brasileiro de Informações em EA), a proposição do SisNEA, os editais de demanda induzida do Fundo Nacional de Meio Ambiente, dentre outros.

Bere - E quais os avanços na aplicação da EA a partir da PNEA?

Marcos Sorrentino - Hoje, praticamente todas as 27 Unidades Federativas têm ou estão em processo de construção das suas leis e programas de EA. Vão criando os seus órgãos gestores e CIEAs e muitos percebem e traduzem em procedimentos práticos, que a EA não pode limitar-se a projetos pulverizados e descontinuados e que o papel das políticas públicas não pode limitar-se a comemoração de datas e publicações. Vários municípios estão elaborando as suas leis municipais de EA e buscando uma ação coordenada entre as secretarias de meio ambiente e de educação. Ou seja, uma EA, permanente, continuada, articulada e junto a todos os cidadãos e cidadãs, não são apenas princípios do ProNEA.

Bere - Fale-nos um pouco do ProNEA e de como este programa vem sendo disseminado nos ambientes educacionais brasileiros:

Marcos Sorrentino - O ProNEA enuncia, além dos quatro princípios que acabo de mencionar, as diretrizes de uma EA voltada a sustentabilidade socioambiental, transversal, que estimule a participação e o controle social e a criação e funcionamento sistêmico da EA no país. Pautado pelos objetivos de promover o enraizamento e o fortalecimento da EA que já se realiza há décadas em nossos país, incentivando o seu exercício vivencial, testemunhando em nossas vidas e formas de organização aquilo que propomos para toda a sociedade, ele tem estimulado a criação de inúmeros programas de EA em bases territoriais diversas.

Dois elementos importantes na estratégia de disseminação do ProNEA são os Coletivos Educadores e as Salas Verdes. O primeiro, promovendo a aproximação das instituições educadoras e ambientalistas de cada território e elaborando um Projeto Político e Pedagógico, participativo, voltado a formação de educadores ambientais populares por meio de Com-Vidas (Comissões, quando na Escola ou Comunidades de Aprendizagem sobre Meio Ambiente e Qualidade de Vida). A segunda, como pontos de apoio a essas Com-Vidas e Coletivos Educadores, possibilitando o acesso aos educadores e educadoras ambientais, a livros e materiais educacionais diversos. Diga-se de passagem, que as Salas Verdes já vinham sendo implementadas pelo governo anterior e apenas foram re-vitalizadas como política pública, a partir de 2003.

Bere - A PNEA tem conseguido alcançar seus principais objetivos?

Marcos Sorrentino - Muito ainda resta ser feito, inclusive o aprimoramento do próprio texto da Lei. O maior objetivo, que é uma sociedade brasileira educada e educando-se ambientalmente para a sustentabilidade socioambiental, é um farol a iluminar a sua constante avaliação e aperfeiçoamento. Certamente isto não depende apenas do Brasil e nem apenas dos educadores e educadoras ambientais. Depende de variáveis econômicas e culturais, políticas e estruturais com as quais a EA tem uma relação de mútua dependência.

Bere - Como o Senhor vê essa sua experiência pessoal, participando ativamente deste processo tão significativo para a EA?

Marcos Sorrentino - Com gratidão, muita gratidão a tudo e todos que propiciaram esta vivência e aprendizados. Descobri o quanto é possível fazer-se quando se conta com mulheres e homens com espírito público e amor à Vida em toda a sua diversidade de manifestações. Agradeço a ex-ministra Marina Silva, pelo convite e apoio nestes anos, pois em um Ministério com poucos

recursos e uma enorme agenda de demandas, ela sempre teve uma palavra de apoio e incentivo ao nosso trabalho. Agradeço a toda a equipe de EA do MMA e do MEC, que se esforçou cotidianamente para superar as limitações, atuando como militantes apaixonados por uma causa pública. Agradeço ao movimento de EA neste país que propiciou, pelo seu acúmulo de experiências e reflexões, que bebêssemos em fonte de conhecimentos vivenciados e que atendeu generosamente a todas as chamadas para cooperarem na implantação de propostas, projetos e ações estruturantes, em todo país. Agradeço a USP e aos meus colegas de Departamento, que propiciaram este afastamento de seis anos. Agradeço a UnB que me acolheu para um pós doutoramento, quando sai do MMA. Volto para a Universidade, engrandecido por esta experiência e espero que isto possibilite o aprimoramento, não só das minhas práticas profissionais, mas das atividades desenvolvidas pela Universidade.

Bere - Quais foram suas maiores realizações quando esteve como Diretor da DEA?

Marcos Sorrentino - O conjunto das atividades desenvolvidas ganhando organicidade e possibilitando o amadurecimento da proposta do SisNEA, aprovada na III Conferência Nacional de Meio Ambiente, a partir do encaminhamento da quase totalidade das Conferências Estaduais.

Os resultados da pesquisa feita junto aos delegados da II e da III Conferência, apontando a EA como o programa de maior visibilidade e aceitação em toda a área ambiental, também ampliam a minha convicção de que estávamos no caminho correto.

O acolhimento generoso, pelos educadores e educadoras, de todas as nossas propostas, mesmo sem recursos financeiros e sem benefícios diretos, possibilitando avançarmos naquilo que denominamos como EA estruturante.

A elaboração do ProNEA, das diversas publicações e propostas, muitas das quais já mencionei nesta entrevista.

Mas principalmente, a aclamação que nosso trabalho recebeu no VI Fórum Brasileiro de EA, organizado pela REBEA em julho passado, um ano após termos saído do DEA.

Bere - E as dificuldades, o que precisa melhorar?

Marcos Sorrentino - A postura ainda antropofágica, canibalística numa linguagem do movimento modernista brasileiro, de alguns colegas, que insistem em tomar como inimigo aqueles que vão combater em outras trincheiras, no mesmo campo.

Precisamos aprender a fazer as críticas solidárias e não pessoais. Construir algo melhor, não é negar o outro e o que vinha sendo feito, mas dialogar e buscar aprimorar.

A falta de recursos financeiros e ainda a dispersão de recursos em inúmeros pequenos projetos de todas as áreas de governo. Criamos a CISEA (Comissão Intersectorial de EA do MMA), objetivando dar maior organicidade às ações nesta área no MMA e Vinculadas, mas isto precisa ser continuado e ampliado para toda a Esplanada dos Ministérios. O mesmo precisa ocorrer em cada base territorial deste país.

Bere - Recentemente ocorreu o VI Fórum Brasileiro de EA, e foi possível perceber muitas dificuldades para a efetivação deste evento, que saiu graças ao esforço e a coragem de algumas pessoas, destacando-se Declev Reynier Dib-Ferreira (Coordenador da Secretaria Executiva do VI Fórum Brasileiro de EA. Instituto Baía de Guanabara / REBEA) e da Jacqueline Guerreiro (Rede Brasileira de EA - REBEA). Pergunto-lhe, por que é tão difícil conseguir apoio governamental e institucional para estes eventos, pois as dificuldades também são percebidas em outros eventos de EA?

Marcos Sorrentino - Os recursos são destinados de forma pulverizada para atender a clientela mais interessante para cada governante, empresário ou mesmo organização não governamental e movimento social. É preciso avançarmos na legitimação e fortalecimento de Coletivos e propostas que sejam referenciais para as políticas públicas e para os eventuais patrocinadores. A REBEA vem se constituindo há 20 anos, mas sempre enfrentou as dificuldades comuns às iniciativas inovadoras. A opção que fizemos de nos organizarmos em rede e não em uma federação ou confederação, exigiu o aprendizado de uma cultura que amadurece lentamente entre nós. Descentralizar poder e atuar fortalecendo a diversidade não é fácil, mas avançamos e a maior prova disto foi a realização, pela primeira vez, de um Fórum sob governança exclusiva da REBEA. Não considero isto o ideal, mas tenho certeza que o VII Fórum a realizar-se na Bahia, contará com mais apoio governamental e do empresariado.

Bere - Como o Senhor define a "EA"?

Marcos Sorrentino - Esta sempre é a pergunta mais difícil de responder. Hoje eu diria que ela é um processo, amoroso, crítico e emancipatório, de construção de responsabilidades compartilhadas para a melhoria, recuperação e conservação do meio ambiente e da qualidade de vida. O cuidado com a Vida em toda a sua diversidade.

Nos últimos dias, acompanhei uma pessoa da família em um hospital e saí de lá convicto de que os maiores educadores ambientais que conheço são as enfermeiras, enfermeiros e auxiliares de enfermagem que, cotidianamente, cuidam de vidas de estranhos que se tornam íntimas delas pela dedicação e cuidados que lhes destinam. Pessoas que dão o testemunho de amor ao próximo e nos fazem pensar sobre a fragilidade da vida e as nossas interdependências.

Com isto, quero dizer que a EA não pode ser limitada aos bancos escolares, como responsabilidade de professoras, professores e estudantes. A construção de novos valores, mudanças culturais e a transformação do atual modo de produção e consumo é tarefa de todos nós. Debatermos identidade, alteridade, comunidade, pertencimento, potência de ação, diálogo, felicidade e participação é uma boa forma de definirmos a EA que queremos fazer e para onde queremos caminhar.

Bere - Sempre ocorrem questionamentos, discussões e debates sobre a EA ser ou não transformada em disciplina. Qual a sua opinião sobre este tema tão polêmico e complexo?

Marcos Sorrentino - Continuo adepto da busca de alternativas não disciplinares, mas para tanto, precisamos avançar na conexão da escola com a sociedade, rompendo também com o fechamento da escola em si própria e nas disciplinas de 50 minutos. O bairro tem que ser a escola integral. O ensino por solução de problemas, o estudo do meio, a correspondência escolar, a pesquisa-ação e inúmeras outras propostas devem ser debatidas na elaboração do Projeto Político e Pedagógico da escola e de uma agenda de prioridades que pode e deve ser estabelecida para torná-lo (o PPP) vivenciado no cotidiano. Isto apenas será possível, se houver a união de forças diversas, não deixando-se apenas nas costas da comunidade escolar tal responsabilidade. Gestores públicos devem fomentar e participar de coletivos educadores, que aproximem as instituições de perfil

educacional e ambientalistas e outras afins, e se colocarem a missão de apoiar as escolas no enfrentamento deste desafio de uma EA vivencial.

Bere - Deixe um recado para o pessoal que elabora e que lê nossa revista, podendo ser uma frase, uma palavra, um poema:

Marcos Sorrentino - Leiam “a lição do amigo – cartas de Mário de Andrade”, de Carlos Drummond de Andrade, onde Mário nos ensina em diversas cartas a Carlos, o velho ditado popular que afirma “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Bere - Alguns considerações finais:

Marcos Sorrentino - A II Jornada Internacional do Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global e a Conferência Internacional Infante Juvenil sobre Meio Ambiente, em curso, capitaneadas por instituições brasileiras e como movimentos preparatórios do clima para a Rio92+20, são dois bons exemplos da importância da questão e da liderança que o Brasil pode e deve exercer junto a todo o planeta.

Não há como enfrentarmos, em um único país, as mudanças socioambientais globais. Isto exige governança planetária construída pela base. Isto deve revolucionar, nos próximos anos, o atual modo de organização dos humanos. O estado-nação, precisa cumprir um novo papel, comprometido com as demandas atuais de toda a humanidade. Caso contrário, irá sucumbir e pior, pode deixar-nos reféns das forças do mercado, incontroláveis em sua ganância e desrespeito com a vida. Urge redirecionar-se as políticas públicas para o fortalecimento das comunidades micro-locais e da cidadania local e planetária conectadas.

Debatermos estas e outras questões é essencial para criarmos competências e neste sentido cumprimento vocês e todos aqueles que utilizam as oportunidades de comunicação para estimular a EA.

Bere - Senhor Marcos, lhe somos muito gratos por sua participação nesta edição da revista eletrônica EA em Ação, por trazer muitos esclarecimentos sobre sua atuação na concretização da EA no nosso país, muito obrigada! Bere Adams e Equipe EA em Ação.

MAURO SCHORR

ENTREVISTA PARA A 30ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 08/12/2009

Apresentação: Esta edição apresenta uma entrevista muito especial, com uma pessoa que faz a diferença por onde passa, e que não se cala diante dos absurdos que encontra pelo caminho. Tive a alegria de conhecê-lo pessoalmente no VI Fórum Brasileiro de EA, no Rio de Janeiro, ocorrido em julho deste ano (2009). Ele tem uma voz diferente, imponente, que nem sempre encontra respostas no eco de suas perguntas. Trata-se de Mauro Schorr, o Orua como prefere ser chamado. Orua é o coordenador geral do Instituto Anima de Desenvolvimento e Cultura Sustentável, ong bem conhecida e que recebeu o maior prêmio ambiental de SVC este ano, o Prêmio Fritz Müller 2009, ele é "Engenheiro Agrônomo, educador ambiental, naturopata e terapeuta, atua como produtor de alimentos, ervas medicinais e de sementes agroecológicas, na formação de projetos de agroecologia e permacultura, no paisagismo e na proteção e vitalização de residências, e na ampliação da EA em escolas, órgãos de governo e feiras livres de alimentos e de artesanato. Sua grande contribuição está em unificar a agroecologia, com a biodinâmica e permacultura, unindo ainda estas tecnologias ambientais com uma filosofia de vida que valoriza uma nutrição saudável e uma medicina preventiva, restaurando uma totalidade, um novo ritmo de vida que eleva profundamente a qualidade de vida e sua sustentabilidade". Pois é, depois de toda essa apresentação, é claro que a curiosidade dos nossos leitores, que ainda não conhecem o Orua, ficou aguçada, então, vamos lá, conhecê-lo um pouco mais.

Bere - Olá, Mauro (Orua), antes de mais nada e matando uma curiosidade pessoal, fale-me do por que de você usar o nome Orua. Tem algum sentido especial?

Mauro - Tem relação com uma mutação, uma metamorfose minha, pessoal, muito relacionada ao padrão religioso de minha família, onde a religião praticada na real possuía muita limitação e o que surgia visivelmente era um intenso materialismo, muito desconectado do respeito à natureza, às questões sociais. Então como tenho uma ligação muito íntima com o meio ambiente, a sustentabilidade do planeta, me deram este toque, este nome mais indígena, xamânico, que combina mais com minha realidade cultural e espiritual, e ele é forte, dizem que significa: 'aquele que faz tudo brilhar', e isto tem uma relação mágica com o meu trabalho e meu despertar espiritual de minha visão, ação e consciência, onde sempre vou curando e organizando novamente tudo que posso, por onde ando. Trazendo muita luz a tudo. Em Curitiba me conhecem por Ghao, por que eu nasci em Porto Alegre, sou ou fui um gaúcho arteiro. Em Brasília, Surya. Por que hoje em dia me sinto um cidadão da galáxia, por enquanto!

Bere - A sua caminhada pela melhor qualidade de vida para o Planeta já vem de longa data, e muitas das suas pegadas deixam marcas incentivando novos caminhantes pela trilha da sensibilização ambiental. Conta pra gente, como foi o início dessa caminhada?

Mauro - Comecei minha caminhada enterrando lixo com minha vó, em Porto Alegre, ela dizia: isto é o adubo de casa, que dá saúde às plantas. Faça agronomia, que é a profissão do futuro do mundo! Assim, entrei na faculdade de Agronomia da UFPR, com aquele pessoal, na maioria vindo do

interior, muitos filhos de latifundiários e fazendeiros mais abastados, numa escola mais conservadora e bastante elitizada, também com um montão daqueles gênios físicos e matemáticos japoneses. Mas, em uma semana, a turma me escolheu como seu representante, e no 2o. semestre como o representante geral de todas as turmas, e aí tínhamos que participar das reuniões do centro acadêmico Lycio Vellozo. E comecei a buscar, dentro da universidade, as soluções para os problemas brasileiros, onde os principais eram o uso de agrotóxicos, sobretudo clorados, muita concentração fundiária, falta de reforma agrária e qualidade de vida e de cultura no interior do Brasil, ausência de interdisciplinaridade, muitos problemas com a destruição ambiental, erosão, e a multilateralização e transnacionalização da agricultura brasileira, sobretudo do grande produtor. Uma das primeiras iniciativas foi conhecer o grupo de estudos de agricultura ecológica, o GEAE, que tinha os caras mais criativos da universidade. E, eram assuntos mundialmente muito sérios naqueles anos de 83, 84. Fomos ao Rio, em Petrópolis, participar de um Encontro Nacional de Agricultura Ecológica, o IV EBAA, e lá a gente explodiu com todo aquele conhecimento menos utópico e viável de possibilitar resultados reais e financeiramente viáveis para todo o nosso futuro sustentável, e foi interessante encontrar Luttemberguer, mais borracho, dançando conosco, ou a Ana Maria Primavesi como uma grande guerrilheira verde, e outras feras como o Sebastião Pinheiro e o Adilson Pascoal.

Então, voltamos deste encontro e começamos a montar um projeto no campus da universidade, a formação de uma pequena fazenda piloto experimental em agricultura ecológica. Batalhamos mesmo é juntando esterco de caprinos e aves, espalhando em 2 hectares, juntando a palhada em linhas, fazendo, assim, compostos enormes, e plantando de tudo um pouco. Depois conseguimos recursos com o governo estadual, e montamos desde pomar, pasto, cerca viva de bracinga com acácia, pesquisas com adubos verdes, homeopatia veterinária, economia familiar. O GEAE nos trouxe a coordenação nacional dos estudantes de agronomia por duas gestões, e pudemos viajar por todo o Brasil, visitando as escolas, conhecendo os melhores caras, estudando as melhores coisas, se envolvendo politicamente com todo o tipo de projetos de pesquisa ecológicos e lutas sociais. Então, dentro desta realidade, começava a impulsionar a parte prática deste assunto e que é a transformação social no Brasil, que percebia que eram muito teóricas as opções de mudança, e que com a introdução de uma agricultura orgânica, alimentação vital, cuidado com o corpo, EA, terapêutica, a qualidade de vida e sustentabilidade harmoniosa e transpessoal como acontece na China e na Índia há muito tempo, é que poderia ser ampliada em nossa nação.

Assim, me dediquei à política estudantil até o III ano da escola, e dali comecei a navegar em estradas mais profissionais, pois tinham novos clientes em hortas, chácaras, fazendas. Mas, em resumo, foi interessante o começo do meu estudo com o naturismo, em uma viagem com os colegas do GEAE, levei arroz branco, miojo, feijão, caldo knorr, e fiz tudo certinho para cozinhar, e os colegas zombaram e zombaram e aí me convidaram para uma sopa e tanto, cheia de milho verde, verduras, legumes, toda pura e natural, me disseram que isto forma um novo homem, uma nova humanidade, e meu ego ainda resistia ... o ser ignorante ainda queria comer aquela porcaria até que meu coração de anjo despertou para este mundo novo, e aí percebi que era possível a salvação deste planeta, com a terra viva, o alimento saudável, um homem puro, e percebi que isto era a prática dos ensinamentos de Jesus, São Francisco, Gandhi, Aurobindo, Krsnamurti, Lazaeta, e de todos os grandes exemplos de pessoa sábias e iluminadas.

Bere - Durante esse percurso, quais são as dificuldades que você encontrou que mais lhe proporcionaram aprendizados?

Mauro - Se fala muito em meio ambiente, mas quase sempre falta apoio real, recursos, onde a aprovação de projetos emergenciais não é priorizada. Há muita burocracia e burrocracia neste meio ambiental, se bem que para os políticos que dominam o setor, não há burocracia nenhuma. Há lacunas simples como a falta de tecnologia de sementes, pois as coisas simples os técnicos de governo esqueceram ou nunca praticaram, ou dão importância, e são eles que detêm o poder e as

decisões. Este papel é cumprido pelas ONG's. Há falta de equipes capacitadas e comprometidas, falta de visão holística e interdisciplinar: pois a gente precisa é de uma filosofia de vida mais verdadeira e sustentável e não apenas de trecos-nologia, e existe muita ausência de capacidade de articulações: cada um defende o seu, e não sabe ainda trabalhar junto. A gente, aqui, foca muito no "elixir da esperança", que é buscar abrir mais espaço para o surgimento de novas lideranças, sobretudo jovens, e difundir melhor as informações nas redes e nossas ecofeiras. Queremos é transcender a excessiva burocracia; a pouca articulação com a sociedade e diferentes organizações, onde praticamente não temos fóruns de discussão e de união, sobretudo que esteja preparado para enfrentar situações de grave crise ambiental, por exemplo. E, mesmo que tenhamos isso, nossas gerações agem de forma muito acomodada e pouco profissional, "viajam" demais, em coisas não reais. Precisam acordar para uma cidadania do III milênio. Há pouca modernidade em se lidar com temas tão importantes, que formam a base de um verdadeiro desenvolvimento sustentável, sobretudo, a relação e teia da vida com a agroecologia + permacultura + nutrição saudável, e a colheita: medicina integral e preventiva + EA. Isto quer dizer: milhões sendo economizados, um mundo lindo e livre é possível. A política centralizada urbana e consumista, demagógica, empobreceu demais a conscientização popular, pois precisamos despertar uma nova cidadania no meio rural e semi-urbano, sobretudo, de caráter muito mais socioambiental. Para isso, propomos a organização conjunta de seminários e reuniões com os agentes governamentais e de ONG's, articulação em 40 redes da net, sobretudo em nosso grupo próprio: institutoanimateiadavida@yahoogrupos.com.br e na rede social: <http://permacultura.br.ning.com/> e em nosso belo site: www.institutoanima.org.

Maiores Aprendizados: Que estamos colaborando diretamente em uma política mundial sensata contra o aquecimento global e a perda de nossa biodiversidade natural e tradicional, com o impulso à uma agricultura saudável, limpa, sustentável, ética, que combata o problema do aquecimento global, a poluição de rios e do aquífero guarani, a destruição da mata atlântica e dos recursos marinhos, em aplicar recursos em iniciativas populares ambientalistas e ecologistas práticas e não apenas teóricas que podem realmente atingir as populações mais excluídas de baixa renda, que aproveita o rol de conhecimentos adquiridos para serem utilizados potencialmente com acesso livre e na própria qualidade das empresas e organizações, como a venda e doação de nosso DVD completo (<http://permaculturabr.ning.com/group/InstitutoAnima/forum/topics/dvd-do-anima-em-nova-edicao>). Outro ponto importante é que a gente, aqui, sempre busca atualizar-se e participar diretamente na difusão de uma EA e agroecológica fundamental para a segurança alimentar de nosso país e planeta. Mas, é uma visão de um todo que praticamos, onde temos a terra para cuidar, o banco de sementes, a produção de alimentos, de pães, granola, ervas, remédios, pizzas integrais, alimentos orgânicos em atacado, CDs, artesanato, tudo um trabalho, ainda com a secretaria, projetos de consultoria, ecofeiras, mas dá um stress gostoso, de sermos mais livres, prósperos e donos de nosso tempo e destino.

Portanto, o nosso instituto é pioneiro no Brasil em unir a agroecologia, com alguns princípios da agricultura biodinâmica, goetheanismo e da permacultura primeiramente, que formam uma abordagem prática e potencial na maior sustentabilidade dos recursos naturais. Porém, agroecologia não pode servir apenas como um fator importante na geração de renda, o chamado "capitalismo verde", mas pode ser fundamental na melhoria da qualidade de vida, e isto significa, que é necessário estudar-se novos valores e hábitos que possam ser utilizados em uma alimentação mais saudável e nutritiva. Os alimentos agroecológicos chegam a ter 10.000 vezes mais vitaminas, sais minerais, oligoelementos, enzimas e coenzimas, que os convencionais ou produzidos apenas agroquimicamente. Então, temos este caráter inter e transdisciplinar importante, na relação entre um solo vivo, agricultura biológica viva, alimento vivo, que gera uma nutrição vital e integral viva e, portanto, como consequência, surge uma medicina preventiva mais íntegra e viável, de menor custo. Isto é fundamental para as classes sociais mais desfavorecidas e para a melhoria da consciência da base de nossa sociedade. Na moderna EA, valoriza-se muito a integração da agroecologia, com a

nutrição integral e vital e a medicina natural. Outra questão é no âmbito do aproveitamento das sementes e produtos agrícolas, onde destacamos a importância do artesanato, da arte popular, e de sua geração de renda, onde tudo pode ser fator decisivo na fixação do agricultor familiar no campo, refletindo em alternativas de renda melhores para sua família, gênero feminino e jovem.

A mesma linha de pensamento é importante nas favelas e bairros de maior pobreza urbana. Os resultados deste olhar e forma de atuação se refletem positivamente, no sentido de que não apenas o ator mais ativo das famílias atendidas através de nossos projetos é diretamente beneficiado por nossas metas, que correspondem aos pais e os trabalhadores, mas toda a sua família assimila gradativamente as novidades, reaprendizados e resgates dos conhecimentos tradicionais que costumamos apresentar e destacar. Assim, o papel da mulher também é valorizado e adquire uma grande importância quando enfocamos a alimentação saudável, que combate à fome, a miséria e a subnutrição, ou as atividades artísticas, novas sementes, usam de instrumentos da arte-educação e artesanato que são muito observadas pelas crianças. Por isso que há uma atmosfera de alegria e de entusiasmo nas nossas atividades práticas, na busca conjunta de soluções para as comunidades, onde irradiamos a força e qualidade de nossos projetos e iniciativas. Contudo, há na realidade o destaque a educação de crianças e jovens, que estão mais abertos, críticos e exigentes na absorção de novos conteúdos, sobretudo ecológicos. Toda esta gama de ações poderá ser articulada com associações de produtores rurais, com as federações representativas como a Fetaesc, Fetraf-Sul, Rede Ecovida, sindicatos rurais, empresários, certificadoras, UFSC, UDESC, UNISUL, Univalle, Unioeste, para que surjam alternativas para a melhoria da qualidade de vida e preservação da agricultura familiar em nosso estado, país e planeta.

Bere - E quais foram os momentos mais significativos, aqueles que se tornam inesquecíveis, que fazem valer a pena continuar?

Mauro – Quando busquei me encontrar aos 22 anos, e tive um processo forte com a bionergética, onde pratiquei uma maratona de 42 dias, obtendo um tremendo despertar e salto quântico, percebendo que não somos a mente, os pensamentos, mas um ser, que possui unidade com o criador, com a natureza e a energia. Somos, na verdade, uma unidade aprisionada olhando para sua parte, uma célula aparente da criação. Tive outros saltos importantes com pesquisas e jornadas xamânicas com aoasca, e perseverando na harmonia e na firmeza, na dedicação ao ser verdadeiro, obtive outras formas sublimes de despertar. Estudando a formação holística na Unipaz na granja do Ipê, agradecendo pela vida toda a vivência com o mestre Pierre Weil, que nos mostrou que é possível e muito importante uma educação voltada a paz. Quem busca a paz não destrói. Outro momento bonito foi quando estudante de agronomia, na coordenação geral do CONEA de 1986, o Congresso Nacional dos Estudantes de Agronomia, onde pude ser um instrumento de meus ideais de democracia e de valorização de talentos e de potenciais da equipe que participou de sua organização, que foi um tremendo sucesso. Na minha vivência em ecovila durante 4 anos em Pirenópolis – GO, na fraterunidade, comunidade Vale Dourado, com os cânticos, o yoga, o trabalho com a fartura da terra, os banhos de cachoeira, de 30 metros de altura com um poço de 4 ms de profundidade, água limpinha e azul do lindo Rio das Almas. Na formação do Sitio Cristal Dourado, aqui em Floripa, plantando pedaço por pedaço, com sol e com chuva, com trovão e ventania, sempre perseverando, aafiando a vontade e o foco interior. São inúmeros bons momentos, e sinto que colhemos vitórias aqui todos os dias.

Bere - Como você percebe a Permacultura? Você acha que as pessoas estão abertas para essa prática?

Mauro – Acredito que seja o último salto e capacidade que a humanidade possui de reciclar e economizar a energia das coisas. Ela pode ser muito libertadora da influência capitalista das

grandes empresas, empreiteiras, do jogo sujo do capitalismo e seu poder na mídia e na política, no aprisionamento espiritual da nossa civilização, neste final de ciclo. A questão é que estão fazendo dela outro grande e lucrativo negócio, impondo PDCs, cursos formais de capacitação, e esquecendo que muitos de nós já são permacultores muito antes do Bill Mollison faturar bastante com o assunto. Por que esta coisa, infelizmente, de luta de classes, hoje ela é um pouco mais amena que no início do século, mas há muitos pequenos burgueses querendo curtir a permacultura, ter altas rendas com este tema, e não socializar, popularizar, influenciar políticas públicas, em eleger nossos candidatos, isto não é valorizado em suas ações. Nosso movimento com a permacultura é bastante ativo, político, queremos praticar, unir institutos e organizações de forma livre e saudável, oferecer cursos e informações gratuitas e de baixo custo, popularizar, e salvar o que pudermos salvar. Isto não é fácil, as portas não estão muito abertas para quem não está praticando neo-liberalismo ecológico de fachada, marketeirismo ambiental. Por isso que partimos para a venda e produção de nossos produtos mais sustentáveis. Nós é que vamos financiar nosso sonho de um mundo melhor, não está dando para esperar muito de nossa sociedade, está muito manipulada. E se somos fracos, nos esmagam ou desprezam mais ainda.

Bere - Como você entende a EA e como você a integra em seu dia a dia e em seu trabalho?

Mauro – Uma forma de ver a vida com mais respeito. Fazemos ter o nosso respeito a singularidade da vida, a evitar que estragamos nosso planeta. Educação não só com o ambiente, mas com o homem também, o ser humano. Ele também é parte do nosso planeta. Temos que ter uma educação voltada ao sagrado, a paz, a humildade, ao esforço, isso pode tornar a necessidade de uma educação especializada em meio ambiente, ser somente de caráter científico, por que um ser humano atento, educado, sábio, desperto, ama muito a vida e a natureza, pratica EA naturalmente. Nós, aqui, reciclamos nosso lixo, resíduos, boa parte de nossa comida a gente planta, as sementes, a maioria a gente colhe, faz artesanato de sementes, fazemos muito pães, pizzas integrais com nossas verduras e legumes, vendemos muitos chás, meditamos e oramos, enaltecemos a vida, vamos ainda em escolas dar palestras e executar obras de regeneração e revitalização praticamente completa. Nossas músicas são bastante curativas. Muitos jovens vem nos visitar e fazer estágios. A gente escreveu um manual nosso de EA: Programa de EA do III Milênio do Anima, um livro muito bonito e completo com a EA formal e não formal, que está em nosso DVD e que podemos fornecer a parte, por e-mail.

Bere - Sabemos que é muito importante ter tolerância, principalmente diante daqueles que ainda não se sensibilizaram pelas questões ambientais. Como você age diante das pessoas ditas como insensíveis e o que você acha que poderia ser feito para que pudéssemos sensibilizar os "insensíveis" ?

Mauro – Seja um exemplo da mudança que queremos. Irradie pelos seus olhos a sua ou nossa verdade comum. Eduque com calma, com paixão, peça um espaço para explicar as coisas verdadeiras, as pessoas tem muitas resistências, mas podem abrir brechas importantes. Ninguém vai ser igual a você, cada um tem sua forma de pensar, de refletir, e de exercer a vida. É preciso respeitar cada um, saber somar, unir, valorizar talentos, aptidões. Potencializar uma meta é melhor quando ninguém se coloca como chefe, líder, mestre, mas como igual e de mesmo valor com todo mundo. A gente tem que buscar ser mestre e discípulo da vida ao mesmo tempo. Os insensíveis, precisam, antes de mais nada, ser ouvidos. E se somos realistas, eles curtem mais do que ouvir nossos sonhos. Por isso que, quando começamos a produzir nossos produtos, o sonho fica mais real e palpável, e desta forma tem maior visibilidade e é mais aceito.

Bere - Quais são as pessoas que você tem como referência, que lhe dão suporte teórico e prático em suas ações?

Mauro – Dos mestres mais conhecidos, Osho pela energia libertadora mais do que a sua postura materialista, Krishnamurti pela educação voltada ao respeito pela liberdade, Pierre Weil pela sua inteligência acadêmica que busca os valores nobres e sua educação para a paz mundial. Jesus, pela sua perfeição divina e imensa sabedoria. Mikael Aivanhov, outro ser muito coerente. Educadores, gostei muito do Capra, do Maturana, de Paulo Freire e do Darci Ribeiro. A obra de Rudolf Steiner ampliou muito minha visão linear passada do mundo. Os fundadores da Permacultura, Donald Holmgren e Bill Mollison, também foram importantes em determinado momento. Mas é um conjunto de coisas, de assuntos, que me fazem acordar mais para a vida. Se relacionam com agricultura, nutrição, fitoterapia, medicina, psicologia, psiquiatria, metafísica, bioarquitetura, onde observo que a gente vai passar por aqui sabendo mesmo muito pouco, mas a essência deste saber, deste aprender a aprender sempre, é o que podemos realmente levar e é o caberá dentro, da bagagem de nosso coração.

Bere - Diante das tantas calamidades ambientais que se acentuam, ano após ano, o que você pensa sobre um trabalho educacional para preparar as pessoas para enfrentarem situações como as das enchentes, por exemplo, que tem inundado a vida de muitas pessoas, em todo país e no mundo?

Mauro – Justamente é isso que nós estamos levando muito a sério, pode haver graves problemas ambientais e a mídia corporativa continua vendendo milhões de unidades de automóveis ano a ano, os celulares explodem o planeta de radiação, o agronegócio transforma tudo em deserto verde, e isso tudo atrás de um stress diário de 8 hs por dia no mínimo, 6 dia por semana. É muito difícil, este sistema de frear seu ritmo de desenvolvimento insustentável. Mas, temos que nos esforçar para amenizar, propor soluções, evitar os efeitos danosos e excessivamente capitalistas de nosso progresso. A conscientização aumenta ano-a-ano, mas o povo ainda está distante de valorizar realmente a EA e outros processos mais ambientais. Propomos muitas soluções no texto: <http://permaculturabr.ning.com/group/revoluosilenciosa/forum/topics/com-pes-muito-velozes-de-barro-2>.

Bere - Fale um pouco do Instituto Ânima, de como é e o que você oferece lá. É possível efetivar cursos em parceria com outras ONG's? O que você pensa sobre estes intercâmbios entre organizações?

Mauro – Recebemos um prêmio estadual de meio ambiente por que propomos a formação de um Fórum Permanente de Agroecologia e de Permacultura para o nosso estado e que interaja com o Brasil e planeta. Os cursos acontecem por afinidade, e isto é bem possível. Os intercâmbios ocorrem hoje, naturalmente, e são fundamentais. Todos nós, o povo do bem, precisa se fortalecer, não se vender, mas aprofundar em sua prática de seus bons princípios, seremos o espelho para as novas gerações, que vão ter que cair mais na real, sobre o risco de termos um perigoso futuro.

Bere - Deixa-nos uma frase especial, uma que não sai da cabeça e que serve de energia para recarregar nossas esperanças por um mundo melhor:

Mauro – Vamos aceitar que podemos ousar nos libertar, nossa saúde espiritual depende muito da energia natural, a EA pode harmonizar o nosso desenvolvimento, sem nos stressar e nem destruir, podemos continuar a refletir sobre um mundo novo, começando com a nossa prática de

uma vida mais saudável, colocando nossas teorias e sonhos, em ações harmonizadas com o ritmo e o pulsar vital de nosso divino planeta.

Bere - Mauro / Orua, nós da revista EA em Ação ficamos muito agradecidos pela sua participação nesta edição, e desejamos que sua caminhada continue a transformar nossas ideias e nossos corações, por um mundo mais sadio e pacífico, muito obrigada, Bere Adams e Equipe da revista eletrônica EA em Ação.

ANDRÉ LUÍS SOARES

ENTREVISTA PARA A 31ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 03/03/2010

Apresentação: O entrevistado desta edição é André Luís Soares, que é diretor de Pesquisa e Desenvolvimento do Ecocentro Ipec (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado). Conforme dados da Rede de Tecnologia Social (RTS), a organização foi fundada por ele e por sua esposa, a pedagoga australiana Lucy Legan, em Pirenópolis, Goiás, e foi criado em 1998. Hoje a instituição é uma referência em sustentabilidade no Brasil. Vamos conhecer um pouco mais da sua caminhada e dos trabalhos que desenvolve.

Bere - Como você define a Permacultura?

André - Permacultura é uma metodologia de pensamento em ação. É um sistema de "design" para a ocupação humana do terreno em todos os lugares. Nas cidades ou no campo, em qualquer clima e no novo clima. Permacultura pode preparar uma pessoa para redesenhar sua vida de forma sustentável. Surgiu na Austrália, na pessoa do Dr. Bill Mollison, um cientista que estudou por muitos anos a sustentabilidade dos ecossistemas naturais e passou suas conclusões para o mundo prático da construção de assentamentos humanos equilibrados.

Bere - Qual a conexão que você vê entre EA e Permacultura?

André - A Permacultura é a EA em ação, conforme prenunciado no livro "A Escola Sustentável" de Lucia Legan. Na minha opinião, este livro é a obra fundamental necessária para qualquer educador ambiental, pois vai além das elocubrações filosóficas da maioria dos livros nesta área, demonstrando que é possível transformar o espaço a nossa volta, transformar a escola e transformar a vida de todos nós para um equilíbrio natural. Ninguém faz EA sem impacto no mundo real. Esta falácia de EA teórica já está mais do que caduca. Toda a educação é ambiental e a permacultura é a ação de educar.

Bere - Vocês desenvolvem atividades de EA no Ecocentro Ipec? Se sim, como são estas atividades, e qual o público que vocês alcançam?

André - O Ecocentro IPEC foi estabelecido há dez anos para educar na prática, demonstrando que a vida sustentável é viável e confortável. Que poucas mudanças podem trazer muitos resultados. O Ecocentro recebe escolas e estudantes de todo o mundo para participarem dos muitos eventos que oferecemos ou apenas para conviver com nossa comunidade. Recebemos visitantes que ficam desde um dia até um ano vivendo e aprendendo. Em visitas curtas as pessoas observam o que fazemos e participam em alguns eventos práticos. Nas estadas mais longas, as pessoas nos ajudam a construir o modelo de comunidade humana sustentável que sonhamos.

Bere - A maioria das pessoas tem dificuldades para promoverem mudanças de suas atitudes, principalmente as que vivem em grandes centros urbanos. Como você vê esta situação em relação a EA e a Permacultura?

André - Muita gente se sente prisioneira de um sistema que lhes abarca a maior parte do seu tempo. Muitas pessoas vivem e trabalham para pagar dívidas de tempo e dinheiro que adquiriram em algum momento. Seja a casa, o automóvel ou a educação dos filhos. Isso deixa as pessoas a espera do dia em que se libertarão destas amarras econômicas. A prisão é econômica, portanto o caminho para libertação é econômico. No momento em que as pessoas descobrem que é possível viverem com bom alimento, água pura, casa confortável e sadia, e trabalho significativo, elas praticamente renascem para uma vida mais feliz. Mas, para fazer isto, precisam de uma nova visão de mundo, uma visão que lhes aponte para as infinitas possibilidades que cada ser humano tem. Isto não é nada religioso ou místico, é apenas uma nova maneira prática de ver e pensar.

Bere - Durante sua caminhada, desde a implantação do Ecocentro Ipec até os dias de hoje, qual o aspecto que causou maior dificuldade nesta trajetória?

André - As relações interpessoais, naturalmente. É neste campo que ainda somos todos subdesenvolvidos. As pessoas ainda estão aprendendo a ouvir. Temos um desafio muito grande neste sentido, pois também precisamos avançar nossa cultura no sentido ético. Qualquer iniciativa, mesmo que vanguardista, vai sempre apresentar um certo reflexo da cultura em que está inserida. E neste ponto é que precisamos cortar caminhos. Não podemos esperar até que os líderes erradiquem a corrupção. Não podemos esperar que haja uma lei que proíba a propaganda enganosa. Não podemos esperar que o respeito pelas minorias, pela mulher e pelo índio sejam determinados. Temos que movimentar as mudanças a partir de nós.

Bere - E qual o aspecto que lhe traz maior satisfação?

André - A prova! Hoje sabemos que a sustentabilidade não é uma utopia teórica. Sabemos que é possível viver bem sem consumir o planeta. Esta certeza dá muita força para realizarmos sonhos ainda mais ambiciosos de transformação.

Bere - Quais são os projetos do Ecocentro Ipec, em andamento?

André - No momento estamos realizando uma revisão completa dos nossos métodos e processos. Estamos "automatizando" algumas funções básicas para que possam ser repetidas e copiadas em qualquer situação. Nossos projetos mais ambiciosos envolvem o alcance global do nosso trabalho. Já estabelecemos elos práticos de educação com a Austrália, com os Estados Unidos e com Portugal e o próximo passo é uma escola de futuro global. Sempre pensamos grande.

Bere - Como as pessoas podem conhecer melhor o Ecocentro Ipec?

André - A melhor maneira é visitando pessoalmente, até o momento. Estamos trabalhando em outras oportunidades virtuais para que as pessoas possam viver a experiência de sustentabilidade sem sair de casa. Mas agora, o melhor a fazer é agendar uma visita ou curso. Melhor ainda se organizar um grupo de amigos ou colegas para realizarem um curso especificamente desenhado para as necessidades de aprendizado.

Bere - Por gentileza, poderia nos deixar uma mensagem sobre o que esta experiência de vida significa para o você e para Planeta?

André - A experiência de sustentabilidade é a vivência prática da esperança. Viver neste mundo é um desafio ao otimismo inteligente. Nós acreditamos no potencial infinito de criação da espécie humana e esta é a experiência da liberdade.

Bere - André, parabéns pelo trabalho, pela dedicação, e muito obrigada por compartilhar suas experiências com a EducaçãoAmbiental em Ação.

LUCIANO RODRIGUES

ENTREVISTA PARA A 32ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 30/05/2010

Apresentação: O entrevistado desta edição é Luciano Rodrigues, professor formado em Biologia, que há sete anos desenvolve atividades de EA com crianças e jovens através de fazendas escolas do município de Viamão/RS. Luciano é autor do programa Turminha do Verde, desenvolvido há dois anos em escolas de educação infantil do município. É possível conhecer um pouco mais do seu trabalho pelo blog: <http://turminhadoverde.blogspot.com/> onde apresenta detalhes sobre as escolas onde atua. Lá também é possível apreciar as fotos de suas práticas de EA com crianças de quatro a seis anos. Vamos conhecer um pouco mais da sua caminhada e dos trabalhos que desenvolve.

Bere – Luciano, conte-nos como foi o início de sua trajetória:

Luciano – Bem, iniciou-se no ano de 2004, quando ainda estava na graduação de biologia. Ano em que eu iniciei como monitor em uma fazenda escola do município de Viamão – RS, onde recebia turmas de alunos de escolas públicas e privadas, da educação infantil até do nível superior. O objetivo principal era possibilitar que os alunos pudessem visualizar na prática o conteúdo passado pelo professor em sala de aula, e dessa forma, possibilitar que o mesmo realizasse uma associação entre a teoria de sala de aula com a prática que estava observando, despertando a curiosidade e contribuindo para a construção do conhecimento. Todo este trabalho era realizado na prática, através de trilhas ecológicas, onde eram trabalhados os exemplos práticos dos conteúdos vistos pelos alunos em sala de aula. Como o objetivo não era ficar limitado ao conteúdo curricular e o local era propício, associava-se um trabalho de EA enriquecida de explicações e visualizações práticas. Além das trilhas ecológicas, a fazenda possui um espaço físico destinado ao trabalho com répteis, onde se encontra uma pequena coleção didática, sendo este ambiente destinado a aulas sobre ecologia deste grupo de animais. A fazenda também é considerada como um criadouro conservacionista do Ibama, possuindo assim, uma grande quantidade de animais representantes da fauna brasileira, o que nos possibilita a realização de um trabalho sobre a ecologia destes animais, estudando, desde sua alimentação, habitat, situação de ameaça, comportamento, contrabando de animais silvestres, entre outros. Ao longo desses anos, trabalhando nesse local, pude observar o quanto as crianças da educação infantil ficam encantadas com tudo o que observam, e ao mesmo tempo, pude verificar o quanto elas são “carentes” de informações relacionadas a questões ambientais. Quando elas se deparavam com os animais, era visível o olhar de “novo”, de surpresa e ao mesmo tempo era evidente a curiosidade que eles transpareciam. Toda essa carência e, principalmente, a curiosidade que despertavam, me serviram de incentivos que me levaram a cogitar e, mais tarde, a por em prática a EA nas escolas de educação infantil.

Bere - Quando nos conhecemos pela Internet você afirmou que trabalha EA com jovens e com crianças. Tendo experiência com essas diferentes faixas etárias, o que muda, na prática da EA de um público para o outro?

Luciano – Muda muito... Principalmente a questão da linguagem a ser usada. Você tem que levar em conta que crianças nesta faixa etária, de quatro a seis anos, não conseguem compreender

muito bem o abstrato. Portanto, se você trabalhar somente desta forma, em poucos segundos perderá toda a atenção de seus alunos. Há pesquisas que apontam que para cada ano de vida ganho por uma pessoa, aumenta em um minuto a sua capacidade de concentração como ouvinte em um determinado assunto. Seguindo por esse princípio, podemos então dizer que o aluno que tem quatro anos de idade ficará concentrado no professor por aproximadamente quatro minutos, após isso, a tendência é ele cansar e começar a se dispersar. Na prática, isso parece ser verdade. Em função disso, as aulas com crianças devem ter muita ludicidade e devem ser práticas. O professor tem que trazer os seus alunos para a sua aula, fazendo-lhes questionamentos, despertando suas curiosidades, escutando seus depoimentos e realizando suas explicações de forma a contribuir para a construção de uma consciência ecológica. Já no trabalho com jovens pode ser usado uma linguagem mais aberta, afinal eles possuem maior compreensão do abstrato. Mas, não deve-se esquecer do lúdico. Apesar de eles serem maiores, é importante a ludicidade, de acordo com as faixas etárias, isso fará com que seu trabalho não se torne monótono e faça com que toda a sua programação vá pelo “ralo”.

Bere - O que mais lhe chama a atenção no trabalho de EA com as crianças pequenas?

Luciano – A curiosidade que elas despertam pelas coisas é algo fascinante. Assim como o quanto elas incorporam os assuntos trabalhados, de forma que se tornam fiscalizadoras no seu ambiente de convívio, sendo questionadores e realizando cobranças aos pais e familiares. Com muita frequência recebo relatos de pais, onde os filhos os repreenderam dizendo que aquilo que eles estão fazendo não está certo, e que lá na escola ele aprendeu que tem que ser de tal forma. Isso mostra que os objetivos estão sendo alcançados e que muitos alunos estão, desde então, construindo uma consciência ecológica, o que me deixa muito feliz e realizado.

Bere - Das atividades que você desenvolve qual é a que desperta maior curiosidade nas crianças?

Luciano – As aulas com animais! Geralmente levo animais em meio líquido, onde o objetivo é trabalhar a morfologia, mostrando-lhes as partes do corpo, o comportamento, o habitat, a ameaça que ele vem sofrendo, como podemos ajudar a preservar, etc. Sempre levo animais que apresentam, de uma forma geral, uma certa rejeição pelas pessoas, e o objetivo é desmistificar essa ideia, de forma mostrar-lhes a importância daquele animal para nós e para o meio ambiente.

Bere - O que você acha mais difícil, ao desenvolver atividades de EA com as crianças?

Luciano – Montar as atividades! Você tem que ter todo um cuidado para que sua atividade chame atenção, seja lúdica, seja prática, não seja difícil ou cansativa para não desestimular os alunos. Se isso acontecer você terá que ajudar cada um dos alunos e enquanto você faz isso o restante da turma estará completamente disperso, o que dificultará o trabalho.

Bere - Quando você planeja suas atividades de EA, onde busca inspiração e subsídios para suas práticas?

Luciano – Gosto muito da Permacultura, muitas ideias tiro de lá, e outras eu mesmo invento. Sempre trabalho com materiais reaproveitáveis, no entanto muitos eu ganho, e outros eu compro em espaços de reciclagem.

Bere - De uma forma geral, por sua experiência em várias escolas ao longo destes anos, você acha que os professores trabalham a EA de forma interdisciplinar?

Luciano - Se considerarmos a totalidade de professores, podemos, infelizmente, dizer que poucos trabalham de forma interdisciplinar. Em função disso, de uma forma geral, a EA acaba muitas vezes sendo responsabilidade de professores de ciências ou de geografia. Como muitas escolas são conteudistas, voltadas extremamente ao currículo, a EA acaba sendo enfatizada somente em datas comemorativas ao longo do ano.

Bere- Qual é, para você, o grande desafio da EA?

Luciano – Chegar a todas as escolas públicas e poder realmente ser trabalhada de uma forma interdisciplinar por todos os professores, em todos os níveis.

Bere - Como você se sente desenvolvendo a EA com as crianças?

Luciano – Realizado!!!

Bere - Por falar em resultados, você acha que já estão ocorrendo mudanças significativas na sociedade, a partir de ações educativas de EA?

Luciano – Claro. É muito importante que nós continuemos essa caminhada, assim como outros colegas venham fazer parte dela.

Bere - Fale-nos um pouco sobre seus projetos futuros, e deixe uma frase, ou um pensamento, para os leitores e leitoras da nossa revista...

Luciano – Bem, o objetivo é atingir mais escolas de educação infantil com o programa “Turminha do Verde”, de forma a contribuir para que um número maior de alunos desenvolva uma consciência ecológica auxiliar na construção de um futuro cidadão com responsabilidades ambientais. “Peço a todos os colegas de EA que sempre ajudem-se uns aos outros nessa árdua, mas muito gratificante caminhada da EA.” Frente a isso gostaria de colocar à disposição dos colegas o meu e-mail lucianobiolog@yahoo.com.br e msn lucianofaquir@hotmail.com para trocas de informações, sugestões e críticas. Gostaria de agradecer à Bere e à revista REAEA. Muito obrigado e abraço a todos.

Bere – Luciano, nós agradecemos pela sua participação nesta edição da revista e desejamos cada vez mais sucesso em suas práticas, que são exemplo de EA e certamente servirão de inspiração para muitos professores, principalmente dos que trabalham com crianças pequenas. Muito obrigada!

GISELA MARIA DE SOUZA

ENTREVISTA PARA A 33ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 26/08/2010

Apresentação: A entrevistada desta edição é a Secretária de Meio Ambiente do Município de Campo Bom/RS, Gisela Maria de Souza. Ela vai nos contar um pouco da sua experiência com a EA (EA). Encontrei-a em um evento recente na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), trocamos algumas “figurinhas”, e nesta conversa identifiquei práticas de EA enriquecedoras, com professoras do município, que desenvolvem há bastante tempo um trabalho em rede, e é sobre isto que vamos trocar ideias.

Bere – Olá, Gisela! Conte-nos como foi seu ingresso para as questões ambientais e o que lhe motivou para se dedicar a elas.

Gisela – Na realidade sou Pedagoga e fui Secretaria de Educação e Cultura no período de 1993 a 1996 em Estância Velha. A administração lá era totalmente voltada ao Meio Ambiente "Administração Ecológica". Já tinha uma veia verde, pois minha carreira se iniciou em Escola Rural, que na época se trabalhava bastante a área ambiental.

Bere – Neste percurso, quais foram as suas maiores dificuldades?

Gisela – O Meio Ambiente e a EA temos que trabalhar no dia a dia. Todos os dias é um iniciar para quem ainda não foi “picado” pelo mosquito do Meio Ambiente, e isso, algumas vezes, é uma dificuldade.

Bere – E quais foram os momentos que lhe proporcionaram maior fôlego para seguir em frente?

Gisela – Os trabalhos ligados diretamente com os professores e com os alunos me deram fôlego e, muitas vezes, mais vontade de fazer mais e mais, além do resultado sendo mostrado e valorizado pela comunidade e a administração pública num todo.

Bere – Como Secretária do Meio Ambiente, quais são as propostas e os projetos de EA desenvolvidos no Município, principalmente os relacionados à Educação Infantil e Séries Iniciais?

Gisela – Desde 2001 temos uma rede de EA composta por representantes de todas as entidades de ensino de Campo Bom. A partir da rede construímos uma infinidade de propostas e projetos vinculados as estas entidades, embasados e criados a partir de suas realidades.

Bere - Atualmente percebe-se que o trabalho em rede possibilita maiores fortalecimento para a efetivação de propostas em todos os setores, principalmente na Educação, e na maioria das vezes os resultados superam expectativas iniciais. Como você define um trabalho em rede e de onde surgiu a proposta, em 2001?

Gisela - Na área de Meio Ambiente não se consegue fazer nada sozinho. Para que algo aconteça verdadeiramente e que provoque impacto positivo precisamos trabalhar em grupo, rede, tecido, anéis, corrente. Esta proposta criada aqui em Campo Bom, em 2001, veio de um trabalho iniciado em Estância Velha/RS no ano de 1993, pelo qual conseguimos uma mudança de hábitos e atitudes junto à comunidade estanciense.

Bere - E como é desenvolvido o trabalho em rede, como começou, como funciona, quais os resultados?

Gisela - Temos reuniões mensais com o grupo da rede e estes têm um momento semanal no espaço da escola para propagar e tecer juntos propostas da escola. Os resultados são vários, desde a Separação de lixo até propostas pontuais como Uma Mangueira em Apuros (Projeto da Escola Municipal de Educação Estrelinha Azul).

Bere - Durante estes anos todos trabalhando com EA, como você a percebe hoje? Ela tem lugar garantido nos currículos escolares?

Gisela - Sim, com certeza. Há uma preocupação e uma busca de trabalhos e propostas ligadas ao Meio Ambiente. Perceberam que não conseguimos trabalhar educação que não seja ambiental.

Bere - Você acha que o corpo docente está apto ou capacitado para efetivar a EA crítica e emancipatória, ou, como você avalia a compreensão dos professores em relação a EA como prática interdisciplinar?

Gisela - Temos muito o que aprender. Se o nosso corpo docente buscasse, como ferramenta, o trato que os alunos dão à área ambiental, com certeza daríamos um pulo significativo.

Bere - O Município de Campo Bom também é destaque na coleta de resíduos, e desenvolve um trabalho exemplar com os catadores no Entre Posto de Reciclagem. Conte-nos um pouco sobre este programa!

Gisela - O Programa iniciou a partir de uma necessidade de se terminar com o lixo nas casas dos catadores. Hoje já possuímos um Entre Posto de Recicláveis que é a sede dos Cooperados Catadores. Estes coletam seu resíduo na cidade e no final do turno levam este resíduo para o Entre Posto.

Bere - O que lhe inspira a desenvolver trabalhos de EA?

Gisela - A busca por um mundo melhor. A preservação das espécies e da minha e claro. Fazer a minha parte.

Bere - Para finalizar, uma última questão. Como surgiu o Blog Posse Responsável, que é voltado para incentivar cuidados e a adoção de animais de rua, e o que ele representa em termos de resultados para este problema que se acentua em todos os centros urbanos do País?

Gisela - O blog Posse Responsável nasceu da necessidade de divulgar este trabalho, pois eram muitas as ligações e os e-mail's solicitando informações sobre a proposta. É também um canal para ajudarmos os animais abandonados e pessoas da comunidade que necessitam auxílio para adotar seus animais filhotes e até procurá-los.

Bere - Deixe uma frase, um pensamento ou apenas algumas palavras como mensagem final de nossa entrevista:

Gisela - Pessoal, vamos fazer o que está ao nosso alcance: separar o lixo, fechar a torneira, desligar a luz, jogar lixo no lixo, não colocar comida fora, cuidar dos velhos, dos animais e das árvores.

Bere - A Equipe da revista eletrônica EA em Ação agradece, de coração, por sua participação nesta edição, por compartilhar sua experiência e visão em relação a EA, que muito contribuirá para os que nos acompanham. Muito obrigada!

*Dados da entrevistada: Gisela Maria de Souza - Secretária de Meio Ambiente do Município de Campo Bom/RS (gisela@campobom.rs.gov.br) Reportagem sobre o Entrepasto de Reciclagem:

http://www.youtube.com/watch?v=qnLZtu_um2o - Blog Posse Responsável:
<http://www.posseresponsavelcampobom.blogspot.com> - Twitter: @PosseCampoBom

ARNO LEANDRO KAYSER

ENTREVISTA PARA A 34ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 05/12/2010

Apresentação: O entrevistado desta edição é o engenheiro Agrônomo Arno Leandro Kayser, de Novo Hamburgo/RS. Conheço o Arno de longa data, inclusive fomos colegas por um ano. Sua atuação nas questões ambientais sempre estiveram presentes em sua vida, participando de vários movimentos ambientais. Atualmente, trabalha na Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler – RS (Fepam). Ele vai nos contar um pouco da sua jornada.

Bere – Olá, Arno! Conte-nos como foi seu ingresso nas questões ambientais e o que lhe motivou para se dedicar a elas.

Arno – A história é meio longa, mas tudo começou na infância. Vivi em Novo Hamburgo numa época em que a cidade era menor e minha casa ficava próxima da zona rural. Havia muito verde, arroios limpos e muitos animais selvagens nos nossos territórios de brincadeira onde circulávamos sem medo.

Perto de casa havia um ingazeiro muito grande plantado pelo dono do armazém aonde as crianças brincavam e olhavam o mundo ao redor. Era o ponto de encontro de colonos que desciam de Dois Irmãos para vender no armazém.

Eu gostava muito desta árvore, mas quando estenderam a rede elétrica na Vila ela foi cortada. Algo que me chocou muito e me despertou para o problema da devastação da natureza e a vontade de proteger as árvores e os animais em geral.

Mas tarde, minha tia Marlene me falava das palestras do Lutzenberger em Porto Alegre. O que fez ver que havia muitas pessoas interessadas em defender a natureza. A base se completou com as aulas de ecologia que tive na Fundação Evangélica, no segundo grau, com o professor Schmeling e a formação na faculdade de Agronomia e um estágio na Alemanha em agricultura alternativa.

Bere – Qual é o seu envolvimento com o Movimento Roessler?

Arno – Eu participo desde 1985, quando voltei da faculdade para Novo Hamburgo e trabalhava no Horto da Prefeitura de Novo Hamburgo. Participei de várias ações na entidade como a luta contra as podas, a defesa do Rio dos Sinos, a criação do Parcão e muitas outras. Já exerci vários cargos na entidade a representei na Apedema, Fundo Nacional do Meio Ambiente, Comitesinos e Pró Guaíba.

Bere – Entre trabalhos desenvolvidos por você na área ambiental, qual deles você destaca?

Arno – A administração do Horto de Novo Hamburgo que me deu oportunidade de plantar milhares de árvores e divulgar a importância das plantas nativas; o trabalho na assessoria de EA da Prefeitura de Novo Hamburgo, me envolvendo com a formação de crianças e adultos para os temas do meio ambiente; o trabalho na consolidação do Comitesinos, primeiro comitê de Bacias do Brasil; o trabalho de escritor de Ecologia no Jornal NH, Folha de Novo Hamburgo, revista Mundo Jovem e outras publicações que levaram minhas ideias para muitos públicos Brasil afora; a publicação de

livros e a montagem de texto de teatro infantil e vídeos de ecologia que ampliaram minha capacidade de expressão nesta área.

Também destaco meu trabalho no Pró Guaíba, no Fundo Nacional do Meio Ambiente e na Fepam, aonde pude me envolver em vários projetos e ações em prol da proteção ambiental.

Bere – Quais as maiores dificuldades encontradas durante sua trajetória?

Arno – A incompreensão de muitas e muitas pessoas que enxergam nos ecologistas pessoas intolerantes e não percebem que o trabalho em prol do meio ambiente é a maior revolução cultural dos nossos dias. A falta de apoio aos grupos ecologistas locais para terem um mínimo de infraestrutura para agirem e ampliarem seus trabalhos.

Bere – Para você, qual a importância da EA?

Arno – A EA é fundamental como processo transformador da consciência de todos os seres humanos nestes nossos dias para que percebam que somos todos parte deste Planeta e que devemos proteger e respeitar as leis que garantiram o processo vital que nele evoluiu ao ponto de torná-lo uma joia rara neste universo. Penso que ela deve fazer parte da estratégia de todas as instituições humanas e não ser interpretada apenas como algo voltado para as crianças e jovens, mas um aprendizado importante também para os adultos de todas as gerações para que a humanidade tenha futuro neste Planeta.

Bere – Desde que você ingressou para o ambientalismo, quais as diferenças que você percebe nas posturas das pessoas em relação ao meio ambiente?

Arno – Antes de mais nada gostaria de me definir como um ecologista ou como alguém que com a luz do conhecimento científico desenvolve uma ação cidadã organizada em prol do meio ambiente, e que atua também, movido por sentimentos e devoção espiritual. Ambientalismo envolve uma gama muito maior de pessoas dentro da iniciativa privada e pública comercial e política que, nem sempre, tem como norte a defesa da vida, mas de interesses profissionais, econômicos ou políticos.

Mas uma coisa que mudou muito é que antigamente a maioria das pessoas, mesmo os ecologistas, não acreditava ser possível transformar o rumo da nossa sociedade no sentido de uma prática que respeite os limites impostos pelas leis naturais. Hoje, além de acreditarem, vejo muitas pessoas pondo as ideias em prática de uma forma muito criativa e construtiva.

Bere – Muito bom esse seu esclarecimento que evidencia diferenças entre ambientalismo e ecologismo. A própria EA também é confundida com Ecologia em muitas circunstâncias. Percebo você otimista em relação às ações e ideias práticas desenvolvidas por pessoas. E em relação a instituições privadas e órgãos governamentais, dá para perceber esse movimento?

Arno - Acho que há muitas instituições privadas atuando em prol do meio ambiente. Em particular as entidades ecológicas criadas para tal fim. Mas elas sofrem muito com falta de apoio e realizam verdadeiros heroísmos para praticar seu papel.

Muitas empresas apoiam o meio ambiente, mas ainda a ação é de propaganda e construção de uma imagem positiva que não se verifica na prática e nos seus processos produtivos.

Os consumidores, de um modo geral, têm um papel forte na transformação das empresas na medida que exigem produtos que protejam o meio ambiente.

Já nos órgãos ambientais, a preocupação é mais setorial e impulsionada por servidores públicos que priorizam o meio ambiente. A questão ambiental no meio político ainda é vista como secundária para boa parte embora nos discursos a defesa do meio ambiente em geral se faz presente. Isto só mudará com pessoas votando em políticos que realmente querem proteger o meio ambiente.

Bere – Fale-nos um pouco sobre suas publicações e onde é possível encontrá-las.

Arno – Eu escrevo e publico desde 1982, quando comecei com um livro de poemas chamado “Peixes de 61”. Foi uma edição do autor, com forte apoio da minha mãe, dona Estela. Ainda tenho alguns para remédio em casa.

Escrevi mais de 700 artigos para vários periódicos, em especial o Jornal NH (de 1984 a 1992), Folha de Novo Hamburgo (de 2000 a 2006), revista Mundo Jovem (desde 1987 até hoje). Mas o primeiro que publiquei foi no Jornal “Hamburgerberg” da Fundação Scheffel, em 1983. Até onde sei, depois de Henrique Roessler, é a maior quantidade sobre o tema de um autor gaúcho.

Em 1987 publiquei “Verde no Cinza”, pela Editora Otomit que está esgotado. Este livro fala sobre arborização urbana e serviu de base para o seguinte: “As Árvores de Novo Hamburgo”, publicado pela Prefeitura de Novo Hamburgo, num imenso mutirão de coleta de papel pela rede de escolas. Este livro esta disponível nas bibliotecas das escolas de Novo Hamburgo.

Reunindo uma série de meus artigos de jornais, publiquei, pela Editora Sinodal, “Signos de Renovação”. O Livro saiu em 1991 e tem prefácio de José Lutzenberger. Se esgotou e não teve nova edição.

Em 1997 publiquei a revista comemorativa de dez anos do Comitesinos que deu base para um roteiro em vídeo e que me abriu as portas para produzir uma série de vídeos registrando o trabalho de EA nas escolas do Vale do Sinos.

Em 1999 publiquei um trabalho, para o Pró Guaíba, sobre a situação das matas ciliares da Região, que foi publicado na Revista da Unisc.

Em 2005 publiquei “A História do Peixe Dourado”, um texto infantil com ilustrações de Silvana Santos, pela Editora Oikos. Foi um livro de muito sucesso que pode ser obtido através do site da editora. Conta as aventuras de um peixe em defesa de seu rio e sua família.

Em 2007 lancei “A Reconciliação com a Floresta” pela Editora Mundo Jovem. Outra coleta de artigos de ecologia que foi montada como um livro de apoio para educadores e agentes pastorais que querem trabalhar o tema com a juventude. O livro está na segunda edição. Em Novo Hamburgo tem na livraria Flama e também no site da editora.

Também tenho colaborado com a Revista da Fepam com artigos técnicos desde 2008.

Ainda tenho participações em livros coletivos de poemas da Academia Literária do Vale do Rio dos Sinos (Alvales) e um livro produzido pela ONG CECA, escrito em parceria com Ivone Gebarra, chamado “Terra, Eco Sagrado”.

Tenho ainda muito material inédito, em particular textos de teatro infantil e um livro de crônicas chamado “Couro”. Dos textos de teatro já foram montados dois. “A Borboleta que Queria Morrer”, em 1987 e “As Aventuras do Vovô Roessler”. “Couro” é uma proposta de fazer um romance mural sobre o Vale do Sinos, especialmente sobre o período áureo da indústria coureiro calçadista do ponto de vista de vários personagens, sem um herói ou protagonista principal.

Bere – Uma produção e tanto! Um verdadeiro legado! E quando você pensa em publicar esse material inédito? A procura por roteiros de peças teatrais infantis com temas ambientais é muito grande! Já tem alguma previsão?

Arno - A editora que lançou o livro “A História do Peixe Dourado” me deu este mesmo diagnóstico. Há falta de textos para teatro infantil. Estamos tentando viabilizar um apoio para lançar

o texto da “Borboleta que Queria Morrer”. Já apresentamos a ideia para o Comitesinos e para algumas prefeituras. Mas ainda não obtivemos apoio concreto.

Há texto escrito por encomenda de uma produtora de Santa Catarina que está em fase de captação de recursos dentro de um projeto de EA.

Também ando pensando na ideia de lançar um blog com meus textos, mas ainda estou um pouco xucro nesta área cibernética. No site do Movimento Roessler (www.roessler.org.br) há alguns editados, bem como em outras páginas da Internet, para quem tiver curiosidade. Ou então procurando direto comigo.

Bere - Normalmente nos inspiramos em pessoas para desenvolvermos nossos trabalhos. Quem é que lhe serve de exemplo ou de inspiração para os trabalhos ambientais que você realiza?

Arno - Minha inspiração vem de casa. Meu pai sempre me mostrou como fazer agricultura ecológica e foi um ativista da igreja luterana na área social e educativa. Minha mãe sempre foi uma recicladora nata e apoiadora de meus trabalhos. Meus irmãos também sempre me deram apoio nesta luta.

O trabalho de Henrique Roessler, em especial seus escritos, são uma fonte perene de inspiração, junto com o exemplo de grandes ecologistas como Sebastião Pinheiro, Magda Renner, Padre Clemente, Professor Schmeling e José Lutzenberger.

Entre os amigos do Movimento Roessler sempre tive grande admiração por José Ferlauto, Jane Schmitt, Rogério Rauber, os irmãos Sérgio e Flávio Rolim, Débora Sarmento, Evânia Reichert e o povo da geração mais recente como o Tiago Genehr, Cátia Cilene e Débora Dakini, Julian Mauhs e o nosso presidente Markus Wilmsig. A Viviane Nabinger e o Paulo Saul, parceiros do Comitesinos são outros que me ajudam a prosseguir.

Além destes todos, minha fonte de inspiração mais próxima é a minha esposa Cristina Haag, que esta sempre me apoiando no dia a dia.

Bere - Realmente somos privilegiados por termos tantos gaúchos ecologistas. Agora, voltando ao Movimento Roessler, no qual participam ativamente você e estas pessoas citadas, como você percebe a influência desta entidade para as questões ambientais locais, como por exemplo, na situação do Parcão, que sofre a ameaça de receber interferência em seu cerne. E o que você pensa sobre o projeto de reestruturação deste espaço de preservação?

Arno - Acho um absurdo que estejam querendo mexer construindo uma rua no meio do parque que foi uma das maiores lutas populares desta cidade. Ainda mais num contexto de uma administração de um partido que surgiu das lutas populares.

Estamos nos mobilizado para não deixar isto acontecer, e o positivo é que muita gente está nos apoiando nesta luta. Em todas as audiências públicas sobre o tema ninguém apoiou a ideia.

Mas se não fosse o Roessler comprar a briga não sei o que seria. Mas como o Lutzenberger dizia, “em termos de meio ambiente, as vitórias sempre são provisórias”. É preciso estar atendo sempre.

Bere - Deixa, como recado, um pensamento ou uma frase, para o pessoal que faz e que lê a revista EA em Ação.

Arno - Gosto muito de uma frase de Lao Tse, autor Taoista a quem é atribuído o “Tao the King”: “O sábio age sem agir e, por não querer ser visto, nunca passa despercebido”.

Mais ou menos o que dizia Villa Lobos quando falava que “escrevo minhas músicas como cartas dirigidas ao futuro sem aguardar respostas”.

Bere - Arno, em nome da equipe da revista quero lhe agradecer, de coração, pela sua disponibilidade em compartilhar sua rica experiência como pessoa, cidadão, ecologista, que é um verdadeiro exemplo de vida. Esperamos que o seu recado adentre pelo coração das pessoas que aqui chegam com sede de ideias, e as inspirem a fazer tudo e mais um pouco para uma vida mais equilibrada e sadia. Muito obrigada!

DECLEV REYNIER DIB-FERREIRA

ENTREVISTA PARA A 35ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 08/03/2011

Apresentação: O entrevistado da 36ª Edição é Declev Reynier Dib-Ferreira, Carioca, Biólogo, Especialista em Educação para Gestão Ambiental, Mestre em Ciências Ambiental e Doutor em Meio Ambiente pela UERJ. Atua como Professor de Ciências nos municípios de Niterói e Rio de Janeiro. Foi Coordenador de EA do Instituto Baía de Guanabara (IBG), é Membro da Rede de EA do Rio de Janeiro (REARJ), além de Membro da Rede Brasileira de EA (REBEA). Sua experiência em Educação tem focos na EA, Meio Ambiente e Resíduos Sólidos. Eu tive o prazer de conhecer Declev no VI Fórum Brasileiro de EA ocorrido em 2009, no Rio de Janeiro. O evento reuniu um grande número de educadores ambientais de todo o País e contou com participação de personalidades como Carlos Minc e André Trigueiro, duas figuras marcantes no cenário do meio ambiente da nossa terra. O evento promoveu trocas de experiências, debates, oficinas, uniu diversas etnias e transformou-se em mais um marco para o fortalecimento da EA Brasileira, isto graças ao esforço do nosso entrevistado, que foi um dos organizadores. Ele gentilmente nos responde a esta entrevista:

Bere Adams - Declev, é uma alegria poder contar com a sua experiência nesta edição da EA em Ação. Muito obrigada! Conta-nos um pouco como você, como cidadão e educador, iniciou suas atividades envolvendo especificamente a EA e como você define essa trajetória até hoje.

Declev – Desde a faculdade, que cursei de 1998 a 2001, já me interessava pelo tema. Atuava em zoológicos e fiz estágios nesta área. Sempre achei que não adiantaria qualquer lei, qualquer ação, se a população não tivesse consciência de seus atos, de seus votos, de suas próprias ações ou omissões. Então, paralelamente ao que eu queria como biólogo (trabalhar com macacos, o que fiz durante algum tempo), atuava, pesquisava e buscava ações de EA. Quando, enfim, entrei em sala de aula e me tornei professor, dei continuidade às pesquisas e projetos, na maioria das vezes ligados às escolas, mas atuando também com educação não-formal.

Bere – Em sua atividade de Professor de Ciências, tanto em Niterói quanto no Rio, como você percebe a aplicação da EA nas escolas onde atua? Você vê a EA acontecendo?

Declev – Às vezes sim, muitas vezes não. A escola não é feita para nada mais do que manter as crianças sentadas em sala de aula, olhando para um quadro. Qualquer coisa que você tenta fazer fora disso, dá muito trabalho, dor de cabeça e te faz trabalhar mais do que você ganha. Mas, mesmo assim, há professores que tentam, que fazem. Eu já desenvolvi alguns projetos de EA nas escolas com muito sucesso, quando as condições deixaram. Mas, um processo contínuo, sistemático, eu não vejo. São mais comuns ações isoladas. Gostaria de um dia poder quebrar esse gesso que imobiliza a escola, desfazendo salas de aulas, unindo professores de diversas disciplinas, flexibilizando o horário...

Bere – Qual foi a atividade de EA mais significativa que você participou ou realizou?

Declev – Foram algumas, mas posso destacar um projeto que desenvolvi por quatro anos na escola de Niterói, quando desenvolvemos diversas atividades no contra-turno: estudo da geografia e maquete do bairro; teatro; arte; poesias; pesquisa da história da escola; passeios a locais turísticos e naturais da cidade, dentre outras.

Bere – A EA se fundamenta na interdisciplinaridade, porém, muitos professores não conseguem efetivá-la de forma conjunta por falta de um ponto integrador que favoreça o planejamento de ações de EA em todas as disciplinas. Como você vê essa questão e o que você sugere para os docentes que buscam trabalhar a EA abrindo um leque da sua para as outras disciplinas?

Declev – Pois é, como eu disse, a escola de hoje é tão “cimentada” que é difícil mexer em qualquer coisa que a mude. É muito difícil para o professor, por exemplo, sair de sua “matéria” quando ele entra na escola e tem que entrar em sala de aula e dar conta de uma turma de 25-30-40 ou até mais alunos. Tenho conhecimento de turmas com 70 alunos em escolas do Estado! O professor sai de uma sala e entra em outra ininterruptamente, até que chega a hora dele ir embora. Aí ele tem que ir a outra escola e fazer o mesmo: pular de sala em sala “ensinando” sua disciplina. Não há tempo para se encontrar, para planejar, para pesquisar, para desenvolver nada diferente. Quando há tempo de planejamento – que é o caso de Niterói, em que tempos 2 tempos semanais juntos – nem sempre ele é bem aproveitado. Ademais, se quisermos fazer algo integrado será quando? Quando estamos na escola estamos um em uma sala, outro em outra, outro em outra... Cada um tendo que dar conta de sua turma, até que bata o sinal e troquemos... Parece insano, e é. Se quisermos fazer algo diferente, temos que ir além do nosso tempo de trabalho, aí muitas vezes é impossível ou não é interessante para nós como profissionais. O que eu sugiro é muita criatividade, muita pesquisa, muita insistência. Eu sempre penso em desistir, mas estou sempre, por outro lado, pensando em como posso fazer. Daí surgem ideias e eu busco aqueles professores que eu sei que pensam parecido comigo, que sei que gostariam de ajudar em um trabalho conjunto e é neles que eu me apoio. Desta parceria pode surgir algo novo, algo em que vários profissionais participem. Nunca serão todos, então trabalhamos com quem quer.

Bere – Realmente, Declev, esse é o retrato triste da rotina da maioria dos docentes brasileiros que precisam ter disposição infinita para continuar no exercício da profissão, e no meio de tantas dificuldades, a maioria entende que fazer EA é algo a mais, quando na verdade os conceitos ambientais estão implícitos na educação. E por falar em conceitos, nos aponte alguns que você considera fundamentais para definir a EA.

Declev – Participação em primeiro lugar. Educar ambientalmente é educar para a participação, para a luta, para a política, para a mudança. E isso nunca é só. Outro conceito pode ser a outriedade, o pensamento no outro, enquanto nós mesmos.

Bere – E quais os principais autores (e obras) que você considera fundamentais para a compreensão da EA? Fale-nos um pouco sobre eles.

Declev – Há hoje, no Brasil, muitos bons autores em EA, cada um deixando sua marca e sua mensagem. Alguns nos fazem pensar sobre nossas ações e nos ajudam a elaborá-las, outros nos ajudam a definir melhores caminhos. Lembro que Philippe Layrargues, por exemplo, ajudou a moldar minha visão de EA relacionada a resíduos sólidos, quando li “O cinismo da reciclagem...”. Lembro que fui a ele, meio confuso, e perguntei se ele era contra a reciclagem. Hoje em dia, vêm a

mim com a mesma pergunta... Mas não é uma questão de ser contra ou a favor, mas sim o uso político, ideológico e mercadológico que se faz da reciclagem. Uma longa discussão. Outro autor que me mostra caminhos é o Mauro Guimarães, mas também posso citar o Frederico Loureiro, o Marcos Sorrentino, a Rachel Trajber (estes dois últimos também mostraram na prática, ele no MMA, ela no MEC, como pensamentos podem se tornar ações, o que muitas vezes não vemos em outros autores). O Genebaldo Dias tem uma obra importante, pois compila muitas informações necessárias ao entendimento da história da EA. O Alexandre Pedrini caminha por diversas trilhas diferentes, buscando o aprofundamento teórico da EA. Enfim, são muitos autores e autoras importantes no Brasil. É até um pouco injusto não falar de todos, peço desculpas aos que eu não citei, mas a lista seria muito extensa.

Bere – É, por vezes, difícil de fazer uma seleção de autores e obras, pois temos uma turma grande dando sua contribuição para a EA brasileira, mas os que você destacou certamente abrirão caminho para que as pessoas busquem mais referências para a sua ação educacional. E sobre as ações governamentais dos últimos anos, o que você destaca, que evidencia avanços e/ou retrocessos para a EA no País?

Declev – Hoje temos leis federais e estaduais de EA. Isso é um avanço, mas sabemos que muitas leis se tornam letra morta no Brasil, o que pode ser perigoso. Por isso, avanços reais são as ações que buscam fazer as leis saírem do papel. A implementação do Órgão Gestor da Política Nacional de EA e o Comitê Assessor, por exemplo, foi um avanço neste sentido. Muita coisa se fez, especialmente na gestão do Sorrentino (MMA) e Rachel (MEC). A implementação, pelos Estados, das Comissões Interinstitucionais de EA (CIEAs) é outro avanço, especialmente nos Estados em que elas são, de fato, fortalecidas. As Conferências Infanto-Juvenis pelo Meio Ambiente tenho certeza de que plantaram algumas sementes em muitas escolas. A Sala-Verde foi outro projeto importante, que espalhou locais de pesquisa e implementação de projetos pelo Brasil. Pena que muitas ações não têm continuidade quando mudam os gestores – isso faz parte dos retrocessos...

Bere – Em relação ao meio ambiente propriamente dito, você considera a EA como promissora para a reversão necessária dos problemas ambientais que enfrentamos?

Declev – Depende de que EA estamos falando. Se estamos falando, por exemplo, daquela que manda “fechar a torneira” para economizar água ou “fazer xixi no banho”, não. Se falamos daquela que problematiza a questão da água, da sua captação, que faz relação com as nascentes e rios e com a importância de sua preservação, relacionando, por sua vez, esta questão com a agricultura, o plantio de eucalipto e o êxodo rural, que busca uma discussão política sobre a cobrança pelo uso da água, relativizando as responsabilidades de cada um – cidadão comum, poder público, grandes empresas, pequeno agricultor, grande latifundiário..., sim.

Bere – Sua brilhante resposta ilustra de forma bem simples e clara a EA interdisciplinar, crítica, que envolve não só ações estanques. E sobre os adolescentes, você acha que as ações de EA têm conseguido sensibilizá-los?

Declev – Sim e não. Fala-se hoje em dia muito mais destas questões, o que é reflexo também da mídia, mas, muitas vezes, a EA que prepondera é aquela primeira citada acima. E, com ela, o nosso alcance é muito limitado. Quer dizer, a pessoa sabe, mas só faz se lhe interessa, se tem algum ganho. Não é uma educação que seja internalizada, que seja desinteressada, que seja pelo coletivo. Basta dar uma olhada nas pesquisas, que apontam o conhecimento maior das questões e problemas ambientais, mas um limite da participação das pessoas. Se ela tiver algum ganho direto, faz, participa, ajuda; se não tiver, não faz.

Bere – E como é a participação deles nos Coletivos Jovens (CJ)? Você acompanha esse trabalho?

Declev – Não tenho acompanhado diretamente, mas sei que a entrada em um Coletivo Jovem é muito importante para a inserção do jovem nos processos participativos. Em conjunto temos mais força, temos mais ideias, temos mais ações. Vejo, nos trabalhos que desenvolvo, jovens ficando muito empolgados com a perspectiva de participarem do CJ. É uma questão de fazer parte de algo, de se unir e se sentir útil e mais forte. E o CJ acaba sendo uma escola muito importante para a continuidade das ações que a pessoa fará no futuro.

Bere – Bem, antes da última pergunta, fale-me o que você acha dos programas Sala Verde e Coletivos Educadores do Ministério do Meio Ambiente (MMA) . Qual é, para você, a contribuição destes projetos para a EA do País?

Declev – Já citei a Sala Verde anteriormente, e a acho um programa muito interessante. Espalha informações e “chancelas” do MMA por todo o Brasil. Isso fortalece instituições para desenvolverem seus próprios projetos, une as pessoas por um mesmo ideal, troca informações, enfim, há uma série de benefícios diretos ou indiretos. Acho que o programa deve ser fortalecido, o que infelizmente não foi feito depois da saída do Sorrentino. Vamos torcer agora com a nova mudança. Quanto ao Coletivos Educadores, não tenho uma opinião totalmente formada. Acho o conceito também muito interessante, a ideia é fantástica. Mas, não sei ao certo onde e o quanto este programa, de fato, funcionou. Talvez tenha que ser remodelado e/ou buscado novas e eficazes estratégias para sua implementação. Isso faz parte do caminho. O simples abandono dele, não.

Bere - Tem previsão de quando sairá o VII Fórum de EA?

Declev – Não tenho previsão. Ficou definido que a Bahia sediará o próximo Fórum, organizado pela REABA (Rede de EA da Bahia). Falou-se em 2011, mas para este ano é improvável, então, quem sabe em 2012? Precisamos de novas parcerias...

Bere – Agora, para finalizar, deixa pra gente uma frase, daquelas que ficam um tempão nos acompanhando...

Declev – “Corrijamos em nós o que nos aborrece nos outros”. *Putz*, o mundo seria mais feliz, não? Rs...

Bere - Com certeza! Prezado Declev, encerrando nossa entrevista deixo-lhe nossos profundos agradecimentos pelo compartilhamento de suas ideias e sua valiosa experiência em EA, que certamente inspira reflexão e ação pelo seu exemplo de exercício da cidadania ambiental. Deixo *link* de seus blogs para que interessados(as) possam lhe conhecer melhor, e até fazer contato: <http://declev.com/>.

Muito obrigada!

LIANA MÁRCIA JUSTEN

ENTREVISTA PARA A 36ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 04/06/2011

Apresentação - A EA me proporciona conhecer pessoas maravilhosas, batalhadoras, criativas, ousadas, que são verdadeiras inspirações para o meu trabalho. Uma delas é a pedagoga e mestre em Educação, Professora Liana Márcia Justen, que reside em Curitiba, Paraná, consultora em EA, Fundadora e Moderadora do Grupo: Materiais de EA, entre outras atividades que desenvolve, tendo atuado na Secretaria Municipal de Educação de Curitiba e na Coordenadoria de EA da Sec. de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Paraná. Conheço a Liana de longa data, e hoje tenho a feliz oportunidade de entrevistá-la para esta edição da EA em Ação. Tenho certeza de que, assim como eu, todos receberão uma “injeção de ânimo”, daquelas que eventualmente precisamos para prosseguir perseguindo nossos ideais maiores. Vamos conhecê-la melhor?

Bere - Liana! É um enorme prazer tê-la como entrevistada desta edição. Muito obrigada! Conte-nos como foi que você ingressou no mundo da EA (EA).

Liana - Também me sinto muito alegre de estar aqui. É uma honra participar deste belo trabalho, Bere! Como ingressei... Bem, quando me dei conta, eu já estava dentro, risos. Eu era pedagoga da rede municipal de ensino de Curitiba, quando comecei a trabalhar com projetos educacionais nas escolas e comunidades de entorno, em uma parceria entre as secretarias municipais de educação e meio ambiente, por volta de 1989. Foi assim que percebi o quanto as políticas públicas têm em comum, envolvendo também saúde, trabalho e demais áreas sociais. Descobri que, para atuar com educação e meio ambiente, são necessários conhecimentos e atividades de outras áreas, planejamento urbano, agricultura, comércio... Concluí que trabalhava não somente com programas específicos, mas com um projeto de sociedade, em que todos os setores administrativos, sociais, científicos e tecnológicos, públicos e privados, deveriam se envolver. Fascinaram-me o desafio e a amplitude da EA, as possibilidades de transformação social, a dimensão utópica, o sonho de uma concepção solidária e cooperativa de sociedade, em que a competição não seja o grande mote social, nem o consumo desvaire a razão da vida das pessoas; em que haja limites éticos para a exploração da natureza. Ao pesquisar os princípios da EA na Declaração de Tbilisi e em outros documentos internacionais, compreendi que tudo em que eu acreditava como finalidade da educação estava incluído nos propósitos da EA. Enfim... Foi um *insight* fantástico da importância dos projetos de EA, para muito além de separação e coleta de lixo reciclável, proteção de rios, matas e fundos de vale. A partir dali, abracei a EA como proposta de vida e sou feliz por tudo quanto tenho aprendido e realizado em consequência disso.

Bere - No início, quais foram as maiores dificuldades relacionadas com a prática da EA, percebidas por você?

Liana - A visão curta, egoística e empedernida das pessoas que não entendem a grandiosidade e a emergência da EA. Essas duas dimensões - a magnitude do que a EA propõe, a construção de valores, crenças, atitudes que exprimem uma visão generosa e ampla de sociedade e natureza; e as necessidades de mudança, desde as mais simples na vida cotidiana das pessoas, até as mais complicadas nos meios de produção e consumo. Faltam humildade para entender que a natureza

está cobrando um alto preço pela invasão e destruição a que é submetida e disposição para mudar. Toda e qualquer pessoa, todos os segmentos sociais, devem se envolver e se tornar responsáveis pela mudança. Mas temos avançado muito pouco, porque a tendência generalizada é fingir que se muda pra não mudar coisa alguma, isto é, o comodismo impera.

Bere – Volta e meia emerge a questão sobre a EA ser ou não ser uma disciplina dentro do currículo escolar. Qual sua posição em relação a isto?

Liana – Se queremos superar a fragmentação dos conhecimentos, buscando religar os saberes, temos de compreender como se organizam as redes de interações que caracterizam a vida e a natureza. Deste ponto de vista, criar uma disciplina de EA é uma contradição; é reforçar o enquadramento disciplinar que resultou na falta de diálogo entre as ciências e na enorme dificuldade de reconhecer as relações de interdependência entre os vários campos de pesquisa e atuação humanas. Bem, quais seriam os conteúdos de tal disciplina? Retirados de todas as outras, reorganizados de outra forma, certamente interdisciplinar, mas dentro de uma estrutura disciplinar! Será que não conseguimos fazer as relações, como educadores, entre os conteúdos das atuais disciplinas, ao invés de criar uma nova? O saber é multi, inter, transdisciplinar. Uma criança pequena vai aprendendo sobre a vida e o mundo, observando, agindo sobre objetos, aprimorando percepções, exercitando a capacidade humana de aprender com fatos e situações que se comunicam entre si, como é a vida. Depois se obriga a criança a estudar tudo separado: letras, números, operações matemáticas, regras ortográficas, geografia, história, ciências... a totalidade que ela encontrou no mundo, que a encantou e sobre a qual ela teve tanta curiosidade, vai ser dividida em caixas separadas que nunca se juntam. Teríamos de romper as barreiras, mas é mais cômodo continuar com as caixas não comunicantes... Claro que há um momento em que é preciso aprofundar um modo de conhecer e pesquisar um campo de conhecimento, e é aí que entra a disciplina, mas nunca se pode perder de vista o todo a que aquele campo pertence, sob pena de nos alhearmos da formatação ecossistêmica que predomina na vida e na natureza. Não aprendemos a lidar com esta formatação, e isso é a origem da crise ambiental.

Bere – Você considera que os professores, principalmente os da educação básica, compreendem a interdisciplinaridade da EA? Por quê?

Liana – Quando a gente trabalha com a realidade como ponto de partida para o processo educacional, percebe que todos os conhecimentos se interdependem e que, para entender um aspecto da vida, do mundo, se precisa recorrer a conhecimentos das mais diversas áreas. Alguns destes são instrumentais, como a linguagem e a matemática. Outros são estudos sobre aspectos específicos da realidade, campos do saber, como a geografia, a história, a física, a química, a geologia e muitos outros. São específicos, mas inter-relacionados uns com os outros. Ao tratar do tema “Água”, os saberes matemáticos e linguísticos são instrumentais para a percepção e a compreensão dos fenômenos físicos e químicos, dos fatos históricos, dos diferentes aspectos geográficos, das identidades sociais e culturais, relativos à água, porque tudo está ligado a tudo. Os professores que partem da observação informal da realidade do entorno dos alunos, para mediar a construção de conceitos e conhecimentos formais, sabem que é possível, aliás, é mais fácil ser interdisciplinar do que ser disciplinar: observar onde e como a água existe e se relaciona com o ambiente, contar o que se viu, escrever o que se pensa sobre isso, o que pode ser mudado, melhorado, e por aí vai. Para os professores das séries iniciais, a prática da interdisciplinaridade é muito mais natural, interessante e rica do que o artificialismo das lições monótonas restritas a cada matéria.

Bere – Fala-se muito que os professores sentem falta de um “norte” para a efetivação da EA, ou seja, falta-lhes orientação. Não seria o caso de propor capacitação em EA para os Orientadores e os Coordenadores escolares?

Liana – A EA é um ovo de Colombo, depois que você descobre que se trata de uma educação embasada na aprendizagem, não de fatos estanques, mas da formatação ecossistêmica do planeta, no geral e nas suas particularidades. A regra dominante é a interação entre todo e partes, o significado do todo para as partes e vice-versa. Quando você aprende a raciocinar e sentir sob este ponto de vista, descobre o que é a EA como proposta pedagógica. Trata-se de uma outra lógica de conhecer e aprender sobre o mundo, diferente da fragmentada e estanque, que herdamos de modelos arcaicos de organização curricular. Mas, nada impossível para quem desenvolver o pensamento do contexto, que, segundo Edgar Morin, é estabelecer as relações entre todo e partes, e o pensamento do complexo, que é compreender as relações das partes entre si. Isto requer capacidade de contextualização, visão da complexidade, das relações e das interações entre os conteúdos programáticos já existentes e outros que vêm sendo incorporados pela evolução do conhecimento. Vamos continuar com Língua, Matemática, História, Geografia e Ciências, Artes e E. Física, mas precisamos reaprender a perceber as relações existentes entre os saberes e os fazeres destas matérias entre si. Fazemos isso ao analisar uma dada situação em seus aspectos sociais, econômicos, geográficos, históricos, culturais. É um fenômeno em todas as suas interações, do nível próximo ao mais distante. Então, é preciso propor capacitação nessa lógica, que envolva não apenas os professores, mas os orientadores, coordenadores, diretores, todos os responsáveis pelo processo educativo na escola. E tal capacitação já deveria ser efetivada dentro da lógica da EA, ou seja, interdisciplinar, pra começo de conversa...

Bere – Em sua caminhada pela EA quais foram as ações ou atividades mais gratificantes que você encontrou pelo caminho?

Liana – Foram muitas as ações que pude realizar, sempre junto com pessoas com o propósito de trabalhar pela melhoria das relações sociedade /natureza. Fui funcionária pública municipal e estadual por mais de 30 anos, e hoje sou uma cidadã como qualquer outra, e, em ambas as situações, sempre me senti comprometida com a sociedade a que pertencço, com a humanidade, em todos os níveis. Não seria justo destacar uma atividade em detrimento de outra, mas foi muito marcante a descoberta das redes, quando percebi o quanto seria possível fazer pela EA através das ferramentas da internet, que coincidiu com meu primeiro contato com o GEAI, em 2000, pelo que te sou grata até hoje, Bere. Minha história profissional inclui o prazer do estudo permanente; não se pode ser educador ambiental sem estudar sempre, renovar conceitos e práticas, ser um pesquisador em ação. Reitero a crença nas dimensões construtivas do ser humano, em especial quando as pessoas trabalham juntas. De tudo, resta uma certeza: é profundamente bela e gratificante a felicidade que sentimos, quando trabalhamos junto por um mesmo propósito, cada um dando o melhor de si para o bem coletivo. Utópico, mas não há outro caminho para a paz...

Bere – Qual seria, para você, o perfil de um educador ambiental?

Liana – Um educador ambiental é uma pessoa extremamente ética, fiel à defesa da vida e da natureza, à melhoria qualitativa do caráter das pessoas, das relações individuais e coletivas e de toda a humanidade, rumo a níveis mais elevados de vivência de fraternidade, compaixão e amor. Também é, ao mesmo tempo, um pesquisador, no sentido dado por Paulo Freire à praxis pedagógica: a integração entre teoria e prática, que implica em trabalho, esforço, paixão e poesia...

Bere – Qual (is) metodologia(s) são mais pertinentes (s) para se desenvolver a EA?

Liana – A partir de uma abordagem interdisciplinar, metodologias de ensino voltadas para a participação ativa, em propostas práticas de vida, que promovam a sustentabilidade: 1. projetos embasados na observação crítica e resolução de problemas e situações da realidade imediata; 2. trabalho em equipes solidárias e cooperativas, que priorizem a tarefa coletiva ao invés de melindres individuais; 3. construção coletiva de relações mais saudáveis ser humano/ sociedade/natureza; 4. pesquisa e aplicação de alternativas de sustentabilidade econômica, social, tecnológica, no âmbito familiar e comunitário.

Bere – Qual(is) autor(es) lhe inspiram? Por quê?

Liana – Edgar Morin, porque abriu as portas para o entendimento da complexidade e o que esta visão significa para a educação de hoje; Fritjof Capra, um físico que me fez perceber o quanto de sensibilidade sobre o ambiente foi banida dos sistemas de ensino; Lucie Sauvé, uma das pessoas mais competentes para explicitar o que é a EA; Paulo Freire, o genial mestre que desvela os caminhos para todos os comprometidos com uma educação transformadora; Michèle Sato, artista e pesquisadora de EA, que teve grande influência no meu mestrado em Educação.

Bere – Quais os recursos pedagógicos mais indicados para atividades de sensibilização ambiental?

Liana – Temos de começar uma atividade em EA pela sensibilização. De nada adianta apresentar, por exemplo, uma palestra técnica, ou um filme com apelo sentimental, e permanecer na técnica ou no sentimentalismo; os recursos precisam tocar, ao mesmo tempo, a razão e a emoção, visando a compreensão da responsabilidade individual e coletiva de cuidar do planeta e de tudo o que nele vive. A EA deve tocar coração e mente, corpo e alma... Os recursos pedagógicos devem ser escolhidos entre os meios que facilitarem esse tipo de comunicação. Uma imagem, um relato, um filme, uma história, uma vivência, uma notícia, uma canção, uma poesia, um jogo, uma brincadeira... Atingindo emoção e razão ao mesmo tempo. Há muitos filmes bons e atividades ao ar livre que potencializam as relações com a natureza.

Bere – Sobre os obstáculos, quais são os mais difíceis de serem transpostos para a efetivação da EA?

Liana – A visão antropocêntrica do meio ambiente vigente na sociedade e a concepção utilitarista e individualista de educação que a acompanha, não permitem que se estabeleçam relações solidárias entre as pessoas e com os demais entes que conosco compartilham o planeta. Muitos se consideram proprietários da natureza, justificando sua exploração ilimitada, visando a satisfação de necessidades criadas pelo consumismo e a acumulação cada vez maior de bens materiais. Este é um processo auto-destrutivo, que não vê limites para a ação humana. O pior é que isso se reflete nas relações familiares, sociais, econômicas, políticas, culturais, na organização do ensino e nos currículos escolares. Mas a natureza estabelece limites para a sobrevivência de seus seres, de modo pungente. Reconhecer isso é o primeiro passo para mudar. Aí entra a EA. O obstáculo mais difícil é que mudar envolve sair da zona de conforto, o risco de perder situações de poder, abandonar conceitos, costumes, hábitos, instrumentos e práticas, ter a coragem de tentar outras formas de pensar e viver, incluindo desde pequenas mudanças nas escolas até as mais amplas, nas diretrizes curriculares dos sistemas de ensino e nas práticas de vida cotidiana da sociedade.

Bere - Fale-nos um pouco dos seus projetos atuais:

Liana - Estou prestando consultoria para dois projetos de pesquisa em EA; modero a lista temática Materiais de EA; preparo um livro sobre EA; vivo a vida em todo o seu esplendor...

Bere - Cite uma palavra, uma frase ou um pensamento de incentivo para os(as) leitores(as) da EA em Ação:

Liana - Ressaltando que a ação educativa em EA implica sempre em uma pesquisa -ação, gostaria de citar aqui um belo texto de Michèle Sato: "Uma pesquisa em EA deve ter ecos, além mares, ares, terras e fogos. Tem que ser intensa em seus contrastes de formas, representações, volumes e composições. Só assim poderemos encontrar um plano dinâmico sob uma nova essência do conhecimento. Um conhecimento enraizado em sonhos, que permaneça no impulso criativo e crítico das diversas formas de existência e que, sobremaneira, consiga novas formas de ultrapassagens às violências vivenciadas pela nossa era. A busca deste desejo nos revela que não somos somente testemunhas da civilização e da barbárie. A EA deve ter o compromisso de permitir sermos protagonistas para alcançar a utopia - apaixonadamente e sempre!"

Bere - Liana, nós só temos a agradecer por sua participação e pelo compartilhamento de sua experiência em EA, uma prática educacional que, sem dúvida, alavanca e sustenta o sonho de tornar a vida mais sustentável. Sua contribuição é uma luz a mais para iluminar nossa caminhada. Muito obrigada, Bere Adams e equipe da revista EA em Ação.

ÉRICA SENA

ENTREVISTA PARA A 37ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 29/08/2011

Apresentação – É com muita alegria que apresento a entrevistada desta edição, a Érica Sena, que é formada em Ciências Biológicas, em Gestão Ambiental e especialista em Tecnologias Ambientais. Atuou como Professora de Biologia pelo Estado de São Paulo e Professora titular de Ciências da Prefeitura de São Paulo. Atualmente está voltada para a produção de novos projetos, além de realizar trabalhos para a Cooperativa de Reciclagem Crescer e escrever para o blog ECOcardioGRAMA. Além disto, ela dá palestras em escolas e é a criadora do Blog Pensar Eco é Lógico. É com toda essa bagagem na mala que Érica segue sua vida empenhada em colaborar pela sustentabilidade planetária. Agora, vamos saber um pouco mais sobre suas atividades!

Bere - Érica, é uma imensa alegria tê-la nesta edição com nossa entrevistada. Muito obrigada! Bem, para começar, conta para a gente como foi que você ingressou para a área ambiental?

Érica – Cursei Biologia quando esse curso era desconhecido e, como hoje, sem emprego. Acabei entrando na educação e ficando por 11 anos, até me exonerar em 2010 para ir a busca da área ambiental. Continuo a procura de emprego (risos). Aprendi muito nesse tempo. A sala de aula me deu base para enfrentar muitas coisas boas e ruins. Passei por bons e maus momentos dentro da escola, e senti na pele todos os problemas da educação. Enquanto dava aula, fiz especialização em Tecnologias Ambientais e depois outra graduação em Gestão Ambiental, com intuito de largar a educação futuramente. Nos últimos anos de escola comecei a trabalhar mais com EA com os alunos: trabalhos, palestras, excursões. E assim, surgiu a ideia de montar um blog ambiental (2009). Dias antes de começar o blog mandei uma proposta para um jornal do bairro para ter uma coluna de meio ambiente. Proposta aceita e desde então comecei a escrever mensalmente um artigo ambiental para o jornal (Folha Noroeste). Hoje, desenvolvo trabalhos em parceria com uma cooperativa de reciclagem de Pirituba- Cooperativa de Reciclagem Crescer, mas ainda estou à procura de um emprego fixo na área ambiental. Difícil, viu? Mas não desistirei da luta e muito menos do meu Pensar Eco.

Bere – Quais são suas perspectivas em relação à sustentabilidade planetária?

Érica – Já fui mais otimista, confesso. Hoje, vejo que uma grande parte da população ainda vive alienada aos problemas socioambientais, umas por falta de informação e outras por achar que esse tema é mais um modismo. A educação formal, ineficiente e capitalista, não incentiva as práticas de EA. Continuamos elegendo políticos que nada sabem sobre sustentabilidade, se preocupando apenas com o insustentável crescimento da economia. Diante desse quadro caótico, destaco a importância de fazer trabalhos socioambientais locais e usar das ferramentas virtuais: blogs, sites, redes sociais, para sensibilizar o maior número de pessoas possível, da importância de haver mudanças de atitudes urgentes, assim como de reunir pessoas com intuito de lutar a favor da sustentabilidade. Não posso falar que não caminhamos a favor da sustentabilidade, pois muitas mudanças positivas acontecem, mas infelizmente são quase imperceptíveis diante do impacto que o ser humano causa no planeta. É uma luta difícil, mas cheia de beleza e força!

Bere – Pela sua experiência, o que você considera mais eficaz para a conscientização e sensibilização das pessoas em relação às questões ambientais?

Érica – É importante mostrar conceitos nesses momentos, mas a sensibilização acontece ao falarmos sobre assuntos que façam parte da vida do público e de modo claro e lúdico. Precisamos escolher melhor nossos temas e como serão apresentados.

Bere – Para você, qual é o papel da EA?

Érica – Tem um papel fundamental de formar, informar, sensibilizar a todos, independente da idade, da classe social. É uma bela forma de conscientizar sobre a necessidade de reciclar nossas atitudes, mas é um trabalho árduo e permanente de semear o respeito ao meio ambiente.

Bere – Por sua experiência com magistério, como você observa o preparo dos professores para a prática da EA?

Érica – Nenhum, eu sempre me virei sozinha. Isso é um dos grandes problemas de falta incentivo.

Bere – Quais são as pessoas que inspiram o seu trabalho?

Érica – São tantas: Marina Silva, Leonardo Boff, André Trigueiro, Mario Mantovani, e muitos outros.

Além desses ídolos da área que me inspiraram principalmente no começo, hoje digo que minha inspiração está nos novos amigos que fiz nas redes sociais através do meu trabalho, que sempre me incentivam e me enriquecem com suas críticas. Sem eles o Pensar Eco não seria conhecido.

Bere – Em seu percurso, quais foram as maiores dificuldades enfrentadas?

Érica – Como em qualquer profissão e situação, dificuldades existem. Um dos grandes problemas enfrentados por mim e pela maioria dos profissionais da área é a falta de emprego. O Brasil ainda não entendeu que profissionais da área ambiental são necessários em todos os setores da economia.

Bere – O que lhe dá mais satisfação ao trabalhar com as questões ambientais?

Érica – Ao ver que consigo semear algumas sementes sustentáveis nas pessoas; ao ver o reconhecimento das pessoas, e constatar que existem muitas pessoas na luta em favor do meio ambiente no mundo todo.

Bere – O que você acha da EA como prática interdisciplinar?

Érica – Acho bom, mas seria ótimo se a EA virasse uma disciplina obrigatória na grade curricular no ensino básico.

Bere – A Lei Nº 9.795/99 que institui a EA no Brasil e a maioria dos documentos referência como o Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, a Carta da Terra enfatizam a interdisciplinaridade da EA e que ela deve estar presente em todas as disciplinas e séries. Então você não concorda com isto? Por quê?

Érica - Concordo, caso os profissionais da educação tivessem capacitação para trabalhar de forma efetiva a EA, mas geralmente isso não ocorre. Além disso, se abrisse essa disciplina abriria um novo campo de trabalho para especialistas da área.

Bere – Quais as práticas sustentáveis que você considera relevantes?

Érica – Relevantes e fáceis de fazer: levar sacolas retornáveis as compras; comprar o necessário; fazer coleta seletiva; usar água e luz de forma racional; comprar produtos mais sustentáveis; se tornar uma pessoa melhor, e muitas outras.

Bere – Qual o retorno que você tem de suas palestras? Como é a receptividade das pessoas?

Érica – Até agora o retorno foi muito bom, espero que continue. Eu sempre tento deixar as palestras menos chatas, dando um toque de graça com uso de músicas, vídeos, figuras, cores e humor, acho que as pessoas aprovam isso.

Bere – O que mais lhe angustia atualmente?

Érica – Que ainda falta muito para conseguirmos virar o jogo e nos tornarmos mais sustentáveis. O consumismo, o crescimento econômico irracional, os hábitos capitalistas e a ganância humana ainda são valores importantes arraigados em nossa cultura, que vão contra a sustentabilidade.

Bere – Cite algum filme e/ou um livro que você indicaria, daqueles que mexem lá no fundinho da consciência.

Érica – Tenho uma lista grande.

Filmes: Avatar, Home, Uma verdade inconveniente, etc.

Desenhos: WALL-E, Os sem florestas, etc

Livros: Todos os livros de André Trigueiro, Nossa escolha –Al Gore, e inúmeros outros.

Bere – Deixa um recado para os leitores da nossa revista, uma frase, uma ideia ou algo que queira dizer e que não foi dito:

Érica – Agradeço o carinho com meu trabalho, através dessa oportunidade dada por vocês. Aproveito para parabenizar o belo trabalho desenvolvido pela equipe da Revista EA em Ação.

Para os leitores deixo a mensagem de que vale a pena estar na área ambiental por amor, já que é gratificante e enriquecedor como pessoa. Infelizmente é uma profissão com pouco mercado de trabalho, mas vale à pena.

Convido a todos a conhecerem meu trabalho acessando <http://pensareco.blogspot.com> e fazendo parte dos meus perfis nas redes sociais. Espero vocês! Precisamos de todos vocês nessa luta! Grande abraço!

“O que eu faço, é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor.” Madre Teresa de Calcutá

Bere – Érica, nós agradecemos por sua disponibilidade em responder a nossa entrevista e por compartilhar de sua experiência e suas ideias inovadoras para fazer a EA acontecer, dentro do lema Pensar Eco é Lógico. Parabéns e sucesso!

PRISCILA KIRSNER

ENTREVISTA PARA A 38ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 05/12/2011

Apresentação – A entrevistada desta edição é a apresentadora, ambientalista e radialista Priscila Kirsner, que comanda o programa Fiscais da Natureza. O programa é focado em reportagens e entrevistas que tratam de questões ambientais, é veiculado na AllTV, BusTV e TV Climatempo (Canal 102 da SKY), e sempre conta com personalidades importantes como André Trigueiro, José Goldemberg, Sandra Marcondes, Regina Duarte, entre outros. O trabalho dela pode ser conhecido em diversos sites da Internet, disponibilizados no final de nossa convers@.

Bere - Priscila, é um enorme prazer tê-la como nossa entrevistada desta edição da revista virtual EA em Ação. Acompanho há algum tempo sua trajetória e assisti a algumas entrevistas suas do Programa Fiscais da Natureza, todas importantes e esclarecedoras, focando diversos temas ambientais, todas excelentes e esclarecedoras. Vamos, então, à entrevista: Conte-nos um pouco sobre o sua trajetória até chegar no Fiscais da Natureza!

Priscila – Me perdi várias vezes até chegar à profissão certa que é jornalismo ambiental. Estudei por um tempo economia, comércio exterior e, finalmente, acertei quando decidi televisão. Fiz Rádio e TV na faculdade e quando eu editava pra outra emissora, fiz um “bico” em uma produtora ambiental e, ali, decidi que era o caminho que eu queria seguir: televisão com meio ambiente.

Bere - Como iniciou o Fiscais da Natureza?

Priscila – Em 2007 fui convidada a apresentar na AllTV e aceitei na hora, mas eu pedi um programa só pra mim, queria falar de meio ambiente. Bolei um projeto, apresentei pra AllTV e eles aceitaram. Não tinha nenhum programa que falava do assunto, na época, foi o primeiro de meio ambiente da web. Há quatro anos atrás, quase não se ouvia falar em sustentabilidade. Por muito tempo, ele foi um trabalho paralelo, porque o programa não se pagava, e eu tinha que me sustentar de outra forma. Eu produzia sozinha e apresentava o programa nos finais de semana, minhas amigas da faculdade me ajudavam com site, blog, produção e edição do programa. Tive muita ajuda no começo.

Bere - Como você seleciona seus entrevistados?

Priscila – Normalmente pelos assuntos que eu considero não esclarecidos para a sociedade. Há muito tempo se fala de meio ambiente, mas muita gente ainda não sabe por que não deve jogar lixo no chão, por exemplo. Acham que os garis servem pra isso e só assim manterão seus empregos. E ainda se vê muita gente jogando!

Bere - Das entrevistas realizadas, todas de muita importância, sem dúvida, tem alguma(s) que se destaca(m) por alguma peculiaridade ou fato inusitado, como o que aconteceu quando você entrevistava Ângela Rodrigues Alves?

Priscila – Que o papagaio voou nela? **(Bere - Sim, isso mesmo)** Foi tão lindo! As entrevistas sempre são diferentes, e todas ricas em conteúdo. Um fato inusitado que me vem agora foi quando eu fui entrevistar um jornalista que eu era super fã do trabalho dele, e no final da entrevista, ELE pediu pra tirar foto comigo, fiquei tão feliz!! Hahaha!

Bere - Nestes anos de experiência com as questões ambientais, das mais diversas, qual delas foi mais difícil para você?

Priscila – Eu amo o que eu faço e trabalho muito feliz, mas claro, muitas coisas são difíceis. Quando você vê derramamento de óleo e sabe o real impacto que aquilo tem pra fauna e flora, é muito triste. Quando você trabalha, trabalha e trabalha pra conscientizar algumas pessoas pra cuidarem das árvores da sua praça, aí vem um novo código florestal, que pode alterar tanta coisa na Amazônia, você se sente pequeno. Aceitar que existem pessoas ruins, que fazem tráfico de animais e judiam tanto dessas vidinhas.

Bere - E qual delas foi a mais incrível?

Priscila – Muitas, não cabem todas aqui! Quando entrevistei o pessoal do rancho dos Gnomos, um santuário que recebe animais maltratados de circos. Estava entrevistando ao vivo e passamos um vídeo de um leão que tinha passado sua vida toda em uma jaula e foi filmado sua libertação no Rancho. O primeiro contato que ele teve com a terra e o céu. Ele passou horas brincando com a terra e olhando para o céu. Eu não sabia a história do leão, fiquei sabendo no ar, fui pega de surpresa e cai em prantos, foi difícil voltar e manter a pose! Hehe Tem o vídeo da entrevista, vale a pena ver <http://www.youtube.com/watch?v=HTRZh7B9V6w>

Depois, conhecer o trabalho da Modclima, que sobem com avião até uma nuvem, carregam elas de água e fazem chover, descobrir os rios voadores, enfim, sempre muitas novidades, curiosidades e surpresas!

Bere - A maioria das pessoas não se sente parte do meio ambiente. Neste sentido, você acha a EA importante para mudar esta percepção?

Priscila – Sim! Muito!! Tudo a nossa volta é natureza, natureza transformada do nosso modo, com formas e cores, mas é natureza. Conscientização é fundamental, inclusive com ações educativas que promovam este reencontro de contato com a natureza.

Bere - Quais são as pessoas e os fatos que mais lhe inspiram para o seu trabalho com o meio ambiente?

Priscila – Meus pais, que sempre me levavam pra trilhas, cachoeiras, camping, fazendas com bichos e sempre faziam a sua parte e dos outros. Minha mãe sempre com sacolinha, recolhendo lixo dos outros em praia, trilha, mar, etc... Fatos: saber que quase tudo de ruim que acontece no planeta é causado pelo ser humano: extinção dos animais, de plantas, incêndios, poluição do ar, no mar, sonora.

Bere - Para você, o que há de mais urgente a ser resolvido em termos de problemas ambientais?

Priscila – Em curto prazo o novo código florestal. Enquanto outros países estão fazendo o inverso e reflorestando, nós estamos dando alvará para o desmatamento. E em longo prazo, a política que aprova mudanças sem ouvir os cientistas.

Bere - Escolha uma palavra para definir o seu trabalho e diga-nos por que.

Priscila – Fé, em acreditar que todos os problemas são somente fases.

Bere - Quais são seus projetos a curto prazo?

Priscila – Além de todos os programas que são produzidos semanalmente, estou apoiando e divulgando uma campanha super interessante da Abeaço, que trata do descarte correto das latas de aço. É um projeto legal porque as latas de aço podem ser aproveitadas, recicladas como as latas de alumínio. Ambos são minérios extraídos da natureza, e se houver conscientização podemos minimizar os impactos ambientais. É preciso divulgar isso às pessoas.

Bere - E a longo prazo?

Priscila – Estou me preparando para uma série de palestras em escolas, porque criança é o futuro e está aberta a informação. É uma plataforma branca muito interessante pra gente trabalhar, acredito que é uma das melhores contribuições que eu posso deixar.

Bere - Qual a importância do jornalismo para as questões ambientais?

Priscila – O jornalismo é fundamental! Uma empresa que já saiu na capa do jornal por contaminar o solo sabe o poder da mídia. O inverso também é verdadeiro. Bons exemplos também podem ser divulgados e copiados.

Bere - Como você vê a atuação do governo frente aos dilemas “Belo Monte” e “Código Florestal”?

Priscila – O governo não está olhando para o futuro, está buscando uma solução imediata para o aumento da produção agrícola e energética. No futuro, nossas matas farão falta.

Bere - Deixe uma frase, um pensamento ou uma ideia como mensagem para os(as) leitores(as) da revista EA em Ação, como incentivo:

Priscila – “É triste pensar que a natureza fala e que o gênero humano não ouve”. De Victor Hugo Obrigada, Bere! Admiro muito seu trabalho!

Bere – Priscila, muito obrigada, foi uma honra contar com sua entrevista para esta edição e te agradecemos por tua disponibilidade para nos responder (com pontualidade) num período com tantos compromissos a cumprir. Disponibilizamos os links para que nossos leitores possam conhecer o teu trabalho mais a fundo:

WebSite: <http://fiscaisdanatureza.com.br/>

Blog Fiscais da Natureza: <http://fiscaisdanatureza.blogspot.com/>

Link que apresenta vídeo das atividades de Priscila: <http://migre.me/6f6vd>

Link que apresenta vídeo da história do programa: <http://migre.me/6f50X>

SILVIA CZAPSKI

ENTREVISTA PARA A 39ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 11/03/2012

Apresentação – A entrevistada desta edição é a jornalista Silvia Czapski, que tem vasta experiência com as questões ambientais e com a EA propriamente dita, mas, deixo que ela mesma se apresente a vocês, queridos leitores:

Silvia – Apresentando-me: Sou jornalista, formada pela USP em São Paulo, com cursos de especialização na França e Inglaterra. Em meados dos anos 1980, ajudei a criar a Associação Ituana de Proteção Ambiental - AIPA, em Itu, e dei uma guinada em minha carreira, para o jornalismo ambiental. O tema não era moda (eramos os "ecochatos", sem espaço na chamada "grande imprensa"), mas propus o jornal Urtiga, da AIPA - como suplemento dos jornais ituanos.

Também pela AIPA saiu em 1988 o *Pequeno Guia para o Ecologista Amador*, que acompanhou a mostra "Renascente - Projeto de Recuperação Ambiental em Itu", realizada pelo SESC. Fiz o projeto e texto final da publicação, que ganhou 2 edições e muitas reimpressões, chegando a mais de 70 exemplares. Em 1998, a convite da professora Néli Gonçalves de Mello, que coordenava a área de EA do MEC, escrevi o livro "A Implantação da EA no Brasil", publicada por MEC/Unesco (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001647.pdf>).

Seguiram-se outros livros, sempre por encomenda e em paralelo à atividade jornalística. Aí, em 2011, estreei em editoras comerciais: "O Cavaleiro da Saúde", biografia de meu pai, Dr. Juljan Czapski, criador dos planos de saúde no Brasil e presidente da Aipa por mais de 20 anos, que faleceu em 2010 (Ed. Novo Século, com André Medici) e "Hortas na EA" (com Maria Celia Bombana, pela Editora Peirópolis).

Bere – Quando iniciou seu interesse pelas questões ambientais e como foi este processo?

Silvia – Olhando retrospectivamente, acho que meus melhores momentos da infância tinham relação com a defesa da natureza. Cresci ouvindo meu pai contar que, na fazenda onde nasceu na Polônia, eles plantavam duas árvores antes de cortar uma. E, quando eu tinha 5 cinco anos, meus pais compraram uma terra em Itu, que se tornou nosso destino dos fins de semana. Ficava junto a um raro trecho de Cerrado, ainda preservado no Estado de São Paulo.

Foi lá que me envolvi, décadas depois, com a questão ambiental. Conto isso - pelos olhos de meu pai - em "O Cavaleiro da Saúde": ele começou a cismar com a diminuição de animais nativos na região. Eu decidi ajudá-lo a encontrar o motivo. Usando minha prática jornalística, incitei especialistas visitarem o local, para dar um diagnóstico. E aí descobrimos algo que hoje muita gente acharia óbvio - quando a vegetação nativa é devastada, os animais começam a desaparecer. Na época, encantei-me com o tema, e a ideia da regeneração de uma área nativa. Me envolvi na criação da AIPA e abandonei minha carreira ascendente de assessora de imprensa na área empresarial, para abraçar a defesa do meio ambiente.

Bere – Tem alguém ou algum autor que você tenha se identificado dentro do universo ambiental?

Silvia - Não tenho gurus nessa área. De forma geral, prefiro ler livros que me abrem horizontes, inclusive de pensadores com os quais não concordo, pois posso refletir sobre os argumentos, buscando porquês nas entrelinhas e tirando minhas próprias conclusões. Desde que escrevi "O Cavaleiro da Saúde", passei a devorar biografias, sobretudo de cientistas e ambientalistas. Se foram escritas é por que foram pessoas que fizeram a diferença, cujas trajetórias são lições de vida.

Mas já apresentei muitos amigos com o *Papalagui*, um pequeno livro de Erich Sheurmann, lançado em 1920 na Alemanha, ainda muito atual. Como antropólogo, ele transcreve os discursos do chefe de Tuiavii, na Polinésia, sobre como ele vê o homem branco (papalagui) da Europa. Mesmo que o mundo tenha mudado muito no século 20, enquanto lemos, vamos enxergando como é esquisito e desnecessário o modo de vida consumista em que vivemos, descrito por Papalagui.

Bere – Desde o início de sua jornada para cá, quais os avanços que você percebe em relação à sensibilidade da sociedade para as questões ambientais?

Silvia -. Paulo Nogueira-Netto, que foi secretário nacional de Meio Ambiente por 13 anos, comentou, durante uma entrevista que fiz a ele, que qualquer criança dá bronca nos pais, reclamando que determinada atitude "não é sustentável". É verdade. Para quem ouvia, nos anos 1980, que ambientalistas são ecochatos, não lotam uma kombi, só querem "atrapalhar o progresso", parece um enorme avanço. Mas, ainda há enorme distância entre a teoria e a prática, a palavra e a ação. Usa-se a palavra, muitas vezes sem compreender seu sentido real. E, cada vez mais, o ambiente pede socorro.

Bere – Quanto você considera importante influenciar a juventude sobre a questão do meio ambiente?

Silvia – Claro que sim, assim como acredito ser pelo menos tão importante que a juventude engajada nesse tema busque influenciar os mais velhos.

Bere – Para você, a internet é uma ferramenta importante na divulgação da causa ambiental, nos dias de hoje?

Silvia – Trata-se de um grande veículo, que muita gente usa hoje como substituto a outros canais de informação, como jornais e revistas. Mas, como todo canal, trata-se de um espaço aberto (pelo menos até agora) em que qualquer um escreve o que quer. O papel da EA, portanto, além de sensibilizar a pessoa para o tema, é incitar a visão crítica, para que a pessoa saiba separar o joio do trigo e não engula falsos argumentos. Exemplo clássico - entre os recentes - é o dos grãos transgênicos, apresentados ao mundo por quem tem interesse econômico na produção como suposta solução para combater a fome, que ajudaria o meio ambiente pela também suposta redução no consumo agrotóxicos. Hoje, temos pesquisas mostrando que não é assim. Além do mais, o transgênico faz parte de uma fórmula da agricultura 100% mecanizada, baseada na monocultura, oposto da almejada diversidade da vida.

Bere - Qual a importância da EA na infância?

Silvia – É tudo, sobretudo se pensarmos que a maior parte das pessoas vive hoje em cidades. Pela mera observação de seu cotidiano, uma criança aprenderá que água vem da torneira, alimentos,

como leite, frutas, carnes, vêm das lojas, embalados e quase prontos para consumo. Se folhas caem de uma árvore na calçada, pode ouvir que são "sujeira", e não alimento de muitos bichinhos, e adubo para outras plantas que nascerão. Como se diz, é preciso conhecer, para amar e amar, para defender. A EA tem esse papel de sensibilizar, conscientizar e trazer o conhecimento de que tudo está conectado em nosso planeta Terra, por exemplo, a água que bebemos vem de rios que precisam ser preservados, com toda a vida de seu entorno, para nossa própria sobrevivência. Nesse sentido, não vejo EA como disciplina à parte, mas algo que deve estar embutido em cada ato de todos nós.

Bere - O que você pensa sobre as ações empresariais de EA?

Silvia – Antes de mais nada, são uma obrigação. Mas, mais uma vez, enfatizo a importância do olhar crítico, para que o que às vezes chamam de "EA", seja rejeitado quando se trata de uma "enganação ambiental", cortina de fumaça para problemas que estão por trás dos atos, ou "marketing verde sem lastro", como se diz a respeito de certas ações empresariais. Pois temos de discernir entre ações sérias, e outras nem tanto.

Bere - Qual o papel da mídia para auxiliar na EA?

Silvia – Todo jornalista é formador de opinião. Nesse sentido, queira ou não, é um educador informal. Portanto, também é educador ambiental. A impressão que tenho é que muitos não percebem essa força que têm. Pois, se soubessem, usariam melhor o instrumento da produção e difusão de notícias. Por outro lado, profissionais da comunicação refletem o que a sociedade lhes coloca. É papel dos educadores ambientais influenciarem profissionais da mídia, dando-lhes insumos, para que cumpram esse papel de amplificar a EA.

Bere - Você lançou, recentemente, o livro "Hortas na EA". Conte-nos como surgiu a ideia?

Silvia – Não se trata de um livro só meu, mas do resgate de um incrível trabalho de EA executado por mais de 15 anos pela equipe da AIPA, cujo carro-chefe foi o programa "Hortas Escolares Sem Agrotóxicos", desenvolvido em mais de 40 escolas e centros infantis de Itu, depois também escolas privadas, além de cursos e ações mobilizadoras para públicos de todas as idades. Limitações financeiras obrigaram-nos a encerrar essas atividades em 2006. Por isso ficamos felicíssimos quando o pessoal da Peirópolis se encantou com a proposta trazer essa experiência para um livro, que ficou lindo.

O resgate foi feito por mim, com Maria Célia Bombana - diretora de EA da AIPA - e consultoria de Marcelo Mattiuci, que era o coordenador de EA da associação. Temos ainda a apresentação de Juljan Czapski, e um prefácio de Carlos Alberto Ribeiro de Xavier.

Estamos super felizes com o entusiasmo dos leitores. De minha parte, encaro o livro como uma boa semente para espalharmos pelo Brasil afora o conhecimento que ganhamos com nossos erros e acertos. Tornou-se - como indica o texto da contracapa - um guia inspirador para implantar e manter hortas orgânicas em diferentes espaços coletivos (escola, comunidade, com a família), mostrando como explorar, de forma criativa, as infinitas possibilidades pedagógicas de cada fase de desenvolvimento das plantas.

Bere: Como o livro está estruturado?

Silvia – Na primeira parte, ensinamos o passo-a-passo de uma horta orgânica, indicando as atividades em que crianças podem participar, além de ensinar como plantar árvores e outras ações correlatas de EA. Tudo simples e gostoso de fazer.

Na segunda parte, há centenas de sugestões de atividades – testadas e aprovadas pela equipe de EA da AIPA e muitas vezes inventadas em Itu – para crianças de até 7 anos. A maioria seve para “crianças” de todas as idades.

Bere – Como é possível adquirir seu livro?

Silvia – Infelizmente, tanto o "Hortas na EA", quando "O Cavaleiro da Saúde" não estão disponíveis em todas as livrarias do país. Mas basta uma busca na internet, com título do livro e autoria, para encontrar em livrarias e encomendar. Hoje, até as editoras vendem diretamente a publicação - basta entrar nos links, que de quebra oferecem uma resenha.

* Hortas na EA :

<http://www.editorapeiropolis.com.br/livro/?id=264&tit=Hortas+na+educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental%3A+na+escola%2C+na+comunidade%2C+em+casa>

"O Cavaleiro da Saúde"

http://www.novoseculo.com.br/produtos_descricao.asp?lang=pt_BR&codigo_produto=464&codigo_marca=0

Bere – Qual é, para você, a maior contribuição que um trabalho com hortas pode oferecer às crianças?

Silvia – A horta orgânica, quando bem trabalhada com as crianças, é tudo para a EA. Crianças (e adultos) vêm a planta (ser vivo) nascer, crescer, frutificar, aprendem a transformar o fruto em alimento essencial para nós, seres humanos. Observam que o que sobra, quando volta à terra, ajuda a criar novas vidas. Ganham nova noção do tempo que leva para chegar ao amadurecimento e a colheita. Aprendem a se maravilhar com a diversidade da vida até nas mínimas coisas, como um simples torrão de terra, ou o entorno de uma plantinha no jardim. Notam que tudo está interligado e que a natureza devolve o carinho que lhe damos, fornecendo aquilo que precisamos para viver. São lições para nunca mais esquecer.

Bere - O que você acha da Política Nacional de EA e das ações governamentais em relação ao meio ambiente?

Silvia – O mais importante, no meu entender, é o fato de ter reafirmado a EA como fundamental, não como disciplina à parte, mas como componente em todos os processos de formação, formal ou informal. Diz-se que o Brasil tem leis que "pegam", e as que "não pegam". Ainda estamos na batalha, para que essa política seja de fato incorporada em nosso dia a dia.

Bere - Quais são seus atuais desafios? Algum novo projeto?

Silvia – O sucesso do livro das hortas, leva-nos ao caminho de produzir mais. Mas ainda é cedo para dizer, pois estamos gestando uma nova publicação. Só posso adiantar que qualquer opinião de nossos leitores, será super bemvinda, para que possamos traçar esse novo caminho.

Bere – Deixe uma palavra, uma frase ou pensamento para nossos leitores...

Gosto muito desse trecho de Sidarta, de Herman Hesse: *"Baixando-se, Sidarta apanhou uma pedra. Enquanto a sopesava com a mão, disse displicentemente: - Isto é uma pedra, mas daqui a algum tempo talvez seja terra, e da terra se transformará numa planta, ou num animal, ou ainda num homem. Em outra época, quem sabe, eu teria dito: "Essa pedra é apenas uma pedra. Não tem nenhum valor. (...) Hoje, porém, raciocino assim... Não lhe tributo reverência ou amor, porque ela um dia talvez possa se tornar isso ou aquilo, senão porque é tudo isso, desde sempre e sempre. E precisamente por ser*

ela uma pedra, por apresentar-se-me como tal, hoje, neste momento, amo-a e percebo o valor, o significado."

Mostra de um jeito lindo, que a evolução da vida na Terra é uma realidade. Vidas começam e acabam, espécies surgem e desaparecem. Mas, nosso atual modelo de produção e consumo, o que entendemos por progresso, está provocando mudanças numa rapidez nunca antes imaginada. Será que consumindo cada vez mais bens de consumo seremos mais felizes? Será que temos direito de criar novas formas de vida úteis só para o "bicho homem", sem conhecer nossa maravilhosa diversidade de vida na Terra e sem medir consequências de longo prazo para a vida no Planeta? Espero que os dois livros que lancei em 2011 contribuam para esse olhar crítico, mas positivo, por um mundo melhor.

Bere - Considerações finais...

Silvia - Temos os blogs: www.hortasnaeducacao.blogspot.com (Hortas na EA) e www.doutorjuljan.blogspot.com (O Cavaleiro da Saúde), e - sobre esse último - um filme homenagem de somente 7 min, lindo, que gostaria de recomendar, pois serve como uma espécie de trailer do livro: <http://vimeo.com/13531524>.

Para contato temos o e-mail hortasnaeducacao@gmail.com, que deixo à disposição, para receber dúvidas, críticas, comentários.

Bere - Silvia, agradecemos pelo compartilhamento de suas ideias e de sua experiência aqui nesta entrevista, que certamente será um incentivo para quem procura andar na direção da sustentabilidade ambiental. Li o livro Sidarta quando tinha 18 anos e trazer uma citação dele foi um verdadeiro presente que despertou meu desejo de lê-lo novamente. Foi um imenso prazer realizar esta entrevista e parabéns pelo seu trabalho e empenho pelo meio ambiente, muito obrigada!

PAULO ROBERTO DE SOUZA

ENTREVISTA PARA A 40ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 04/06/2012

Apresentação – O entrevistado desta edição é o Artista Plástico e Ambientalista Paulo Roberto de Souza, que atualmente desenvolve o Raku pra Lua Projetos, que utiliza a cerâmica como instrumento de EA. Ele mora em Porto Seguro/Bahia e vai contar para a gente um pouco do seu trabalho, dos seus desafios e de suas descobertas com os projetos desenvolvidos em Reservas Pataxós. Deliciem-se!

Bere - Paulo, recentemente tive a felicidade de conhecer o seu trabalho, a partir de uma rede social, o Raku pra Lua Projetos. Conte-nos como, quando e onde nasceu a ideia.

Paulo – Bem, eu morava em São Paulo e tinha uma vontade enorme de conhecer melhor e trabalhar na Bahia. Surgiu, então, a oportunidade de vir para a região de Porto Seguro e em 2009 eu conheci a Reserva Pataxó da Jaqueira. Fiz muitos amigos entre os Pataxós. Conheci primeiro Aderno Pataxó e o seu irmão Oiti Pataxó, que me apresentaram a Aldeia e sua história. Apaixonei-me pela floresta e pela cultura Pataxó, e descobri que poderia ajudar os artistas da comunidade com o meu conhecimento em cerâmica. Assim, desenhei um projeto de interações estéticas relativo a arte cerâmica e concorri ao edital na FUNARTE, em 2010. Fui premiado e então, realizamos o trabalho que foi super bem aceito pela comunidade.

Bere – Que bom o projeto ter sido contemplado, Parabéns! E como foi o processo de participar deste edital da FUNARTE, em termos de datas e de burocracia?

Paulo – Como todos os editais, extremamente burocrático. Vencida essa etapa (documentos, assinaturas e tramites iniciais) veio, então, a longa espera pela liberação do financiamento que atrasou, pelo menos, três meses. Fomos premiados em 2010 e a liberação da FUNARTE para o trabalho só aconteceu em 2011. Foi ótimo ser premiado. Com essa iniciativa conseguimos colocar a cerâmica Pataxó de novo entre as práticas ancestrais da aldeia, preservando essa cultura imaterial (saberes e fazeres).

Bere – O que significa Raku?

Paulo – Raku é uma técnica de queima da cerâmica. Essa técnica foi desenvolvida no Japão, por volta do ano de 1600, e era associada à cerimônia do chá. Consiste numa queima onde a cerâmica é esmaltada ou não e aquecida ao ponto de fusão do esmalte, ou até 1200 graus. É retirado ainda incandescente do forno e passa a uma atmosfera de redução (balde ou tambor com serragem). Nessa etapa a temperatura, o oxigênio e o pó de serra fazem a sua mágica e conferem a cada peça uma coloração e um efeito únicos quando esmaltados. As peças sem esmalte ficam completamente pretas. Esta técnica é também associada à confraternização e à reunião feliz entre as pessoas.

Bere – Como é trabalhar com os indígenas?

Paulo – É sempre muito gratificante. A cultura é fascinante e tem sido um grande aprendizado conviver com os Pataxó.

Bere – Como foi o relacionamento deles, com você, no início do projeto?

Paulo – Foi de total empatia. Na verdade a comunidade queria muito resgatar esse saber e fazer ancestral. É claro que um não índio na aldeia gera uma certa curiosidade. Mas, desde o início nós tivemos uma empatia natural e recíproca. Com o desenvolvimento do projeto, principalmente as crianças, se dedicaram de uma forma surpreendente, e as coisas foram acontecendo. Os adultos também participaram, e então, a criação e a execução ganharam ritmo e a nossa expectativa foi superada muitas vezes com os trabalhos realizados por todos.

Bere – Nossa, deve ser mesmo uma experiência gratificante e emocionante! Quais foram os maiores desafios para a implantação do projeto em relação ao povo Pataxó?

Paulo – Fazer a diferença com pouco dinheiro. É um desafio que a gente enfrenta ainda, a falta de investimentos. Estamos tentando agora, junto aos órgãos competentes, conseguir incentivos para dar sequência a essa recuperação da arte cerâmica Pataxó.

Bere – Qual é a abrangência do projeto, em se tratando de seus objetivos?

Paulo – Inicialmente era só uma troca estética e localizada na aldeia da Jaqueira. Hoje, depois dos resultados iniciais, que foram muito além da expectativa, toda a comunidade Pataxó da Costa do Descobrimento anseia por usar a arte cerâmica como alternativa para seu artesanato.

Bere – É sempre maravilhoso superar expectativas em nossos projetos. Você já me disse que, para tudo isto, o que fazem a verba é pouca. E a FUNARTE não pode lhes dar mais recursos, ou precisa participar de novo edital?

Paulo – É preciso participar de outro edital (coisa que estamos fazendo). Não há, nem havia, previsão nenhuma de continuidade por parte da FUNARTE. Na verdade, essa ação era apenas de interação estética, mas deu tão certo que a comunidade pediu a transformação em um projeto permanente. Atuando como voluntário a gente fica muito limitado. Eu gostaria de poder fazer muito mais, só que para isso é necessário um financiamento.

Bere – Como você percebe, na prática, a relação deles com o meio ambiente?

Paulo – A concepção do projeto tem tudo a ver com preservação. A matriz do artesanato Pataxó da Costa do Descobrimento é a madeira. Sementes, penas e algumas fibras naturais também fazem parte dessa matriz, mas a madeira é de longe a mais explorada. Isso, no cenário de risco iminente que corre a Mata Atlântica, é muito sério. A cerâmica é uma opção ao uso da madeira e um importante instrumento de EA. Os quatro elementos da natureza são manipulados, ao extremo, na prática da cerâmica: água, terra, fogo e ar... Todos juntos para a magia da cerâmica!

Bere – Quais são, para você, os principais ensinamentos que tens recebido, a partir desta relação?

Paulo – Foram muitos e diários. Uma das lições mais importantes para mim, que já era uma prática na minha família, é o respeito aos mais velhos e pelos seus ensinamentos. Sem as lições da anciã da aldeia, dona Takwara Pataxó, nosso trabalho não teria acontecido.

Bere – Nossa, que lindo isso, Paulo! E como eles passam os seus ensinamentos para os Pataxozinhos?

Paulo – Através do mais absoluto respeito e do exemplo. Eu nunca vi um pai ou uma mãe gritar, ameaçar ou bater num filho. E nunca vi um filho Pataxó desrespeitar a mãe ou o pai ou mesmo um mais velho. Pelo contrário, até as crianças se respeitam dessa forma: os mais velhos dão exemplo aos mais jovens. Incrível como uma atitude simples assim pode fazer uma diferença enorme nas gerações... Um aprendizado e tanto para nós, não índios.

Bere – Conte-nos algum (ou alguns) fato inusitado ou que tenha lhe marcado nesta experiência?

Paulo – Muita coisa legal aconteceu e acontece dia a dia na aldeia. Quando a gente reúne gente com arte só dá coisa boa, mas nem tudo são flores numa aldeia indígena, principalmente com relação à infra estrutura. Um fato que marcou a todos foi o que aconteceu a uma das minha alunas, uma indiazinha muito esperta chamada Aponahy. Na aldeia não tínhamos (até agora ainda não temos) água potável. Somos abastecidos por um rio, que infelizmente está poluído. Foi cavado um poço profundo recentemente, mas até abril (2012) não havia sido instalada a bomba desse poço. Acontece que todos são obrigados a utilizar a água disponível e Aponahy contraiu uma verminose super agressiva, que perfurou seu intestino. Ela chegou a ficar hospitalizada em estado grave, correndo risco de morte. Muito foi feito, várias cirurgias (ela ainda está em tratamento) no intento de salvar a vida daquela criança, que graças a Tupã, está bem, mas nos deu um susto bem grande. Essa luta pela vida a gente acompanhou bem de perto, e se por um lado a gente conheceu a união e a solidariedade entre os Pataxó da aldeia, por outro lado, nos revoltou o descaso dos órgãos competentes (FUNAI < FUNASA) para com os indígenas.

Bere – Como os indígenas percebem a vida urbana e quais as suas relações com as tecnologias como televisão, rádio, computador, telefone?

Paulo – Isso é muito tranquilo na aldeia. A maioria das pessoas mora em Coroa Vermelha, que é uma aldeia “urbana” com todos os benefícios e malefícios da cidade. Os mais velhos usam a tecnologia com mais reservas e maior dificuldade, mas os mais jovens usam e abusam dessa mesma tecnologia, igualzinho aos não índios.

Bere – Para você, qual é a importância da cultura indígena?

Paulo – É a base da nossa cultura. Deve ser preservada a todo custo. Ela nos ensina, entre outras coisas, importantes lições de simplicidade e pleno respeito à vida (todas as formas de vida).

Bere - Paulo, esta sua experiência representa um grande resgate, além do respeito às culturas indígenas, parabéns! E pelas peculiaridades deste projeto bem que poderia ser replicada para outras aldeias, diante do sucesso apontado nas suas narrativas. Em nome da revista EA em Ação quero agradecer pela sua disponibilidade em compartilhar sua maravilhosa experiência com esta publicação. Muito obrigada!

E para quem quiser saber mais, fica aí o link para o blog do projeto Raku pra Lua:

<http://www.rakupraluaprojetos.blogspot.com.br/>

EDUARDO SEJANES CEZIMBRA

ENTREVISTA PARA A 41ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 03/09/2012

Apresentação - O entrevistado desta edição é Eduardo Sejanos Cezimbra, Dentista comunitário, homeopata, terapeuta floral e hipnólogo habilitado pelo CFO - Conselho Federal de Odontologia em práticas integrativas e complementares. Além de tudo isto, Eduardo é Facilitador da *RETRANS - Rede Transcultural Holista Tecendo - Redes Vivas pela Cura de Gaia*, desde 2001. E foi da *RETRANS* que capturei sua apresentação pessoal, que já nos conta um pouco da sua trajetória:

Eduardo Cezimbra - Tenho 53 anos de vida, natural do Alegrete, cidade localizada na região da Campanha do RS (a Pampa gaúcha), onde vivi por 17 anos. Graças à biblioteca da minha escola pude ampliar minha visão de mundo, por isto sou muito grato aos livros, que me permitiram saber que há mais mistérios entre o céu e a terra do que supúnhamos os alegretenses, isolados naquele pampa aberto, fustigado pelo vento minuano. Graduei-me em Odontologia na UFPel (julho de 1983) e sempre brinco em minhas palestras, dizendo que são 30 anos deformado e que fui me reformando e me *desdoutorando* com as terapias alternativas que comecei a praticar e estudar graças ao empurrão de amigos e até de desconhecidos que chegavam para mim e diziam: “Vamos almoçar na macrobiótica?; Porque não fazes Homeopatia?; Lê este livro de Biocibernética Bucal!, etc. Agradeço, de coração, a todos eles que me deram estes valiosos toques! Detalhe: não foram dentistas. Após isto, comecei a valorizar demais estes grupos de estudo e encontros com pessoas das mais variadas atividades, em um mesmo espaço e tratando de um ou vários temas de interesse comum, a exemplo da Homeopatia, onde estudamos juntos, um veterinário, uma psicóloga, duas farmacêuticas e um médico, e o quanto isto foi importante para a minha transformação pessoal e profissional. Surge daí o IPETRANS e suas reuniões transdisciplinares e holísticas, que originou esta rede de Amigos por afinidades e reciprocidades, como podemos desfrutar nos diversos grupos que tenho a maior honra e satisfação de facilitar. Ou melhor, facilitar-nos! E, venha visitar-nos na Casa Verde Veludo, Estação Biorregional do IPETRANS em Belém Novo, às margens do Rio/Lago Guaíba, Porto Alegre, RS, Brasil.

Bere Adams - Adorei ler na sua apresentação a importância dos livros em sua vida. Eles são, sem dúvida, passaportes para descobirmos que o mundo é bem maior do que podemos imaginar, e isto amplia nossa visão dando um sentido maior à vida, alcançando a imensidão do universo. Você fala, também, de um processo de “desdoutoramento” quando você se iniciou nas terapias alternativas. O que você sentiu, de mais significativo, quando ingressou para esta visão holística, tendo (como a maioria de nós) uma formação tão fragmentada?

Eduardo Cezimbra - A abordagem transdisciplinar e holística foi-me apresentada pelo curso de Homeopatia que comecei em 1992, e que conto na minha apresentação. Para mim, que vinha de um curso da área da saúde extremamente tecnicista, foi um salto de consciência imensurável e um resgate de tudo que a literatura, a arte, o cinema e a poesia tinham me apresentado. Aquela sensação de frustração, que me abatia depois de um dia inteiro entre as quatro paredes de um consultório dentário, foi substituída por uma satisfação de poder novamente descerrar as cortinas que a deformação tecnicista tinha fechado sobre minha visão de mundo.

Bere Adams – Pode-se, então, afirmar que uma abordagem holística pode ampliar horizontes e trazer maior significação e satisfação para a vida, de uma forma geral? Para quem não está acostumado com o termo “holístico”, como você o define?

Eduardo Cezimbra - Sim, uma abordagem holística te permite ter uma maior amplitude na tua cosmovisão, pois integra a parte ao todo. Holística deriva de *holos*, que significa *todo, inteiro*, portanto, holística é a totalidade integrada de um fenômeno. Podemos dizer que é maior que a soma de suas partes.

Bere Adams – Qual a importância da Homeopatia para os tratamentos de saúde, e qual a associação que você faz da Homeopatia com as questões ambientais?

Eduardo Cezimbra – A Homeopatia tem uma importância primordial para a promoção da saúde em sua totalidade, lado a lado com as medicinas tradicionais orientais e as nativas. Faço esta ligação direta entre as terapias holísticas e as questões ambientais em minhas palestras e artigos. Isso se deve à visão de mundo destas tradições, que não separam a realidade em partes e que tem consciência da interligação de todas as formas de vida com o planeta e o universo. Assim, qualquer tratamento, seja uma cirurgia, medicamento ou psicoterapia, sempre age na totalidade do indivíduo, quer admitamos ou não. Da mesma forma, qualquer agressão local ao meio ambiente provoca desequilíbrios em todo o planeta, como atualmente podemos constatar em diversas regiões vitais do Planeta, como as florestas, principalmente a Amazônica, as calotas polares e os oceanos.

Bere Adams – É possível dizer que a Homeopatia trata das causas dos problemas de saúde ou ela, igualmente à Alopatria, trata apenas os sintomas? Se é que é possível, trace um rápido paralelo entre estas estas formas de tratamento.

Eduardo Cezimbra - A Homeopatia Unicista busca tratar as causas profundas, o que é digno de cura no indivíduo doente. Já a Homeopatia Organicista trata os sintomas, sempre buscando os modos característicos de adoecer. A Alopatria atua suprimindo ou bloqueando os sintomas através do princípio do contrário, enquanto a Homeopatia trata a partir do princípio do semelhante, a partir da experimentação no ser humano sadio. Vale destacar que, nestes tratamentos sintomáticos, a Homeopatia age até 3 vezes mais rápido do que a Alopatria.

Bere Adams – Vejo, pelas redes que participamos juntos, uma forte atuação sua nos movimentos e ações socioambientais. São movimentos pela defesa das florestas, pela defesa dos povos indígenas, entre outros. Recentemente tivemos a Rio + 20, que foi muito criticada por não alcançar os objetivos propostos. Qual é, para você, o maior legado destes movimentos e destes eventos que a mídia insiste em desvalorizar e menosprezar (com raras exceções)?

Eduardo Cezimbra – Para mim, um dos maiores legados destes movimentos e eventos é a conscientização de que todos temos que fazer a nossa parte, sem esperar apenas pelas decisões governamentais e que juntos, em redes de cooperação, temos condições de alcançarmos nossos propósitos de cura da terra.

Bere Adams - O ideal é viver na prática aquilo que acreditamos e pregamos, mas nem sempre conseguimos isto, por diversas razões. O que, para você, é mais difícil de ser praticado, em relação às atitudes sustentáveis?

Eduardo Cezimbra - É a questão economicista, ainda baseada na cultura da escassez e da dependência ao dinheiro que estimula o individualismo e o "salve-se quem puder".

Bere Adams - Realmente os contextos culturais nos quais estamos inseridos revelam uma forma de vida predatória, fragmentada, excludente e elitista. Precisamos mudar isto! Você concorda que uma das maiores dificuldades que o ser humano tem é a de mudar hábitos e atitudes? Se sim, comente um pouco, por gentileza, sobre sua visão em relação a esta dificuldade.

Eduardo Cezimbra - Constatamos que os hábitos e atitudes são moldados pelo *zeitgeist*, o espírito de uma época, e a nossa época é decididamente influenciada pela "falsa religião do progresso", como diz Konrad Lorenz, levando "a demolição do homem", a partir da perda de suas características mais humanas, em especial, a sua capacidade de auto-sustentabilidade e a dependência excessiva de especialistas, seja na saúde, educação, cultura, alimentação, habitação, etc. Isso tudo muito manipulado pelos meios de comunicação de massa.

Bere Adams - O que você pensa sobre a EA quanto a sua inserção em todos os espaços sociais?

Eduardo Cezimbra - A EA contribui muito para que alcancemos uma visão holística, necessária para sairmos dos breques setoriais que dividem e governam nossas atitudes e objetivos.

Bere Adams - Como você lida com as questões tão contraditórias que nos rodeiam, como por exemplo, falar em excluir ou diminuir o uso de carnes para uma população que tem a carne como prato principal em suas comidas tradicionais (churrasco, galetos, salsichão...)?

Eduardo Cezimbra - Vejo como uma questão de saúde pública, quando a carne é originária de nossos campos, e se faz a correlação do seu consumo excessivo com câncer e doenças cardíacas. Já, esta carne obtida pela destruição do Cerrado e da Floresta Amazônica, é um crime ambiental, e como tal, deveria ser tratado.

Bere Adams - A forma como a maioria das pessoas se alimenta é um sério problema que também está ligado às questões ambientais e pouca gente consegue fazer esta associação, infelizmente. Além dos problemas de saúde física, esta má alimentação também causa problemas de ordem psíquica, tornando as pessoas nervosas, irritadas e deprimidas. A depressão, atualmente, atinge desde crianças, até idosos. O que você recomenda, além de mudanças na alimentação, em termos de atitudes, para que as pessoas se sintam mais integradas e mais alegres?

Eduardo Cezimbra - Muito destes sintomas influenciam a escolha dos alimentos. Na Homeopatia se pergunta aos pacientes a quais alimentos estão tendo aversão ou desejo, pois ajuda muito a descobrir que emoção está desequilibrada. Por exemplo, o medo aguça o desejo de sal, assim como a preocupação desperta o desejo de doces, e assim com todos os sabores. Aliás, em todas as medicinas tradicionais, como a medicina chinesa e a ayurveda, esses desejos e aversões são sempre considerados.

Bere Adams – O que você indica para se ter uma vida mais saudável?

Eduardo Cezimbra – Para a grande maioria da população mundial, espremida em megalópoles, fica difícil, muito difícil ter uma vida saudável. O que se pode recomendar é procurar se desintoxicar cotidianamente com própolis verde, homeopatia, florais e acupuntura, incluo aqui o do-in e, óbvio, uma alimentação sem agrotóxicos, saudável e diversificada.

Bere Adams – Em quem você se inspira para buscar um mundo melhor?

Eduardo Cezimbra – Na Mãe Terra e na espiritualidade como sentido e propósito de vida.

Bere Adams – Como você aplica a sustentabilidade no seu dia a dia, em sua casa e em seu trabalho?

Eduardo Cezimbra – Sustentabilidade no meu dia a dia é dispensar os apelos da propaganda e a pressão social e política para o consumismo, e procurar viver com muita simplicidade, sem se endividar e sem desperdício.

Bere Adams – Agora, antes de encerrar esta entrevista, indique os links (endereços eletrônicos) para que as pessoas possam conhecer mais sobre você, seu trabalho, e o trabalho na RETRANS-Rede Transcultural Holista, e também para fazer contato:

Eduardo Cezimbra -<http://transnet.ning.com/>
<http://www.facebook.com/eduardo.sejanesczezimbra> e <https://twitter.com/EduCezimbra>

Bere Adams – Finalizando, então, deixe um recado para nossa equipe e para todas as pessoas que prestigiam esta publicação, por gentileza:

Eduardo Cezimbra – Prossigamos cada vez mais juntos, tecendo as nossas redes de saberes e cooperação, pela Cura da Mãe Terra! Grato por tudo!

Bere Adams – Prezado Eduardo, foi um prazer realizar esta entrevista com você e conhecer mais a fundo seu trabalho e sua visão em relação às questões tratadas. Agradeço, em nome de toda equipe da revista, por sua disponibilidade de compartilhar sua experiência conosco, que certamente dá um brilho todo especial para esta edição, muito obrigada!

SUCENA SHKRADA RESK

ENTREVISTA PARA A 42ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 18/12/2012

Apresentação – A entrevistada desta edição é Sucena Shkrada Resk, que é jornalista e que merece destaque por sua forte atuação e por focar assuntos relevantes da nossa realidade, principalmente os ligados às questões ambientais, temas fundamentais, que precisam ser discutidos constantemente com toda a sociedade. Sucena é formada em Jornalismo, pela PUC-SP, há 20 anos, com especialização lato sensu em Política Internacional (1998) e Meio Ambiente e Sociedade (2009), pela FESPSP. Além da sua forte atuação nas redes sociais e grupos de discussão da Internet, ela mantém o Blog Cidadão do Mundo (<http://www.cidadaodomundo.blogse.com.br/>), onde publica seus artigos de opinião, incentivando reflexão e criticidade acerca dos temas abordados. Vamos ter o prazer de conhecê-la com mais profundidade a partir desta entrevista.

Bere – Sucena, início esta entrevista perguntando-lhe quando começou o seu interesse pelas questões ambientais, em sua carreira como jornalista?

Sucena – O meu interesse ou sensibilização começou desde o início de minha carreira, há 20 anos. Ao atuar em uma rede de jornais de bairro, em São Paulo, como repórter, via nos problemas e iniciativas cotidianas vivenciadas pelas comunidades com relação ao meio, à gestão pública e iniciativa privada, um laboratório “vivo”, que vinha ao encontro de meus questionamentos sobre a dificuldade de melhoria da qualidade de vida, com as quais me deparava como profissional e cidadã... Inconscientemente, já tendia a me aproximar de temas sobre justiça socioambiental. Nos anos seguintes, essa identificação cresceu, de forma mais amadurecida, por meio das pautas que defendia e gostava de realizar em diferentes veículos que atuei. Mas, de forma mais sistemática, a partir de 2008, quando comecei a escrever de forma mais assídua (como jornalista colaboradora em site e revistas) sobre o tema e me aprofundar nas pesquisas sobre a área socioambiental. Nesse período, também dei início, de forma regular, aos artigos no meu Blog Cidadãos do Mundo e no ano seguinte fiz a pós lato sensu em Meio Ambiente e Sociedade. Uma necessidade de absorver mais conhecimentos, que mantenho até hoje.

Bere – Para você, qual é a importância da informação ambiental para a educação?

Sucena – A informação (ética, no sentido de não tendenciosa/mascarada) socioambiental possibilita a escolha a qualquer ser humano, de como agir de forma individual e coletiva, verificar a responsabilidade de seu papel na engrenagem do espaço local ao planeta. Isso é elementar, pois quando ignoramos, a probabilidade de errar é muito maior. Acredito que é um estímulo à proatividade, mas a execução cabe ao livre arbítrio de cada um. A informação não está dissociada do processo de conhecimento (com dados frios, reflexivos, cognitivos...). Para que o mesmo seja difundido, no entanto, é necessário que haja diferentes meios de comunicação para atingir uma parcela maior de pessoas. Nesse aspecto, defendo que a pluralidade de plataformas seja constante – desde o “cuspe e giz”, até as redes sociais. A educação, ou melhor, a facilitação para a autonomia se dá pela educação formal, não-formal e informal. Dessa forma, não pode ser elitizada. Acredito na proposta da educomunicação, que propõe a autonomia das pessoas, o protagonismo de capacidade

de expressão num espaço educativo, que utiliza as informações e meios (ferramentas) nesse processo (rádios e jornais comunitários, blogs...)

Bere - Em sua trajetória, quais foram, (ou são) as suas maiores dificuldades enfrentadas ao lidar com a informação ambiental?

Sucena - Há inúmeros fatores. De forma resumida, tento ter um cuidado constante com as fontes (credibilidade das mesmas), apuração dos fatos, tendo em vista que nada está isento de interesses, além de barreiras impostas por burocracias do sistema ou até falta de informações precisas mesmo. Com o passar do tempo, vejo como profissional de imprensa e de comunicação, que preciso, também, me policiar para não ser influenciada por “paixões” por causas e acreditar piamente no rótulo de “mocinho e bandido”, pois nenhum dos lados está isento de ter pessoas ou organizações éticas e não-éticas. Utilizo, como princípio básico, os direitos elementares; se os mesmos são ou não respeitados, mesmo assim, é possível me enganar. O que torna a informação socioambiental mais complexa é que está atrelada, de forma transversal, a tudo. Há várias vertentes: casos positivos (estímulo), denúncias, acompanhamentos de temas permanentes (biodiversidade, mudanças climáticas...), que envolvem o cidadão comum, a gestão pública, movimentos socioambientais, de organizações privadas... Há um leque enorme nesta seara, porque há diferentes atores envolvidos. Esse é o estado da realidade do mundo, que não podemos perder de vista.

Bere - Como você compreende o conceito de sociedade sustentável e o que mais dificulta sua construção?

Sucena - Uma sociedade sustentável, por princípio, é humanitária, equilibrada no uso de recursos e consumo, e que proporciona qualidade de vida. Portanto, não pode alimentar desigualdades. Sendo assim, ainda não existe, na minha avaliação. A desigualdade se dá por ideologias e comportamentos mecanicistas, em que não há humanização nos processos e acarretam resultados generalistas, que não enxergam os detalhes. Alguns dos recortes principais, em minha opinião, para se enxergar essas disparidades, podem ser encontrados na situação da saúde ambiental e no modelo de produção e consumo. Portanto, para se entender o conceito (que é algo em construção), é um aprendizado constante, diário, que levará ainda muito tempo para ser absorvido pela humanidade, e exige comprometimento de cada um de nós. Acredito que as modificações começam por nosso próprio comportamento cotidiano, nas nossas casas e por escolhas de práticas que envolvam o coletivo. Por exemplo, algumas pessoas são voluntárias em causas e descobrem o “valor” disso em sua evolução como pessoas. Parece algo banal, mas não é. Eu optei por ingressar em atividades na militância do mídia livrismo e de Agenda 21 da cidade onde moro, entre outros. São exercícios de aprendizado, onde você começa a enxergar o outro e como a sua atitude reflete no todo. Quando se trata da gestão pública, em geral, o olhar também deve ser ampliado. O que se espera é que a base, o elementar, seja consistente, para que o restante também siga o mesmo caminho. Como exemplo, uso o saneamento básico. Sem acesso e qualidade, todo o restante se torna frágil ao se falar de sustentabilidade. Mais um ponto desestruturador é a privação à educação de qualidade, porque nos afasta do primordial: o direito consciente de escolha e ação.

Bere - Quais mudanças significativas você percebe no jornalismo brasileiro em relação à forma de lidar com as questões ambientais?

Sucena - Há um avanço nas últimas décadas, mas ainda é preciso muito mais, por uma simples questão. Vivemos em um modelo de desenvolvimento que é esquizofrênico, no sentido do entendimento das prioridades das questões socioambientais, e, conseqüentemente de sustentabilidade, que são transversais. Alguns veículos da grande imprensa, por exemplo, mantêm

setoristas, principalmente para as pautas (macro e permanentes), há outros especializados que lutam por manter patrocínios e ao mesmo tempo, que não intervenham no conteúdo editorial, com textos mais reflexivos. Há outra vertente, que são as redes de comunicação compartilhada, mídia livristas, que atuam de forma colaborativa (sem remuneração). Também colaboro em algumas. É indiscutível que o jornalismo socioambiental está na agenda, de forma implícita ou não, mas requer capacitação contínua de todos nós que trabalhamos no segmento. Existe a Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais (RBJA) e a Rede Brasileira de Informação Ambiental (Rebia) - das quais participo -, que são alguns dos fóruns de discussão entre profissionais e interessados nas áreas. Mas, no fundo, compreendo o seguinte: o mais importante é que, de forma cada vez mais amadurecida, tratemos da temática socioambiental em todas as editorias, pois tudo está interligado. Excesso de fragmentação é dispersivo.

Bere – Raramente as matérias e notícias sobre o meio ambiente são positivas. Como você percebe esta situação?

Sucena – Essa realidade reflete o nosso modelo de desenvolvimento predatório, certo quadro de insatisfação, que vivemos na sociedade contemporânea, associado a eventos extremos em muitas situações, e o caos nos centros urbanos. Por isso, os exemplos positivos acabam sendo submersos nessa avalanche. Ao mesmo tempo, é o termômetro da deficiência das relações, tanto no âmbito internacional, como no nacional, para se efetivar avanços em negociações ou efetivações de compromissos firmados. O pano de fundo é o jogo do poder envolvido nas relações geopolíticas.

Bere – Qual é a sua experiência com a EA?

Sucena – De forma direta, como docente no módulo de EA em curso técnico em Meio Ambiente, em São Paulo, entre maio de 2009 e agosto de 2011, e na realização de palestras, como fiz em junho deste ano, na instituição, sobre a questão das águas na Rio+20; como também em encontros de educomunicação. Como comunicadora, também compartilho conteúdo sobre EA em diferentes grupos afins em redes sociais, além de escrever artigos em meu blog.

Bere – Há algum momento que se destaca e se tornou inesquecível ou significativo, em sua carreira?

Sucena – São vários momentos. Mas o que mais mexe comigo são as experiências com povos tradicionais e eventos de mobilização socioambiental. Destaco, nos últimos anos, participações como cidadã e jornalista, em fóruns sociais mundiais em Belém e Porto Alegre, no da Pan-amazônia, em Santarém, PA; na Rio+20, no Rio de Janeiro; viagem com equipe do Projeto Saúde e Alegria a comunidades do Tapajós e à aldeia Aweti, no Xingu, entre tantos outros momentos gratificantes. Como também, entrevistas com personalidades que respeito, como o professor Ignacy Sachs, Boaventura de Sousa Santos, os já falecidos Orlando Villas-Bôas e Aziz Ab`Saber, entre tantos outros.

Bere – O que mais lhe inspira neste trabalho?

Sucena – A minha motivação é conseguir, por meio do trabalho, exercer meu papel social, no final das contas, ser útil. Não consigo separar uma coisa da outra. É preciso dar sentido ao que a gente faz nessa vida, seja em qualquer profissão, não é?

Bere – Concordo, Sucena! Um trabalho que envolve corpo e alma na busca pelo bem comum, por vezes é difícil, mas é extremamente gratificante e amplia o significado de nosso viver. E qual é, para você, a importância das redes sociais para o seu trabalho?

Sucena – São ferramentas úteis para multiplicar e obter informações, promover diálogos, conhecer pessoas de interesses afins de outras localidades, aprofundar networkings. Têm um “time” mais rápido do que outras plataformas. Em muitas situações, os chamados processos virais (tanto para o bem, como para o mal), por isso, a checagem é importante em qualquer circunstância. Mas, não substituem outros meios, acredito que têm papel agregador. Um cuidado permanente que tento ter é evitar que o seu uso restrinja cada vez mais o corpo a corpo, o contato pessoal, que é imprescindível nas relações humanas e no exercício do jornalismo e da educomunicação.

Bere – Como você avalia, resumidamente, a atuação do governo em relação às principais questões ambientais?

Sucena – É uma relação complexa, em que há interesses diversos em jogo, devido à linha adotada de desenvolvimento, que ainda tem a métrica do Produto Interno Bruto (PIB).

Bere – Para finalizar, deixe uma frase, uma palavra, uma poesia ou uma ideia para compartilhar com os/as leitores/as da revista eletrônica EA em Ação:

Sucena – Ter amor por aquilo que se faz é algo que nos fortalece diante das dificuldades na trajetória da vida.

Bere – Sucena, agradeço, em nome de toda equipe, pela sua disponibilidade em participar desta edição da EA em Ação. Sua trajetória é um exemplo de exercício de cidadania e fiquei muito feliz por poder compartilhar sua experiência nesta publicação, parabéns, e muito obrigada!

**Para contatos com Sucena Shkrada Resk: sucenaresk@yahoo.com.br
Blog Cidadão do Mundo - <http://www.cidadaodomundo.blogse.com.br>**

VITOR SCHMID

ENTREVISTA PARA A 43ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 13/03/2013

Apresentação: O entrevistado da 43ª Edição da nossa revista é Vitor Schmid. Ele é idealizador da instituição PetPista, que tem por objetivo auxiliar a encontrar animais de estimação perdidos, além de incentivar adoções. A ideia é no mínimo ousada e reflete uma grande preocupação com animais perdidos. Vitor é natural de São Paulo e atualmente reside nesta mesma cidade. Economista formado pela Universidade de São Paulo, atualmente se dedica integralmente ao PetPista.

Bere – Vitor, é um prazer tê-lo como nosso entrevistado e desde já agradeço pela sua disponibilidade em colaborar com esta publicação. Para começar, comente um pouco sobre como surgiu a ideia de criar o PetPista:

Vitor – Bere, é uma grande satisfação poder participar desta entrevista na EA, uma revista preocupada com mudanças socioambientais importantes e necessárias para o nosso mundo.

A ideia do PetPista surgiu no final de 2011 e se fortaleceu com o desaparecimento do cachorro de um velho amigo meu. Nesta particular ocasião, pude notar que a solução a que se dava ao desaparecimento de um animal era uma resposta atualizada, mas não inovadora, de uma solução antiga: o simples anúncio de animais, o que chamo de “panfletagem virtual”. É como se houvesse dois postes virtuais, um no qual se colocam todos os anúncios de perdidos e no outro, os de achados, sem que ocorra qualquer comunicação entre eles. Embora isso até ajude, pensei que poderia criar um novo modelo de busca inteligente o suficiente para lidar, de maneira ótima, com qualquer tipo de informação, e estimulante o suficiente para que todos, amantes de animais ou não, participassem. Evidentemente esse modelo deveria considerar, também, o poder multiplicativo das redes sociais. Sob estas premissas, surgia um primeiro esboço do PetPista.

Bere – Qual é a sua ligação com animais?

Vitor – Os animais sempre foram grandes companheiros meus em momentos bem decisivos de minha vida. Aos 18 anos vendi os poucos bens que possuía no Brasil e comprei uma passagem só de ida para a Áustria, onde aluguei um quarto na casa de uma professora. Morávamos eu, a filha desta professora, uma colega sua e mais três gatinhos, que passaram a ser os meus grandes e únicos amigos naquele país até então desconhecido. Um dos dias mais tristes de minha vida foi quando um vizinho nosso bateu à porta com uma pá e um saco plástico em sua mão. Ele havia encontrado um dos gatinhos mortos e queria a minha ajuda para enterrá-lo. Foi quando me dei a real conta da falta que podia fazer um verdadeiro amigo.

Pouco tempo depois, comecei a servir o exército daquele país em um de seus locais mais frios. Como não tinha qualquer moradia própria e já não podia pagar pelo aluguel do quarto onde morava, passei a ser o único soldado a, literalmente, morar no quartel (até em dias sem serviço militar). Meus primeiros finais de semana foram incrivelmente solitários, até que um dia me deparei com um cachorro, o “Campeão”! Sempre esperando o seu pãozinho, eu e o Campeão conversávamos sobre tudo. Sou, até hoje, muito grato por sua companhia, sem a qual certamente tudo teria sido bem difícil.

O PetPista é uma forma de retribuir o carinho que sempre recebi dos animais e proporcionar a todas as pessoas a alegria de sempre tê-los por perto.

Bere – Como você mantém o PetPista, uma vez que os serviços são totalmente gratuitos?

Vitor – O PetPista se mantém por meio do patrocínio de empresas preocupadas com estas verdadeiras amizades que encontramos entre os humanos e seus animais de estimação.

Bere – Como você avalia os resultados do PetPista, desde a sua criação aos dias de hoje?

Vitor – Os resultados do PetPista, em menos de um mês de vida, são extremamente positivos. Já estamos presentes em mais de 300 cidades brasileiras. Mais de 90% de nossos usuários, que já somam alguns milhares, aceitaram participar na busca de animais desaparecidos e juntos, eles superaram 10 mil PetPontos gerados. Cerca de 30 animais já foram encontrados, direta ou indiretamente, por meio de nosso sistema. Além disso, a nossa fanpage no Facebook (<http://www.facebook.com/PetPista>), curtida por mais de 150 mil usuários, possui hoje um alcance semanal de 1,4 milhão de pessoas. Estes números refletem uma intensa participação social no PetPista, que contribui na felicidade de muitas pessoas e seus animais.

Bere – Você prevê alguma ação para animais encontrados – que foram abandonados? Como é esse procedimento?

Vitor – Normalmente, uma pessoa que encontra um animal costuma cadastrá-lo, tanto como Achado, quanto como para Adoção, pois, na maioria das vezes, é difícil distinguir os animais perdidos dos animais abandonados. O nosso sistema de busca processa ambas as informações para, no caso de desaparecimento, permitir o reencontro do animal com sua antiga família ou, no caso de abandono, promover o seu encontro por uma nova.

Bere – Vamos a um exemplo prático: Meu cão fugiu, atende pelo nome de Urso, como procedo para incluí-lo no PetPista?

Vitor – Se o amado Urso resolver dar uma escapadela, utilizar a nossa plataforma é bem simples, Bere. Se você já possui cadastro no PetPista, basta realizar o seu Login e então fornecer a descrição do Urso, por meio da opção: “Perdi!” disponível através do menu: “Perdidos”, em nossa barra de menus principal. Caso você ainda não tenha se cadastrado no PetPista, basta fazê-lo entrando em nosso site (www.petpista.com.br) e clicando na opção: “Não possui cadastro?”, acessível pelo menu de Login. Quanto mais informações você nos fornecer sobre o Urso, tanto mais fácil será o cruzamento delas com as demais informações enviadas ao nosso sistema.

Bere – Conte-nos um fato inusitado que tenha ocorrido neste trabalho.

Vitor – Já houve uma senhorita que nos perguntou se poderia cadastrar uma égua desaparecida, tendo, inclusive, anexado fotos do animal. E bem, o PetPista foi feito para todos os tipos de animais de estimação!

Bere – Qual é a relação que você percebe entre os animais de estimação e o meio ambiente?

Vitor – Se compreendermos que o meio ambiente de um animal de estimação é o seio de sua família humana, esta relação pode ser traduzida por um poderoso laço genuinamente afetivo. O

animal confia incondicionalmente em seus donos, um instinto derivado da figura do líder de matilha, e se dispõe a lhes ser um companheiro fiel e amoroso. Salta aos olhos a pureza destes sentimentos, razão pela qual o abandono pode ser extremamente traumático para o animal.

Bere – Qual é a sensação quando é localizado um animal?

Vitor – Toda vez que um animal é localizado, a nossa equipe transborda em alegria e se emociona muito. A sensação de ser um colaborador ativo ao que há de mais importante nesta vida, que são as verdadeiras amizades, nos é extremamente gratificante.

Bere – Há um tempo médio para a localização dos animais perdidos, divulgados no PetPista?

Vitor – Ainda é muito cedo para possuímos uma estimativa desta natureza, pois estamos no ar há menos de um mês. Não obstante, neste curto espaço de tempo, já tivemos cerca de 30 animais encontrados, um dos quais estava perdido há 24 dias e fora encontrado em menos de 12 horas, por meio do PetPista.

Bere – Você tem algo previsto em caso de não localização do animal, como por exemplo incentivar a adoção de outro?

Vitor – Sim, Bere. Caso um animal não seja encontrado, a sua antiga família poderá adotar outro pelo nosso sistema. O sistema de adoção do PetPista foi desenvolvido com muita cautela, pois dificilmente se sabe quem é a contraparte adotante. Neste sentido, procuramos estabelecer a maior troca de informações possível entre as partes interessadas, para que o animal não corra quaisquer riscos e sempre caia em boas mãos.

Bere – O que, para você, é mais significativo neste trabalho?

Vitor – Tudo me cativa neste trabalho. Desde a sua criação no meu imaginário, o trabalho com minha equipe, até os seus resultados finais. Posso dizer que sou um homem muito realizado com o PetPista, pessoal e profissionalmente.

Bere – O que mais te inspira?

Vitor – Meus sonhos e a consciência de que somos verdadeiramente capazes de mudar este mundo para melhor.

Bere – Por gentileza, deixa um recado, uma frase, um pensamento, para nossos leitores...

Vitor – Deixarei uma reflexão minha que, embora fuja um pouco ao escopo desta entrevista, espero que interesse aos vossos leitores. Para mim existe uma diferença sutil, mas fundamental, entre nós, homens, e os animais: Enquanto nós procuramos manipular a natureza por temê-la, os animais procuram respeitá-la para não aborrecê-la. O primeiro caso, embora tenha resultado em inequívoco progresso, acabou nos tornando míopes insaciáveis: nós realmente acreditamos que podemos crescer infinitamente em um mundo finito. O segundo caso, não. Ele é harmônico.

Eu acredito que nós temos muito que aprender com os animais.

Bere – Prezado Vitor, temos muito a lhe agradecer por este maravilhoso trabalho que já inicia com muito sucesso, que em tão pouco tempo já tem tanto a comemorar, e também, pela sua disponibilidade em nos conceder esta entrevista que evidencia não só o grande profissional que você é, mas também o ser humano sensível que quer fazer - e faz - a diferença para que nosso mundo seja mais fraterno. Parabéns e, em nome de toda equipe da EA em Ação, o nosso muito obrigada!

Vitor Schmid
Founder and Chief Executive Officer
vitor.schmid@petpista.com.br | + 55 11 9 8270 5270 - PetPista.com.br

HUGO ACAUÃ

ENTREVISTA PARA A 41ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 01/06/2013

Apresentação - A questão indígena ter se tornado parte do que deve ser trabalhado com as crianças, na escola, desde pequenas, a partir da formulação da Lei Federal Nº 11.645, de 10 de março de 2008, é um aspecto bem positivo para o aprendizado e consciência da criança sobre a diversidade humana. Porém, pouquíssimas pessoas da área da educação têm conhecimento desta lei e da sua importância, então, para desvendar um tesouro a ser agregado ao tecido do sistema educacional, a vida indígena integra diretrizes educacionais importantes, acordadas após muito estudo e detalhamento. Tive a honra de conhecer indígenas Pataxó, que hoje são pessoas adaptadas à urbanidade, mas que não perderam as suas raízes, pelo contrário, pretendem divulgá-las e difundi-las para esclarecer a importância dos povos indígenas, originais senhores desta terra chamada Brasil. Foi assim que cheguei ao projeto Índios na Escola, que será esmiuçado nesta entrevista com Hugo Acauã, que é um dos coordenadores do Projeto, junto com Kamayurá Pataxó e Patxiá Pataxó, ambos da Aldeia Velha (Pataxí Makiamé), em Porto Seguro, BA. Hugo não é nascido de aldeia, mas é um cidadão que possui suas raízes descendentes indígenas, por parte de suas avós, materna e paterna. Há mais de 15 anos vem dedicando seus estudos as culturas indígenas-xamânicas e foi na Aldeia Maracanã, antes Instituto Tamoio, no Rio de Janeiro, que Hugo conheceu Kamayurá Pataxó e com ele trabalha há aproximadamente cinco anos.

Bere - Olá, Hugo! Para nós é uma imensa alegria tê-lo como entrevistado dessa edição da EA em Ação. Vamos às perguntas: Como você iniciou o projeto “Índios na Escola”?

Hugo - Olá, Bere! Antes de tudo gostaria de agradecer-te pela honra e oportunidade da entrevista, bem como, parabenizá-la pela iniciativa do periódico e grande contribuição para nossa causa indígena. Há mais de quinze anos procuro me dedicar, sempre que posso, aos estudos e apoio às causas das culturas indígenas-xamânicas. Conheci Kamayurá Pataxó há aproximadamente uns 6 anos atrás, no antigo Museu do Índio, situado no bairro Maracanã, Capital do Rio de Janeiro. Na época Instituto Tamoio, após, Aldeia Maracanã. Daí, tivemos uma noite em que muito conversamos sobre a importância deste projeto e o quanto deveríamos investir no mesmo, pois este já se encontrava desacreditado e decidido, até mesmo, a voltar para sua Aldeia, devido a falta de valorização e ao preconceito que ainda presenciamos em nossa cultura sobre as questões indígenas. Retomamos a força e o espírito de luta, e a partir daí, o projeto toma seu rumo e estabelece suas bases para a propagação desta cultura originária, agora obrigatória nos currículos dos ensinos fundamentais e médios, nos estabelecimentos de ensino público ou privado de nosso país. Funcionamos há uns cinco anos com este, mas com muitas dificuldades.

Bere - Quais são os objetivos do projeto?

Hugo - Visamos estreitar mais os laços entre estes povos originários, que formam o “berço” primeiro de nossa raiz e nação brasileira, antes Pindorama, com os dos nascidos em grandes centros urbanos e que, por desinformação de nossa cultura e natural preconceito, não se reconhece ou “rompeu este elo” em que o mesmo encontra-se inserido em seu DNA, pois difícil é aquele que não tenha descendência ou algum grau de parentesco com algum indígena, em algum momento na história de seus antepassados, e até hoje, naturalmente presente em nossa cultura, através da terra física e imaterial, das palavras, dos hábitos, alimentos, etc. Entendo ser possível um positivo

intercâmbio cultural, sem que os indígenas percam suas raízes e desvalorizem suas culturas em detrimento da nossa, mas aproveitem o que entenderem de positivo para se fortalecerem. Estes precisavam mesmo desta oportunidade, agora pela obrigatoriedade da própria Lei, para quebrar alguns dos paradigmas e até equívocos históricos que ficaram no tempo e que criaram estigmas, tabus a serem superados por nossa sociedade, em relação aos nativos de nosso país. A História foi e ainda é contada por quem colonizou nosso país, não foi dita por estes que muito sofreram, que tiveram suas terras invadidas, até hoje, direitos e culturas erradicadas e usurpadas. Acho que está na hora de tentar reparar tudo isso e entendermos que esse é o tempo de dar oportunidade aos indígenas contarem sua história e dizerem, de fato, quem são, pois, em se tratando de índios, não podemos continuar no erro de homogenizar e continuar alimentando padrões estereotipados estabelecidos, erroneamente, por nossa cultura, como se um fosse ou respondesse por todos. Devemos falar em “culturas indígenas”, e que nosso país foi tomado por um golpe e não “descoberto”, como se conta nos livros didáticos, pois muito antes dos portugueses aqui aportarem, já existia a presença de milhões de nativos neste país e continente. Como descobrir algo que já era descoberto?! Paralelamente, de “braços dados”, cresce vertiginosamente a necessidade de também aprendermos a olhar e valorizar a natureza, pois dela somos, dependemos e fazemos parte, e os indígenas também muito têm a contribuir com nossa sociedade em relação a esta temática. Enfim, precisamos deixar um legado maior, mais transparente e assertivo para nossas futuras gerações. Nossas crianças e jovens de hoje são os futuros dirigentes deste país no amanhã, e o momento é agora!

Bere - Neste percurso, quantas escolas vocês já alcançaram?

Hugo – Vamos caminhando de forma muito gradual, com nenhum incentivo público ou privado ao nosso projeto, e isso dificulta muito a nossa divulgação e visibilidade. Em geral, somos nós mesmos quem arcamos com todos os custos, sem contar que aqui em nosso país as leis “demoram a saírem do papel” e a terem eficácia na prática, pois ainda não há investimento, apoio sólido e consistente para aplicação da Lei 11.645/08. Precisamos arar a terra e preparar o solo para disseminar novas sementes e olhares para este fato, em nossa cultura. Muitos dos nossos professores e educadores ainda carecem de formação e preparo para falar sobre a matéria, porque não foram preparados pra isso, quiçá nossos alunos, futuros e plenos cidadãos deste país. Ainda assim, já somamos pouco mais de dez instituições que já apresentamos nosso trabalho e graças a seriedade do mesmo, muitas destas nos procuram novamente. Contamos somente com algumas contribuições que às vezes conseguimos de alguns colégios, que muito solidariamente vem reconhecendo e valorizando nosso trabalho, e com muito carinho procuram nos incentivar. A educação é a porta para nossa transformação pessoal e social, é preciso investir nela, em nossas escolas e em nossos professores.

Bere – E nas escolas, quando estão em ação, qual é a reação das crianças?

Hugo – Nossa, ao falarmos nelas, não tem como não esboçar um sorriso no rosto e a alegria no coração, pois estas ficam sempre encantadas quando se deparam com um destes em sua própria escola. Se alegram, perguntam se é “índio de verdade mesmo”, até porque não é comum nos deparamos com um destes aqui no Rio, pois foram dizimados pelas guerras de dominação históricas, somente de vez em quando, por televisão ou internet. Querem tocar, brincar com os apitos e vislumbram todos os tipos de adornos e trajes da cultura destes. Prestam atenção a tudo e participam com imensa alegria, depois dançam conosco numa imensa roda, às vezes até conjuntamente como os pais, inspetores, diretores, professores e pedagogos, é uma só alegria! É extremamente gratificante vermos isso, quando novos olhares adentram a esta cultura que muito

fora retaliada e deturpada pela nossa em que ainda vivemos, mas a luz no horizonte já aponta para novos rumos, e é isso que é importante.

Bere - E qual é a reação dos professores?

Hugo – A reação dos professores, em geral, não fica muito distante a das crianças, embora naturalmente mais contidos pela maturidade e profissionalismo, mas prestando muita atenção na fala dos índios e tudo o que ali está sendo apresentado. Muitos, geralmente, ficam surpresos com certas informações que muitas vezes destoam com a que foi estabelecida em nossa cultura e senso comum. Muitos aprendem e também muito aprendemos com estes. É uma oportunidade única de grande intercâmbio pedagógico e sociocultural, uma grande oportunidade de crescimento mútuo, de rumos diferenciados em nossa história e cultura brasileira, com mais humanidade, valorização da natureza e respeito às diversidades.

Bere - Realmente esse intercâmbio é maravilhoso, é o aprendizado na prática, envolvendo todos os sentidos e, principalmente, emocionando. Muito lindo! E você percebe modificação no modo das crianças perceberem os indígenas, após o trabalho diretamente na escola?

Hugo – Naturalmente, o primeiro impacto é a emoção de estar na presença de um índio, quando se trata de crianças ainda em tenra idade, em processo de alfabetização, pois não podemos exigir demais destas elaborações muito complexas e racionais. Tudo ainda é muito lúdico em sua mente, mas percebemos alguns sinais que já denotam alguma diferença, sem contar que a informação fica ali contida no subconsciente da criança, também junto aos educadores, pais e professores, pois todo crescimento e formação de um ser deverá ser sempre gradual e requer muita dedicação. Eles passam o dia todo alegres com a presença dos índios e falando destes à todos. Quando os pais chegam para levá-los de volta para casa, logo falam destes, o que mais despertou a sua atenção e ficará registrado em sua memória. Sem contar quando algum artesanato é adquirido. Pedem aos pais, às vezes, “um último momento” naquele dia com os índios, uma foto para posteridade. Os pais e todo colégio, professores e diretores, muito nos agradecem, ficam felizes e deslumbrados com o que ali acontecera.

Bere - Quais são suas maiores dificuldades para a aplicação do projeto?

Hugo – Nossa maior dificuldade é o desconhecimento e a falta de valorização de nossa história, de nossas raízes e cultura. Da nossa degradada educação, do desrespeito e preconceito instaurado na maioria das mentes formatadas pelo sistema em que fomos educados. A falta de incentivo vem de tudo isso, de nos percebermos distintos e não parte de uma grande e única família planetária, a raça humana. Todos somos filhos de um único Deus, seja este representado pelo nome em que mais nos afinamos, independente de nossa cultura, região e epiderme.

Bere - E o que mais os motiva quando estão fazendo este trabalho?

Hugo – É a esperança que vemos nos olhos e sorriso de uma criança, na valorização e reconhecimento de nossos professores e educadores de nosso país!

Bere - Como vocês se adaptam a vida nas cidades, já que percorrem cidades apresentando o projeto? Como funciona a rotina de vocês, nas cidades?

Hugo - A experiência na prática vai nos dando a direção a ser seguida, sempre buscando as necessárias adequações a cada circunstância e diferenciadas necessidades. Cada trabalho é um trabalho com suas especificidades e particularidades pertinentes. Conhecer e viver cada momento deste é o arsenal constante de experiências acumuladas. É sempre uma boa e gratificante “aventura”, de novos contatos, crescimento e amizades. Levamos sempre algo para nós e deixamos sempre muito de nós.

Bere - Que lindo isso, Hugo, e quando estão fora da tribo, é possível realizar os rituais diários que os indígenas costumam realizar nas reservas?

Hugo - Estar e conviver nas grandes cidades e centros urbanos é muito gratificante, de certa forma, mas requer grande desafio e adequações, pois é difícil manter todos os costumes vividos na Aldeia. Sempre há um natural “choque cultural”, e isso pode ser até muito desgastante, mas sempre trabalhamos com o intuito de não nos perdemos do caminho original, das tradições e de nosso foco, portanto, sempre provocamos este momento para mantermos constantemente acessa a luz dos rituais em nós, a linguagem, os costumes, comidas e danças típicas, no caso dos Pataxó da Bahia, o Toré Awê.

Bere - Com a sua experiência e convívio com diferentes tipos de cultura, qual é o seu maior aprendizado?

Hugo - Como é linda e perfeita a criação, a pluralidade existencial e cultural de nossa natureza divina. Como vejo a parte indígena que reside em mim a todo instante viva, principalmente quando com estes estou, o quanto aprendo com eles e o quanto os mesmos têm a nos acrescentar, embora muito lamente àqueles que infelizmente já foram “contaminados” pelos mais de quinhentos anos de contato e imposições de nossa cultura e que já se perderam do caminho original de suas tradições. Creio na unidade da diversidade e que um dia estes retornem à casa!

Bere - Se alguma Escola quer que vocês apliquem o projeto, como elas devem proceder?

Hugo - É simples, nossos contatos são: (21) 9753 0378 Vivo e (21) 7964 4496 Tim. E-mail: espíritopataxo@yahoo.com.br e nosso blog: www.indiosnaescolaespiritopataxo.blogspot.com

Bere - Vocês têm apoio do governo ou patrocínio para desenvolver o projeto?

Hugo - Como já dito antes, não temos nenhum tipo de incentivo para desenvolver e manter nosso projeto, senão pelos nossos próprios meios ou apoio de algumas escolas, às vezes até mesmo da própria Aldeia, mas acreditamos que este cenário mudará num futuro próximo, pois estamos numa grande transição de ciclo.

Bere - O que é mais gratificante ao realizar este trabalho?

Hugo - Sentir que vou cumprindo minha missão junto destes parentes-irmãos indígenas, resgatando e reconectando-me às minhas origens, como uma formiguinha, de forma simples e singela, mas com muito amor e esperança no coração. Este é um trabalho da alma, do ser, do coração, que o dinheiro não traz explicação!

Bere- Deixe uma mensagem para os leitores da revista EA em Ação:

Hugo – Mais uma vez gostaria de agradecer e parabenizar pelo espaço e oportunidade de “ouvirem nossa voz” e de darem a oportunidade de crescermos um pouco mais, mutuamente. Que sejam vocês nossas sãs sementes do amanhã a germinarem os bons frutos para nossas futuras gerações, com mais respeito as nossas raízes, à diversidade e a nossa Mãe-Natureza!

A você, Bere, e a todos os leitores deixo aqui na língua Patxiohá, dos índios Pataxó:

!Dxá'á Karnetú Tupã-Niamisú mãtxó

(Que nosso Deus Tupã-Jesus lhe abençoe!)

Bere – Hugo, sou eu que te agradeço por tua disponibilidade em compartilhar essa experiência, além de exemplar, maravilhosa, por dar vez e voz aos povos indígenas a partir deste projeto de levar essa cultura às escolas. Desejo, do fundo do coração, que este programa seja reconhecido como merece pelo grande valor que ele encerra, e desejo que se expanda para todas as escolas. As crianças merecem receber o presente de conhecer seus irmãos indígenas, parabéns e votos de muito sucesso sempre. Muito obrigada, Bere Adams e equipe da revista EA em Ação.

CLÁUDIO LOES

ENTREVISTA PARA A 45ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 07/09/2013

Apresentação: Cláudio Loes é Engenheiro Elétrico, filósofo e especialista em EA e se dedica, de forma aprofundada, ao estudo e prática da Compostagem como instrumento de EA, além do aproveitamento de resíduos orgânicos. É sócio proprietário da Ecophysis, onde desenvolve vários projetos, entre eles: Projeto de Compostagem, Eco da Minhoca e EA pelo Monitoramento de Águas. Vamos, então, conhecer um pouco mais sobre esta experiência exemplar.

Bere - Olá, Cláudio, é um grande prazer tê-lo como nosso entrevistado para compartilharmos suas experiências com EA. Para começar, vou te perguntar sobre o nome Ecophysis, qual o significado?

Cláudio - Inicialmente agradeço pela oportunidade de partilhar com você e com os leitores sobre EA. "Eco" é a casa e a "physis" é a substância das coisas, a disposição natural, a força produtora. Assim, Ecophysis foi emergindo como o ambiente da condição natural, onde na possibilidade e oportunidade que a natureza concede dinamicamente se desenvolve nosso modo de ser, num processo constante de aprender.

Bere - E quando começou o seu interesse pela EA, pela Compostagem, como isso despertou em você?

Cláudio - Hoje penso que as raízes que foram me nutrindo para chegar aqui estavam em ação desde os tempos do ginásio, com o laboratório de ciências e de matemática, nas aulas de biologia do Professor Arno Wortmeyer, em Blumenau-SC, nas feiras de ciências e o no clube de ciências do colégio. Quando com a família mudamos para Francisco Beltrão, no final de 2008, decidi buscar atuar formalmente com o que sempre gostei de fazer, atividades de maior contato com a natureza, caminhadas, acampamentos, defesa ambiental e principalmente trabalho com crianças. Aprendi muito e atuei no Movimento Escoteiro. Decisão tomada, encontrar o curso de Especialização em EA aqui mesmo foi um indicador de que era isso mesmo.

Bere - E a especialização em EA deu-lhe o suporte que você esperava encontrar para suas atividades práticas?

Cláudio - A especialização para mim foi muito rica nos seus conteúdos e com interesse sempre é possível encontrar aquele algo a mais, que até então não teria sido percebido. Isto aconteceu com a metodologia para as atividades e a métrica encontrada. A comparação entre a percepção ambiental, antes e após o desenvolvimento da prática de compostagem, foram este algo novo. Preciso aproveitar e reconhecer a participação do Professor Carlos Antonio Bonamigo na orientação da pesquisa e também das trocas com o Professor Marcos Reigota. Percebi o que precisa ser melhorado e isto, talvez possa ser até de alcance mais amplo, é a questão do protagonismo, do retorno social e ambiental daquilo que se estuda. No meu caso, estou realizado por estar fazendo algo com o que resolvi me engajar. Um trabalho pequeno, mas que não está simplesmente como mais um artigo na estante da biblioteca. Esta questão deveria ser melhor tratada e penso que não é fácil, porque todos

costumamos ficar enredados com o dia a dia, e o novo, o possível, acaba sendo perdido e a janela de oportunidade se fecha sem que tenhamos percebido.

Bere - Como você desenvolve este projeto com as escolas? Há uma faixa etária específica como público alvo, ou envolve crianças de todas as idades?

Cláudio - O Projeto de Compostagem surgiu na Especialização porque ouvi muito o mesmo mote diversas vezes de que um evento, dia do meio ambiente, dia da árvore, ou outro, não faziam diferença, eram só um evento. Minha formação em filosofia e engenharia contribuiu, precisava de uma ideia e uma métrica. As conversas com os outros participantes, de certa forma, não trouxeram respostas, aí pensei com relação aos ciclos da natureza. A compostagem de resíduos orgânicos domiciliares se encaixou, porque tem duração aproximada de 3 a 4 meses e faz a ligação com o que acontece numa mata, por exemplo. Tinha, então, uma prática que se encaixava num semestre escolar.

O primeiro Projeto de Compostagem foi realizado com alunos do Ensino Médio. Foi muito bom, mesmo sendo o primeiro, mas resolvi, também, aplicar com o sexto ano do Ensino Fundamental, e foi melhor ainda. Hoje, se aplica o Projeto de Compostagem com alunos de sexto a oitavo ano do Ensino Fundamental. Um princípio é de que o projeto não é obrigatório, inscreve-se quem quer participar.

Bere - Você pensa em levar este projeto às séries iniciais da educação? Por quê?

Claudio - O Projeto de Compostagem, como acontece atualmente, nas séries iniciais teria algumas dificuldades de logística para trazer o resíduo orgânico de casa. No mais, não existe problema, o importante é começar a prática da compostagem desde cedo. Gosto de uma comparação com a música. Se na gestação a mãe ouvir música, existem coleções clássicas belíssimas, a criança terá melhores habilidades de concentração e audição. Ela não vai nascer sabendo notas musicais, mas, gostando de música. Com a compostagem é a mesma coisa, se for feito cedo, mesmo não sabendo tudo o que acontece, a criança irá participar, e aqui entra um fator importante, quanto mais todos que convivem com ela participarem, melhor.

Bere - E os professores, há um trabalho focado para eles ou eles se engajam nas atividades com as crianças?

Cláudio - Como tenho o foco dos projetos nos(as) alunos(as), o engajamento dos professores acontece por livre iniciativa. Os professores, de um lado, têm o conteúdo que precisa ser trabalhado em sala de aula, e de outro, entrar com mais um trabalho é algo complicado, mas não impossível. Digo isto, porque encontrei professores que deram conta de seus conteúdos e ainda participaram ativamente do projeto, ressaltando que o mesmo acontece com pedagogos e diretores. Como eu não venho da academia, esta é uma questão que até o momento não abordei, especificamente. Acredito que funciona mais pelo exemplo e as conexões com os conteúdos das séries que vão acontecendo.

Bere - Realmente é muito bom quando os professores participam por livre iniciativa tornando o projeto ainda mais significativo. Agora, fale-nos sobre o processo da compostagem, propriamente dito. Por mais que já conheçamos este processo, por sermos da área ambiental, ainda tem muitas pessoas que não o conhecem. Por favor, explique-nos de uma forma resumida, o que vem a ser Compostagem.

Cláudio - Buscar referência ou conteúdo, isto é fácil nos nossos dias com o uso da Internet. Vou procurar apresentar a compostagem como um religar com os ciclos naturais. Na natureza, se

olharmos para uma árvore, com o tempo a folha desta árvore, após seu ciclo de vida, cai no chão. Ali as bactérias, fungos e outros seres vivos vão se alimentar desta folha. O resultado deste banquete são os nutrientes que novamente serão absorvidos pelas raízes e levados para formação de novas folhas, frutos ou ramos. Esta é a conversa inicial com os participantes do projeto. Em seguida, vamos para nossa prática, qualquer canto no jardim, local abrigado, tambor com furos, um caixão de madeira sem fundo, onde possamos ir misturando resíduos orgânicos vegetais, aqueles restos da cozinha, folhas, serragem, que possam, no mínimo uma vez por semana, ser revolvidos. É necessário manter sempre úmido, mas não encharcar. No primeiro mês esquenta bastante e isto indica que está funcionando. Com o tempo, a temperatura diminui até próxima a do ambiente e vai aparecendo algo como terra escura, de cheiro agradável, é o composto pronto.

Bere – E Cláudio, existem elementos orgânicos que não podem ir para a compostagem?

Cláudio – Tudo o que é orgânico pode ser degradado, os cuidados que precisamos ter é para não introduzir elementos poluentes como pilhas, óleos e graxas. Não utilizar restos de alimentos temperados, plantas doentes ou daninhas. Existem sementes de daninhas que podem passar pelo processo sem se degradar e acabam se proliferando nos locais onde o adubo produzido for aplicado. No projeto de compostagem, utilizamos somente serragem, folhas e restos vegetais da cozinha para que os participantes possam manusear a vontade. O maior cuidado está em não usar, no projeto, qualquer elemento orgânico que possa causar contaminação ou doença, exemplo: urina, excrementos animais ou mesmo humanos. Frisando que estes podem ser compostados, mas precisam de maior atenção e cuidados, vide os toaletes secos.

Bere – Para você, o que é mais importante nos programas de EA, como estes que você desenvolve?

Cláudio – O ponto inicial é que eu mesmo queira estar neste processo constante de EA. Afinal, só posso propor aquilo em que também acredito e procuro viver no dia a dia. Do contrário, fica um discurso vazio e inútil, as crianças são ótimas para perceber isto.

O outro é pensar os projetos, programas, sempre dentro dos ciclos da natureza, porque nós nos afastamos, o sujeito está separado daquilo que observa e para muitos a natureza ainda precisa ser dominada. A natureza não é um inimigo a ser vencido. Ela é o que garante a nossa existência, enquanto espécie humana.

Deve-se começar o quanto antes. Isto é, trabalhar com alunos mais novos para provocar mudanças já na base, caso contrário, nós estaremos somente remediando. Você, olhando para os meus 53 anos, poderá dizer, mas você é adulto, começou a atuar mais recentemente, então é possível. Sim, é possível, mas se pegarmos todos os da minha geração, quantos estão neste engajamento? Se começarmos antes, a chance de propagação é maior.

Bere – Concordo plenamente, Cláudio, quanto antes nos envolvermos com práticas ambientais, melhor para o todo..

- Cláudio (prossequindo) - Outro ponto importante e que busco compreender melhor é quanto ao tempo de participação nos projetos. Os programas de EA, mesmo já não sendo somente uma data comemorativa, precisam estar mais presentes no dia a dia de todos, assim como a Educação de modo geral. Toda vez que leio uma pesquisa sobre onde as pessoas passam o tempo de suas vidas, fico com dúvidas. Os projetos, programas de EA e a Educação ocupam pouco do tempo que as pessoas dispõem, salvo exceções. Uma integração maior entre disciplinas, os diversos grupos sociais, as famílias, é urgentemente necessário, porque a melhor estratégia de vida é a cooperação. Precisamos de educação e tempo dedicado para tudo isso que foi elencado.

Bere – Você consegue perceber diferença de comportamento nas crianças e professores, após desenvolver este projeto?

Cláudio – Se eu disser para você que percebo diferenças de comportamento poderia soar duvidoso. Então, vamos lá, se aplicar a metodologia de avaliação que desenvolvi no projeto de pesquisa e que é a base do Projeto de Compostagem, é possível mensurar e verificar a melhora da percepção ambiental. Engenheiros precisam de métrica. [Risos]. Durante o decorrer do projeto e mesmo no final, fico sempre atento com o que vai acontecendo. Se o grupo, como um todo, tem determinada deficiência, por exemplo, são excessivamente competitivos, então as atividades são modificadas para buscar aumentar a cooperação, e vice-versa, porque é necessário um equilíbrio dinâmico entre competição e cooperação. No final, faz-se uma avaliação junto a professores, pedagogos e diretores de modo formal, ou mesmo informal. A diferença de comportamento é percebida e ajustes são feitos, também, em relação à aplicação do projeto em si, visando uma melhoria contínua. Como algumas vezes tem-se limite de participantes, por questões estruturais, outra constatação positiva é quando tem aquele grupo que, sem participar, fica por perto e gosta de estar lá. Isto acontece, também, com relação aos participantes quando não querem ir embora.

Bere – Cláudio, você coloca que é necessário haver um equilíbrio dinâmico entre competição e cooperação. Por quê?

Cláudio – Os estudos têm revelado que a melhor estratégia é a cooperação entre os membros de uma espécie, justamente para que a espécie tenha chances de sobreviver. Em determinados momentos é preciso competir pela espécie como um todo, porque o predador dificilmente pensará em cooperar. No entanto, existe uma diferença astronômica da espécie humana para as outras. Nós acumulamos e somos excessivamente competidores, competimos entre nós mesmos de modo destrutivo. Tanto a competição como a cooperação precisam de equilíbrio para evitar os extremos. Por isso, é necessário este equilíbrio dinâmico, um movimento constante entre os extremos sem ficar em algum deles.

Bere – Você já falou, no início da entrevista, que você introduz o assunto da compostagem usando o exemplo do ciclo das folhas de uma árvore, mas fale-nos mais um pouco sobre a importância dos ciclos da natureza e como eles são introduzidos nos projetos de EA que você desenvolve?

Cláudio – Nós temos um pensamento fragmentado, separamos o sujeito do objeto que está sendo observado. Esquecemos que o fato de observar um animal próximo modifica seu comportamento pela nossa presença. Por isso, o foco principal é ter sempre em mente a questão de religar com os ciclos da natureza, a natureza como um todo. Em cada projeto, este é um ponto central, a prática rotineira sempre está ligada com algum ciclo natural. Exemplificando: trazer resíduo orgânico duas vezes por semana é uma rotina, e ela também imita a das folhas que caem todos os dias de alguma árvore.

Bere – Atualmente, como você percebe as pessoas em relação à sensibilidade ambiental. As mudanças desejadas vêm acontecendo?

Cláudio – Pessoalmente o que percebo é que existe muito discurso, material para leitura não falta e diga-se também, muitas pesquisas e publicações ótimas. A própria Revista EA em Ação penso que já tem este questionamento implícito, desde que acessei a primeira vez. Isto não acontece só aqui. Outro dia encontrei um manual para professores de uma escola da Inglaterra, onde eles apresentavam uma lista de atividades em cada disciplina relacionada com a prática da

compostagem desenvolvida na escola. Uma maneira para os professores fazerem uso sem atrapalhar a rotina curricular. Achei interessante, porque venho pensando nisto, rascunhando algumas coisas para aquela questão do envolvimento dos professores. As pessoas, de modo geral, estão mais sensíveis, porém isto não quer dizer que suas atitudes tenham correspondência direta. É uma sensibilidade do intelecto que ainda falta conectar com a ação. Estamos tão imersos no sistema econômico-financeiro que ainda precisaremos de outras rupturas para que a mudança possa acontecer. Nós achamos que o sistema econômico é maior que a natureza, mas sem o suporte natural, qual será nossa chance de existência? E ainda, temos o agravante da crença no herói, na conquista individual. Precisamos pensar mais como espécie humana.

Bere - Cláudio, ao que me parece, muito além de conhecimento e produções acadêmicas, precisamos urgentemente deste “religar”, que você traz em sua prática com tanta propriedade. E sobre a continuidade do seu trabalho, tem alguns projetos novos despontando?

Cláudio – O Projeto de Compostagem está mais consolidado e acontece desde 2009. Em 2012 começamos com o Eco da Minhoca para alunos do quarto ano do Ensino Fundamental. Este ano, estamos fazendo um piloto do Projeto Monitágua com um grupo de alunos do primeiro ano do Ensino Médio. O Monitágua busca fazer EA pelo monitoramento de águas intercalado com estudos, dentre os quais o ciclo hidrológico, enquanto que o Eco da Minhoca - como o próprio nome sugere - tem foco nas minhocas, seu ciclo de vida e principalmente sua importância para melhoria do solo. Tenho feito estudos e experimentos com aquaponia, criação de peixes integrada com plantio, pensando num projeto futuro que poderia integrar a EA e o Desenvolvimento Sustentável. Tenho uma preocupação com os nutrientes para que permaneçam nos ciclos dos quais participamos e dependemos, com um olhar voltado para a segurança alimentar.

Bere - Cláudio, deixa uma frase, um pensamento, uma palavra para os nossos leitores, que para você, sintetize sobre o que tratamos aqui na nossa entrevista.

Cláudio – A EA é a oportunidade que temos de nos religar com a natureza, com nossa espécie como um todo, com tudo e com todos, para melhor nos adaptarmos com tudo aquilo que é diferente, incerto e que muda constantemente no tecer a possibilidade de continuarmos existindo, enquanto espécie humana.

Bere - Cláudio, somos muito gratos a você pelo compartilhamento de sua experiência nesta gostosa e esclarecedora entrevista. Desejamos que seus projetos possam ser replicados para que, cada vez mais, possamos atuar de forma saudável e consciente. Aproveito para deixar seus endereços de contato e para que nossos leitores possam saber mais sobre sua prática exemplar, Parabéns e muito obrigada, Bere Adams e equipe da revista EA em Ação.

Site: www.ecophysis.com.br

E-mail: claudio.loes@gmail.com

Skype: claudio.loes

Telefone: (46) 9923-3094

DANIELA MACHADO

ENTREVISTA PARA A 46ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO - 15/12/2013

Apresentação: Tive a oportunidade de conhecer a nossa entrevistada Daniela Machado da Luz, futura administradora de empresas, que atualmente tem 17 anos, por uma rede social, a partir de um convite que recebi para curtir a página “Programa Mais Educação”, e começamos a trocar ideias. Fiquei impressionada com a sua postura diante da responsabilidade como educadora, com a riqueza das suas práticas e com o seu entusiasmo. Não demorou em me decidir que a convidaria para ser minha entrevistada, e ela aceitou. Daniela é de Campo Novo/RS, e agora vamos saber um pouco mais dessa jovem exemplar:

Bere Adams – Daniela, é um imenso prazer tê-la como entrevistada desta edição da EA em Ação. Para começar, fale um pouco sobre sua trajetória de vida.

Daniela – Olá Bere, o prazer é meu. Admiro seu trabalho e é uma honra ser entrevistada por alguém como você. Bom, nasci em maio de 1996, na cidade de Campo Novo, noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Estudei o Ensino Fundamental e Médio em escola pública. Minha família é de origem humilde e toda a vida meus pais e avós lutaram para conquistar tudo o que temos hoje. Moro no interior da cidade, em Povoado Turvo (mais conhecido como Vila Turvo). Até o final deste ano (2013) se Deus permitir eu e meu irmão vamos morar na cidade devido à necessidade ao acesso ao trabalho e estudo. Minha mãe tem 51 anos e é funcionária pública do estado há quase 24 anos. Em casa, ela cuida de meu avô e olha que isso eu estou observando muito, porque ela tem muita paciência com ele. É exemplo. Sempre vejo o que ela faz a ele e digo a mim mesma: “Um dia cuidarei de vocês também, mãe! É merecimento!”. Meu pai tem 42 anos e trabalha, há mais de 10 anos, em uma olaria em Sitio Bindé, também no interior da cidade e tenho um irmão de 21 anos. Meu avô materno mora conosco e tem 94 anos, ele ainda me surpreende com tanta memória e sabedoria.

Entrei para a escola com quatro anos, estudei por dois anos na pré-escola, porque a idade certa seria entrar com cinco. Logo que me formei no Ensino Fundamental, com treze anos, na metade do outro ano comecei a dar aulas de informática na mesma escola, ganhando R\$ 60,00 mensais. Mesmo recebendo pouco, trabalhei sem reclamar e me dediquei a ensinar as crianças. Fiquei lá por três anos e atualmente trabalho na Escola Municipal de Ensino Fundamental Campo Novo, no Programa Mais Educação, em turno integral, onde dou aula de Língua Estrangeira – Inglês, Robótica Educacional, Informática, Dança, Teatro e comecei recentemente o Jornal Escolar, entre outras atividades. Dou aula para duas turmas por dia. O salário ainda é baixo, mas não me importo. Busco sempre aprender mais. Tudo é aprendido e isso é algo que ninguém compra com dinheiro nenhum e nenhum ladrão rouba. Tudo é crescimento.

Bere Adams – O baixo salário é um dos tantos “nós” que existem em nosso sistema educacional, infelizmente, mas nessa hora, a vocação fala mais alto por uma postura ética e digna para com as crianças, que não têm culpa e nem consciência desta situação. Estar atuando com: Língua Estrangeira – Inglês, Robótica Educacional, Informática, Dança, Teatro, Jornal Escolar, e ainda outras atividades revela que você é uma pessoa bastante ativa e versátil, qual é a sua formação?

Daniela - Durante meus 14 anos fiz um curso sobre Gestão Empresarial, onde concluí um curso completo de secretariado. Aprendi a língua inglesa por influência de uma professora do 1º ano do Ensino Médio, que se tornou minha melhor amiga. Não sou totalmente fluente, pois, por aqui há poucos com quem posso conversar e trocar informações, e às vezes até me esqueço de algumas palavras. Mas, tudo o que sei sempre me dediquei e sempre digo que gosto de desafios, porque é isso que me move. Certa vez, no meu 1º ano do Ensino Médio, a minha professora de religião nos passou uma atividade onde tínhamos de citar três sonhos que realizaríamos no ano, então, todos falaram alto, cada um de sua classe, e na minha vez eu disse, referindo-me ao terceiro sonho: “Quero aprender inglês” e um colega meu, que eu nem conhecia, disse atrás de mim “Ahhh, duvido!” Então, eu me calei. No final do ano eu estava ensinando a música “Imagine” de John Lennon para esse mesmo colega e para a turma, para uma apresentação da escola toda.

Bere Adams – E o que mais te inspira, o que te move, e como tu te percebes, como pessoa que busca fazer a diferença?

Daniela - Comecei a ler muitos livros - cheguei a ler quase um livro a cada um dia e meio. Nunca gostei muito de ir a festas, baladas. Não sou nenhuma antissocial, nem alguém que se exhibe pelo que sabe. Apenas falo que tenho alguns talentos - porque devemos um dia ser descobertos. Não me considero nenhuma gênio, nerd, filósofa ou garota super inteligente, como alguns de meus amigos falam. Tudo o que aprendi foi pela curiosidade. Tenho sede de conhecimento e de informação. Comecei a escrever um livro: “Quando pessoas boas entram em nossas vidas...”. E quando me declarei escritora, deu o maior comentário entre as pessoas. Hoje, ainda estou em cima do muro em relação à publicação, pois, escrevi não sobre a minha adolescência, amigos, relacionamento, fé e amadurecimento espiritual, mas sim, sobre estes assuntos como comentário e consciência de uma adolescente. Meus pais sempre me ensinaram os valores da vida e me deram a real educação que hoje vejo que alguns pais são falhos nessa missão. Sou evangélica e desde metade do ano faço parte do grupo de jovens da igreja que eu frequento.

Bere Adams – E qual foi a influência da sua trajetória educacional ao que você é hoje?

Daniela - Fui líder da minha turma do 3º ano do Ensino Médio, sempre assumi que fui chata e polêmica em questão de liderar a turma. Renunciei, no final do ano, mas sei que naquela escola a minha imagem ficou marcada para sempre. Criei amizades com diretores e professores que nunca vou esquecer. Alguém importante foi a minha professora de Português, que além de professora, foi uma incrível amiga fora e em sala de aula, que me incentivava a escrever. Até ganhei um concurso de redação municipal de Educação Fiscal e dei o meu troféu de 1º lugar pra ela guardar. Quando eu tiver 25 anos prometi a ela que iria buscar. Ela aceitou. Fiz com ela, também - e com o diretor da escola - o programa na rádio comunitária da cidade, quando toda a sexta-feira íamos falar sobre informações e prestações de contas da escola. Entrei para a faculdade com 16 anos e hoje, com 17, estou cursando Administração de Empresas na Faisa Faculdades, na cidade de Santo Augusto, porém, ainda trabalho no Programa Mais Educação.

Bere – O que, para ti, foi mais significativo em todo seu aprendizado?

Daniela - Sou grata a Deus por tudo, pelas pessoas que me cercam sendo elas boas ou más, porque aprendo com todas. A cada dia há 1 milhão de coisas novas para aprender. Nossa boa vontade, também, é o que pode nos mover. Agradeço a minha família por sempre me auxiliar e criticar em muitas das minhas ações. Meus pais são um verdadeiro presente de Deus e eu sou um verdadeiro presente de Deus para eles. Hoje sou o que sou porque eles me deram educação e exemplo. Tive muitas influências, mas eles estão em 1º lugar.

Toda e qualquer pessoa pode ser inteligente, e muitas vezes, merece este reconhecimento, pois, hoje, para mim, é raro quem estuda muito e demonstra que sabe algo e tem respeito pelos outros. Mas, não é considerado inteligente aquele que humilha as pessoas ao mostrar que sabe mais que todo mundo. Acho espetacular a frase de Sócrates “Só sei que nada sei.”

Bere – E sobre o curso de Administração, qual é a sua expectativa?

Daniela - Sobre a Administração, acredito que, como futura administradora, devo mostrar que sou competente e que demonstro vontade e disponibilidade em trabalhar, mas não devo mostrar tudo o que sei. Gosto muito de surpreender. Sempre tenho algo novo escondido, e quando isso é mostrado ao público é incrível a sua reação. Acredito que tudo é uma questão de estratégia, de saber a hora de falar, de saber o momento certo, de tomar decisões. Hoje, tenho apenas 17 anos, mas no futuro, se Deus permitir, vou ser uma grande administradora de alguma empresa porque de minha vida acredito que já sou. Agradeço as escolas pelas oportunidades, pelas experiências. No interior, atualmente, a internet é mais acessível, a escola trabalha com o meio ambiente e tem acesso a muito mais informação e a comunidade toda cresce. Tenho orgulho de ser de Campo Novo e de ter vivido minha infância e parte da adolescência na Vila Turvo.

Bere – Fale-nos um pouco sobre o ofício de dar aulas, como você se sente, e dê-nos algum exemplo.

Daniela - Os alunos são incríveis e só quem dá aula sabe como um professor se sente ensinando todos os dias, tendo várias atividades a mais para fazer. É prazeroso ver o aluno aprendendo, a criança crescendo. Sempre pensei comigo que o Programa Mais Educação é aonde dou aulas motivacionais, como numa empresa. Não é à toa, pois, serei administradora. Preciso motivar meus alunos. Certa vez, estávamos em uma aula de dança com vinte e poucos alunos, e os meninos começaram a brigar e um dizer ao outro que era mais forte. Então, eu desliguei a música e eles se calaram. Eu disse: “Façam já a fila dos fortões aqui na minha frente. Vamos, quem se considera o mais forte, venha!” Então, apenas um menino e as meninas ficaram sentadas. Uns 8 meninos me acompanharam até a porta da sala aonde eu chamei o 1º da fila e disse: “Venha comigo até aqui fora!” e o levei até o pátio onde tinham dois pneus, um em cima do outro, pesados (eu que me considero “fortinha” fiz força para ergue-los). E todos na fila estavam entusiasmados pelo fato de se considerarem fortões e que mostrariam que eram. Então, pedi para que todos pegassem os pneus e os levassem até a sala de aula para que todos vissem o quanto de forças eles tinham. Os alunos tinham entre 7 e 11 anos. Pois, bem! Um por um, foram indo e iam me dizendo “Ah, professora, é muito pesado, não consigo!” Outro: “AHHHH! Que raiva! É muito pesado!”, e outro ainda: “Desisto disso daqui, é muito ruim!” E assim foi... E depois de todos entrarem na sala de aula, gostei do que um disse: “Confesso, não tive força para levantar os pneus! Pronto, falei!” De volta na sala, eu fiz a pergunta: “Quem é o mais forte aqui? Quem trouxe os pneus para a sala de aula?” E eles se calaram. Eu realmente dei uma lição neles porque hoje, as crianças estão aprendendo umas com as outras a humilhar o colega, ou seja, qualquer pessoa. Eu disse: “Nunca

mostrem desnecessariamente a força que vocês realmente possuem, a não ser quando for preciso! Espero que vocês entendam que sempre teremos de lutar por nossos sonhos, e que sempre teremos algo para nos atrapalhar, mas lutem, nunca desistam, se façam de surdos quando alguém disser que vocês são incapazes de realizarem o que querem. E, o mais importante, vocês são uma turma, uma grande equipe. Repitam comigo: SE EU NÃO CONSEGUIR, EU VOU TENTAR DE NOVO. SE EU TENTAR DE NOVO, VOU CONSEGUIR!” E depois de ter conversado muito com eles, eu liguei a música de novo e me surpreendi, porque veio até mim no meio da aula um menininho de 6 anos e uma menina de 11 os quais me trouxeram até a sala os pneus e me falaram “Ué, somos fortes professora, mas juntos! Não somos uma equipe?”. Quase parei a música de novo, mas eles estavam tão animados e concentrados que deixei, pois vi que aprenderam a lição, e até hoje me lembro disso com eles. Hoje, como professora, vejo que ainda há muitos “pneus” lá fora e tomam chuva, sol e até granizo, mas nunca alguém os retira desse tempo e os coloca na sala, que é o seu lugar. Os alunos são crianças que o professor deve motivar, para que seus sonhos não adormeçam. Acredito que, como futura administradora, já estou liderando não só uma, mas duas empresas: a da minha própria vida e a do meu trabalho. Não posso perder o foco, devo sempre me alimentar de informação e conhecimento para que eu não pare de pensar diferente. Legal a história dos pneus, não é? Aprendemos até com isso hoje em dia, mas as pessoas se sentem tão pressionadas com a questão da administração do tempo que não possuem tempo para admirar o que há ao seu redor, que é a natureza em primeiro lugar e os detalhes que nos proporcionam algo que muitos o têm como sonho, de tão difícil que acham que é de se encontrar: a nossa própria felicidade. E não há segredo para se encontrar essa felicidade, basta viver no mundo com o modelo do seu mundo, sendo você mesmo(a), sem se importar se os outros gostam ou não do seu estilo, da sua roupa, do seu sapato... Encontrar a felicidade é também, logo de manhã, no acordar, saudar até um cãozinho que encontrar na rua, dar um bom dia acompanhado de um sorriso para cada pessoa, mesmo não as conhecendo. Isso já é fazer o bem. É ser feliz!

Bere – São experiências simples, Daniela, mas que revelam grandeza e muita profundidade. Gostei muito da experiência dos pneus, ainda mais quando os dois pequenos foram, juntos, buscá-los, isso daria para fazer uma boa história infantil. E do que mais você gosta de fazer?

Daniela - Amo fotografar e amo estudar a leitura da bíblia. Quero fazer cursos superiores, mais tarde e se possível, dos mesmos. Fotografo tudo o que Deus fez, seus detalhes que quase ninguém percebe. Sei que Ele me deu talento para isso. Estou, também, aprendendo a tocar violão, muitas vezes sozinha, mas também às vezes com ajuda de uma amiga. Sou canhota e tenho um tanto de dificuldade. Já pensei o quão difícil é ser canhoto, mas pensei “Estou aprendendo violão, a ponta dos meus dedos já estão ardendo de treinar, mas o bom e ótimo é que não prejudica a minha escrita.” Deus acerta tanto que surpreende agente!

Amo falar em público, mas em decorrência de minha experiência dando aula na Escola Municipal Campo Novo, durante um ano e alguns meses e fazendo faculdade comecei a sair pouco e ficando mais em casa, assim, me tornei um tanto introvertida. Mas, sou muito comunicativa. Gosto de conhecer pessoas novas, que me ensinem algo, mesmo elas não sabendo disso.

Quando tenho um projeto ou um trabalho para apresentar a alguém, eu primeiro busco a opinião de outra pessoa. Na maioria das vezes, mostro a meus alunos que me dizem “Legal, profe!” ou/e: “Nossa, profe, você fez certo pra mim...” E, até mesmo: “Ah, profe, não gostei disso, mude aqui, tente fazer um pouco diferente!”. Gosto de ouvir os outros, qualquer um, pois, aprendi que aprendo sempre com qualquer um. Isso é muito benéfico e por um lado maléfico porque algumas pessoas entendem como “Se exhibir” ou “Só mostra porque sabe”, mas, eu realmente escolho a dedo a quem mostrar o que faço. Eu, a cada dia que acordo, me sinto a mil, com a cabeça cheia de ideias.

Vou trabalhar e compartilho com a minha chefe e até mesmo com os alunos os quais dou aula.

Bere – Como você planeja as suas aulas?

Daniela - Minhas aulas, já que meu trabalho é em turno integral, planejo bem diferente. Quem planeja as aulas comigo são meus alunos, claro sempre tenho algo a passar para eles, mas, dialogamos juntos em quase toda a aula, cantamos, pintamos, e sempre, a cada dia há uma nova lição.

Bere – O que você pensa da EA e como você trabalha com seus alunos, as questões ambientais?

Daniela – Ok, o tema EA é um tema muito discutido. Eu, às vezes penso comigo, como pode haver “EA”? O meio ambiente é vida, não consigo acreditar que o homem precisa ser educado para saber respeitá-lo e/ou dar-lhe o devido valor. Mas, cada um possui sua consciência e usa como quer ou até onde vai o seu limite.

A situação é que estamos em um mundo com um sistema tão acelerado, que o homem não tem tempo nem para si mesmo, nem para cuidar do essencial que é a natureza. Há pessoas que se perguntam: “Onde está a felicidade?” “O que é ser feliz?” e não se dão por conta que estão acomodados neste sistema que causa tanta dor de cabeça. E o tempo passa rápido, muito rápido que atropela qualquer um. Por isso, acredito que se deve tirar um tempo em cada dia para cuidar do meio ambiente, cuidar de si mesmo porque o resto é resto.

Em minhas aulas, trabalho com meus alunos o que é cada disciplina, porém, trabalho também o mais importante, a motivação da vida. O programa Mais Educação é minha segunda empresa. Digo a eles: “Plantem árvores e quando crescerem terão aonde estacionarem seus carros ou aonde tomarem um bom chimarrão”. Falamos rindo, mas é assim... O resultado não é rápido, mas, se ficarmos parados, esperar dia após dia, aí é que nada vai pra frente mesmo. O negócio é agir hoje, aproveitar o presente, esverdear este mundo onde as fumaças estão tomando conta.

Bere – Você vê relação entre Administração e meio ambiente? Se sim, quais; e se não, por quê?

Daniela – Sim. As pessoas que trabalham em empresas são as que mais “batem cabeça” no dia a dia. O profissional da Administração vive constantemente bombardeado pela exigência do consumidor, novas metas e objetivos a conquistar e sempre há novas estratégias a se planejar. Hoje, boa parte das empresas optam pelo serviço sustentável, que não prejudicam tanto o meio ambiente. Mas, penso que sempre haverá uma guerra, porque a natureza precisa continuar vivendo e a exigência do mercado faz com que o foco da sustentabilidade saia da cabeça do administrador, mas, quase todos são conscientes de que a natureza deve estar em primeiro lugar. As pessoas vão deixando, deixando para mais tarde... Até que, quando não verem mais o verde a sua volta, vão se dar conta de que o ‘mais tarde’ se tornou tarde de mais, e que nosso planeta implora por socorro. Catástrofes e tragédias naturais acontecem, e triste é que quase ninguém sabe como começou tudo isso.

Bere – O que é, para você, a sustentabilidade ambiental, e se você fosse desafiada a trabalhar este conceito com seus alunos, qual seria o ponto de partida?

Daniela – Sustentabilidade é busca pela restauração completa da vida. É estar ao lado de alguém indefeso e sensível que luta pela sobrevivência. Sustentabilidade é conscientização. Meus

parabéns a quem é consciente e a quem luta pela valorização do verde. Trabalhar sobre meio ambiente aqui seria uma maravilha. A cidade é pequena, porém, cheia de árvores, nada como cidade grande com muito barulho. Os pequenos iriam amar. Teríamos tantas ideias, que é difícil pensar no ponto de partida, mas com certeza conscientizarmos a nós mesmos primeiro é fundamental, depois a cidade com palestras, trabalhos feitos pelas próprias crianças... E aí verificaríamos o feedback mais tarde. Aqui é um lugar perfeito para se trabalhar sobre vários temas, apenas precisamos investir. Só isso, saber investir!

Bere – Você diz que lê muito e procura manter-se sempre bem informada, o que é ótimo. Como passar isso para os alunos, principalmente em se tratando de EA?

Daniela – Nas aulas da tarde, principalmente - não é sempre - começamos a aula vendo a previsão do tempo. Uma vez eu disse: “Gente, amanhã vai chover, manhã tarde e noite.” E um aluno me perguntou: “Mas, oh, professora e de dia?” A classe toda riu, mas, penso que a questão é fazer com que o professor, hoje, motive seu aluno e o transforme em uma pessoa que saiba o valor da vida e o valor do planeta. Como, mostrando o motivo de ainda estarmos vivos, o que uma árvore provoca no mundo e qual a importância de plantarmos várias delas. Como professora, devo agir mostrando, o quanto antes, o que é o “Meio Ambiente” para nós, e qual sua função. Não importando quem meu aluno será no futuro, mas, com a consciência de que sempre precisará do meio ambiente.

Bere – O que é, para você, EA, e qual a sua importância na atualidade?

Daniela – EA é conhecer, analisar e estudar o meio ambiente. Sua importância, hoje, é fundamental. As pessoas estão vivendo em um nível elevado e estão deixando de lado o que realmente importa. Mas, por que tudo isso? Porque produzindo, levantando indústrias sobre isso e aquilo gera lucro, dinheiro, e o ser humano quase nem tem uma ‘quedinha’ por dinheiro. Mas, do que vale ter muito dinheiro e não ter um lugar saudável para se morar? Tudo tem seu lado benéfico e maléfico, por isso, se faz necessário separar cada coisa. Saber focar no essencial, o que nos faz bem.

Bere - Deixe-nos, para reflexão, uma frase, um pensamento, ou uma mensagem:

Daniela – Ok. Ei você que lê esta entrevista agora, não pense que você não pode ser alguém talentoso. Não acredite que você não tem talento, faça-se de surdo quando isso acontece, porque se muita gente tem inveja é porque muita gente quer estar em seu lugar. Busque sempre inovar a sua primeira empresa: A sua própria vida.

Conheça o que a vida tem de melhor a oferecer, o que é gratuito. Conheça o que homem nenhum cobra que é a humildade, felicidade, amor, entre outros sentimentos que são únicos a qualquer um e transforme-os em ação para com as pessoas. Não complique tanto, deixe acontecer.

Cuide do lugar onde você mora, cuide do meio ambiente. Faça o que ninguém faz, seja a pessoa que você acha que o mundo precisa. Faça o bem a quem não te dá nada em troca. Seja feliz do seu jeito, mantenha o foco em seus objetivos e acredite que tudo é aprendido. Nunca tenha vergonha de quem você é ou de onde você veio. Que Deus proteja nosso meio ambiente e a cada um que o preserva. Deus esteja conosco! E se você acha que não sabe nada, ore, que Deus te mostra o que você tem de melhor. Aposto que você verá que tem amigos, uma família e mais um monte de oportunidades para ser feliz novamente. Não desista! Forte abraço a todos!

Bere – Daniela, em nome da equipe da revista, eu te agradeço por esta gostosa entrevista, que traz, em suas respostas, uma experiência de vida tão clara com apenas 17 anos, onde a sensibilidade que salta aos olhos, e a força de vontade são destaque em suas ideias, lições, objetivos e ações, como pessoa e como educadora. Foi realmente um prazer poder te conhecer melhor e compartilhar com nossos leitores e nossas leitoras, Muito obrigada!

RICHARD RASMUSSEN

ENTREVISTA PARA A 47ª EDIÇÃO DA EA EM AÇÃO 10/03/2014

Apresentação – Cada vez que assisto Richard Rasmussen pelo seu programa Mundo Selvagem, do canal da National Geographic, fico emocionada com a sua sensibilidade para com a vida e com o profundo respeito e conhecimento evidenciados com todos os seres e ambientes. Arrisquei convidá-lo para esta entrevista. Ele aceitou, e cá estou, apresentando-o para vocês, que acompanham a EA em Ação. Richard é natural de São Paulo, economista e biólogo, além de apresentador de programas sobre a vida selvagem. Aqui, teremos oportunidade de conhecê-lo um pouco mais...

Bere - Richard, é uma imensa alegria e um privilégio tê-lo como entrevistado desta edição da EA em Ação.

Li no website <http://www.aventurasdorichard.com.br/> que o seu amor pela natureza começou na infância, pelo seu contato com áreas silvestres, e começo esta entrevista perguntando qual é, para você, a importância de se oportunizar as crianças, vivências e experiências com a vida natural, principalmente para as crianças dos grandes centros urbanos?

Richard – Crianças são o futuro. Parece chavão. E é. Porém, o fato é que as crianças de hoje serão os homens e mulheres de amanhã e serão as pessoas que receberão este planeta de nossas mãos e decidirão o rumo que as coisas vão tomar. As crianças de hoje têm muito mais consciência da necessidade de conservar o planeta e são muito mais educadas ambientalmente do que seus pais e avós. A internet abriu o mundo para elas e a informação é muito mais acessível. Porém esta geração está crescendo em um mundo virtual. Ao mesmo tempo que tem mais acesso à informação, estão antenadas com o que está acontecendo com o planeta, esta relação com os bichos, plantas e gente, até mesmo seus relacionamentos são virtuais. A ligação emocional com este planeta é essencialmente visual, não é prática como foi a de seus pais e avós. Nossos programas sempre foram voltados à família, mas com forte apelo a estas crianças onde tentamos colocar em prática todos os outros sentidos faltantes, que a internet não pode suprir: os cheiros, os gostos, os sons da natureza; a emoção de vivenciar a natureza. Eu tenho filhos que hoje estão com mais de dezoito anos, mas sempre tiveram a oportunidade de explorar o planeta em que vivem e até hoje o fazem quando temos oportunidade. Leve seu filho para fazer coisas triviais como abraçar uma árvore, andar descalço, nadar em uma lagoa.

Bere – Este contato realmente é fundamental, Richard! Grande parte das pessoas que não tiveram contato com a natureza, na infância, não se percebe como parte do meio ambiente, por diversas razões, e como consequência, quando estão em ambientes naturais apresentam medo de animais e não se sentem à vontade, o que você diria para estas pessoas?

Richard – Existe uma memória genética em todos nós, seres humanos. Uma criança sabe instintivamente que uma serpente é um animal que pode representar perigo antes mesmo de seus pais informarem isso a ela. Acho o medo importante. Ele fez com que o ser humano prosperasse juntamente com a criatividade e habilidade de aprender. Acho somente que quando este medo do desconhecido se transforma em pavor ou fobias, ele é nocivo. Eu tenho medo de tubarões e crocodilos. Estes bichos estão na Terra fazem 300 milhões de anos, enquanto nós, seres humanos, estamos a 2 milhões de anos. Os caras são preparados e já foram testados pela natureza de toda maneira possível. Mas eu tenho o conhecimento que me faz entender e orientar adequadamente este meu medo transformando-o em respeito. Se você perde o respeito e desconhece seus limites vai viver pouco na natureza. A chave para poder relacionar-se com a natureza é o conhecimento, de si próprio e do meio que o cerca. Acho muito mais perigoso viver em uma cidade do que em uma floresta. Na cidade temos acidentes de carro e assaltos matando pessoas a cada segundo.

Bere – Seus programas são verdadeiras surpresas, pela sua forma de interagir com os diferentes ambientes e com os animais. Temos a impressão de que você estabelece - com muita espontaneidade - uma comunicação com eles, como você sente isso?

Richard – Eu li em algum lugar que 60% da comunicação entre os seres humanos não é verbal. Pode ser que este percentual seja um pouco menor ou maior e pode haver divergências, mas certamente pelo menos 50% da comunicação entre os seres humanos é gestual e composta de expressões. Imaginem, se 50% da comunicação entre pessoas que falam mais que os cotovelos (aliás, de onde saiu esta expressão? Não faz qualquer sentido!), são seres essencialmente verbais, não é feita com palavras, como ficam os animais, que não sabem falar. Assim, acredito que a postura corporal têm uma importância fundamental quando pensamos em relação de comunicação homem-animal. Certamente eu faço uso dela.

Bere – Certamente, Richard, a sua comunicação com os animais é incrível. Considerando que muitos animais selvagens podem ser perigosos, há momentos em que você sente medo?

Richard – Como já antecipei em resposta anterior, naturalmente, e não tenho vergonha em admitir. Como acha que foi minha primeira vez manejando com minhas mãos uma serpente extremamente peçonhenta, ou colocando na palma de minha mão um escorpião, ou nadando sem proteção com um tubarão-tigre? Claro que dá uma pontinha de medo.

Bere – Cada experiência que você vive e disponibiliza para as pessoas através dos programas é um verdadeiro tesouro, principalmente pela emoção que você nos passa. Mas,

tem uma destas experiências que assisti e que considero mais do que especial, foi quando uma arraia, surpreendentemente, deu à luz e você pode até pegar um dos filhotes. Como você descreve este momento?

Richard – Você é muito observadora Bere. Foi a primeira vez em tantos anos viajando para gravar animais que me deparei com uma situação como esta. Estávamos gravando um especial sobre grandes peixes de couro e no rio Amazonas, os pescadores estavam de sobreaviso que se pegassem um grande peixe como uma pirariba ou jaú grande, que não o matassem, que se comunicassem comigo antes. O pescador em questão nos ligou dizendo ter um grande peixe preso na linha e eu fui sem saber do que se tratava, quando tiraram aquele “monstro” de arraia da água. Eu nunca tinha visto uma arraia de água doce tão grande em minha vida. Imediatamente comprei a arraia do pescador pelo preço que ele conseguiria no mercado e pedi ajuda para soltá-la, o que causou grande surpresa nele e em seu filho. Como alguém compra um peixe para soltá-lo? A arraia ainda, depois que tiramos o anzol da sua boca e iniciamos a descê-la de volta ao rio, pariu dois filhotes bem na nossa frente devido ao stress. Tudo novidade para mim. Eu já sabia que isso seria possível, mas nunca tinha testemunhado de perto. Mas o melhor foi colocar a arraia mãe de volta à água com a ajuda do pescador. Ele nunca tinha estado em sua vida com este animal, dentro da água de uma forma tão tranquila e segura como a que passei para ele. Sua relação com a fauna, especialmente peixes sempre foi muito bruta. A primeira coisa que ele teria feito seria cortar o ferrão com o facão. De repente, ele está na água com este colosso de arraia que ele morre de medo, vendo um cara segurar o bicho por este mesmo ferrão, soltando o bicho vivo. Então, ele chamou o filho pra dentro da água para poder participar daquele momento que tenho certeza mudou a forma que ele enxergará a natureza.

Bere – Realmente uma experiência fantástica e uma maravilhosa demonstração de cidadania ambiental que você passou para este pescador e o filho dele, uma inesquecível “aula de EA”! E a sensação de surfar na pororoca? Deve ter sido incrível, fale um pouco sobre este feito.

Richard – Não foi minha primeira vez que subi na prancha para surfar a pororoca. Foi difícil. É uma onda instável quando quebrada, puxando e empurrando ao mesmo tempo. Mas, estar surfando no meio da Amazônia, com a onda quebrando o barranco ao lado...como descrever a emoção?

Bere – Suas produções são excelentes suportes pedagógicos para a EA. Há outros projetos que você desenvolve, além dos programas, que se relacionem a educação?

Richard – Participo da ação de alguns poucos projetos de conservação que acho bem legais, quando posso, como da SOS Mata Atlântica, da AMPA, uma instituição que protege e estuda os peixes-bois amazônicos e o boto cor-de-rosa (ou vermelho) e qualquer atividade/iniciativa que possa conservar tubarões. Também tenho minhas doações financeiras pessoais a determinadas pessoas/instituições e iniciativas que acredito serem importantes para conservação, e que, às vezes, precisam apenas de uma ajuda. Atualmente estou com um projeto de livro e de um espaço

itinerante desenvolvido para Shoppings Centers que vai mostrar os cinco biomas brasileiros através da recriação do espaço, seus bichos, plantas e culturas, atividades e oficinas. É minha menina dos olhos, atualmente, e deve sair do papel para todo Brasil até no máximo julho/2014. Tenho várias palestras que dou a empresas que são remuneradas e outras que consigo conciliar com a agenda de viagens quando estou no Brasil para escolas públicas, de forma gratuita.

Bere – E quando você vai às escolas, para palestras, o que mais lhe chama a atenção nos professores e alunos?

Richard – A admiração pelo meu trabalho. Esta consciência, da importância de meu trabalho é bastante recente. Nos primeiros anos de TV, eu não tinha noção de que nosso trabalho mexia tanto com as pessoas, especialmente as crianças. Após o início de um trabalho junto às escolas e público em geral, comecei a tomar ciência da penetração e visibilidade do trabalho. Fico lisonjeado com este carinho, de verdade.

Bere – Com suas viagens você pode ter uma boa noção sobre a interferência humana na biodiversidade. O convívio com diferentes “tribos” pode trazer ótimos exemplos. Sobre isto, tem algum exemplo que lhe chamou mais a atenção?

Richard – Eu ainda fico bastante surpreso com a ignorância, teimosia e egoísmo de pessoas que querem tirar o máximo proveito da natureza, sem qualquer escrúpulo. Eu não sou contra o manejo florestal, acho que quando bem feito e democratizado, pode ser uma excelente fonte de receita para as populações isoladas na floresta. Acho somente que não devemos vender a madeira e sim vender os produtos que podem ser extraídos dela, como móveis por exemplo, pois isso agrega valor ao produto e traz mais riqueza para a região. Eu não sou idiota e sei que para alimentar toda uma população e criar riqueza para a Nação temos de sacrificar algo. O cerrado está pagando a conta do agronegócio e pode ser otimizado. Para que entrar na Amazônia? Não precisamos! Para que usar 100% de áreas que eram de floresta para plantar soja e criar gado? Não podemos usar 80% e planejar os 20% restantes para criar corredores ecológicos para que a Fauna que aí vive possa deslocar-se entre as diferentes propriedades? Por que ser tão imediatista e capitalista nesta relação? O que é necessário para nos considerarmos satisfeitos? Enfim, poderia levantar diversas questões que na verdade não tem resposta a não ser o trinômio: ignorância, teimosia e egoísmo. O pior é estar descendo a serra do mar, numa estradinha que corta um Parque Nacional e ver o carro da frente, um automóvel importado, supostamente alguém com educação, abrir a janela pra jogar uma latinha de cerveja fora. Vai dizer o que pra um cara destes?

Bere – Para você, qual é o maior problema ambiental que vivenciamos, atualmente?

Richard – Eu acredito que o desflorestamento e o lixo são os dois principais problemas que estamos enfrentando.

Bere - E o que é fundamental para que possamos preservar a vida?

Richard – Entender que a felicidade e alegria de viver estão nas pequenas coisas. Que a vida é passageira e que vivemos em um planeta que é um ser vivo. Cuidar dele é cuidar de si mesmo na pior hipótese.

Bere – Para concluir, Richard, deixe um recado, pode ser uma palavra, uma frase, uma ideia, algo que cutuque o coração de nossos leitores!

Richard – O seu filho não vai lembrar de você pela quantidade de dinheiro que você têm, nem respeitá-lo por isso. O herói dele é o cara de atitude que sabe dar atenção a ele, ao próximo, aos animais e plantas. Seja o herói de seu filho. Obrigado pelo espaço e carinho Bere e pela oportunidade que tive aqui de discutir coisas que normalmente não cabem nos programas de TV. Seja feliz!

Bere – Em nome da equipe da revista EA em Ação, te agradeço. Muito obrigada pela entrevista. Que este seu exemplo de vida possa auxiliar para promover uma ampla transformação da nossa forma de ver e viver o mundo, para que possamos nos religar à nossa essência, que é pura natureza. Que a sua sensibilidade e sua gentileza sejam contagiantes e que seus projetos e programas sejam cada vez mais um sucesso, grande abraço.

Esta é uma edição exclusiva, de responsabilidade da autora, que será disponibilizada gratuitamente apenas em PDF para a sua ampla utilização. Para cobrir eventuais custos, aceita-se colaborações que podem ser feitas, via depósito em conta. Quem puder colaborar, ou quem quiser comentar a obra, entre em contato com bere@apoema.com.br.

Grata,
Berenice Gehlen Adams
www.apoema.com.br

ⁱ Ao longo de todo o texto, as palavras Educação Ambiental são substituídas pelas iniciais EA, pelo número de vezes que elas se encontram nesta edição. N.da A.